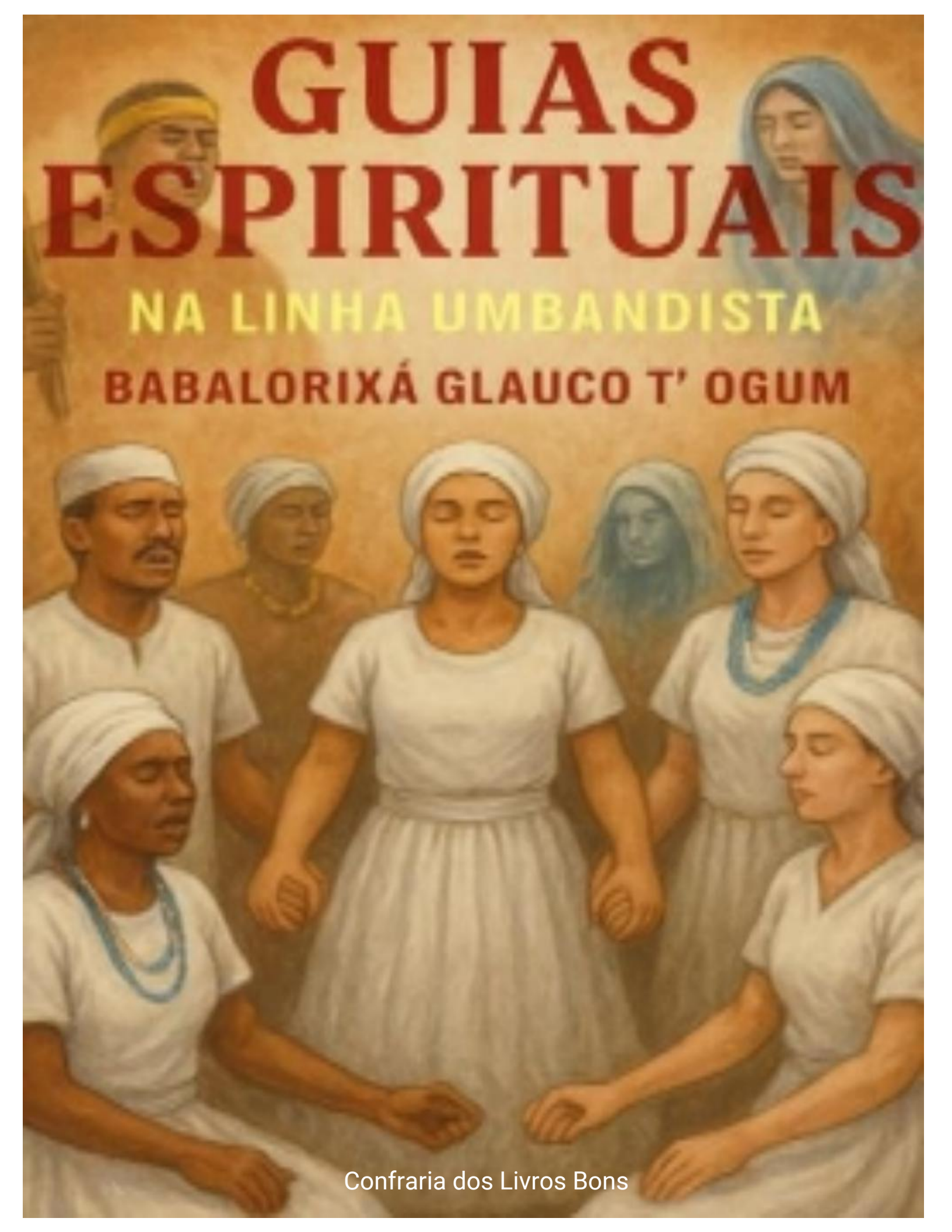


GUIAS ESPIRITUAIS

The background of the cover is a painting. At the top, a man with a yellow headband and a woman with a blue headscarf are partially visible. Below them, a group of seven people are depicted. In the center, a woman in a white dress and white headscarf stands with her eyes closed. To her left, a man in a white shirt and white headscarf stands with his eyes closed. To her right, a woman in a white dress and white headscarf stands with her eyes closed. In the foreground, two women in white dresses and white headscarves are kneeling, their hands clasped in prayer. The overall style is a soft, painterly illustration with a warm, golden-brown color palette.

NA LINHA UMBANDISTA

BABALORIXÁ GLAUCO T' OGUM

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho mediúnico distingue a Umbanda das outras religiões, pois sua base doutrinária é o atendimento caritativo realizado pelos Guias Espirituais, incorporados em seus médiuns, nas formas de Caboclos, Pretos- Velhos, Crianças, Marinheiros, Baianos e outros, incorporações essas específicas da religião umbandista.

Esses seres de luz, iniciados nos mistérios da criação, conhecem vários dos meios pelos quais o poder divino chega até nós e, no atendimento aos consulentes, lançam mão do que for mais adequado e disponível para cada caso naquele momento.

Tudo é magia durante seus passes espirituais, com os vários recursos mágicos que manipulam por meio das “ferramentas” e dos elementos condensadores de vibrações divinas, realizando poderosas descargas energéticas e magníficos trabalhos.

Neste livro, abordamos um pouco da atuação desses maravilhosos Guias, suas manifestações nos trabalhos espirituais, sua maneira de atender os consulentes e o significado dos elementos utilizados por eles, tudo amparado pelos sagrados Orixás e magneticamente ligado aos pontos de força da natureza.

Queremos mostrar alguns desses fundamentos magísticos utilizados pelos Guias Espirituais nos terreiros de Umbanda, pois conhecer os trabalhos que eles realizam com os elementos e “ferramentas” é de fundamental importância para diluir os preconceitos e as discriminações com as religiões magísticas naturais, especialmente com a Umbanda. Velas, banhos, oferendas, pontos cantados e riscados têm significado, fundamento e valor simbólico.

Para os médiuns esse conhecimento é imprescindível, a fim de não se surpreenderem com o trabalho de seus Guias e não lhes atribuírem atraso religioso ou ignorância quando combatem energias, magias e seres negativos. É fundamental a ampliação do aprendizado e conscientização, para que tenham na religião um patamar de conhecimentos e ensino diferentes e ajam com firmeza, certeza e confiança, sem barrar, por desconhecimento, as iniciativas dos Guias Espirituais que incorporam,

quando estes precisam de determinados elementos para agilizar seus trabalhos de atendimento.

Há várias formas de ativar os mistérios divinos e

colocá-los em nosso benefício. Na Umbanda, contamos com uma profusão de terapêuticas, com os diferentes elementos e ferramentas utilizados pelos Guias Espirituais, nos seus tratamentos desbloqueadores, purificadores e de limpezas energéticas. Mas contamos, especialmente, com seus ensinamentos que, seja a quem for, possibilitam um mergulho no inconsciente, para a busca de insights e crescimento pessoal, com a finalidade de uma paulatina transformação em nosso comportamento.

Todas as entidades umbandistas se organizam no astral em Linhas de Trabalho, legiões e falanges, sob a irradiação e regência dos Orixás, divindades de Olorum (Deus único). Aí estão os principais fundamentos que sustentam a religião Umbanda: Olorum, o Divino Criador, os Sagrados Orixás, os espíritos desencarnados, que se manifestam como Guias Espirituais incorporados nos médiuns, sua ligação com os pontos de força da natureza e a comunicação com os encarnados. Essa magnífica forma de comunicação permite que os consulentes conversem naturalmente com os espíritos amigos e protetores, dos quais podem receber orientações benéficas e bondosas para suas dificuldades e

problemas e sentir mais segurança e fortalecimento diante da vida. Com o tempo, essas conversas informais vão espiritualizando os consulentes, despertando sentimentos de fraternidade, fazendo com

que eles percam os medos e se relacionem naturalmente com o mundo espiritual.

A força e os fundamentos dessas linhas ou correntes de trabalhos e de suas entidades provêm das Irradiações Divinas dos Orixás, denominadas Sete Linhas da Umbanda, utilizadas pelos Guias em atendimento, sempre para o bem, com suas danças, seus pontos cantados, seus elementos mágicos e suas sábias orientações. Como a Umbanda é voltada para o plano espiritual, dizemos que ela é uma religião espiritualista e, como no atendimento dos Guias são utilizados nos seus passes elementos e instrumentos de magia, podemos dizer que também se trata de uma religião magística.

Nestes escritos, destacamos a importância do tratamento na Umbanda, realizado pelos Guias Espirituais, com seus aspectos fenomênicos, mediúnicos, ritualísticos, magísticos e psicoterápicos de aconselhamento, limpeza espiritual, descarrego, energização, alinhamento de chakras, cura de enfermidades e outros. Os Guias são manifestadores religiosos dos Orixás dentro dos Templos de Umbanda, onde os mistérios são colocados em ação por meio de práticas magísticas aplicadas por eles, adaptadas à nossa época e cultura e conforme as necessidades dos con-sulentes. Destacamos, também, neste livro, alguns aspectos semióticos, algumas chaves que os Guias Espirituais utilizam para acessar

a própria egrégora e os mistérios que representam: o aspecto visual, demonstrado na forma plasmada da falange; o aspecto sonoro, expresso no nome simbólico; e o aspecto escrito apresentado no ponto riscado. Tudo isso deu à Umbanda uma identidade própria, característica, que a distingue de todas as outras religiões.

Adotamos uma organização didática para facilitar as abordagens de ensinamentos preciosos e úteis existentes na Umbanda, com o intuito de que eles não se percam. Esperamos contribuir um pouco para o entendimento de parte do universo religioso umbandista e ajudar os novos irmãos a sentirem orgulho de nossa religião, tachada por alguns de atrasada, com excesso de rituais e simbologias, olhada com preconceito e descaso pelos desconhecedores dos seus magníficos fundamentos, dos seus trabalhos maravilhosos e da sua forma de organização única e exemplar.

I - RITUAL DE UMBANDA:

VIA EVOLUCIONISTA

Muitas vias evolutivas estão à disposição dos espíritos, no astral, e cada um segue aquela que se mostra mais afim com sua natureza íntima. A Umbanda Sagrada é uma dessas vias evolucionistas que, por ser tão atraente para os espíritos, se tornou

religião aqui no plano material.

Na Umbanda, cremos em Pai Olorum, o Divino Criador, em suas sete emanções, nos Tronos Sagrados, nos sete pares de Orixás, mistérios divinos.

TRONO

ORIXÁ/fator

ESSÊNCIA

QUALIFICATIVO

Da Fé

Oxalá - Magnetizador

Cristalina

Congregador Cristalino

Logunan - Cristalizador

Conscientizador Temporal

Do Amor

Oxum - Conceptivo

Mineral

Agregador Mineral

Oxumarê - Renovador

Renovador Aquático-Mineral

Do

Oxóssi - Expansor

Vegetal

Expansor Vegetal

Conhecimento

Obá - Concentrador

Afixador Telúrico-Vegetal

Da Justiça

Xangô - Racionalizador

Ígnea

Equilibrador Ígneo

Oroiná - Energizador

Energizador Ígneo

Da Ordem

Ogum - Ordenador

Eólica

Ordenador Eólico

lansã - Direcionador

Direcionador Eólico

Da Evolução

Obaluaê - Transmutador

Telúrica

Transmutador Telúrico-Aquático

Nanã - Decantador

Decantador Aquático-

Telúrico

Da Geração

lemanjá - Criacionista

Aquática

Criacionista Aquático

Omolu - Estabilizador

Estabilizador Telúrico

Essas sete emanções que se iniciam a partir dos Orixás essenciais chegam à Terra como sete Linhas de Força que acomodam todos os Orixás em seus vários níveis vibratórios, positivos e negativos.

A Umbanda não é um grupo dissidente ou uma seita, pois não surgiu para se opor a ninguém. É uma religião com fundamentos próprios, recebidos diretamente da espiritualidade, diferentes dos fundamentos de todas as demais religiões. Cultuamos o Divino Criador Olorum, cultuamos suas divindades Orixás, as forças e elementos da Natureza, os Encantados, os espíritos luminares ou mentores, os espíritos santificados ou ascensionados, os mortos ou as almas, os ancestrais ou antepassados.

A Umbanda ritualizou, elaborou e diferenciou a incorporação controlada, já praticada há milênios por

diversos povos. Ela é a manifestação do espírito para a caridade, onde cantamos para Olorum, o Divino Criador, para os Orixás, que são os senhores

concretizadores da criação divina e regentes da evolução dos seres, criaturas e espécies, e cantamos para as entidades que se manifestam mediunicamente como Guias Espirituais.

Deus irradia Seus mistérios, Seus recursos que sustentam tudo e todos. Um Mistério Divino possui suas hierarquias espalhadas por todas as religiões, pois tem alcance planetário e multidimensional e, quando uma nova religião é fundada, hierarquias espirituais inteiras são deslocadas para dar sustentação a ela, até que se estabeleça com suas próprias hierarquias. Foi o que ocorreu com o Ritual de Umbanda Sagrada, quando milhares de espíritos, estrangeiros ou não, trouxeram suas formações religiosas e formas de cultuar o Divino Criador e as adaptaram à nascente religião brasileira.

As práticas da Umbanda, como a defumação, a magia natural e cerimonial, a manifestação mediúnica, a adoração às divindades e o culto à natureza são milenares e atraem espíritos muito antigos, ancestrais já fora do círculo reencarnacionista. São verdadeiras egrégoras de remanescentes de outras religiões extintas na matéria, participando das linhas ou correntes de trabalho umbandistas com espíritos afins, portadores de conhecimentos e especialidades,

aumentando o potencial de ajuda.

Assim, foram se formando as “correntes” ou Linhas de Trabalho e Ação, com espíritos que já haviam conquistado seu lugar na luz, seu grau de elevação espiritual. Religiões não mais atuantes no plano material e recolhidas ao seu lado espiritual também puderam colocar suas hierarquias espirituais nas Linhas de Trabalho da Umbanda, incorporando em seus médiuns, despertando e resgatando seus afins ainda no ciclo reencarnacionista.

Conforme as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador da

Umbanda, “com os espíritos mais evoluídos aprenderemos; aos mais atrasados ensinaremos e a nenhum renegaremos”.

FUNÇÃO RELIGIOSA DA UMBANDA

A Umbanda não foi criada para ensinar seus praticantes a fazer demandas nem a combater o mal com o mal; foi criada para ser uma religião redentora, para que espíritos encarnados e desencarnados tenham sua evolução acelerada e sempre extraíam lições positivas de seus ensinamentos. Uma das suas principais atribuições é a de religar os espíritos com os Sagrados Orixás.

A maldade é desumanizadora e a Umbanda é humanizadora; ensina a viver em harmonia no meio

humano e prepara seus filhos para que afluam o bem que trazem em seus íntimos. Sua essência reside na verdadeira caridade, na prática do bem que se realiza com o trabalho conjunto de médiuns e Guias Espirituais, ajudando os necessitados encarnados e desencarnados. A Umbanda é magística por excelência, pois é voltada para a prática da magia positiva. Nos seus Templos a magia negativa é combatida e anulada e os Guias Espirituais atuam em seus médiuns, magística e religiosamente, com uma dinâmica própria.

As divindades Naturais, os Orixás, franqueiam aos umbandistas, pela mediunidade, a oportunidade de desenvolverem seu humanismo, juntamente com os Guias Espirituais. Esses seres de luz nos guiam, orientam e protegem em uma ou mais encarnações, para que cumpramos os desígnios traçados antes de reencarnarmos. Para isso, o umbandista precisa progredir moral e eticamente, compreendendo-se como realmente é, buscando desvendar seu interior; precisa descobrir as sombras que ocultam suas deficiências e transformar tudo isso em sentimentos nobres e elevados.

Além disso, as divindades oferecem a qualquer pessoa que procure um Templo Umbandista a ajuda caritativa desinteressada e amorosa, as valiosas orientações de seus Guias Espirituais, que alertam para a necessidade de rever e corrigir os sentimentos, pensamentos e

atitudes negativos, para que se caminhe na luz. A chave da saúde física e espiritual está no íntimo de cada um, em seu equilíbrio e em atitudes mentais, emocionais e espirituais corretas. A constância de desequilíbrios e conflitos interiores, tais como tristezas, mágoas, remorsos, angústias e aflições, excesso de preocupações, complexo de inferioridade, inveja, rejeições, carências, vícios, traumas de infância e outros, bloqueia os pontos de captação das energias básicas e paralisa as glândulas que as geram no corpo carnal.

Além de obstruir e provocar doenças no corpo físico, os desequilíbrios e conflitos humanos atuam como poderosos filtros que barram a entrada da energia divina, fonte de tudo o que existe no universo. Sem a devida energização e estimulação de todos os sentidos do ser, por causa dos bloqueios, surge uma infindável lista de viciações energéticas. A pessoa mostra-se insatisfeita e busca lenitivos para preencher o seu vazio existencial, pois seus desequilíbrios são psicológicos, tais como morbidez, histeria, apatia, hiperatividade, assexualidade, hipersexualidade, idiotice, ateísmo, destrutividade e outros. Os seres com desequilíbrios perdem a capacidade mental e só se guiam por suas necessidades emocionais ou instintivas, que nesse caso são negativas e obsessivas.

Um indivíduo desequilibrado e bloqueado pode rezar e pedir ajuda às divindades, mas, quando a recebe, não

consegue percebê-la nem internalizar essas energias divinas. Precisa da ajuda de um Guia Espiritual incorporado em seu médium.

Na síntese religiosa que é o ritual de Umbanda, todas as religiões estão representadas em suas Linhas de Trabalho, ligadas e regidas no alto pelos sagrados Orixás. Guias Espirituais com formações em diferentes culturas, religiões, economias e sociedades estão reunidos por afinidades mentais, conscienciais e espirituais nessas Linhas de Trabalho e Ação da Umbanda. Esse é um dos motivos de os Guias Umbandistas e os médiuns já conscientizados atenderem a todas as pessoas sem perguntar a elas sobre a sua crença religiosa e de jamais falarem contra as outras religiões. Eles consideram que todas são caminhos evolutivos para o Criador.

Na Umbanda, o despertar da consciência para as verdades maiores convive com o socorro espiritual.

Para serem ajudados nos trabalhos espirituais, os frequentadores não precisam renegar suas religiões; ninguém é recusado ou discriminado, pois espíritos de todas as religiões estão congregados e congraçados em um ecumenismo religioso magnífico.

II - AS LINHAS DE TRABALHO E AÇÃO

DA UMBANDA

As Sete Linhas ou grandes irradiações divinas emanadas por Deus, na energia dos Sete Tronos Divinos, se abrem em muitas vibrações e dão

sustentação para todas as coisas: Linha da Fé, Linha do Amor, Linha do

Conhecimento, Linha da Justiça, Linha da Lei, Linha da Evolução e Linha da Geração.

Muito antes de ser anunciada no plano físico pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, a Umbanda foi idealizada no astral Superior por seres de grande elevação. Com a ordem astral para a constituição da nova religião, ordenou-se uma estrutura vibratória ou hierarquia atuante extremamente organizada, desde os senhores Orixás Elementais até os Guias Espirituais.

Foram colocadas à disposição das divindades regentes do nascente ritual de Umbanda Sagrada hierarquias inteiras, deslocadas de seus campos de atuação nas religiões que as formaram.

A Umbanda Sagrada mostrou-se uma via evolutiva tão atraente que uma quantidade enorme de Espíritos de grande evolução afluíram e integrou-se a ela. Eles assumiram diante dos Sagrados Orixás o compromisso de criar linhas de trabalhos espirituais que formariam a espinha dorsal da Umbanda, ligadas e regidas por essas divindades. Milhares de Espíritos provenientes de diferentes religiões, das quais ainda traziam latentes suas últimas formações religiosas, foram arregimentados e acomodados nessas correntes ou Linhas de Trabalho. Foram ordenados os Espíritos emissários que se comunicariam com o plano material por meio da incorporação mediúnica, reunindo-os por ancestralidade ou afinidade, para ajudar

espiritualmente os necessitados de limpeza espiritual, acolhimento, orientação e reequilíbrio.

No ritual de Umbanda Sagrada, universalista por excelência, estão presentes muitas das religiões que já existiram em nosso planeta e cada uma delas recebeu uma ou várias “Correntes Espirituais”, com suas legiões, falanges e subfalanges,

sob a irradiação das divindades naturais, os Orixás - renovados na Umbanda, mas mantendo seus nomes africanos. No meio do Culto de Nação ou Candomblé, a Umbanda surgiu e se destacou, até poder trilhar seu próprio caminho luminoso.

As maneiras de cultuar os Mistérios e os Orixás na Umbanda são diferentes das formas do Candomblé, embora os mistérios sejam os mesmos. Em nossa religião, um espírito reverenciará sempre os Orixás, aos quais já servia com outros nomes, pois Deus não cria novos mistérios e divindades a todo instante só para atender às necessidades de cada momento histórico. Ele os renova e os adapta às necessidades atuais.

Assim, temos novas chaves interpretativas para a abertura desses mistérios, como os tronos de Deus, as irradiações, as vibrações, os elementos da natureza, etc. Muitos desconhecedores dos fundamentos e dos trabalhos da Umbanda tacham nossa religião de atrasada, com excesso de rituais e simbologias, além de olharem com preconceito e descaso sua forma de

organização.

A Umbanda com suas Linhas de Trabalho foi pensada a partir do Movimento Umbandista do Astral, existente muito antes da sua oficialização e do contexto social, cultural e étnico do Brasil, no final do século XIX. Esse modo de organização em agrupamentos de Espíritos afins (correntes, legiões, falanges) é milenar e muito antigo no astral, remontando às mais diversas épocas, mas, na forma de manifestação arquetípica em trabalhos espirituais, muitos atuam há não mais que 200 anos. A Umbanda é fruto de um movimento astral e do meio social brasileiro, um verdadeiro cadinho cultural e religioso que favoreceu o surgimento dessa nova tradição mediúnico-espiritualista. Ela aglutinou as tendências religiosas dos Espíritos que reencarnavam nesta terra, aca-tadores e incorporadores do culto às divindades, das magias positivas, dos trabalhos na natureza e seus Espíritos.

A base de sustentação das irradiações energéticas dos Guias Espirituais umbandistas é a dimensão elemental, sejam essas entidades das matas, do mar, das pedras, do fogo, etc. Os fundamentos energéticos das Linhas de Trabalho da Umbanda e de todas as suas hierarquias estão nas fontes energéticas localizadas nas dimensões elementais, e os Guias Espirituais são os irradiadores últimos dessas energias elementais que nos chegam até o plano material.

Nas Sete Grandes Linhas ou Irradiações Divinas atuam os Orixás, que são divindades. Nas legiões e falanges das Linhas de Trabalho e Ação, atuam Espíritos humanos que se apresentam como Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Marinheiros, Boiadeiros, Baianos, Ciganos, Exus, Pombagiras e outros. Nas legiões e falanges, nas Linhas de Trabalho e Ação dos Caboclos e dos Pretos-Velhos, por exemplo, sob suas formas plasmadas, estão ocultos grandes sacerdotes, filósofos, professores e sábios dos mais diferentes rituais, desencarnados há muitos séculos.

“Uma 'Linha na Umbanda é uma organização de Espíritos que se unem por afinidades energéticas, vibratórias e conscienciais, em torno de uma missão, e atuam nas esferas espirituais e materiais como uma corrente de trabalho” (Flávio de Oxóssi - Umbanda sem Medo e sem Preconceitos.1)

Cada agrupamento de Guias Espirituais sempre tem um espírito iniciador, como as correntes dos Caboclos Sete Flechas, dos Pretos-Velhos Pai Joaquim de Angola, dos Baianos Zé do Coco e outras. Na Umbanda, apresentam-se Guias Espirituais com nomes simbólicos coletivos e roupagens energéticas específicas de Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Marinheiros, Boiadeiros, Exus, Pombagiras e outros; manifestam-se de forma sagrada, para realizar

trabalhos diferentes, de acordo com suas capacidades, tendências e afinidades.

As Linhas de Trabalho e Ação da Umbanda cresceram tanto que formaram hierarquias pontificadas por Espíritos que têm nomes simbólicos, associados aos elementos da natureza (cores, vegetais, minerais, animais, etc.), como Caboclos Pena Verde, Pretos-Velhos Pai Guiné, Exu Pedra Preta, Exu Gato e outros.

Nessa forma de organização, inédita na matéria até a manifestação da

Umbanda, os Espíritos foram se agrupando em linhas, legiões (777 componentes) e falanges (77 membros) por afinidades de valores culturais, morais, magísticas, iniciáticas e outras, tendo como propósito maior ajudar encarnados e desencarnados em seus processos evolutivos. Nesse trabalho, também aceleram as próprias evoluções. Cada nome coletivo é um mistério da Umbanda Sagrada!

A Umbanda é uma religião insuperável por qualquer outra, pois é universalista e integradora de raças, etnias e culturas como nenhuma o é, e isso ocorre já no astral. Até o surgimento da Umbanda, os Espíritos se agrupavam no astral segundo suas origens, para ajudar apenas sua gente. A partir da formação das Linhas de Trabalho e Ação umbandistas, com suas falanges e subfalanges, os Espíritos de todas as religiões, crenças, culturas, raças e etnias reuniram-se em um verdadeiro universalismo, para um trabalho

conjunto de ajuda aos encarnados e desencarnados, também de qualquer crença, religião e cultura. Esse sistema foi inspirado na organização dos reinos e domínios dos seres naturais e encantados da natureza, onde o ego e a vontade própria não prevalecem.

Nesses reinos e domínios não há individualização; todos fazem parte de um

grupo em que cada indivíduo é uma pequena parte do organismo maior. O universo divino é gigantesco; o Todo é o Divino Criador Olorum, o organismo maior são os Orixás e cada Divindade possui sua hierarquia de seres divinos, sustentadores dos reinos e domínios. Também é enorme o número de seres, ‘Espíritos-Guias’, ligados às divindades, manifestadores de seus mistérios, gerando as “Linhas de Trabalho de Umbanda”.

O entendimento da estrutura astral das Linhas de Trabalho umbandistas é importante para que possamos acolher em nossos Templos, terreiros, tendas, barracões ou casas, com amor, clareza e sem preconceitos, todas as instituições astrais conhecidas como Linhas de Trabalho e Ação da Umbanda e para termos a oportunidade de receber as instruções valiosas de seus Espíritos. Nenhuma Linha de Trabalho é superior ou inferior a qualquer uma das outras e todas são grandiosas e importantes. Elas revertem para o bem da humanidade o vigor, a força, a vontade e a irradiação divina dos Orixás que as animam.

Os Guias Espirituais que trabalham na Umbanda têm origens religiosas e culturais diversas e também diferentes graus de elevação ante as Leis do Criador, compondo uma hierarquia de profunda fraternidade e irmandade para com a criação divina. Os Hierarcas ou Cabeças de Falange são Espíritos que foram para o plano superior, começaram a atrair outros Espíritos afins e os prepararam para socorrer os encarnados; eles não incorporam, estão na sexta e sétima Esfera Positiva e são apenas Luz, pois não têm mais um corpo plasmado. Na quarta e quinta Esfera Positiva, com diferentes graus, encontram-se os Espíritos que se integram às falanges e subfalanges e manifestam-se entre nós, nas incorporações nos Templos de Umbanda, no arquétipo que escolheram por afinidade.

Assim como os Orixás se assentam nas Sete Linhas ou grandes Irradiações Divinas, também as demais entidades - Guias, protetores, mentores - atuam por meio delas, em suas linhas ou correntes de ação e trabalho. Nessas Linhas de Trabalho e Ação da Umbanda todas as religiões, mesmo as que já se recolheram no plano espiritual há muito tempo, estão representadas e ativas. São Linhas de Ação nas esferas espirituais e de trabalho no plano material.

Podemos identificar, tanto nas linhas da direita como da esquerda, a quais Orixás estão ligados esses Espíritos-Guias iluminados, que alcançaram seus graus em outras religiões e se manifestam na

Umbanda, apresentando-se como Caboclos, Pretos-Velhos, Marinheiros, Exus, etc., atuando na irradiação de um ou mais Orixás. As correntes de trabalho dos Guias de Lei que atuam à direita dos médiuns são regidas pelos Tronos e princípios universais; as correntes de trabalho dos Guias de Lei que atuam à esquerda dos médiuns são regidas pelos Tronos e princípios cósmicos.

A Umbanda é uma religião riquíssima em fundamentos divinos. Suas correntes ou Linhas de Trabalho e Ação são muito bem definidas e os Espíritos que se apresentam como Guias Espirituais trazem um conhecimento profundo e o poder de atuar com os mistérios dos Orixás. Por trás de uma falange de Caboclos, de Pretos-Velhos ou de outros Guias Espirituais atua um Orixá Intermediário, manifestador das qualidades de vários orixás naturais, elementais e ancestrais. Esses Espíritos são manifestadores dos mistérios das divindades às quais estão ligados e têm como trabalho cuidar da evolução humana no planeta, com toda a força do poder de manifestação das Irradiações Divinas, com seus conhecimentos e suas ordens de trabalhos espirituais, além de dar sustentação para os Templos onde se manifestam.

Os polos das Linhas de Trabalho são imanentes e todos os Espíritos ligados aos seus regentes ou Hierarcas recebem deles, por osmose ou imanência,

tudo de que precisam para que manifestem suas qualidades magnéticas, energéticas e magísticas.

Esses regentes são chefes de linhas, senhores de domínios e guardiões de mistérios assentados junto aos Orixás que lhes dão amparo, proteção e orientação religiosa e ma-gística, também por osmose ou imanência.

As entidades que atuam nas Linhas de Trabalho, sob a irradiação de seus regentes, procuram instruir, consolar, esclarecer dúvidas e reconduzir os consulentes de volta à sua linha de origem, para que restabeleçam suas ligações ancestrais, recolocando-os sob a irradiação direta dos seus regentes ancestrais, reequilibrando-os. Um Guia Espiritual é irradiador de algum tipo de Mistério Divino, no qual se habilitou a manifestá-lo, com muito esforço, dedicação, fé, perseverança, humildade e resignação.

ALGUNS FUNDAMENTOS DAS LINHAS DE

TRABALHO

Conforme nos ensinava Pai Rubens Saraceni, são fundamentos divinos das Linhas de Trabalho da Umbanda Sagrada, tanto da direita como da esquerda: os nomes simbólicos das próprias Linhas de Trabalho e Ação (Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, etc.); os nomes simbólicos das egrégoras pelas quais os Guias incorporadores se identificam (Caboclo Pena Branca, Pai Joaquim de Angola, Exu Tranca Ruas, etc.); o fato de todos eles serem magos consumados e terem na

magia um poderoso recurso, para auxílio das pessoas atendidas nos Templos; a incorporação pelo médium umbandista,

em seus trabalhos, de vários Guias Espirituais, cujas manifestações são características da linha do espírito incorporado; a manifestação dos Espíritos de

uma linha, com sotaque, dança e gestos semelhantes e a realização de trabalhos mágicos com elementos definidos como deles e mais ou menos da mesma forma; cada linha estar ligada a alguns Orixás, identificáveis nos seus nomes simbólicos.

Os responsáveis pelas Linhas de Trabalho e Ação que atuam nos Templos de Umbanda são os Orixás Intermediadores, do quinto nível vibratório. Desde o Alto do Altíssimo, as hierarquias divinas vão se desdobrando e se multiplicando:

no primeiro nível planetário (Trono das Sete Encruzilhadas) estão os Sete Tronos da Coroa Divina; no segundo nível estão os Sete Tronos Essenciais (Orixás essenciais);

no terceiro nível temos os sete pares de divindades (os 14 Orixás Naturais);

no quarto nível encontramos os 49 Tronos Intermediários;

no quinto nível estão os Tronos Intermediadores; no sexto nível temos os Tronos Individuais ou pessoais (Orixás Individuais dos Médiuns); no sétimo nível estão os Espíritos humanos.

As hierarquias espirituais dos Tronos Intermediadores foram criadas para melhor atuar no astral junto dos Espíritos e melhor atuar no plano material junto às pessoas espalhadas pelas muitas religiões existentes.

Muitas delas têm vários milênios; no astral, são chamadas de “ordens” e regidas

pelos Orixás Intermediadores. Setenta por cento dessas correntes de trabalho são regidas por Tronos Humanizados -

Espíritos ascensionados que encarnaram para auxiliar seus afins no estágio humano de evolução, desenvolveram uma consciência e religiosidade humanas e, aptos para entender nossos comportamentos, voltaram para o plano espiritual e reassumiram seus graus.

Uma Linha de Trabalho e Ação umbandista, para estar completa, precisa ter todos os seus graus positivos e negativos ocupados por Espíritos humanos, ligados ao Trono de um Orixá menor. Os degraus são compostos por Hierarcas da Tradição Natural, com nomes simbólicos, e apenas esses Hierarcas comandam legiões de Espíritos. Nem todas as linhas estão completas ou são estáticas. Novas linhas estão se formando na Umbanda ou alguma já estabelecida poderá não se manifestar mais na dimensão material humana, permanecendo ativa no astral. O mesmo processo que tem ocorrido com as religiões já surgidas no plano material, que vieram, cumpriram suas missões e se recolheram, aguardando nova missão,

pode acontecer com as Linhas de Trabalho e Ação. Os Orixás são as divindades realizadoras do Verbo Divino, com suas funções, e as Linhas de Trabalho são as manifestadoras espirituais dos mistérios do

Verbo Divino. O Verbo Divino é função e cada função é uma ação realizadora. Caboclo, Preto-Velho, Exu e outras correntes do Ritual de Umbanda Sagrada, além de graus simbólicos, indicam os campos de atuação dos Espíritos componentes dessas egrégoras. Cada nome simbólico é um grau religioso, iniciático e sagrado e deve ser respeitado.

Na Umbanda, manifestam-se Espíritos humanos que já encarnaram, como os

Pretos-Velhos, os Caboclos, os Baianos, e manifestam-se Espíritos de outras dimensões da vida que nunca encarnaram, como os Erês, os Exus-Mirins, as Pombagiras-Mirins e as Sereias.

Tanto os Guias Espirituais quanto os demais Espíritos desencarnados ou não e nós, Espíritos encarnados, estamos em processo evolutivo. É justamente a ocorrência dessa oportunidade o que mais distingue a Umbanda como religião, na qual os Espíritos poderão evoluir e ascender em suas Linhas de Trabalho e Ações espirituais.

Para trabalhar como Guia de Umbanda em uma Linha de Trabalho e Ação, o espírito precisa ter conquistado todos os atributos e qualidades relacionados a ela; precisa ter em suas atitudes as qualidades que o

arquétipo implanta no coração e no imaginário das pessoas. Essa é a melhor maneira de se chegar ao interior dos consulentes e dos médiuns, nas personificações das qualidades humanas nas figuras dos Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, Marinheiros, Exus e outros.

1

N.E.: Obra publicada pela Madras Editora.

III - AS LINHAS DE TRABALHO E OS

ARQUÉTIPOS DOS GUIAS ESPIRITUAIS

Os mistérios dos divinos Orixás estão à disposição de todos, na matéria e no astral, e tantos espíritos afluíram para a Umbanda que foi preciso criar as Linhas de Trabalho ou Correntes Espirituais para acomodação daqueles que a ela recorreram e recorrem, a fim de trabalhar na manifestação mediúnica junto aos encarnados. As linhas, estabelecidas do astral para a Terra, cresceram muito e formaram hierarquias, todas pontificadas por espíritos mentores de Umbanda, e crescem à medida que há necessidade de acomodação de mais espíritos.

Nada é estático na natureza ou na religião, pois Deus é movimento e ação.

Foram muitos os espíritos que acorreram para manifestar-se na Umbanda, por ser ela uma religião aberta que dá liberdade a todos que queiram fazer a

caridade e nela preservam seus conhecimentos, magias positivas e costumes, na forma de trabalho e no uso de seus elementos. Espíritos que viveram na Terra, sob a égide de todas as raças e religiões, têm nas Linhas de Trabalho da Umbanda um meio mediúnico para se manifestar e atuar em benefício da humanidade, louvando e servindo os Orixás.

As Linhas de Trabalho da Umbanda não foram fundamentadas em espíritos isolados, mas sobre arquétipos fortes, essência do que de melhor cada povo gerou, sustentados por mistérios divinos. Ser um espírito-Guia, na Umbanda, significa ser iniciado em um ou vários mistérios, guardados em seu íntimo e manifestados apenas quando preciso, prestando a caridade espiritual, para, só assim, ascender hierarquicamente e iniciar-se em outros mistérios. O

arquétipo, além de um modo para identificação da Linha de Trabalho, foi uma maneira de aproximar a população da religião nascente, de homenagear,

organizar e hierarquizar as entidades da Umbanda.

A palavra arquétipo tem origem no grego *arkhétypon* e é traduzida como modelo dos seres criados, o que serve de modelo ou protótipo. A palavra *arke* significa princípio e poder. Por trás de cada Linha de Trabalho e Ação ou Correntes da Umbanda existe um arquétipo mítico universal e um mito fortemente arraigado à cultura brasileira.

Arquétipo é uma estrutura universal de pensamento,

introjetada no inconsciente coletivo da humanidade, que ganha retratações variadas nas diferentes culturas, mas com correspondências claras entre elas. Toda cultura carrega em seu inconsciente coletivo a figura do herói, do sábio ancião e da inocente criança, dentre outras. Lendas, símbolos, histórias, religiões, mitos, fábulas, comportamentos e tudo o que se liga ao pensamento humano é modelado por essa estrutura universal de pensamento.

Nas primeiras Linhas fundamentadas e organizadas para atuar na Umbanda - Caboclo e preto-velho -

foram utilizadas figuras míticas já presentes na cultura brasileira: o índio destemido e forte e o ancião sábio e experiente.

Nas Linhas de Trabalho e Ação da Umbanda observamos que se manifestam os heróis desconhecidos; arquétipos fortes, sim, e geralmente relacionados às populações pobres, excluídas e discriminadas socialmente: os caboclos índios, os pretos-velhos, os baianos mulatos, os boiadeiros mamelucos ou cafuzos, os ciganos e outros.

Tipos sociais regionais importantes foram incorporados às Linhas de Trabalho da Umbanda: o caboclo, o destemido índio da terra, o paciente e sábio preto-velho escravo, o valente sertanejo, o boiadeiro mestiço e outros espíritos que quando encarnados na Terra dedicaram suas vidas ao trabalho de consolo e amparo aos desesperançados e aflitos. É

um vasto

repertório de tipos brasileiros populares, de modelos de conduta e estilos de vida, resultante da origem plural do povo brasileiro, que expressa nossa diversidade cultural.

Ser Guia Espiritual em determinada Linha de Trabalho e Ação ou corrente ou falange, na Umbanda, é um grau ou patente de luz dado aos espíritos que se apresentam nessa forma plasmática, sob a regência dos Orixás, podendo atuar na irradiação de um, dois, vários ou até de todos eles. Caboclo é grau, Preto-Velho é grau, Exu é grau, Pombagira é grau e assim por diante.

Com o auxílio das divindades, da magia e do trabalho que lhes compete, os Guias Espirituais orientam e solucionam os problemas e desequilíbrios dos que os procuram. Os espíritos reequilibrados mentalmente e rearmonizados com a vida atuam à direita e os que estão retornando aos domínios regidos pelos sagrados Orixás atuam à esquerda.

Por trás dos arquétipos da Umbanda está a sabedoria divina, fazendo dessa religião um grande pronto-socorro espiritual à disposição da humanidade. Os arquétipos adotados estão fundamentados em mistérios religiosos (Caboclos, Pretos-Velhos e outros) ou em “raças espirituais” preexistentes em outras

dimensões da vida (Erês, Exus, Pombagiras, Exus-Mirins e Pombagiras-Mirins). Tudo que Deus criou tem sua função, e é importante que entendamos

e aceitemos os arquétipos e as Linhas de Trabalho para que possamos extrair deles o melhor proveito possível.

LINHAS DE TRABALHO

Quando a hierarquia divina se desdobra, isso é feito por irradiações energéticas finíssimas, denominadas no astral por “linhas”, que vão desde o alto, desdobradas em Linhas da Fé, do Amor, do Conhecimento, da Justiça, da Lei, da Evolução e da Geração, até as Linhas de Trabalho, em que as entidades, devidamente outorgadas, trabalham incorporadas em seus médiuns, comunicando-se com o plano material, orientando consulentes nos Templos. As linhas atuam com fundamentação energético-astral,

como uma corrente contínua em que cada componente energético emite suas frequências positivas ou negativas. Tais correntes, com suas cargas, transportam qualidades, emitidas em diferentes formas, chegando ao plano material visíveis para alguns clarividentes, como se fossem

“linhas”, formando figuras, cada qual com seu padrão...

O Orixá emite sua vibração específica e dá sustentação a uma grande leva de espíritos positivados e sublimados, que conquistaram grau na espiritualidade. São organizados em grandes grupos, constituindo as

chamadas linhas, legiões, falanges e subfalanges...

Cada Orixá tem várias Linhas de Trabalho sob sua responsabilidade; algumas se manifestam nas incorporações e outras são resguardadas no astral, dando sustentação aos trabalhos nos Templos e aos trabalhos realizados após as sessões, quando as soluções para os problemas, detectados nos atendidos merecedores, são autorizadas.

Não se deve pensar em Linhas da Umbanda de modo parcial e monolítico, mas de maneira ampla e contínua. Não há necessidade de polemizar quanto ao nome “linha”, mas de entender as energias, os Tronos, os Orixás, as Hierarquias e o que elas representam. Se a Umbanda é constituída sob a regência do Sete, todos os desdobramentos ocorrem de sete em sete: Sete Tronos, Sete Pares de Orixás, Sete Linhas (essências), Sete Linhas de Trabalho, desdobradas de sete em sete.

Pode parecer um número muito grande no plano material, mas no astral todas têm um trabalho intenso e,

muitas vezes, é necessário o deslocamento de uma enorme quantidade de espíritos trabalhadores nelas, para resolver grandes problemas.

Deve-se pensar na grandeza do Pai Maior, para se aceitar que as coisas não são estáticas e estanques; como tudo, as Linhas de Trabalho estão em evolução.

Sempre que necessário, novas linhas são postas em ação no plano material. O pensamento científico

espiritual não pode ser reduzido a estruturas rígidas e cartesianas e as dimensões também não devem ser pensadas apenas em comprimento, largura e altura.

Tudo é muito mais

amplo e multidimensional.

O umbandista precisa e deve estudar para entender a grandeza do Universo Divino. Deve pensar a religião dialeticamente, com suas manifestações atuando com a mediação dos contrários, criando um universo divino rico em ações que chegam aos humanos, de modo que eles possam, senão compreendê-las, pelo menos aceitá-las. Compreender tudo é impossível, tal a multiplicidade e complexidade da Criação Divina.

Mas entender as manifestações espirituais, na forma de Linhas de Trabalho e Ação, é mais fácil, simples e acessível.

São Linhas de Trabalho - além das conhecidas como Caboclos, Pretos- Velhos, Baianos, Crianças, Marinheiros e outras - as Linhas de Trabalho Astrais dos Batedores, dos Lanceiros, dos Escudeiros, dos Espadados e das Espelhadoras, por exemplo. Os Cirandeiros trabalham no astral com o círculo mágico, ao redor dos doentes, desenergizados e vampirizados... As

Linhas de Trabalho são dinâmicas e formam o grande potencial de seres que trabalham no astral, em benefício do Ritual de Umbanda Sagrada.

Todas essas linhas, desdobradas, estão à disposição e a

serviço dos trabalhos realizados nos Templos que agem com seriedade, respeito e amor.

Somos gratos a cada filho que cede seu tempo e seu corpo na ajuda aos irmãos da matéria e do espírito, que carecem de ensinamentos, atenção, orientação e amparo. Que a Umbanda Sagrada cresça cada vez mais, com as consciências dos seus trabalhadores despertadas, para que se torne

uma religião com seguidores entendendo o que é o amor ao semelhante, o respeito às divindades e às entidades e ao trabalho de caridade. Que tenham irmandade a todos os filhos da Terra, reencarnados e desencarnados.

Um grande abraço de luz a todos!

Mestre Pena Branca (psicografia para Mãe Lurdes)

Cada linha de trabalho espiritual é constituída por uma hierarquia de seres comprometidos com Deus e suas divindades, com a finalidade de ajudar na evolução dos humanos. No livro O Cavaleiro do Arco-Íris, de Rubens Saraceni,¹ somos informados de que todos os espíritos ligados aos regentes das linhas recebem deles tudo de que necessitam, pelo processo osmótico ou imanente, por meio de cordões de ligação. Os polos das Linhas de Trabalho do Ritual de

Umbanda Sagrada são imanes. Assim, os Guias de uma falange recebem de seu Hierarca as energias

necessárias para manifestarem suas qualidades magnéticas, energéticas e magísticas. Esse processo tem início no Divino Criador e se desdobra de grau em grau vibratório até chegar aos consulentes dos Templos de Umbanda.

Quando, em um Templo de Umbanda, um consulente conversa com um Guia Espiritual, seja da "Direita" ou da "Esquerda", está de frente a um dos mistérios de Deus e essa entidade é um irradiador desse Mistério Divino.

Esse Guia Espiritual só se habilitou a manifestar tal mistério com muito esforço, dedicação, perseverança, humildade, fé e resignação, e é merecedor do nosso maior respeito e consideração, pois, para atuar em uma Linha de Trabalho, ele desenvolveu em si todas as qualidades e atributos que o arquétipo representa.

Linhas de Trabalho³

3. N.R.: Gráfico elaborado originalmente por Pai Rodrigo Queiroz.

1

NT_ Obra publicada pela Madras Editora.

IV - SINTONIA DO GUIA COM A

EGRÉGORA ESPIRITUAL

Tudo na criação divina vibra, pulsa ou se irradia obedecendo às ondas vibratórias emanadas pelo Criador, exteriorizadas em sete graus magnéticos ou irradiações, bipolarizadas ou em sete planos que são os Mistérios da Fé, do Amor, do Conhecimento, da Justiça, da Lei, da Evolução e da Geração. Diversos fundamentos umbandistas e de práticas magísticas, espirituais e mediúnicas estão pautados nessa lei da correspondência vibratória, pois tudo o que existe se formou dentro de uma faixa específica que lhe dá uma qualidade característica. Umbanda também é magia divina o tempo todo. O magnetismo terrestre, por exemplo, regula até nosso modo de pensar, energia pulsante que se propaga a partir do magnetismo mental que a gerou. Cada Guia Espiritual é ligado por irradiações aos Orixás, seus Pais e Mães, à Linha de Trabalho onde atua e aos mistérios nos quais foi iniciado.

Em cada Linha de Trabalho e Ação, todos os seus representantes se expressam, verbal e gestualisticamente, com características similares. Um médium de Umbanda, em seus trabalhos, recebe vários Guias Espirituais e todos eles têm suas manifestações próprias, com incorporações tão características que facilmente identificamos sua linha ou corrente de trabalho. São espíritos tenazes, incansáveis e determinados que já se assentaram à direita e à esquerda dos sagrados Orixás, servindo-os,

religiosa e magisticamente, trabalhando em benefício da evolução da humanidade, encarnada e desencarnada, não medindo esforços para auxiliar aqueles que ainda estão menos evoluídos.

Cada entidade da Umbanda apresenta aspectos intersemióticos, trazendo em seu sistema de significação algumas chaves de acesso ao mistério que representa. Destacamos três dessas chaves: o aspecto visual, demonstrado na forma

plasmada da falange; o aspecto sonoro, expresso no nome simbólico e nos pontos cantados; e o aspecto escrito, apresentado no ponto riscado. Esse último aspecto também é visual, porém simbólico e não icônico. Essas chaves funcionam por correspondência vibratória ou magnetismo, por sintonia e afinidade com a egrégora espiritual, pois são polos irradiadores ou manifestadores dessas frequências.

Em um Templo, os Guias Espirituais projetam vibrações intensas e poderosas, estabelecendo uma ponte de ligação com suas comunidades espirituais do Alto, fazendo vibrar o ambiente astralino do local, que repercute e atrai os riquíssimos elementos de energia condensados pelos elementais e dispersos na natureza.

O ASPECTO VISUAL

As formas plasmadas, a gestualidade e a dança Os corpos energéticos dos espíritos são revestidos por

uma energia plasmável, como se fosse uma pele, que lhes permite tomar as formas necessárias para se apresentarem, aos olhos dos videntes, caracterizados segundo o arquétipo que identifica as hierarquias a que pertencem. Eles se cobrem, revestindo-se com uma veste igual à dos líderes das linhas a que pertencem, distinguindo-se por falanges e praticando a caridade. Não importa se o Guia é altamente evoluído ou se ainda está iniciando sua evolução na Linha de Trabalho; o que vale é sua vontade de ajudar os semelhantes, utilizando os recursos dos mistérios que guarda em seu íntimo e que manifesta magística e religiosamente. A forma plasmada mostra que o espírito está a serviço na falange e é uma chave de acesso a determinado mistério, à sua vibração específica.

Também são componentes importantes do aspecto visual dos Guias Espirituais o movimento, a expressão corporal e a dança ritual nos trabalhos dos Templos

umbandistas. Eles têm significados maiores, possuem matizes e significados próprios, pois não são apenas uma representação cultural ou uma forma de fazer com que as pessoas deixem seus corpos à vontade, nem são apenas movimentos que nos trazem histórias e memórias. São maneiras de expressar, louvar e reverenciar Deus, são modos de comunicação entre os membros de uma corrente espiritual, encarnados e desencarnados, e atuam, também, na manipulação de

energias.

A aparência ou “vestimenta” dos Guias Espirituais As linhas de trabalho espirituais da Umbanda são grandes egrégoras, vibrações formadas por espíritos incorporadores que se identificam por nomes simbólicos, indicadores de seus trabalhos e das forças que os regem, e se manifestam com passos e gestos próprios, característicos. Todos os espíritos de uma Linha de Trabalho adotam a aparência do arquétipo representativo dessa linha, como os Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, etc., e assim se mostram aos videntes. É preciso entender que nas Linhas de

Trabalho e Ação da Umbanda não há

individualização de espíritos, e sim coletivização, porque a identidade pessoal cede lugar à hierarquia que os acolheu e lhes abriu um meio para se manifestarem. O nome simbólico representa a egrégora, a falange à qual cada entidade Guia se reporta, apresentando, então, as formas características próprias dessa falange. Como exemplo, citamos as falanges dos Caboclos Pena Azul, dos Pretos-Velhos Joaquim de Angola, dos Baianos Sete Cocos, dos Exus Tranca Ruas.

Muitas vezes ocorre confusão no entendimento dos Guias em geral, por causa da repetição desses nomes.

Várias entidades apresentam-se nos trabalhos, e até no mesmo terreiro, com nome e aparência similar.

“Vestem” a aparência da falange e, por sintonia, vibração e estímulo mental, ligam-se à hierarquia,

que, por sua vez, é amparada pelos Orixás que regem a respectiva falange e a Linha de Trabalho.

Os espíritos agregados a uma determinada falange assumem a aparência do Hierarca, Chefe ou Cabeça de Falange, guardião de um mistério mágico único, que atua mentalmente sobre todos, não incorpora, e do qual se servem todos os membros da hierarquia na realização de seus trabalhos espirituais e por ele são amparados. Isso nos mostra a identificação despersonalizada de ego, o desprendimento, a grandeza e a humildade dessas entidades que, ao assumirem um grau, deixam de lado sua identidade própria, para assumir a identidade sagrada coletiva da falange.

Cabocla Jurema Preta-Velha Tia Maria Cigana do Oriente

Para o trabalho na Umbanda não importa quem os espíritos foram em outras encarnações, se reis, rainhas, cientistas, sacerdotes, agricultores; nas falanges assumidas são apenas nobres espíritos que se consagraram a Deus, para servi-Lo, guiando e servindo seus semelhantes.

O aspecto visual aparente da entidade nos mostra que, em uma corrente de

trabalhos espirituais, ou falange, todos, do mais ao menos evoluído, se apresentam com a mesma aparência, trejeitos, modo de falar e

características similares. Eles possuem suas aparências individuais, mas, atuando espiritualmente, incorporados ou não, plasmam a vestimenta da falange. Essa é uma identificação acima da identidade pessoal, individual, pois as entidades não usam seus nomes de batismo de quando estavam encarnadas. As

“armas simbólicas” pessoais e a luz própria irradiada por cada espírito, que são conquistas individuais em seu processo evolutivo, são as únicas diferenças entre os membros de uma hierarquia.

A forma plasmada também é um meio de anular vaidades pessoais de médiuns que queiram buscar comunicação com entidades que tiveram importância quando encarnadas. Não importa se o Guia é uma pessoa conhecida e que teve destaque na matéria, se o Guia é altamente evoluído ou se ainda está iniciando sua evolução na Linha de Trabalho; o que vale é sua vontade de ajudar os semelhantes, utilizando os recursos dos mistérios que guarda em seu íntimo e que manifesta magística e religiosamente.

Essa chave de acesso visual também fundamenta o uso das imagens, pois aquele que mentaliza determinada aparência invoca uma egrégora e sua vibração especial.

Assim como os Guias Espirituais se manifestam em suas falanges com a mesma aparência do Hierarca, dando-nos o exemplo de humildade e desprendimento, também os médiuns de Umbanda devem se apresentar,

para o trabalho com a espiritualidade, uniformizados de maneira simples, higiênica, prática, com as vestimentas brancas, sóbrias e singelas, e compenetrados.

Embora certos terreiros ainda mantenham o hábito de paramentar suntuosamente seus Guias, como, por exemplo, Caboclos ostentando grandes penachos que mais parecem fantasias hours concours carnavalescas e outros aparatos, atualmente existe a tendência cada vez maior de simplificar as vestimentas rituais. Os paramentos dos Guias Espirituais também são elementos de trabalho, porém é necessário cuidado e bom senso no seu uso.

A gestualidade e a dança

Da mesma forma que a música, a fala e o olhar, a dança é uma linguagem dotada de grande poder de comunicação na corrente espiritual, tanto entre seus membros como na movimentação de energias, interferindo nas frequências rítmicas e cardíacas dos corpos de quem dança e nos demais presentes no ambiente. São movimentos que fazem com que ela atinja níveis emocionais e mentais com uma facilidade diferenciada das demais linguagens. Corpo e mente estão integrados e são indissociáveis.

Quando incorporados em seus médiuns, os Guias Espirituais gesticulam, dançam, balançam, giram e liberam a energia que se desprende do médium e

liberam o poder de seu mistério, por meio das ondas magnéticas do corpo espiritual do médium e do Templo. A dança é a oportunidade de desbloquear a vida, de sacudir a poeira cotidiana e aceitar os ritmos da vida.

As danças dos Orixás Naturais e dos Guias Espirituais obedecem a uma ritualística que revela, nos gestos, sua caminhada, suas atribuições, seus atributos e a qualidade simbolizada. Os movimentos característicos desencadeiam ações específicas de descarrego e passe energético que podem ajudar as pessoas presentes. Ao trabalhar os chacras e receptores sensoriais ocorre uma transmutação energética, caracterizando, já, um trabalho espiritual.

Com os pés (passos), com as mãos (mudras), com a respiração (assopros), com os giros horários e anti-horários, as entidades desencadeiam poderosas ações reequilibradoras e reordenadoras da vida dos frequentadores de um Templo umbandista, realizando momentos de descarrego e de passe energético. Tudo isso, sem esquecer que a beleza da gestualidade e da dança de cada corrente faz com que os frequentadores fiquem atentos a elas e já comecem a receber seus benefícios, fazendo desses momentos de grande beleza possibilidades de meditação, reflexão, transmutação, agradecimento e entrega ao sagrado que

se manifesta.

Um dos pontos de grande importância na gestualidade é a postura das mãos, que são pontos de grande concentração de energia, receptores sensoriais que se conectam com nosso cérebro. Elas podem expressar a comunicação, representando uma energia mais firme, direcionada, mais leve, suave, a coragem de uma batalha, a colheita, a purificação nas águas e inúmeras outras possibilidades.

Até mesmo a movimentação corporal e o comportamento-padrão de um Guia Espiritual, incorporado em seu médium e dando atendimento ao consulente, se configuram como uma movimentação corporal riquíssima, compondo uma dança. O Guia, com sua movimentação, nos limpa com o assopro da fumaça, nos cruza com água de ervas, com pemba, pedras, utiliza ervas no benzimento, asperge água consagrada em nosso corpo, gira ao nosso redor, nos orienta verbalmente e assim por diante.

Vários arquétipos ou formas de apresentação nas incorporações umbandistas já se consolidaram e se firmaram no imaginário popular, místico e religioso da Umbanda. Isso já acontece tanto com os Guias Espirituais, identificados nas Linhas de Trabalho, quanto com os Naturais, representantes dos Orixás.

No transcorrer dos trabalhos, durante as danças rituais, os médiuns se desligam de tudo e ficam intensamente concentrados no movimento cadenciado, que facilita a

incorporação do seu Guia espiritual. Durante as danças rituais, as vibrações médium-mentor se interpenetram de tal forma que o espírito do médium fica adormecido, momentaneamente paralisado.

Os centros de forças, quando absorvem energias não afins de pessoas ou de ambientes, ficam obstruídos e são necessários movimentos ritmados para desbloqueá-los e para dinamizar os campos eletromagnéticos. As danças rituais da Umbanda criam as condições ideais para essa catarse energética. Há uma enorme interpenetração das vibrações do médium e do Guia, pois, quando o padrão vibratório do médium é desestabilizado, seu espírito fica

adormecido, momentaneamente paralisado, e o mentor adentra com facilidade em seu campo eletromagnético, adequando-o ao seu padrão e direcionando suas vibrações mentais. As incorporações na Umbanda são sempre ativas e ritmadas, pois as entidades que se manifestam são altamente brilhantes, luminosas, irradiantes e energeticamente sobrecarregadas, graças aos seus constantes contatos com os pontos de força da natureza, onde estão “assentadas”.

“Um médium plenamente desenvolvido pode ‘dançar’

durante horas seguidas que não se sentirá cansado após a desincorporação. E se assim é, isso se deve ao fato de não ter gasto suas energias espirituais. Não raro, sente-se leve, enlevado, pois seu corpo

energético, influenciado pelo corpo etérico do mentor, sobrecarregou-se de energias sutis e benéficas” (Rubens Saraceni

- O Código de Umbanda.4}

A CHAVE SONORA

Os nomes simbólicos, as orações e os pontos cantados Quanto à chave sonora, o nome do Guia Espiritual, pontos cantados especiais e até orações passados por ele dão acesso ao mistério, à sua vibração, ligada ao verbo e que fundamenta os pontos cantados de determinadas falanges e a mentalização dos nomes dos Guias. A verbalização ou mentalização de um nome reverbera no astral e se interliga à grande egrégora trabalhadora daquela falange e às características do trabalho que o nome representa.

Desde os tempos mais antigos, a qualidade mágica e curativa do som já era bastante conhecida; a música e a espiritualidade eram consideradas terapêuticas. Nas sociedades primitivas, para se curar os doentes, dava-se mais importância aos cantos mágicos e às danças rituais do que às ervas.

Ambas, música e espiritualidade, agem por vibrações, das quais cada indivíduo capta a forma que lhe é mais conveniente. Os sons e a música influenciam tanto

nossa vida material como a emocional e a espiritual.

A música é alimento para a alma. Por meio das harmonizações e das orações, rezas ou invocações cantadas, podemos nos comunicar com os mundos divinos, desbloquear energias liberando tensões e emoções, movimentar forças naturais sutis e atrair espíritos. Os cânticos e músicas sagradas, ou até simples vocalizações, liberam energias e sempre foram

reverenciados pelos Mestres. Uma nota musical ou uma sílaba

gravam, plasmam, transformam, repelem ou atraem formas astrais, mentais e espirituais. Os sons podem afetar o corpo, a mente e o espírito; podem curar, influenciar o comportamento das pessoas e, até mesmo, levá-las ao êxtase.

A música atua, pelo efeito da ressonância, diretamente sobre as células e órgãos, influenciando na digestão, na circulação e na pressão sanguínea, na respiração, na nutrição, nas secreções internas e até mesmo nos neurônios do cérebro. Indiretamente, ela atua sobre as emoções, que também influenciam o corpo. As palmas, os cantos vibrantes e as batidas de tambor criam uma sonoridade altamente vibratória e afim com o magnetismo das entidades, que ativa o emocional, eleva a vibração do éter local e apassiva os mentais dos médiuns, facilitando a incorporação.

Os nomes simbólicos¹

A Umbanda é simbólica e está assentada em hierarquias de trabalho e ação, cujos nomes simbólicos dos Guias Espirituais da direita ou da esquerda estão relacionados com o Mistério Divino Orixá que os rege e geralmente associados

aos elementos da natureza. É possível, por esses elementos, identificarmos o Orixá regente de um Guia Espiritual e em que irradiações ele atua e está evoluindo. Porém, é comum a entidade revelar apenas parte de seu nome. Por exemplo, um Exu Rei (vibração de Oxalá) pode ser um Exu Rei das Matas, um Exu Rei das Sete Encruzilhadas, um Exu Rei das Sete Encruzilhadas das Almas, e assim por diante. Os nomes coletivos tanto servem para ocultar suas identidades como para determinar sua forma de trabalhar, falar e se apresentar, quando incorporados em seus médiuns.

Os nomes coletivos que se fundamentam no simbolismo significam um Mistério da Umbanda Sagrada, um grau, sendo, portanto, muito mais do que um simples nome. Um Guia de Umbanda Sagrada só ascenderá hierarquicamente dando o uso correto e caritativo ao mistério no qual se iniciou, o que lhe abrirá o acesso à iniciação e à consagração em outros mistérios, para ampliar a abrangência de suas ações religiosas e mágicas e poder auxiliar ainda mais. “Por trás de cada nome simbólico está um mistério que, se é diferente de todos os outros, no entanto traz em si

mesmo

toda uma correspondência ou analogia com todos os outros que existem”
(Rubens Saraceni - O

Cavaleiro do Arco-Íris).

No nome de um Caboclo Sete Cachoeiras, por exemplo, a referência não é às sete quedas de água, mas sim às sete faixas vibratórias da água. Em um Caboclo Sete Pedras, são as sete condensações energéticas do elemento mineral; Sete Estrelas simbolicamente são as sete irradiações celestiais dos sagrados regentes planetários; Sete Espadas são os sete poderes da lei, que cortam os males, porém,

tal como um exímio cirurgião, só cortam as partes necrosadas e nunca as sadias.

Há nomes simbólicos reveladores e nomes ocultadores. A chave mestra para chegarmos ao âmago desse mistério dos nomes simbólicos se chama

“Fatores de Deus”. “É preciso uma boa gama de conhecimentos iniciáticos, para um correto entendimento ou uma correta interpretação dos nomes dos Guias Espirituais de Umbanda Sagrada” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos

da Umbanda.6)

O sentido do nome adotado não é o de impressionar, mas justamente o contrário. No livro Fundamentos Doutrinários de Umbanda, Pai Rubens Saraceni nos instrui que o “verbo divino” é uma função e cada função é uma ação realizadora. E o meio que Deus usa

para realizar-Se como ação são os fatores divinos - as menores coisas ou partículas criadas, e elas são vivas.

Cada fator é uma ação realizadora em si mesma e faz o que o verbo que o identifica significa. Por exemplo: o verbo acelerar significa agilizar o movimento de algo, o fator acelerador é o meio usado por Deus para acelerar o movimento ou o deslocamento do que criou e deve evoluir. E o mesmo acontece com os demais verbos e seus fatores, como arrancar, trancar, cortar, girar, virar e outros. Muitos são os verbos e cada um tem um meio ou fator por intermédio do qual se realiza como ação.

Trancar significa prender e o fator trancador é o meio pelo qual ele se realiza como ação, por isso, todo exu cujo nome simbólico tem a palavra tranca, gera e irradia esse fator, trancando alguma coisa. E outros verbos e seus fatores pontificam outras linhas de trabalhos espirituais e mágicos de Umbanda, com seus nomes simbólicos. Os realizadores do verbo divino são

os Orixás, as divindades. Os Guias, em suas linhas de trabalhos

espirituais

e

mágicos,

são

os

manifestadores dos mistérios do Verbo Divino.

Seus nomes variam desde os nomes de tribos (guarani, tupi, tu-pinambá, etc.) até astros (Lua, estrela, Sol), fenômenos naturais (vento, raio, trovão), acidentes geográficos (cachoeira, lagos, praia, mar), minerais e rochas (cristal, pedra branca, pedra vermelha), plantas

(girassol, verbena) e outros.

Cada nome simboliza um campo de ação, está ligado a um Trono, é um Mistério em si mesmo e sustenta totalmente as hierarquias ligadas a ele. O fato de muitos espíritos usarem o mesmo nome simbólico ajuda, também, a anular as vaidades pessoais dos médiuns e impede o endeu-samento de determinado nome, tanto por parte dos usuários quanto do próprio médium.

Um Guia de Umbanda Sagrada, para ampliar a abrangência de suas ações religiosas e mágicas e auxiliar ainda mais aqueles que necessitam, precisa iniciar-se e consagrar-se em outros mistérios, além daqueles que já domina. Mas isso só ocorrerá se ele estiver dando o uso correto e caritativo ao mistério no qual se iniciou. Isso faz parte do seu processo evolutivo, pois a evolução é um princípio com o qual Deus dotou tudo o que criou, do universo aos espíritos, consciências em constante evolução. Cada nome iniciático tem correspondência com um dos princípios sagrados da Umbanda e vibra a partir de fundamento assentado no plano astral, onde todo Guia faz seu juramento consagratório.

Os pontos cantados

Sendo a dança e a música duas das linguagens do ser humano, podemos pensar nelas como maneiras de comunicação entre os membros de uma corrente

espiritual, encarnados e desencarnados, e também como manipulação de energias. A movimentação corporal e os diferentes ritmos musicais influenciam a energia e interferem nas frequências rítmicas e cardíacas de quem dança e toca e de quem mais estiver no ambiente.

Os sons em geral e a música, em particular, com sua ação energética vibratória, têm poder sobre o ambiente e no organismo das pessoas, podem ser usados como poder terapêutico na cura de doenças físicas e mentais. Mas

como todas as coisas têm sua polaridade, nem tudo é boa música com poder positivo. Devemos cuidar para que não haja infiltração de negativismos nos sons e nas músicas cantadas em nossos Templos de Umbanda.

Entendemos que a música, também nos Templos de Umbanda, se devidamente composta, tocada e cantada, com ritmo, afinação e harmonia, tem papel importante para o tratamento espiritual e até mesmo físico dos participantes de seus cultos. Os consulentes, atraídos e envolvidos pelos pontos cantados, desde o início dos trabalhos, já vão recebendo seus primeiros eflúvios curadores ou vão se predispondo a receber os tratamentos aplicados pelas entidades. Enquanto meditam e ouvem os pontos cantados, colocam-se em cena junto com as imagens transmitidas pelos cantos, que liberam energias e estimulam ressonâncias nos

seus aspectos emocionais, mentais e espirituais.

Os pontos cantados fornecem recursos para dar uma visão mais elevada aos ouvintes, pois a música é uma energia capaz de religar-nos e harmonizar-nos com as forças da vida, permitindo-nos alcançar estados de consciência mais sublimes e encontrarmos a direção correta. Ela é capaz de equilibrar nossas energias, de manter e renovar nossa vida. Esses pontos são uma das maiores forças mágicas da Umbanda e devem ser cantados e tocados sem exageros, com harmonia, afinação, melodia e ritmo, pois liberam os arquétipos existentes nas imagens cantadas, para que eles se manifestem em nossas vidas.

O equilíbrio e o bom andamento dos trabalhos dependem dessa harmonia dos sons. Os pontos cantados, juntamente com o toque dos atabaques, são fatores muito importantes para o bom andamento de uma gira e devem ser muito bem fundamentados, esclarecidos e entendidos por todos. Na Umbanda, os pontos compõem a linha melódica, o itinerário musical e vibratório do trabalho desenvolvido. Todo ponto cantado é uma decodificação de mantras, uma prece, uma reza, para evocar e invocar os protetores que dão assistência aos trabalhos espirituais. É uma representação cantada da força do Orixá, da força do Guia e da força do trabalho. Com o ponto cantado é possível manter a irradiação e sustentar a vibração positiva do trabalho.

A letra, a música, o tom, o ritmo correto do ponto cantado e tocado, a afinação e a harmonia constituem a Magia do Verbo na Umbanda e imprimem matizes aos rituais, unindo os participantes, sintonizando-os com os Guias de luz e com os aspectos sagrados do ritual, criando maior sentimento de disciplina, organização, solidariedade e colaboração.

Vibrados de coração, os pontos cantados atuam diretamente nos chacras superiores e no chacra cardíaco, intermediário entre os chacras inferiores e superiores, ativando-os e sintonizando-os com a espiritualidade superior.

Cantar para os Orixás e Guias é chamar suas forças para junto de nós, renovando nossas energias. Bater palmas ritmadas nos trabalhos, além de manifestar nossa alegria, faz circular e renovar a energia por nosso corpo e campo energético.

O trabalho musical dos Ogãs, além de demolir barreiras entre os vários estados e camadas da consciência, é uma chave para a ligação com o plano astral e as divindades, com a chamada de forças e liberação das energias do mundo espiritual no mundo material, para descarrego, quebra de demandas, renovação e recarga de energias, sustentação dos trabalhos, demolição de barreiras individualistas e isolacionistas e também colabora para a integração de

cada um ao templo e de todos entre si.

Rezas e orações

Rezar é dirigir-se aos seres superiores, para clamar ajuda e misericórdia, para aliviar as dores e os sofrimentos na matéria ou no espírito. É uma forma de clamor ao Pai Celeste ou às suas divindades, para que nos ofereçam amparo e consolo nas horas de dificuldade. As preces não devem ser feitas apenas em momentos de sofrimento ou para solicitar ajuda na realização de desejos materiais. Elas devem ser feitas sempre, mesmo quando tudo corre bem e a vida está em ordem.

Orar é uma das maneiras de se fazer a conexão com o plano divino; é uma ponte com a espiritualidade superior, pois se a oração é efetuada com fé, com o coração sublimado e feliz, faz vibrar positivamente nossos chacras, permitindo a troca de energias positivas com o cosmo, com maior facilidade. A oração abre nossa comunicação com o plano superior, faz vibrar nosso coração e nossa mente, em uma frequência positiva, ajuda a descarregar energias negativas e nos une às esferas de luz, independentemente de se pedir algo em troca. O ideal é mesmo que nada se peça, e sim que haja a conexão com os seres celestiais e com os planos de luz.

A própria vibração que se estabelece nessa conexão vai permitindo a limpeza do campo áurico daquele que vibra amor e fé em seu coração, retirando energias

negativas e até mesmo seres que ficam perturbando seu equilíbrio. Orar, com o coração limpo e conectado ao plano divino, é manter uma ponte entre o ser que ora e os seres de luz que enviarão suas energias, em uma alta frequência positiva.

Essa é uma das maneiras de se fazer a cura do espírito, com a limpeza dos campos vibratórios. É por isso que muitas orações são repetidas várias vezes, pois funcionam como mantras, que sacodem, com suas vibrações, os campos ao redor do ser, limpando-os. A vibração das rezas, entoadas individualmente ou em grupo, são verdadeiras cargas energéticas positivas que atuam nos campos áuricos das pessoas, limpando-os e energizando-os. A emissão contínua e constante forma um grande fluxo positivado que, além de limpar as pessoas, limpa também os ambientes.

Essa corrente contínua já era conhecida por povos antigos que sabiam exatamente o que faziam quando entoavam suas orações. No mundo de hoje, poucos sabem o significado e o poder das orações e das rezas e como funcionam, mas, mesmo desconhecendo o fenômeno, ele ocorre e traz o retorno esperado, quando é feito com verdade, amor e fé inquebrantável.

Rezar não é pedir; é movimentar energias positivas, é ligar-se com o plano divino e realizar a cura do espírito, através da grande limpeza promovida pelas vibrações em frequências superiores. É deslocar seres, criaturas e outros negativismos atuantes nas vidas dos

indivíduos que rezam.

Estar ajoelhado e de cabeça baixa, além de ser uma atitude de respeito e

humildade, para louvar o Criador e suas divindades, facilita o trabalho de limpeza espiritual, pela proximidade com o elemento terra, onde os negativismos são descarregados. O chão serve de ponto de descarga para esses negativismos puxados pela terra. Rezar é, portanto, muito mais que pedir; é um tratamento que se pode proporcionar ao espírito e ao corpo, pois, se beneficia o plano etérico, com certeza o benefício se estenderá ao corpo material. As orações e rezas

ajudam bastante o trabalho dos Guias Espirituais.

Orar é dirigir-se ao plano divino, por meio de uma prece espontânea ou lida. Rezar é entoar as preces, com ritmo e melodia, contínuos e constantes, durante determinado período de tempo, para fazer as vibrações necessárias ao plano espiritual, para o deslocamento e retirada dos negativismos impregnados nos seres e nos ambientes.

A oração traz alívio ao coração e esperança ao ser que ora. A reza limpa os campos vibrados, com sua emissão. Ambas podem se associar, pois é possível fazer rezas com diferentes orações. Basta ter sensibilidade e escolher orações que facilitem a criação de um ritmo e melodia propícios.

Mestre Pena Branca²

Os sons emitidos pelas entidades

As entidades em geral e os Pretos-Velhos e os Caboclos, em especial, utilizam-se dos sons para precipitarem impulsos nos corpos astrais dos médiuns, para liberá-los de agregações negativas, como larvas astrais, miasmas, cracas e outras, direcionando-os corretamente nos trabalhos.

Na natureza existem os “tatwas”, que são os sons básicos, os mantras básicos naturais, como o som do marulho do mar, das águas das cachoeiras, das matas e dos ventos. Cada entidade, quando incorporada, emite sons - mantras -, específicos de sua Linha de Trabalho ou de Ação, para ajustar as condições de acordo com o trabalho que irá realizar, a fim de facilitar a incorporação e liberar bloqueios energéticos dos médiuns e dos consulentes. Para isso, utilizam-se de

assobios, brados, sons guturais graves, estalar dos dedos, palmas, etc., que não são os brados e sons que os Caboclos davam nas matas ou os Pretos-Velhos emitiam nas senzalas.

Também o estalar de dedos e as palmas são instrumentos sonoros utilizados pelas entidades para facilitar as incorporações. Os terminais nervosos das extremidades do nosso corpo, como os das mãos e os dos pés, têm pontos de comunicação com nossos chacras principais. O polegar se comunica com o chakra esplênico, o indicador com o chakra cardíaco, o

anular com o chakra básico, o dedo médio com o chakra coronário, o mínimo com o chakra laríngeo. A região quase central da mão se comunica com o chakra solar, e a região próxima do monte de Vénus, com o chakra frontal.

Quando as entidades estalam os dedos sobre o monte de Vénus ativam diversas funções, dentre elas, as faculdades que propiciam a magia e a mecânica de ordem astral, o equilíbrio rotatório e a frequência do corpo astral, a descarga de energias deletérias e determinadas condições psíquicas particulares.

Quando elas batem palmas, batem o polo da mão direita (+) ao encontro do polo da mão esquerda (-), produzindo faíscas fluídicas nesse contato. E “as palmas, se cadenciadas e ritmadas, criam um amplo campo sonoro cujas vibrações agudas alcançam o centro de percepção localizado no mental dos médiuns. Com isso, predispõem-nos a vibrarem ordenadamente, facilitando o trabalho de reajustamento de seus padrões magnéticos” (Rubens Saraceni - O Código de Umbanda). Além disso, por meio dos trejeitos e linguajares dos arquétipos, os Guias falam de maneira simples e tocam profundamente a sensibilidade dos frequentadores.

A linguagem transmental

Existe uma contenda na Linguística, entre a corrente que afirma pensarmos em um idioma determinado e

outra que pontifica a linguagem transmental, ou seja, um código linguístico puramente cerebral que estaria por trás de todas as línguas. Quando falamos, em qualquer que seja a língua, estamos também emitindo ondas cerebrais contendo o código da língua transmental. É por meio dessa linguagem mental que recebemos intuições de nossos amados Orixás e dos Guias Espirituais.

O mental de um Guia incorporado é muito mais poderoso que o do médium, sobrepondo-se a ele. Aos poucos, a entidade espiritual vai expandindo o mental do médium e passando seu código magnético, diretamente de

magnetismo para magnetismo, como de uma fita para outra. Dessa maneira, consegue se expressar para os consulentes.

Além disso, quando estamos incorporados com um Guia Espiritual, acontece uma transmissão especial, que não se explica com palavras. É uma transmissão de coração para coração. Assim, um Guia Espiritual ensina também e, especialmente, para seu médium.

A CHAVE ESCRITA

O ponto riscado

Quanto ao aspecto escrito, nós o encontramos nos pontos riscados, traçados pelos Guias Espirituais em seus espaços mágicos, com a inscrição de símbolos e signos. Ao riscar um ponto cabalístico, o Guia está estabelecendo um ponto de força eletromagnético, que tanto pode girar para a direita como para a esquerda, pode direcionar as irradiações ou algum tipo de energia para um dos pontos cardeais ou colaterais.

Esses pontos demonstram as forças e campos de trabalho das entidades, mas são, principalmente, espaços mágicos que beneficiam os atendidos; são vórtices de energia e campos de vibração que podem descarregar, limpar, quebrar demandas, recolher seres e criaturas, potencializar, irradiar, imantar; enfim, curar. Os pontos riscados ou espaços mágicos são verdadeiros portais, passagens de mão dupla, de evocação e recebimento de forças, poderes e mistérios existentes na dimensão das divindades e de recolhimento de espíritos e energias negativos que nos incomodam. Esses portais são delimitados, geralmente são espaços mágicos fechados em círculos, para não interferir nas demais atividades do Templo. Assim, as irradiações ficam contidas no círculo sem interferir nos pontos riscados dos demais Guias. Na maioria dos casos, quando é riscado um ponto, a entidade põe a pessoa que está sendo atendida dentro e, se for um con-sulente com boa sensibilidade, poderá sentir as vibrações emitidas.

Os Guias Espirituais riscam seus pontos nos terreiros, com pembas, abrindo um espaço mágico, por meio da magia dos símbolos sagrados, para direcionar algum tipo de energia ou estabelecer um ponto de força eletromagnético. Os sinais riscados por eles, ou pontos riscados, são uma das mais profundas representações mágicas que ocorrem na Umbanda, e cada um desses signos ou riscos mágicos é originário das irradiações mentais dos sagrados Orixás. Esses pontos riscados criam uma espécie de campo energético movimentador de energias, com uma grande variedade de funções, que vão do descarrego à limpeza, firmeza, energização e outras.

No Divino Criador Olorum só existe uma única energia, mas esta assume diferentes funções, conforme os comprimentos de ondas irradiados pelos Orixás

e elementarizadas nos signos e símbolos riscados pelos Guias em benefício dos atendidos. Um ser espiritual desenvolve um magnetismo individualmente, dentro do seu mental, como o magnetismo do seu regente Orixá Ancestral. Assim, fica ligado mentalmente a esse polo magnético irradiador da energia que o alimenta. Os espaços mágicos, ligados aos Tronos Sagrados, interligam-se ao ponto de força do Orixá na Natureza, trazendo o poder do Orixá para dentro do Templo, desencadeando um processo de benefício a encarnados e desencarnados, vibrando concomitantemente com

Olorum.

“... mesmo que um médium não saiba nada sobre a

‘Escrita Sagrada Simbólica, se o seu Guia espiritual estiver incorporado nele, tudo o que o Guia riscar com a pomba funcionará porque ele, sim, ou é iniciado ou pode riscar símbolos e signos pois eles se ativarão automaticamente já que, ao se consagrar ‘Guia Espiritual de Umbanda Sagrada, ele recebe licença para recorrer a qual fundamento religioso ou mágico quiser para realizar seus trabalhos em benefício dos consulentes. Por isso, usam o nome simbólico da Escrita Sagrada como identificador” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda).

Na raiz de todo traço riscado estão as bases magnéticas, energéticas, eletromagnéticas e energo-magnéticas. Os sete elementos (cristal, mineral, vegetal, ígneo, eólico, telúrico e aquático) engendram sete magnetismos básicos que originam os sete símbolos sagrados, que são sete tipos de captação de essências e irradiações de energias elementais. A simbologia mágica de uso dos Guias Espirituais é ampla, riquíssima e transcende nossa limitada capacidade intelectual.

O ponto riscado é a identidade do Guia, e é por meio dele que o Guia será identificado e confirmado. Cada risco, cada signo e cada símbolo têm o seu porquê e informam, dentre outras coisas, qual é a entidade, na força de quem ela atua e que trabalhos está realizando,

desde que saibamos interpretá-los.

Pombagira

Cigana do Oriente

Exu

Sete Chaves

Preto-Velho

Pai Tiago do Congo

Caboclo Ubirajara

Cada entidade tem seu próprio magnetismo e seu ponto riscado específico, e

essa chave não é liberada em sua totalidade. O Guia risca somente uma parte de seu ponto cabalístico e nunca revela nada sobre ele, recorrendo apenas a alguns poucos símbolos e signos. Porém, estes são suficientes para sustentar os trabalhos em um Templo, ajudando a segurar a porteira, protegendo o terreiro, quebrando demandas ou sustentando o atendimento de

pessoas com problemas espirituais.

O ponto, quando riscado, cria um elo com o plano espiritual que emana energias, fluidos e vibrações diretamente nele, e, mesmo sendo duas entidades com nomes iguais, dificilmente o ponto riscado será idêntico, uma vez que, por mais que sejam espíritos ligados à mesma falange, possuem ainda certa individualidade, certas características próprias. Todavia, alguma semelhança sempre haverá.

Esses símbolos são trazidos pela própria entidade e jamais o médium deverá criar tais pontos ou copiar dos livros que existem por aí. Se o médium está realmente incorporado, a entidade irá riscar seu ponto, com muita segurança, pertencente a uma determinada onda vibratória e o ativará imediatamente, direcionando as ações. É possível também a um médium vidente ver o ponto riscado pelo Guia brilhar e emanar luzes diversas.

Os pontos riscados com pemba podem ser potencializados com o uso de elementos, como velas, ervas, pedras, marafo.

Para maiores esclarecimentos e estudos específicos, indicamos as obras de Rubens Saraceni, O Código de Umbanda, Tratado Geral de Umbanda,

Fundamentos Doutrinários de Umbanda e outras,

publicadas pela Madras Editora.

2

N.E.: Trecho do livro Sermões de um Mestre Pena Branca: aos Filhos da Terra, de Lurdes de C. Vieira, Madras Editora.

V - OS PONTOS DE FORÇA DA NATUREZA E

AS DIMENSÕES ELEMENTAIS

Tudo se inicia em Deus, nosso Criador Olorum, princípio de tudo, que está em tudo o que criou e gerou de Si. Tudo está fundamentado e conectado a Ele, cujo mistério criador é inesgotável. A energia divina viva e realizadora dá origem aos fatores, verdadeiros códigos genéticos divinos, as menores partículas existentes, que se multiplicam o tempo todo e são transportadas por ondas vibratórias. Cada fator é um mistério em si e traz a capacidade de realizar uma função específica, com dois padrões definidos e diferenciados: a energia cósmica - ativa, negativa - e a energia universal - passiva, positiva.

As divindades Orixás ou Tronos de Deus absorvem do mistério “fatores” grande quantidade de fatores divinos e os irradiam já adaptados aos seus padrões magnéticos, energéticos e vibratórios. Essas irradiações divinas atuam sobre nós o tempo todo e cada coisa existente deve sua formação às sete estruturas de crescimento e formação das espécies (o

setenário criacionista de Olorum), sejam elas minerais, vegetais ou animais.

Os sete elementos formadores da natureza terrestre (ar, água, fogo, terra, mineral, vegetal e cristal) são sustentados pelas sete vibrações divinas, cujas bases estão em Deus. Cada Divindade é um poder realizador de Deus, em seu gigantesco universo divino, que abarca toda a criação e sustenta com seus recursos os meios de vida, os seres, criaturas e espécies que vivem e evoluem em sua faixa vibracional. Os Pontos de Força da Natureza, por outorga do próprio Criador, pertencem aos Orixás, seus Guardiões. Os poderes de cada Divindade Orixá são aplicados por seres divinos de sua hierarquia, que manifestam seu mistério pelas ondas mentais e que atuam por irradiações energéticas e fluem por meio dos elementos naturais.

O Universo Divino, com suas divindades e seres divinos que as manifestam, é gigantesco. Os sete pares de Sagrados Orixás menores elementares são os senhores regentes das forças da natureza. São puros, estão à nossa disposição assentados nos vórtices energéticos ou pontos de força, de onde dão a sustentação necessária aos seres que vivem sob sua regência divina. Cada Orixá elementar atua no sentido associado a ele: dos cristais, no sentido da fé; dos minerais, no sentido do amor; dos vegetais, no sentido do conhecimento; do fogo, no sentido da justiça; do ar, no sentido da lei; da terra, no sentido da evolução;

e da água, no sentido da criatividade.

O único Templo construído por Deus é a Natureza, que tem poderes divinos e forças naturais, e possui muitos mistérios. Seus Pontos de Força são vórtices eletromagnéticos, chakras, locais de características especiais, onde as energias e os magnetismos são mais puros e facilitam o contato com o outro lado da vida; são lugares magníficos para oferendarmos e evocarmos os Orixás e os Guias que nos dão sustentação nos trabalhos espirituais. São santuários saturados com energias e magnetismos das divindades e, sempre que possível, devemos visitá-los e, neles, realizar o culto aos Orixás, pois nos beneficiaremos ao absorver suas energias. Nesses locais, os magnetismos diluem possíveis condensações energéticas em nosso campo vibratório.

Na Umbanda, cultuamos Olorum, nosso Divino Criador Todo-Po-deroso e suas divindades Sagradas, os Orixás, mistérios da Natureza e senhores regentes da criação. Nossos rituais são realizados nos Templos Sagrados e na Natureza, que também deve ser respeitada, amada e preservada por todos nós, como santuário sagrado, pois ela expressa as forças puras, que são as manifestações dos mistérios de nosso Divino Criador.

Os magnetismos dos Guias Espirituais são afins com os magnetismos desses Pontos de Força, pois são ligados às divindades das quais manifestam os

mistérios, e eles tanto atuam nos Templos de Umbanda, incorporados nos médiuns, quanto nos pontos de força da natureza. Essa ligação com os mistérios que os sustentam os faz vibrar com intensidade, pois esses seres, que um dia já viveram na carne, são altamente brilhantes, luminosos e magneticamente irradiantes, graças ao seu contato e ligação com os pontos de força onde os Tronos Divinos estão assentados, e sobrecarregam-se energética e magneticamente com continuidade.

Pai Rubens Saraceni afirmava que ‘é preciso que os umbandistas conheçam muito bem os ‘mecanismos’

divinos existentes ‘por trás’ de cada elemento mágico usado em seus cultos e trabalhos espirituais, assim como devem conhecer os poderes existentes em cada um dos pontos de força religiosas- mágicas localizados na natureza e que formam os santuários naturais”

(Tratado Geral de Umbanda - Madras Editora).1

Nós, espíritos encarnados, temos limitações que não nos permitem entender toda a magnitude do universo

magístico utilizado pelos Guias Espirituais, mas, com certeza, podemos olhar o mundo à nossa volta e contemplar as belezas naturais do nosso planeta Terra, os campos vibratórios, reinos naturais dos Orixás, formas de manifestações divinas, onde encontramos materializadas as sete essências e elementos: cristal, mineral, vegetal, fogo, ar, terra e água.

Em sua criação, Olorum, nosso Divino Criador, criou infinitos planos, com incontáveis realidades, para abrigar todas as suas criações. De seus pontos de força onde estão assentadas na Natureza, as divindades fluem suas emanações divinas e dão a sustentação energética necessária aos seres que vivem sob sua regência, alimentando as muitas dimensões da vida no todo planetário. Esses reinos naturais são Santuários com características energéticas especiais, são pontos de força celestiais, cha-cras ou vórtices eletromagnéticos do planeta, geradores, irradiadores e captadores de energias oriundas de outras dimensões, com as quais interagem. O princípio é Olorum e seus agentes executores das leis são os Orixás, regentes da Vida e das forças regentes da Natureza, à nossa disposição nesses Pontos de Força Naturais, ao redor dos quais vivem milhões de seres puros e nobres.

Esses pontos de força, montanhas, matas, rios, cachoeiras, mar, pedreiras e outros, ficam saturados com as energias e magnetismos das divindades e, ao absorvê-las, nos beneficiamos. Eles podem fazer muito por nós, se soubermos interagir com suas forças espirituais e como nos servir de seus poderes.

As religiões materialistas têm afastado cada vez mais o ser humano da Natureza e de sua capacidade de interligar-se com suas forças e vibrações, mas nós, umbandistas, devemos nos aproximar dela cada vez mais. No exercício de sua mediunidade, um médium

entra em contato com energias de outros reinos e naturezas, participando de tudo o que os Guias fazem. Quando um médium vai à natureza e se coloca em sintonia vibratória com essas energias elementais, seu corpo energético espiritual as absorve em grande quantidade e ele logo se reenergiza por completo.

Os pontos de força são ligados vibratoriamente às dimensões básicas elementais puras e irradiam essas energias o tempo todo. Os Tronos relacionados a esses vórtices dão sustentação magnética, energética e vibratória aos trabalhos dos Guias Espirituais, feitos nos Templos cujos assentamentos dos Orixás Regentes foram realizados corretamente nos Pontos de Força da Natureza. É por meio dos elementos formadores desses reinos que precisamos compreender como eles atuam em nossas vidas. O

trânsito entre reinos, natureza e diferentes realidades ocorre com o Guia Espiritual incorporado no médium em transe que, quando maduro, perceberá a atuação desses elementais e sua importância.

AS DIMENSÕES BÁSICAS ELEMENTAIS

Na Criação, existem hierarquias formadas por seres divinos potencializadores de forças, leis e processos naturais. São os Orixás elementais, do fogo, do ar, da

água e outros; eles não interferem diretamente em nossas vidas, pois não estamos mais no plano elemental de evolução e eles são seres além do plano físico, atuantes nas dimensões unielementais ou puras.

Nas grandes culturas orientais e ocidentais era significativo o estudo das forças naturais, presentes e ocultas nos elementos e seus elementais. Nós, humanos, necessitamos de todos eles para nossa sobrevivência, ou seja, dos quatro elementos básicos -

ar, terra, fogo e água - e dos derivados - cristais, minerais e vegetais.

A Natureza, em seu lado etéreo, é povoada por seres naturais, os elementais, de evolução diferente da nossa, que é a espiritual, ainda que sejam paralelas e que se influenciem ora sutilmente, ora intensamente.

Os chamados elementais, ou espíritos da natureza indissociados dela, são seres puros, responsáveis pela manipulação etérea da matéria existente nos campos vibracionais naturais e essenciais à totalidade da vida no mundo. Esses seres elementais são nossos irmãos na criação divina, que se agrupam em famílias, têm uma espécie de consciência instintiva e são seres espirituais relacionados com os elementos da Natureza, em cujo meio desempenham tarefas muito importantes, como as de manipular, cuidar e direcionar as energias elementares. Os seres aquáticos vivem nos rios, lagos, cachoeiras e mar; os seres vegetais vivem nos jardins, bosques e florestas; os

minerais ígneos vivem nas pedreiras, serras e montanhas; os minerais cristalinos nos aglomerados de quartzo; os ígneos no magma; os eólicos no ar e nos gases; e os telúricos vivem na terra.

Os seres elementais são dotados de razão e de uma inteligência “espiritual”, vivem em uma dimensão inacessível visualmente aos não clarividentes, são multiformes, singulares, misteriosos e instintivos.

Existem em todas as atividades da Natureza em outras dimensões do plano físico e são qualificados em uma das sete qualidades essenciais do Divino Criador. Os xamãs e pajés de várias regiões da Terra mantêm relações estreitas com eles, respeitando-os e preservando a natureza.

Ligados aos elementos da natureza (fogo, terra, ar, água, minerais, cristais e vegetais), esses seres elementais se agrupam em famílias, onde desempenham tarefas importantes essenciais à totalidade da vida; seus tipos e funções específicas variam de acordo com o elemento a que pertencem e condensam partículas energéticas que muitas vezes são utilizadas pelos Guias Espirituais, tornando-os preciosos coadjuvantes, auxiliando-os nos trabalhos mediúnicos junto aos encarnados, onde são observados e constatados por médiuns com vidências excelentes.

As irradiações energéticas dos Guias Espirituais são sustentadas pelas bases ou dimensões elementais, que

são as fontes energéticas puras supridoras das Linhas de Trabalho e Ação. Um Caboclo Folhas ou das Matas é irradiador de energias vegetais, cuja fonte supridora está na dimensão elemental pura vegetal; um Caboclo do Fogo irradia energias ígneas da dimensão elemental do fogo, e assim por diante.

Os Guias Espirituais em seus atendimentos sutilmente convocam os elementais para realizarem, com seus respectivos elementos, a profilaxia necessária aos acúmulos de larvas astrais, miasmas, crostas e outros negativismos que se apresentam nos centros de força dos consulentes. Para energizar o espírito de um consulente, uma entidade tanto pode irradiá-lo diretamente com as energias elementais, como pode recomendar determinados banhos de ervas, de mar, de cachoeira e outros que fazem cessar sua fraqueza energética.

Os seres elementais são espíritos em evolução, regidos pelos Orixás divindades Elementais Puras e por seres de natureza divina de suas hierarquias, Todo reino natural tem uma Divindade sustentadora de tudo e de todos que ali evoluem, e nos diferentes reinos há muitas “raças” ou espécies de seres elementais surpreendentes. “A divisão clássica dos seres elementais (silfos para o ar, salamandras para o fogo, gnomos para a terra e ondinas para as águas) não é completa e não abrange tudo o que existe nos reinos elementais vistos a partir de suas realidades ou

subplanos da vida.

Entendemos que essa subdivisão dos quatro elementos dos tipos de seres... visava ocultar o magnífico celeiro da vida’ que são os reinos elementais da natureza”

(Rubens Saraceni - Magia Divina das Sete Ervas Sagradas.2)

Junto às forças criadoras do ar ocorre a atuação dos elementais do ar, como os silfos ou sílfides, seres pequeninos que governam os ventos e modelam as nuvens. Os silfos são os que mais se aproximam da concepção que fazemos de

anjos e fadas, com os quais frequentemente trabalham lado a lado. A mais suave das brisas, as correntes atmosféricas, a purificação do ar, assim como o mais violento dos furacões resultam de seus trabalhos.

Os elementais do ar são espertos, muito inteligentes e, nas tarefas mediúnicas práticas, auxiliam na criação e na manutenção de formas- pensamento, na estruturação de imagens mentais e na reeducação de espíritos endurecidos. Podem ser vistos por videntes, por exemplo, nos trabalhos de Caboclos e Caboclas Ventania e do Exu dos Ventos, quando centenas de silfos giram ao seu redor, em uma espécie de redemoinho. Em um passe, por comandos mentais da entidade incorporada, os silfos voam ao redor do consulente, atuam em seu corpo energético e até saem, indo para o plano elemental, de onde trazem alguma energia especial necessária para aquela consulta e que

a entidade manipulará.

As irradiações energéticas dos Guias Espirituais são sustentadas pelas bases ou dimensões elementais, que são as fontes energéticas puras supridoras das Linhas de Trabalho e Ação. Quando alguém precisa muito reaprender a viver, a respirar, conscientizar-se de sua encarnação, do inspirar e ganhar vida, da transmutação, expirar e doar vida, o ar auxilia o curador.

A água é o elemento que rege nossas emoções, as paixões, a fluidez da vida, os sentimentos, as mudanças e o movimento. Esse elemento tem grande influência sobre nós, já que a maior parte do nosso corpo, em especial o sangue, a linfa, a saliva e o sistema emocional, é composta por água, assim como também o é a maior parte do planeta Terra.

Como o elemento água sempre foi identificado como símbolo feminino, é muito comum os elementais aquáticos serem simbolizados nas formas femininas.

Relacionadas ao elemento água, temos as Ondi-nas e Nereidas, as Sereias e as Ninfas, com imenso sentimento de amor e grande beleza, graça e simetria.

Embora a maior parte das representações seja feminina, formas masculinas como os Tritões também estão presentes entre os espíritos mais evoluídos desse elemento.

As Ondinas e Nereidas, presentes onde houver uma fonte natural de água, estão subdivididas em vários

grupos; algumas habitam as Cataratas e Mares, onde podem ser vistas entre os vapores, outras habitam os Pântanos, Brejos e Charcos, outras ainda

habitam em Lagos de Montanhas. Vivem no mar, nas cachoeiras, lagos, lagoas, rios, riachos, fontes, nascentes, orvalhos e musgos; relacionam-se também com as chuvas. São essenciais para nos ajudar na manutenção de nossos corpos astrais e a encontrar nossa nascente interior, despertando e estimulando a natureza emotiva, realçando nossas intuições e os dons da purificação, cura e empatia.

As Ninfas são elementais de água doce, semelhantes às Ondinas, um pouco menores. Irradiam intensa luminosidade e têm a forma espiritual envolvida em uma aura azul. A diferença entre elas é a maior doçura e suavidade das Ninfas, que deslizam harmoniosamente, voando sobre as águas, e emitem suas vibrações por meio de sua luminosidade. Ligados às águas profundas do mar, as Sereias e os Tritões são ótimos para limpezas de ambientes, de auras das pessoas e de regiões astrais poluídas por espíritos do mal.

Caboclos, Caboclas, Exus e Pombagiras das Cachoeiras e dos Rios podem levantar no terreiro as Iaras. Os Marinheiros vêm com as Sereias, Tritões e Ondinas e quando jogam águas do mar, chuva, cachoeira ou lago na cabeça e mãos das pessoas atendidas, estão chamando a atuação de seres na

vibração de lemenjá, lansã, Oxum e Nanã.

O elemento fogo intensifica a espiritualidade, promove a destruição do que é velho e a edificação do que é novo. Trata-se de um elemento purificador; é a chama que faz brilhar nossos olhos e nossa aura, quando está acesa dentro de nós, iluminando nosso espírito e conduzindo cada um à sabedoria interior.

Os seres elementais associados ao fogo, as Salamandras, por exemplo, têm o poder de absorver, inspirar, desencadear ou transformar emoções. Sem elas, o fogo material não existiria. Segundo clarividentes, elas se assemelham a bolas de fogo, cujas emanções podem atingir até seis metros de altura. Nos trabalhos mediúnicos, são potentes transmutadores e condensadores de energias, queimam objetos e criações mentais associados à magia negra, são capazes de destruir locais e equipamentos das trevas. Elas bloqueiam vibrações negativas e propiciam clima psíquico mais tranquilo às pessoas, auxiliando nos processos de limpeza e trabalhando as mudanças.

Nos trabalhos espirituais de Umbanda, esses seres são vistos por médiuns videntes, auxiliando, dentre outros, os Caboclos e Caboclas do Fogo e os Caboclos e Caboclas Chama Dourada, queimando cascões energéticos, devorando energias negativas e consumindo estruturas mais densas e nocivas que possam ter resistido aos gnomos e à defumação.

Agrupados em numerosas classes, temos os elementais da terra: os das florestas, dos desertos, dos areais, das planícies, das regiões geladas e outras.

Geralmente associados às rochas e às cavernas subterrâneas existem os chamados Avissais, capazes de transformar elementos materiais em energia. São excelentes para ajudar as entidades na reconstituição da aparência perispiritual dos espíritos que se sentem com membros e órgãos dilacerados. Quando um caboclo utiliza uma pedra consagrada em seu ponto riscado, abre um portal para uma realidade ou reino específico, mineral ou cristalino.

Na transição entre a terra e o ar, estão os seres de extrema delicadeza, chamados Fadas, cujas funções são as de cuidar dos frutos e das flores e realizar tarefas minuciosas junto à natureza. Sua tarefa espiritual, graças à capacidade em emitir determinada substância que mantém por tempo indeterminado as formas mentais de ordem superior, é a de limpeza de ambientes religiosos, templos e casas espíritas. São capazes de transmutar a matéria astral impregnada de fluidos daninhos e tóxicos em locais de esplendor e luz.

As plantas possuem ligação com todos os elementais, mas normalmente são consagradas ao elemento terra.

Ligados energeticamente à terra estão os Gnomos e os Duendes, conectados às florestas e alguns até a lugares desertos. Os Gnomos ajudam no crescimento

das plantas e são considerados Guardiões dos minerais e dos cristais; os Duendes e Dríades atuam no reino vegetal, nas matas fechadas e nas matas ciliares que margeiam rios e lagos. As Dríades das florestas cuidam cada qual da sua árvore com imenso carinho.

As Hamadriádes, também chamadas espíritos das árvores, vivem e morrem na sua planta, seja uma flor ou uma árvore. Andam pelos troncos e movem-se no ar como se estivessem caminhando em um terreno plano.

São os Gnomos e Duendes que recepcionam as pessoas no terreiro, recolhendo cascos energéticos e sanguessugas, larvas que arrancam e colocam em uma espécie de balde. Eles trazem o bioplasma (elementos extraídos das plantas) para os trabalhos espirituais, auxiliando os espíritos superiores com esses elementos curativos. São capazes de retirar vermes grudados no corpo dos consulentes, mastigá-los e regurgitá-los como massas luminosas, com as quais tampam as feridas abertas pelos vermes astrais.

A vida em uma floresta, rio, cachoeira ou pedreira não segue o padrão humano, pois os espíritos das plantas e dos outros elementos são coletivos, sempre ligados aos responsáveis pelas espécies. Os seres elementais atuam em nosso benefício, conforme seu senso de certo e errado, se virem que somos merecedores. As energias emanadas por eles ou trazidas diretamente de seus reinos têm em suas composições muitos

princípios ativos mágicos e terapêuticos, capazes de nos regenerar e de curar nossas doenças, a partir do nosso corpo elemental básico.

Os seres elementais são dotados de corpos energéticos individualizados, têm noção da existência de um Deus Criador e das divindades, respeitam os seres de natureza divina, superiores que os guiam em suas evoluções. Os elementais não devem ser confundidos com os elementares, que são formas de vida básicas, puramente instintivas, sustentadas por plasmas vivos e não dotados de corpo energético estável. Sua reprodução aproxima-se à das células e de alguns microrganismos, são sempre iguais e não variam na aparência.

André Luiz, no livro Missionários da Luz, relata que observando trabalhos espirituais reparou, surpreso, que várias entidades chegavam do exterior, trazendo extenso material luminoso, recursos da natureza, elementos das plantas e das águas, recolhidos para o trabalho de socorro.

OS CAMPOS VIBRATÓRIOS NA NATUREZA

Os Orixás são Mistérios Divinos que abrigam muitas formas de vida em seus campos vibratórios na natureza, que atuam em todos os pontos da Terra, pois o movimento das linhas de força envolve todo o planeta. Eles atuam em nosso espírito, em nosso organismo e até em nossa religiosidade, e nos mantêm

em sintonia direta com o Divino Criador.

QUADRO COMPARATIVO DOS ORIXÁS

- PONTOS DE FORÇA

SENTIDO

ORIXÁ

PONTO DE FORÇA

ELEMENTO

ATUAÇÃO/FUNÇÃO

Da fé

Oxalá

Campo aberto

Cristal

Congregar, estruturar e sustentar o magnetismo mental dos seres e direcioná-los para Deus, pela fé.

Logunan

Campo aberto

Cristal

Conduzir os seres a Deus, estabelecendo os ciclos de cada um.

Do amor

Oxum

Cachoeira e rio com corredeira

Mineral

Agregar, conceber novos sentimentos, energizar as faculdades conceptivas dos seres.

Oxumarê

Campo aberto e cachoeira

Cristal/ Mineral

Diluir o que perdeu função e renovar sentimentos e expectativas.

Do conhe- cimento

Oxóssi

Mata

Vegetal

Estimular o aprendizado e expandir o raciocínio e as faculdades mentais.

Obá

Mata ciliar

Terra

vegetal

Concentrar o ser em um

objetivo, fixando-o em

uma linha de evolução.

Da justiça

Xangô

Montanha

Fogo

Equilibrar as faculdades e graduar o magnetismo mental de um ser.

Oroiná

Pedreira

Fogo

Reequilibrar e energizar as faculdades de um ser em desequilíbrio.

Da lei

Ogum

Caminhos

Ar

Ordenar e potencializar os procedimentos corretos dos seres e estimular sua mobilidade.

lansã

Pedreira

Ar

Dar movimento e direcionar os seres em suas evoluções.

Da evolução

Obaluaê

Campo- santo

Terra-água

Transmutar os sentimentos paralisantes e dar amparo à

evolução do ser.

Nanã

Lagos

Água-terra

Decantar a emotividade e desenvolver a razão dos seres.

Da

lemanjá

À beira- mar

Água

Gerar sentimentos positivos nos seres, estimular a geração de vidas e dar

geração

mobilidade.

Atuar na criatividade.

Omolu

Campo- santo

Terra seca

Estabilizar o ser em um ponto em que retome sua evolução e paralisá-lo,

se estiver regredindo consciencialmente.

Os pontos de força da natureza, como as cachoeiras, o mar, as matas e as pedreiras, são altamente magnéticos e irradiadores de energias e de princípios mágicos ativos, que tornam esses pontos agradáveis e capazes de regenerar nossas energias. Nesses locais, os Orixás que os egem recebem as oferendas elementares e respondem segundo nosso merecimento.

O mar gera e irradia energias aquático-cristalinas; as ondas descarregam as energias geradas por ele e são irradiadoras de energias aquático-cristalinas que limpam e fluidificam nossos corpos. O Trono da Geração tem seu ponto de força à beira-mar, local onde as ondas se quebram e descarregam as energias sustentadoras da geração e da criatividade.

As quedas-d'água potencializam energeticamente as águas doces, tornando-as irradiadoras de energias aquático-minerais. O campo vibratório etérico de uma cachoeira tem magnetismo semelhante ao do Trono Mineral ou Trono do Amor de Mãe Oxum, estimulador de uniões e concepções e limpador das auras humanas. As cachoeiras também têm dupla função: energizam os planos material e espiritual, pois têm sua contraparte etérica nesse plano. O

contato com essas águas limpa e purifica a aura.

As energias etéricas emanadas pelas matas e pelas ervas são muito usadas pelos espíritos, para cura das almas doentes que ainda sentem os efeitos das doenças da matéria. As ervas têm efeito temporário, mas as árvores limpam, purificam e emanam uma poderosa radiação que impregna os poros humanos de fluidos puros, eliminadores de determinadas bactérias, pois agem como antibióticos contra as larvas astrais.

Elas são resistentes às cargas negativas e as absorvem e descarregam na terra ou no ar, onde se desfazem; em seguida, emitem fluidos benéficos de poder curador.

Esses efeitos são sutis e as árvores, além do mais, são emissoras de fluidos etéreos vitalizadores que circulam magneticamente no sentido Norte-Sul do planeta, purificando a crosta e penetrando até em outras dimensões da vida. O poder das matas, das plantas em geral e das grandes florestas é imenso.

Ao se movimentar ao redor do globo terrestre, carregados pelas correntes magnéticas, fluidos microscópicos etéreos vão sendo derramados sobre a crosta e absorvidos durante a noite pelas plantas, mantendo nelas uma aura forte, favorecendo seu uso pelos milhões de elementais da natureza.

Os campos etéricos vibratórios dos demais pontos de força também têm seus magnetismos semelhantes aos respectivos Tronos. Portanto, esses locais são os altares naturais dos Orixás no plano material, onde

devemos cultuá-los e oferendá-los, já que é neles que as energias elementais puras chegam até o plano material e é deles que os Guias Espirituais retiram e manipulam as energias que aplicam aos espíritos combalidos dos consulentes que afluem aos Templos de Umbanda nos dias de atendimentos espirituais.

Cada local da Natureza devastado é um vórtice que se fecha e deixa de nos beneficiar.

OFERENDAS

Existe uma ciência espiritual, conhecida e dominada pelos espíritos mensageiros que nos ensinaram a fazer oferendas às divindades naturais em seus santuários -

Natureza e Templos. Esse mistério das oferendas é muito mais antigo do que qualquer religião. O recurso do alimento consagrado, para a renovação da presença da Divindade no corpo do ser, é um procedimento realizado há tanto tempo que o lado etérico do nosso planeta já é alcançado por esse mistério - o mistério das oferendas sagradas.

Plasmado no éter universal, o magnetismo flui e chega tanto ao lado etérico quanto nos envolve, quando acessamos um poder nos pontos de força da natureza, por meio de uma oferenda.

O Divino Criador estabeleceu uma Lei Divina que

determina que todas as forças e poderes (divinos, naturais e espirituais), corretamente invocados e oferendados, devem responder aos ofertantes atuando em seus benefícios, conforme seus méritos e necessidades. Uma oferenda é um portal de trabalho e de passagem para essas forças e poderes. É um espaço mágico que realiza ações, a partir do poder invocado e dos elementos regidos por cada divindade.

Qualquer elemento emite continuamente seus princípios mágicos mas, no estado neutro, não tem atividade. Quando colocado em uma oferenda e programado com clamores, pedidos, orações, etc., chega ao poder invocado e retorna ao ofertante ou para quem foi pedida a ajuda, beneficiando-o.

Os Orixás e os Guias não necessitam comer, como pensam alguns. Um espírito ou um encantado não precisa de alimento algum para si, nem mesmo da luz de uma vela. As oferendas na natureza e os alimentos oferecidos e imantados durante as festas fornecem o que não tem no plano espiritual e está em abundância aqui no plano material.

As frutas, por exemplo, fornecem energias que são armazenadas em frascos cristalinos no astral e transformam-se em fontes inesgotáveis de um poderoso plasma energético, usado para curar espíritos e pessoas doentes, pois sutilizam os corpos energéticos deles, apenas acrescentando-lhes uma energia mineral. Cada fruta é uma condensação de

energia e composto energético específico no astral.

Essas fontes de energia formam reservas de compostos energéticos, plasmas astrais, usadas pelos espíritos em missões socorristas ou curadoras, para a sutilização dos corpos energéticos dos espíritos.

Também são densificadoras dos corpos elementares dos seres encantados regidos pelos Orixás, que sofrem desgastes energéticos quando atuam em meios etéricos mais densos, que não são os seus. Além disso, os espíritos que trabalham como curadores, junto aos enfermos desencarnados e encarnados, e os que atuam nas esferas mais densas, doam tanto de suas energias que sofrem esgotamentos e precisam descansar após socorros mais demorados, necessitando se recompor com essas reservas energéticas.

Uma entidade pode pedir que os consulentes ou os médiuns façam oferendas para determinadas divindades ou para algum Guia Espiritual, com diversas finalidades, como ajudar a pessoa que sofre por ações de magias negativas, ativadas contra ela com elementos, na matéria. Pode ser também para fortalecer

o médium ou o atendido, para purificação, regeneração, energização, cura e reposição de cargas energéticas despendidas pelos Guias Espirituais.

Nas oferendas em espaços mágicos circulares (de velas, bebidas, flores, frutos ou outros elementos), o centro é sempre o eixo, simbolizando o ofertante. O

eixo da pessoa desequilibrada, após a limpeza e

regeneração de tudo e de todos ligados a ela, volta ao normal e fica alinhado.

“Uma oferenda é um ato religioso realizado no ponto de força de um Orixá, que irá fornecer ao espírito que trabalha com o médium um de seus axés, utilizado de imediato, ou posteriormente, em trabalhos dos mais diversos... E

tem de ser entendida e respeitada como tal, pois no lado oculto e invisível sempre há uma divindade que nela atuará diretamente ou por meio de seus encantados ou de espíritos incorporados às suas hierarquias ativas” (Rubens Saraceni - Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada.³)

As energias divinas têm dificuldade de penetrar em uma pessoa totalmente negativa, pois ela repele as vibrações divinas que são verticais e muito sutis. O

único jeito de acessar o espírito dessa pessoa é com o elemento, que é o condensador ideal, já que ela não repele a vibração elemental, pois esta é horizontal e tem frequência vibratória próxima da nossa. Quando colocamos os elementos em oferendas na Natureza, pedindo auxílio aos Orixás e aos Guias,

estamos acessando o plano espiritual, os domínios das divindades Naturais dos vastíssimos Reinos da Natureza, e o Guia tem como trabalhar.

Com elementos afins, é possível anular de fato ações mágicas negativas realizadas na matéria.

Ativamos o poder da Divindade, no elemento correspondente a

ela, e a irradiação vai de frente para a pessoa. Assim, a Divindade diviniza o elemento e ativa seus princípios mágicos em benefício de quem está oferendando, devolvendo a carga energética de que ela está necessitando.

Também acontece de as entidades trabalharem tanto e protegerem seus médiuns que esgotam a própria carga energética. E como um Guia Espiritual não tira nada da matéria sem ser de um espaço mágico, ao arriarmos uma oferenda para um Guia Espiritual, no ponto de força de um Orixá, este irá fornecer ao Guia um de seus axés, para uso imediato ou posterior. Com isso, ele tem permissão para ativar a magia, imantá-la e utilizar os elementos para recarregar-se energeticamente. Tudo isso é apenas a absorção do poder ou axé da Divindade, por meio dos elementos.

Nas festas em que preparamos a mesa para os Guias Espirituais, sempre chamamos uma divindade após a abertura do trabalho, que irradia os alimentos com sua energia divina. Ceia é sinônimo de confraternização, de fraternidade e vida, porém é mais que isso.

Quando os Guias são incorporados ou nós ingerimos esses alimentos, eles nos beneficiam com as energias divinas que sempre são realizadoras.

Tudo vem do Divino Criador, e amparando tudo estão os sagrados Orixás, mistérios divinos que estão em

todas as coisas: em nós, na natureza, nos diferentes planos e dimensões. As divindades necessitam da nossa ação; oferecemos a elas os elementos necessários e elas ativam o lado divino deles. Essas oferendas rituais atendem à necessidade das divindades e dos humanos em compartilhar os alimentos consagrados, mas são recursos que usamos para facilitar nossa elevação vibratória e acessarmos o padrão vibratório que as divindades manifestam.

1

Os escritos de Rubens Saraceni, sobre os Pontos de Força Naturais, podem ser encontrados nos livros: Umbanda Sagrada, As Sete Linhas de Umbanda, O

Código de Umbanda, Orixás - Teogonia de Umbanda, todos publicados pela Madras Editora.

2

N.E.: Obra publicada pela Madras Editora.

3

N.E.: Obra publicada pela Madras Editora.

VI - O TRABALHO DOS GUIAS ESPIRITUAIS

Os espíritos não são iguais; há aqueles que foram se aperfeiçoando quando viviam no plano material e, após desencarnarem, estavam aptos a amparar

peessoas, ingressando em uma Linha de Trabalho, e há aqueles desencarnados que não são capazes de realizar uma única ação mágica.

Os Guias Espirituais umbandistas são espíritos iniciados em diversos e diferentes mistérios da criação, são guardiões desses mistérios nos quais se iniciaram e estão ligados aos Tronos Divinos e Orixás, dos quais recebem imantações, magnetismos e fluxos de vibrações específicas, para atuarem em benefício dos seus semelhantes. Seus procedimentos, desde as saudações, danças, modo de falar, etc., foram estabelecidos pela espiritualidade. Dentre outras coisas, eles são capacitados para lutar contra as obsessões e magias negativas, englobadas com o nome de magias negras ou demandas.

Todos os rituais umbandistas são de natureza religiosa. São atos de fé de natureza magística, realizadores, e de natureza iniciática, mesmo quando não são visíveis. A sessão de trabalhos é um ato de fé, vivencia-da com a incorporação dos Guias para caridade espiritual. Neles, tudo é magia, das baforadas de fumaça, estalar de dedos, defumações, aos cantos dos pontos.

Também, os três estados da criação - o divino, o natural e o espiritual - estão muito visíveis dentro de um Templo de Umbanda. O estado divino mostra-se nos poderes sustentadores da Umbanda e nos trabalhos realizados no Templo. O

estado natural é

visível nos médiuns, no espaço material e nos elementos usados pelos Guias Espirituais. O estado espiritual mostra-se nos Guias e nos médiuns, pelo mecanismo da incorporação. O médium atua no lado material da criação, o Guia vive no lado espiritual e manifesta em si os poderes existentes no lado divino.

No astral de um Templo de Umbanda ocorre uma grande movimentação de seres, de Guias Espirituais e Mentores que trabalham nas fileiras do bem. Alguns praticamente residem nesse plano etérico e outros fazem parte de caravanas que chegam para auxiliar essas

equipes; são protetores, como os Caboclos, Pretos-Velhos, Exus e outras entidades, além dos falangeiros e socorristas. São acionados para as limpezas dos campos magnéticos dos atendidos, impregnados de larvas e fluidos densos e até de elementais criados (artificiais);¹ são convocados para imobilizar, retirar e direcionar espíritos confusos, para desfazer magias negativas e para encaminhar os espíritos libertos para as colônias de tratamento.

Em nossos Templos, verdadeiros portais de retorno à luz, ao som da curimba e trabalhados pelo arsenal usado pelas entidades, os trevosos vagam sob várias formas. Parte deles é barrada pelos Guardiões na entrada do Templo, pois ainda não são merecedores de ajuda; outros buscam socorro. Alguns chegam grudados no corpo das pessoas, sobre seus ombros,

sugando suas vitalidades, arqueando-os e causando-lhes dores; há os que estão amarrados aos tornozelos das vítimas, gemendo de dor, e há os que debocham dos trabalhadores da luz. Um pequeno Templo na matéria, no astral pode se apresentar como um imenso salão, organizado com aparelhos de cura modernos e sofisticados, onde atuam médicos e curadores das linhas de cura. Há salas que

são setores sob a força da Justiça Divina, para onde a Lei Maior envia os espíritos renitentes. Enfim, o número de seres assistidos, na matéria e no astral, e resgatados, é incontável, principalmente no plano espiritual.

No grande trabalho de Caridade Espiritual Umbandista, todas as forças indispensáveis para o auxílio aos consulentes e aos seres assistidos no astral são utilizadas por todos os Guias Espirituais, no momento em que são necessárias, não cabendo somente a este ou aquele espírito praticá-las.

Trabalham na linha, na falange, cada qual com sua essência e magnetismo. Enquanto conversam e orientam os atendidos, os Guias quebram demandas, anulam negativismos, trabalham o mental, os campos vibracionais e mediúnicos, os campos internos e externos dos consulentes e também ajudam os espíritos desencarnados, encaminhando os sofredores e os obsessores durante os trabalhos do Templo para a continuidade de suas evoluções.

Há médiuns que retiram os apetrechos do ritual por

acharem que os Guias não necessitam utilizá-los e que assim estão colaborando para a elevação deles. Os Guias, sem esses elementos, não deixarão de atender os

consulentes necessitados; eles não são apegados a esses recursos, mas são manipuladores de forças, poderes e mistérios contidos e relacionados a eles, que agilizam e potencializam os trabalhos de atendimento.

O tratamento espiritual ocorre com o passe, transporte, descarrego e doutrinação dos espíritos envolvidos, encarnados e desencarnados, com as entidades

irradiando axé, passando guias de contas no corpo dos consulentes, acendendo velas, dando baforadas de charutos, cachimbos, riscando pontos e colocando-os dentro desses espaços mágicos e outras forças mágicas. Tudo, sem esquecer a ação dos Guias que fazem esse trabalho de limpeza, doutrinação e encaminhamento dos espíritos no lado astral e dos médiuns, que emprestam seus corpos e doam suas energias no trabalho.

Nos trabalhos religiosos espirituais de Umbanda, nos Templos religiosos com tronqueiras devidamente assentadas, o descarrego e o transporte acontecem com a permissão da Lei Maior, para que se realize a caridade de encaminhamento de irmãos perdidos no plano astral ou enganados nos caminhos negativos, necessitados de ajuda para dar continuidade à sua evolução espiritual. Com a limpeza espiritual, também

os encarnados recebem auxílio, para alívio dos ataques espirituais e vitalização do seu corpo físico.

O descarrego é o ato de purificar alguém ou algum ambiente das energias espirituais negativas, com a permissão da Lei Divina. Nessa limpeza espiritual ou descarga energética, o médium de descarrego poderá incorporar o próprio Exu que lhe dá assistência, para trabalhar, negociar com outros Exus não incorporantes, realizar as limpezas necessárias nos consulentes e vitalizá-los; poderá incorporar o Exu do atendido, para que este se fortaleça, ou para a defesa do seu médium ou para pedir uma oferenda específica e ter elementos de trabalho e negociação.

No descarrego, o médium poderá também incorporar espíritos negativos que acompanham o consulente, atraídos por sua negatividade, ou que foram ativados contra ele. Nesse caso, o médium pode incorporar quiumbas, eguns, sofredores, zombeteiros, Exus e Pombagiras.² Se o consulente estiver sob a atuação da Lei Maior, o médium de descarrego poderá incorporar um Exu

ativado pela Lei, para paralisar ações negativas desencadeadas por ele, atuar no processo negativo do seu mental, desvitalizá-lo ou puni-lo.

No transporte, um médium capacitado e firmado na

corrente mediúnica pode incorporar uma entidade espiritual de outro médium, geralmente consulente, da direita ou da esquerda do atendido, por determinação do astral, para sua defesa e fortalecimento, pois tem me-diunidade, mas ainda não desenvolvida.

A entidade incorpora para se apresentar ou confirmar, dando mais firmeza ao seu médium cheio de dúvidas, e para dar algum recado ao médium ainda imaturo.

Incorpora, também, quando seu corpo espiritual está ferido em consequência de ataques astrais negativos, e precisa de ectoplasma para curar esses ferimentos. O

Exu tem autorização para vitalizar e curar seu corpo astral com a energia prânica do médium, para pedir algo específico ou oferendas, com as quais negociará no astral com outros Exus.

Os passes realizados nos centros de Umbanda são aplicados para realizar a limpeza dos campos mediúnicos dos frequentadores. Todos nós, médiuns ou não, temos um campo mediúnico ou eletromagnético que se abre e interpenetra as múltiplas dimensões da vida, embora não percebamos. Esse campo tem sua sede no mental, que é nossa coroa, e vai se expandindo ao redor do corpo elemental básico, o primeiro corpo formado por elemento puro. Esse campo se abre para o

plano espiritual, e é por meio dele que as ligações magnéticas com o plano espiritual são realizadas.

Nesse campo mediúnico pessoal podem alojar-se

acúmulos de energias e focos vibratórios negativos que se expressam na aura e a rompem, alcançando o corpo energético e até o físico.

Tudo o que aí se aloja vai se internalizando e se adequando ao nosso padrão vibratório, por magnetismo. É assim que seres intrusos, obsessores, se alojam no campo eletromagnético, interferindo em nosso mental por meio do emocional. Interferências muito intensas e duradouras provocam desequilíbrios no corpo físico, com dores e doenças não diagnosticadas pela medicina tradicional.

As vibrações divinas são elevadíssimas e as pessoas negativadas não conseguem internalizá-las porque seus magnetismos mentais, também negativados, as repelem. Todos os meios e instrumentos utilizados pelos Guias Espirituais são condensadores de vibrações divinas que realizam um trabalho em benefício dos consulentes, após se elementarizarem nesses objetos e elementos. Em um tratamento espiritual, os passes magnéticos são imprescindíveis, pois os Guias curadores precisam que os pacientes tenham seus campos mediúnicos totalmente limpos, para que possam operar no campo energético, realizando cirurgias corretivas ou desobstruidoras e até retirando tumores formados por energias negativas internalizadas nesse corpo. Só após isso será possível atuarem no corpo físico desses pacientes.

A desobsessão envolve uma série de condutas, com a

finalidade de livrar o obsediado de sua prisão mental, para que ele tenha tranquilidade em seu processo evolutivo. Os médiuns são instrumentos do plano espiritual que podem, juntamente com os Guias Espirituais, compadecidos dos irmãos desencaminhados, colocar fim de maneira salutar às obsessões sob suas múltiplas formas. Os passes aplicados pelos Guias Espirituais e por médiuns magnetizadores e doadores de energia podem descarregar os acúmulos de energias negativas agregados no decorrer do tempo.

Nos centros kardecistas são realizados os passes magnéticos, quando são utilizados os próprios magnetismos humanos dos médiuns. Nos Templos umbandistas são realizados os passes magnéticos e os passes energéticos, com a utilização de diversos elementos materiais, como as ervas, as águas, as pedras, a defumação, etc., para o descarrego dos acúmulos negativos alojados nos campos eletromagnéticos dos consulentes. Os Guias de Umbanda aplicam o passe energético, de acordo com as necessidades do atendido e com a utilização dos recursos específicos de cada entidade, conforme o caso exija.

No passe energético, os diversos elementos e materiais utilizados descarregam os acúmulos negativos alojados nos campos eletromagnéticos dos consulentes e que, a olhos desconhecedores, podem

parecer exibicionismos ou folclore. Além da imposição das mãos, os Guias Espirituais umbandistas aplicam um conjunto de técnicas mágico-religiosas variadas e exploram todos os recursos possíveis que estão ao seu dispor, potencializados por suas energias etéreas, tornando-os também poderosos limpadores de campos eletromagnéticos. Há entidades, principalmente os Pretos-Velhos, que realizam o benzimento, que é considerado magia popular, mas é uma ação mais relacionada ao poder do verbo, dos elementos e simbologia usados.

Muitos seguidores de religiões mentalistas desconhecem a necessidade de os Guias Espirituais umbandistas trabalharem com tantos apetrechos, considerados fetiches por eles, pois ignoram a existência, na Criação, das hierarquias formadas

por seres divinos. Esses seres só podem atuar em nosso benefício se tivermos, junto de nossos corpos, o carnal e o espiritual, os materiais condensadores e concentradores de suas vibrações e energias, encontrados na natureza terrestre.

Com o passe, o transporte e o descarrego, o Guia Espiritual estará trabalhando, limpando e descarregando a pessoa por fora, realizando uma ação mágica, em seu espírito e em seus campos vibratórios.

Nesse caso, o

poder divino flui de fora para dentro, pois o Guia ativará e desencadeará ações de fora para dentro da

pessoa. Mas o Guia Espiritual também pode tratar a pessoa religiosamente, colocando-a no centro do seu ponto riscado ou pondo a própria foto ou nome no ponto riscado ou sob os pés de uma imagem do altar.

Dessa maneira, a pessoa será tratada em seu lado de dentro, pois, por intermédio do Orixá sustentador do Templo, o auxílio virá do lado de dentro da criação. O

poder divino do Orixá firmado atuará por dentro da Criação e por dentro da pessoa, trabalhando seu lado interno, desarmonizado por ação mágica negativa ou por seus próprios sentimentos e ações negativos. Em geral, os Guias em atendimento utilizam os dois métodos.

O resgate de espíritos caídos nas valas negativas é uma das principais tarefas

caritativas da Umbanda.

Os Guias e protetores da direita, juntamente com os Exus de lei que os acompanham, penetram nos antros de maldades, sofrimentos e torturas do astral inferior, desmanchando organizações trevosas, limpando essas regiões abissais e resgatando espíritos já regenerados.

A Lei Maior cria no espaço interno do Templo um polo magnético bipolar que puxa para o “alto” os espíritos que já forem merecedores de um amparo efetivo e envia para o “embaixo” aqueles que precisam descarregar seus vícios emocionais. “(...) Todo espírito que for acolhido religiosamente no

campo de um templo, automática e imediatamente começa a ser amparado pela divindade que rege o templo e que ativa suas hierarquias para auxiliá-lo, curá-lo, doutriná-lo e recolocá-lo na senda luminosa da evolução. Mas, se um espírito não for acolhido religiosamente, então os espíritos guardiões cósmicos do Templo (Exus e Pombagiras) o colocam para fora ou o enviam a alguma faixa vibratória negativa, onde, junto com seus afins, também viciados, terá todo o tempo que precisar para repensar sua vida desregrada (...) e seus sentimentos de ódio, vingança, etc.” (Rubens Saraceni - Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada).

Sempre lançando mão de uma linguagem simples, compreensível a todos, os Guias Espirituais, incorporados em seus médiuns, alertam os consulentes sobre a necessidade de mudar os padrões mentais, emocionais e atitudinais, para não atrair seres e energias nocivos e de-sequilibradores e entrar em sintonia positiva e elevada com os seres de luz.

Procuram sempre despertar em todos os sentimentos de harmonia, fraternidade e irmandade, utilizando o arsenal disponibilizado a eles, como os elementos e as

“ferramentas” materiais, tudo interligado pelo magnetismo aos pontos de força naturais dos Orixás correspondentes a cada Guia e ao Templo.

Um trabalho espiritual de Umbanda sempre se inicia antes da abertura do trabalho no plano material, pois

as entidades já estão trabalhando no astral. Também não termina quando se encerra a gira no terreiro, pois os Guias Espirituais prosseguem trabalhando no plano espiritual, em conjunto com outras entidades que não atuaram na incorporação e servindo-se de nossas características humanas nessa continuidade.

Se tudo se inicia em Deus, a energia divina é uma só.

As divindades irradiam continuamente a energia original e os Guias Espirituais são os manipuladores magísticos dos princípios mágicos ativos, potenciais nos diferentes elementos. A energia divina, embora única, flui por diferentes meios.

OS PRINCÍPIOS MÁGICOS ATIVOS

Princípio Mágico Ativo, segundo Pai Rubens Saraceni, é a capacidade inerente a todos os elementos materiais de atuarem energeticamente sobre o nosso corpo espiritual, beneficiando-nos de alguma forma.

Essa capacidade é contínua e não sofre alteração de cargas, como nós, e flui com

a energia etérica emitida ininterruptamente pelos elementos.

Essa energia se mistura ao prana, é absorvida por nossos chacras e energiza nosso espírito. Todo princípio mágico ativo é formado por um fator original que gera suas réplicas continuamente, que se conservam em estado potencial e só entram em ação quando ativadas magisticamente, pelos Guias Espirituais ou por magos.

Esses princípios mágicos ativos são fornecidos pelos elementos ao lado etérico e são semelhantes aos princípios terapêuticos fornecidos por eles ao lado material, especialmente pelas plantas e minerais, elaborados pelos laboratórios e usados nos tratamentos de doenças.

As vibrações mentais divinas emitidas pelas divindades são sutilíssimas e imantam seus elementos concentradores e condensadores, tornando-os emissores de padrões vibratórios elementais. Com essa elementarização ou transformação do padrão vibratório divino e a incorporação dos Princípios Mágicos Ativos, conseguem ligar-se ao corpo energético das pessoas e dos espíritos, trabalhando problemas localizados no corpo espiritual e no corpo físico, auxiliando-as até na cura de certas doenças físicas, de fundo energético.

O fogo, a terra, o ar, a água, as plantas, os minerais, os cristais, as cores, os símbolos, os números, as letras, as palavras, etc. possuem seus princípios mágicos ativos, usados pelos praticantes de magia desde os primórdios da humanidade. Para sermos beneficiados pelas vibrações, fatores e energias, irradiados pelas Divindades Naturais Elementais, que regem outras realidades do Criador e sustentam outros processos evolutivos, são necessários esses meios sólidos materiais. A energia etérea emitida continuamente pelos elementos, visível aos clarividentes, mistura-se

ao prana e é importantíssima para o nosso espírito, pois é absorvida pelos nossos chacras, que energizam nosso espírito e nos trazem benefícios imperceptíveis, porém relevantes.

Junto com essa energia elemental, que é neutra, fluem também os princípios mágicos ativos de cada coisa, que se conservam em estado potencial; porém, só entram em ação quando ativados magisticamente. Na magia, os Princípios Ativos são mágicos e terapêuticos, correspondendo aos princípios curadores dos respectivos elementos. Cada elemento produz uma quantidade e

qualidade diferente de princípios ativos, que os Guias Espirituais, por estarem em outro plano, em outra realidade, não conseguem extrair diretamente desses elementos, sem que estejam em um espaço mágico ou que sejam ativados de alguma forma por um poder divino. Sem isso, puxam a energia, mas não os Princípios Ativos. Os Guias, incorporados, é como se estivessem “materializados” e, com os elementos de magia ativados, realizam trabalhos magníficos.

Os Guias Espirituais são iniciados em diversas e diferentes magias e estão capacitados para manipular esses princípios mágicos ativos. A Divindade diviniza e ativa os princípios mágicos, que os Guias Espirituais puxam e projetam, desde que estejam colocados em um espaço mágico ou nos elementos das ferramentas de trabalho, divinizados pelos Orixás.

Os “elementos

mágicos” utilizados nos trabalhos da Umbanda têm fundamento. Ao oferecermos ao Guia os elementos e as ferramentas de trabalho, consagrados no altar do Templo, irradiados e imantados pela ação divina dos Orixás assentados, ele poderá utilizá-los em benefício dos consulentes e dos médiuns. Em um trabalho

de atendimento, os Guias Espirituais puxam os princípios mágicos ativos, manipulam e projetam, com a dosagem certa de que precisamos. Os mesmos princípios se aplicam às oferendas, em determinados campos magnéticos altamente concentradores das vibrações energéticas das divindades elementais ou naturais, recomendadas pelos Guias Espirituais da Umbanda, e às festas em homenagem aos Orixás e às Linhas de Trabalho.

O ECTOPLASMA E O MÉDIUM

Consideramos importante tratar esse assunto porque os Guias Espirituais manipulam o ectoplasma dos médiuns, combinando-o com fluidos da natureza e fluidos espirituais, e o utilizam no tratamento dos consulentes necessitados, durante os trabalhos nos Templos. O ectoplasma é uma substância que tem despertado o interesse de religiosos espiritualistas e de cientistas de todo o mundo. Já era bem conhecido dos alquimistas, desde o século XVII, com propriedades químicas semelhantes às do corpo humano físico, de onde é proveniente.

Durante a encarnação, o ectoplasma é produzido pelo contato dos espíritos encarnados com a matéria, por um processo de desagregação molecular formado por forças desconhecidas. Aparece aos clarividentes quando se exterioriza em certas condições, principalmente do corpo de determinados médiuns, como algo disforme, viscoso, esbranquiçado, quase transparente e evanescente sob a luz. É uma substância material, visível ou não, conforme a quantidade e a densidade, e é um dos elementos que compõem nosso corpo vital, sendo dinamizador do ser humano encarnado. Não é um fenômeno de criação de matéria, mas de plasma-gem dela.

O ectoplasma é uma substância delicadíssima, formada entre o perispírito e o corpo físico. O duplo etérico é responsável por sua elaboração. O

ectoplasma é dotado de forte vitalidade e serve de alavanca para interligar o plano espiritual ao plano físico, produzindo diversos fenômenos, sendo a base para as manifestações mediúnicas, pois, por meio dela, os espíritos podem atuar sobre a matéria. No Kardecismo, o ectoplasma costuma ser utilizado para fenômenos de materialização e por médiuns de cura.

Na Umbanda é um dos elementos bioenergéticos mais utilizados pelos Guias Espirituais, para diferentes finalidades e trabalhos variados.

Alguns pesquisadores consideram que o ectoplasma se forma no aparelho digestivo, por meio do

metabolismo alimentar do nosso corpo, observando a manifestação fluídica na altura do abdômen, no umbigo. Outros, percebendo a manifestação fluídica no tórax, consideram sua produção no aparelho respiratório, no oxigênio, por meio da respiração. Para a ciência acadêmica, o ectoplasma se forma no interior das células; muitos acham que se forma por todo o corpo, mas em quantidades e qualidades diferentes.

Ramatis considera que o ectoplasma, situado entre o perispírito e o corpo físico, exsuda por todos os poros do médium, mas em maior proporção pelas narinas, boca, ouvidos, pontas dos dedos e tórax.

Os espíritos não produzem o ectoplasma, pois não têm corpo vital, mas podem manipulá-lo quando fornecido pelos médiuns, consciente ou inconscientemente.

O

ectoplasma que os Guias usam nos trabalhos espirituais não é o que exala

diretamente do médium, mas aquele elaborado pela combinação do ectoplasma do médium com os fluidos espirituais e da Natureza.

Se os Guias Espirituais dispuserem de bastante quantidade de

ectoplasma, após o combinarem com as substâncias extraídas da natureza, com os fluidos do espírito e com os fluidos do ambiente, podem usá-lo em benefício dos atendidos nos Templos. O fornecimento de ectoplasma, em maior ou menor quantidade e qualidade, portanto, é decorrente da equipe formada pelos Guias e médiuns.

Nos trabalhos umbandistas, o ectoplasma é utilizado no congá, para onde são canalizadas as energias mentais dos que trabalham para o bem, criando uma verdadeira egrégora que o utiliza para energizar os médiuns, para tratar os consulentes e para a sustentação dos demais trabalhos necessários. Os silfos são auxiliares diretos nesses trabalhos, quando há a necessidade de reeducação de espíritos endurecidos.

Quando não direcionado, o ectoplasma se dissipa, pois é usado só na hora do trabalho.

O ectoplasma existe também nos vegetais, minerais e animais, pois é peculiar a todas as formas da natureza e não uma exclusividade humana. Porém, por lei evolutiva, é mais apurado no homem do que no mineral, vegetal ou animal. Quando fornecido pelo médium, é plenamente enriquecido com os elementos presentes em toda a natureza. Podemos considerar o fluido ectoplasmático constituído por energias ligadas à Natureza terrestre (fluidos astrais; fluidos da Natureza, como raios solares, lunares, gases, etc.; fluidos orgânicos e inorgânicos do nosso planeta, minerais, vegetais e animais) e pelos recursos do médium.

Estacionado na Natureza, o ectoplasma não tem efeitos curativos. Ele só serve como anti-inflamatório, anti-hemorrágico, anti-infeccioso, cicatrizante, etc., a partir do momento em que é “usinado” pelo homem

(médiuns e Guias Espirituais). Nos minerais, vegetais e animais, não tem a complexidade do ectoplasma humano, que possui os alimentos como um dos ingredientes para a sua formação. Os fluidos resultantes da alimentação, da respiração e da atividade celular são “carreados” por meio dos chacras gástrico e esplênico e, no interior do duplo etérico, há uma transformação desses ectoplasmas primários em ectoplasmas humanos. O mediador plástico e catalisador de energias mediúnicas é o duplo etérico, que as aglutina para servirem, simultaneamente, ao mundo físico e ao plano oculto.

Em toda ação ou trabalho necessita-se da energia ectoplasmática. Os fluidos doados durante os trabalhos, pelos médiuns e por pessoas da assistência, ajudam na concretização das providências no mundo espiritual. Os Guias Espirituais, nos trabalhos de cura, costumam aplicá-los nos chacras dos consulentes, para reequilibrar o fluxo energético, e utilizam-nos na ajuda aos espíritos sofredores. Nos Templos, atuam equipes socorristas originais e, com o tempo, novos grupos vão se formando ao redor dos médiuns doadores. Dessas novas equipes socorristas fazem parte muitos dos espíritos que foram recolhidos e receberam ajuda no próprio Templo.

O ser humano leva consigo as marcas do seu desencarne e, muitas vezes, a dor e o sofrimento físico se estendem ao corpo espiritual, pelo menos até que

este receba o tratamento devido, se ele tiver o auxílio de alguém em perfeito equilíbrio emocional e espiritual. Muitos dos espíritos chamados sofredores são encaminhados para os trabalhos dos Templos por equipes socorristas que os acolhem depois do desencarne ou os resgatam, recolhendo-os nos abismos após

a necessária evolução, para serem curados com o uso da luz das velas mais as irradiações dos espíritos de luz. Junto com esses dois recursos o médium contribui com seu magnetismo, energia e vibração carnal, pois aí se formam as condições adequadas para uma cura completa dos espíritos sofredores. A doutrinação sempre fica sob a responsabilidade dos mentores espirituais.

Ao doar o corpo carnal à incorporação, para que um sofredor seja curado, com o auxílio da vela branca atuando de fora para dentro, enquanto seu corpo atua neles de dentro para fora, o médium está fazendo caridade. Com a irradiação luminosa da luz branca, todos os ferimentos do corpo espiritual são curados de imediato, cessam as dores físicas, restando ao desencarnado tão somente as dores do mental: remorso, vergonha, tristeza, angústia, etc.

Esse tipo de trabalho é de grande importância na ajuda aos nossos irmãos desencarnados, pois no amor aos espíritos que sofrem e padecem podemos sentir-nos úteis aos olhos de Deus.

O ectoplasma, matéria viva do próprio médium, é

empregado para fins proveitosos pelos espíritos benfeitores. Nos trabalhos de desmanche de baixas magias, a substância ectoplasmática é potencializada, para que as entidades possam deslocar-se e adentrar nos lugares de origem da feitiçaria, manipulando os objetos magnetizados, desmagnetizando-os, para neutralizar as demandas.

No resgate de seres perdidos no astral inferior trabalham os Guardiões e Guardiãs Exus e Pombagiras, que atuam protegendo os trabalhos, a entrada dos Templos e os quarteirões ao redor. Esses espíritos justiceiros da esquerda estão a serviço do bem, combatendo os marginais do astral inferior.

Os médiuns devem ter bom senso, plena convicção da seriedade desses procedimentos e a noção de suas condições físicas, mentais e emocionais, para darem fluidez e qualidade às energias doadas. Médiuns desregrados e repletos de cargas negativas não deverão participar aos trabalhos, pois o ectoplasma é matéria viva que exsuda do aparelho mediúnico. Se equilibrado, atrai espíritos amigos e benfeitores que usam essa matéria para fins proveitosos. Já o médium desregrado atrai espíritos inferiores, malévolos e com más intenções que podem apropriar-se dessa energia por vampirização, fortalecer-se e causar perturbações nos trabalhos mediúnicos ou fora deles.

Essa energia, quando negativa, é disputada pelas trevas.

Há também casos de médiuns com baixa energia que,

em vez de transmitirem luz e doarem ectoplasma, poderão retirar energia do consulente já debilitado.

Outros são displicentes e simulam à frente do consulente, sem concentração, sem qualquer emanção e sem a menor vontade, podendo prejudicar o assistido, fazendo com que ele saia pior do que quando chegou. São situações inadmissíveis e que fazem com que a seleção dos médiuns doadores seja rígida e minuciosa.

O médium, para ser um bom mediador, precisa estar sempre cuidando da sua disciplina espiritual, realizando os preceitos necessários para o bom andamento dos trabalhos, aplicando as orientações um-banistas e os ensinamentos dos Guias Espirituais no seu cotidiano, trabalhando com dedicação e seriedade e tendo a consciência de que a maior quantidade e qualidade do ectoplasma, para

melhor eficácia nos trabalhos, depende de hábitos saudáveis, sem abuso de bebidas, fumo e sexo.

Drogas, jamais!

Os espíritos utilizam o ectoplasma em algumas tarefas e certos médiuns desidratam-se mais do que outros, fornecendo-o para as Entidades Espirituais trabalharem na matéria. É comum alguns Guias Espirituais solicitarem água aos cambones e ingerirem no médium, durante a gira, ou o próprio médium ingerir muita água depois do fechamento dos trabalhos. Pode ocorrer também que algum médium sinta fadiga, cansaço, falta de energia

ou muita fome quando findam os trabalhos. Essa ocorrência é natural e facilmente equilibrada com a ingestão de líquidos e com ligeiro repouso.

Após um curto espaço de tempo, o ectoplasma volta ao seu nível normal.

Ao final, o ectoplasma e demais fluidos dispersos pelo terreiro retornam para sua origem. Antes do retorno do ectoplasma ao médium, os Guias Espirituais realizam uma filtragem e tudo que oferecer risco ao médium é eliminado. Essa é, inclusive, uma das funções das Linhas de Limpeza ao final das nossas engiras. O

ectoplasma que retorna ao médium também tem de estar limpo, sem contaminação.

As ações, os médiuns, as incorporações, as orientações, os elementos e as

ferramentas utilizados pelas entidades em trabalho ocorrem integrados e simultaneamente. Para uma simplificação didática, trataremos separadamente esses assuntos.

1

As entidades chamadas artificiais são criadas pela maioria dos humanos, inconsciente ou conscientemente (por magos negros), moldadas no astral por pensamentos repetitivos bons ou maus ou por desejos formulados com muita convicção, que se projetam sobre uma pessoa. O caráter positivo ou negativo aumenta conforme a sintonia da pessoa alvo.

2

Ver páginas 256 a 260.

VII - O USO DAS MAGIAS, DOS ELEMENTOS

E DAS FERRAMENTAS PELOS GUIAS

ESPIRITUAIS

“Temos orgulho em mais uma vez repetir que somos uma religião de magos. Somos umbandistas e nossa missão é fazer a boa magia, a magia divina, com o único objetivo de fazer a caridade.”

Capitão Pessoa - 1960

Os espíritos trabalhadores em cada Linha de Umbanda falam com sotaque específico, dançam e gesticulam de maneira parecida e utilizam em suas magias, de modo semelhante, elementos característicos próprios, magneticamente ligados aos pontos de força dos Orixás, na Natureza. Esses Guias Espirituais, quando começaram a incorporar em seus médiuns, solicitavam diversificados elementos de magia, pois praticavam suas ações de formas características, já que eram provenientes de diferentes povos e religiões, com conhecimentos mágicos variados. Isso causou espanto nos tradicionalistas e diferenciou a Umbanda do Espiritismo convencional.

São muitos os meios pelos quais o poder divino chega até nós. Os Guias Espirituais conhecem vários deles e utilizam os mais disponíveis, de acordo com seus

magnetismos, para benefício dos que recorrem a eles, pois necessitam desses objetos materiais potencializados pelas divindades para a realização de curas no campo energético dos atendidos. Os elementos materiais são importantes condensadores energéticos e a maioria dos Guias Espirituais umbandistas usa elementos e “ferramentas” para descarregar dos médiuns e dos consulentes as energias negativas, para curar, equilibrar e harmonizar pessoas e ambientes. “Na Umbanda, fora a parte doutrinária usada pelos Guias para orientar as pessoas durante os passes, tudo mais é magia, feita de uma forma que criou todo um ritual de passe... onde são usados vários recursos mágicos através dos elementos manipulados”

(Rubens Saraceni).

Os elementos não contêm poderes em si mesmos, mas nos seus princípios mágicos ativos. Os Guias Espirituais de Umbanda manipulam esses elementos, segundo as necessidades dos atendidos, sem ritualismo ou convencionalismo e sem preocupação alguma com o que possam falar ou duvidar dos seus poderes mágicos. Nas magias com os elementos, os Guias Espirituais extraem deles as partes etéricas, potencializam-nas, ativam e projetam ondas para o campo energético das pessoas que estão sendo tratadas. Dentre outras coisas, essas ondas absorvem energias condensadas, atraem ou projetam ondas

vibratórias, compondo uma infinidade de recursos, ainda não totalmente esclarecidos, que agilizam os trabalhos espirituais e não sobrecarregam os médiuns, preservando-os de desgastes maiores.

A defumação de um Templo, por exemplo, é um ato ritualístico que ativa a ação de diversos elementos nesse espaço sagrado, por meio da manipulação do carvão (elemento telúrico de essência mineral ou vegetal), das ervas (essência vegetal), do fogo (essência ígnea) e do odor (essência eólica).

Para os desconhecedores dos fundamentos da Umbanda, para os que visitam um terreiro para tomar um passe ou para os que estão iniciando na religião, as ferramentas utilizadas pelos Guias Espirituais aparentam ser apenas fetichismo, adereços e símbolos para chamar a atenção e dar pompa ao ritual. Mas, por trás dos procedimentos aparentemente inexplicáveis e estranhos há uma Ciência Divina, há práticas mágicas fundamentadas em Deus e em suas divindades naturais, os Orixás - Tronos de Deus -, e tudo na Umbanda tem sua razão de ser e existir, compondo a imensa riqueza dos seus rituais, embora pouco saibamos sobre eles. O importante é que aquilo que os Guias fazem funciona, realizando nos consulentes poderosas descargas energéticas.

As entidades de Trabalho, por meio dos elementos (água, minerais, cristais, fogo, vegetais, ar e terra) e com o uso da Magia Divina e de suas ferramentas

específicas, cortam demandas, encaminham obsessores, fazem descarregos e demais trabalhos necessários. Elas combatem e anulam as magias negativas, com esse verdadeiro arsenal, ligado por magnetismo aos pontos de força dos Orixás. As energias negativas condensadas nas auras ou corpos energéticos

dos consulentes vão sendo absorvidas, internalizando-se nos objetos e sendo fracionadas, transformando-se em essências; são então enviadas às dimensões elementares, onde são diluídas e incorporadas ao éter. Todos os elementos e ferramentas utilizados pelos Guias são condensadores de vibrações divinas. Essas vibrações, como já explicado, se elementarizam neles e realizam pelos atendidos um trabalho que as vibrações divinas elevadíssimas, por si sós, não conseguem fazer porque os seres desequilibrados estão com seus mentais negativados e repelem essas vibrações, não conseguindo internalizá-las. Por tudo isso, cada médium deve estudar e conscientizar-se do uso que as entidades fazem dos elementos e das ferramentas em seus trabalhos, responsabilizar-se e cuidar adequadamente desses objetos e materiais solicitados por seus Guias Espirituais que agregam a eles valores de proteção.

É importante trazermos a força da natureza para o altar, colocando nele os elementos naturais que representam os Sagrados Orixás da Umbanda. Podem

ser as águas minerais ou cristalinas, as ervas, flores ou plantas, as pedras ou os cristais, minerais e minérios e também instrumentos que simbolizem suas forças e seus mistérios (machados, espadas, flechas, etc.). As pedras minerais não são Oxum, a água do mar não é Iemanjá, a mata não é Oxóssi, mas são as materializações das energias fatorais desses Orixás que as sustentam e uma das maneiras de sintonizá-los energética, vibratória e magneticamente. Cada tipo de água (mar, rio, lago...) tem seu magnetismo próprio e diferente das outras águas que, quando ativado, tem correspondência com a Divindade. Qualquer planta é planta, mas, se for ativado o poder da Divindade na erva correspondente a ela, sua ação será mais eficiente. E, assim, com todos os elementos.

Assentar o Orixá de um médium de Umbanda, por exemplo, é criar no padrão vibratório material do Templo uma correspondência energética e um ponto magnético semelhante ao que o Orixá traz em si e interligado ao seu ponto de força, apesar de limitado às necessidades magísticas e à capacidade mental do médium. O axé de um Orixá é o conjunto específico das suas vibrações, com funções bem definidas, pelas quais flui continuamente a energia viva e divina emitida pelo Divino Criador Olorum.

AS MAGIAS

Na Umbanda, tudo se processa mediante atos religiosos e magísticos relacionados aos aspectos mentais abstratos e aos aspectos naturais concretos, ligados aos Orixás e aos seus pontos de força ou santuários naturais. Por trás do instrumental utilizado pelos Guias Espirituais em suas práticas simples manifestam-se os sete sentidos capitais do Divino Criador,

no Ritual de Umbanda Sagrada, em que as entidades ativam mistérios divinos. Desconhecer os mistérios não significa que eles não existam.

Mistério, na Umbanda, não é coisa secreta, segredo guardado a sete chaves, mas uma faculdade do Criador; é algo que traz em si mesmo as condições de realizar-se, está em tudo e em todos de forma ativa ou potencialmente. No interior da vasta unidade cósmica que é o Universo, tudo se interliga, tudo é solidário e obedece aos princípios básicos da psicometria, em um nível muito mais abrangente, podendo colocar--

nos em sintonia contínua com outra dimensão.

Magia é o ato de colocar em ação as energias e os mistérios divinos, para beneficiar os semelhantes; é poder de transformação, é mudança do estado de alguma coisa ou situação; é mudança energética do padrão vibratório de uma pessoa ou de um ambiente.

A magia e seus elementos são neutros e só são ativados pelas intenções, evocações, invocações e

determinações dos magos ativadores, que, no caso que estamos tratando nesta obra, são os Guias Espirituais, conhecedores dos verdadeiros e ocultos significados e utilidade dos materiais que usam em seus rituais e oferendas.

Das defumações aos pontos cantados, das danças rituais às flores e ervas, do estalar de dedos às baforadas de fumaça, tudo é mágico na Umbanda; os elementos e as “ferramentas” são ativados pelos Guias Espirituais em seus três lados: o lado natural, o lado espiritual e o lado divino.

OS TEORES E AS GRADAÇÕES

Já dissemos que existe uma ciência espiritual dominada pelos Espíritos mensageiros, que, aos poucos e em parte, vem sendo ensinada aos humanos encarnados, desde a Antiguidade. Essa Ciência Divina, conhecida na íntegra pelos Orixás, explica os teores e gradações dos princípios mágicos e energéticos dos elementos, principalmente seus teores de álcool, de açúcar, de acidez e ígneos.

Os teores de álcool e de acidez, quando em equilíbrio no organismo humano, são benéficos, porém podem ser muito nocivos, quando muito baixos ou elevados demais. A circulação, a imunidade e a criatividade podem ser

afetadas com taxas muito baixas e a digestão, o raciocínio, a pressão arterial e outras funções podem

ficar desequilibradas. Um banho de sal grosso pode ser benéfico quando irradiado por .ima Divindade, mas muito sal na alimentação não ajuda na gradação de certos teores no organismo humano.

Cada Guia Espiritual, para realizar suas ações mágicas e energéticas, necessita de certo teor de álcool, de açúcar, de acidez, de calor, etc. Os teores dos elementos são absorvidos pelas entidades que os agregam as suas energias pessoais, irradiando-os em seus passes. Esses teores absorvidos, condensadores de energias divinas, elementarizam-se e são projetados para os consulentes, envolvendo-os e inundando seus corpos energéticos, limpando, descarregando, purificando e energizando seus corpos espirituais, chegando até mesmo aos focos de doenças no corpo físico.

Quando um consulente se apresenta muito sobrecarregado de cascões, miasmas, crostas e energias negativas em geral, o Guia só poderá ajudá-lo de fato com o recurso dos teores, que podem ser fornecidos, por exemplo, pelos alimentos naturais, cozidos ou industrializados.

Da mesma forma agem os teores, acompanhados dos princípios mágicos dos elementos que colocamos e ativamos nas oferendas rituais, nos pontos de força da natureza, condensando as vibrações e energias do plano natural e direcionando-as para quem queremos ajudar com esse ato de fé mágico religioso.

OS ELEMENTOS (AR, ÁGUA, MINERAIS, CRISTAIS, VEGETAIS, TERRA E FOGO)

Como a Umbanda é uma religião ligada essencialmente à natureza, os elementos, por seus princípios ativos terapêuticos e medicinais, são fundamentais para a concretização das várias ações magísticas realizadas e ativadas pelos Guias Espirituais. Eles utilizam em seus rituais, ativa e potencialmente, o “Éter vital” ou “Prana” e as relações energéticas, magnéticas e vibracionais dos elementos, para transformar, transmutar, potencializar, curar e equilibrar qualquer energia, pois são o meio sólido ou material que permite a atuação em nosso benefício de vibrações, fatores e

energias irradiados pelas divindades regentes de outras realidades de Deus. Os princípios mágicos ativos dos elementos são ativados magística-mente e manipulados pelos Guias Espirituais nas suas ações beneméritas.

O Ar, a Terra, o Fogo, a Água, o Vegetal, o Cristal e o Mineral são importantíssimos para os trabalhos na Umbanda, tanto nos rituais e nos atos magísticos como nas manifestações das forças naturais dos Orixás, nos assentamentos e outros, mesmo que pouco saibamos sobre seu funcionamento. Os elementos podem ser higienizadores, energizadores e fortalecedores do espírito das pessoas,

descarregadores de energias negativas, regeneradores do corpo plasmático e curadores do corpo físico.

Os Guias Espirituais possuem o domínio sobre os Mistérios Sagrados dos elementos e os utilizam para facilitar os trabalhos de descarga energética, para

harmonizar ambientes e para o equilíbrio e a cura do corpo astral dos espíritos encarnados e desencarnados.

Desde o nascimento da Umbanda, as práticas mágicas são intensamente utilizadas, pois a Umbanda é uma religião magística; tudo é magia nos trabalhos de caridade espiritual nos Templos e todos os elementos e “ferramentas” são condensadores de vibrações divinas.

Entender um pouco o trabalho que os Guias de Luz realizam é importantíssimo e de fundamental importância para diluir os preconceitos e discriminações com as religiões magísticas naturais, como a Umbanda. Ao acender uma vela estão manipulando a energia ígnea, ao borrifar água estão manipulando a energia aquática, ao assoprar a fumaça do charuto, a energia eólica, ao utilizar ervas em seus passes, manipulam energias vegetais, ao trabalhar com cristais e minerais estão manipulando energias cristalinas e minerais, ao bater as mãos no solo ou colocar as guias de contas e cumbucas com água no chão, estão utilizando a energia telúrica. Entendendo isso e os princípios mágicos ativos, compreende-se, entre tantas outras coisas, por que os Guias podem

oferendas em determinados campos de força da natureza.

Para os médiuns, esse conhecimento é imprescindível para tirar o manto de misticismo, o ranço das trocas nas relações com as entidades, e para que acatem as iniciativas dos Guias Espirituais quando estes precisam de determinados elementos, apropriados para agilizar o trabalho de atendimento de cada caso com uma magia específica. Quanto melhor o conhecimento do médium, mais o Guia pode realizar.

Por desconhecimento, há médiuns que podem até achar que não estão incorporados com um Guia de Luz, quando a entidade lança mão de determinado

elemento natural ou de uma “ferramenta” em seu trabalho. Ter consciência de cada ato, de cada fundamento, além de conhecer muito bem o poder existente em cada ponto de força da natureza, assim como os mecanismos divinos de cada elemento mágico usado nos trabalhos pelas entidades, facilita a incorporação e dá firmeza ao atendimento.

Podemos interpretar os Orixás a partir dos elementos básicos que formaram a matéria, ou seja, o ar, a terra, a água e o fogo, e dos que a concretizaram, como os minerais, cristais e vegetais. Os elementos são fontes naturais inesgotáveis emanadoras de energias naturais elementais e dão permanência à magia, pois são fatores fixadores e mantenedores dela. Eles podem ser

usados pelos Guias Espirituais, conforme estão na natureza, ou afixados em suas ferramentas de trabalho, por onde captam e projetam em nós e em nosso meio essas poderosas energias. Quando as Guias cruzam elementos e dão para os consulentes levarem para casa e usarem durante sete dias, estão ativando o elemento na sua frequência, dando a eles poder de realização, cuja ação se desencadeará posteriormente. Vejamos alguns desses usos realizados pelos Guias Espirituais nos Templos de Umbanda.

Ar

O ar está em tudo, é um elemento fundamental para a manutenção da vida. No processo de respiração, inspiramos o oxigênio e expiramos a gás carbônico.

O som é a vibração que se ouve; é a mais poderosa força do universo e resulta da vibração do ar, causada por sopro, cordas ou percussão, agindo tanto no plano material quanto no plano espiritual. Grande parte dos rituais religiosos se realiza com a presença de um símbolo desse elemento, como as invocações sonoras e os incensos.

Na Umbanda, diversos Guias Espirituais utilizam sonoridades, para atuar no campo energético dos consulentes e dos médiuns. Certas combinações de tons e ritmos causam efeitos específicos sobre a emoção, a mente, o espírito

e o corpo. Por exemplo: os brados dos Caboclos, os

“êh, êhs” dos Pretos- Velhos, os “ôche” dos Baianos e o “êh boi” dos Boiadeiros. Essas vocalizações são utilizadas para estimular, equilibrar e interagir no fluxo eletromagnético de energia dos chacras, podendo causar impacto sobre os órgãos físicos e seus sistemas. A importância dos pontos cantados já foi abordada anteriormente.

O ar é energia expansora e movimentadora, pode ser ativado para desenvolver o mental, a inteligência, a memória, o lado racional e a capacidade verbal, dilatando os sete corpos e deixando a pessoa mais leve e harmonizada. O ar alimenta o fogo e mantém a água em condições de ser utilizada como doadora da vida.

Sem o ar, a água se torna putrefata.

Na Umbanda, a ativação do ar é feita pelo assopro, pelas palmas, pelo som em geral e pelas oferendas realizadas em campos abertos. Os Caboclos, por exemplo, cantam, assoviam, chilram como pássaros, assopram baforando o charuto, emitem mantras de efeitos curativos. Isso tudo movimenta partículas e moléculas do éter ao redor do atendido, criando impactos no corpo astral e no corpo etérico, realizando a limpeza, com a desagregação de miasmas, cracas, vibriões, fluidos densos e outros negativismos. Os Caboclos também utilizam chocalhos, cujos sons desintegram poderosos campos de força magnetizados no

astral. Os chacras captam a reverberação desses sons, repercutindo essas vibrações nas glândulas e nos

órgãos fisiológicos, alterando as causas das doenças e restaurando a saúde.

Quando o elemento ar é utilizado durante as defumações e nas baforadas dos charutos, cachimbos e outros, assopradas pelas entidades espirituais, o prana vital mantido nas ervas se descondiciona e libera princípios ativos benéficos, que desagregam as densas partículas suspensas no ar, purificando ambientes e pessoas. As essências liberadas dissolvem condensações energéticas negativas, diluem e dissipam miasmas, cascões, larvas astrais, vibrações de ódio, mágoas, inveja e outros.

Um berrante, tocado pelo Boiadeiro, é uma ferramenta movimentadora de energia eólica, que serve para arrebanhar espíritos soltos no tempo, pois seu som é capaz de paralisar esses seres, que serão laçados pelos demais Guias Espirituais Boiadeiros, conduzidos até Mãe Logunan, que depois os

encaminhará a Pai Obaluaê, para a continuidade de seus processos evolutivos.

Água

Considerada sagrada na maioria das religiões, a água é usada na ritualística de várias delas, presente nos recipientes como taças, pias ou copos. Nos cultos realizados na Natureza, apresenta-se diretamente no mar, nos rios, lagos e outros pontos de força naturais.

Água é o elemento que simboliza a vida, pois é

geradora e sustentadora de vidas. Está ligada intimamente ao interior de nossas células, metabolismo e fisiologia; em quase todas as funções do nosso corpo desempenha papel fundamental. Água é fonte de vida em abundância, cois alimenta e lava, além de trazer mobilidade, purificar e vivificar os seres, com sua fluidez e alta capacidade de absorver energias do meio por onde passa ou permanece. Na natureza, participa de forma importante em um incalculável número de reações químicas, além de ser considerada um solvente universal, pois é capaz de dissolver a maior parte das substâncias químicas.

Como essência, a água carrega a propriedade de adaptação, serve como descarga fluídica e meio condutor de fluidos, limpando, sutilizando e magnetizando o corpo astral, além de lidar com as questões emocionais dos consulentes, dos médiuns e até mesmo dos Espíritos resgatados. Dependendo do seu emprego, pode concentrar em uma vibração positiva ou negativa, pois tem o poder de absorver, acumular ou descarregar qualquer vibração. É possível imprimir na água padrões vibratórios capazes de auxiliar o ser humano no seu reequilíbrio em processos de cura, como ocorre nos florais, nos elixires de cristais e outros.

Por onde é conduzida, a água flui a corrente elétrica divina, gerando nela a energia da vida. Quando imantada ou fluidificada, seu poder gerador se

expande, ampliando a força de suas correntes elétricas e mais ainda quando unida a outros elementos, como ervas, pedras e sais. No plano espiritual, a água fluida e etérea é muito mais leve e sutil que a nossa, é rica em elementos que desconhecemos, sacia a sede e alimenta as almas. Quando as divindades e os Guias Espirituais consagram e fluidificam as águas durante os trabalhos, aproximam sua alquimia daquela fluida e etérea original existente na espiritualidade, fonte de sustentação e de alimentação dos espíritos e das almas em evolução.

Quando bebemos a água imantada ou fluidificada ela corre pela corrente sanguínea, passando uma energia azul-celeste por toda a pessoa, revitalizando a aura que, por segundos, fica com a primeira camada na cor azul néon. Essa água etérea, ao ser ingerida, percorre todo o cérebro, indo até a glândula pineal, onde inicia um processo de aceleração que envia e devolve automaticamente ondas ao cérebro. Ela manda uma intensidade maior de ondas para as partes deficientes dos órgãos, realizando um processo de limpeza de dentro para fora, que vai regenerando energeticamente os órgãos. Sua energia pode estimular a intuição, ajudar a expressar os sentimentos com mais facilidade e agir em questões práticas, como vencer a timidez e ter jogo de cintura em situações complicadas.

A água é um elemento muito importante na liturgia da Umbanda, nos rituais de batismo, nos amacis, em assentamentos, limpeza das guias de contas, nos banhos e outros. Conforme a procedência, é empregada nas diversas “obrigações”. Como fator predominante para a vida no planeta, é utilizada também nas quartinhas e nos copos de firmeza dos Anjos da Guarda.

Durante os trabalhos de atendimento, os Guias Espirituais costumam recomendar aos consulentes em geral e aos médiuns que usem, em banhos, oferendas e outros, águas de cachoeira, chuva, mar, lago, mina, orvalho, etc. Como banho, a água limpa, vitaliza e reequilibra o ser. Quando o banho ritual é realizado com água imantada ou fluidificada e com ervas, limpa as camadas da aura e, ao chegar à primeira delas, vai alinhando a energia de toda a aura da pessoa, deixando essas camadas equilibradas e harmônicas.

Esse processo se inicia na coroa, passando por toda a espinha dorsal e descarregando como um para-raios, no chacra básico, na altura dos joelhos, jogando essa energia para a terra. O hábito de lavar instrumentos magísticos com água ou com água acrescida de alguns outros elementos (ervas, sal, alfazema, etc.) está relacionado à capacidade de potencialização ou de descarga deles.

Nos benzimentos com água e algum outro elemento, se houver vibrações negativas e malefícios estes

passam para a água, que fica embaciada.

Sempre que acendemos velas para cruzar os terreiros ou para os anjos de guarda ou outra finalidade, devemos ter um copo com água ao lado.

As águas podem ser doces, salgadas, minerais, ferruginosas e outras. Juntamente com o ar, a água constitui o conjunto de elementos essenciais para a nossa existência, podendo animar a vida e dar maleabilidade para a mente e o espírito. Na materialidade, beber diariamente quantidades adequadas de água promove o equilíbrio orgânico, facilitando o trabalho das glândulas suprarrenais e dos rins, que passam a eliminar as substâncias não aproveitadas pelo organismo, evitando que toxinas se acumulem no corpo, podendo trazer algum tipo de anomalia ou doença, em certo espaço de tempo.

A água é a melhor bebida para a sede, além de promover o equilíbrio entre as substâncias úteis e bem aproveitadas pelo organismo e as toxinas que devem ser eliminadas. Com açúcar, é remédio para acalmar os nervos

abalados. É grande elemento relaxante, ao se tomar uma ducha de água fria ou quente, nadar para tirar as tensões, ouvir o barulho das águas correntes de um rio, as quedas de uma cachoeira, o marulho do mar ou o barulho gostoso da chuva caindo no telhado.

ÁGUA

ORIXÁ

FATORES

UTILIZAÇÃO

De mina mineral)

Oxalá

Sustentador, condensador, estabilizador Banhos e amacis, desobstrução, purificação e equilíbrio dos chacras. Harmonização e paz. Uso nas quartinhas e assentamentos.

Lustral do orvalho)

Oxalá

Purificador

Purificação de ori, de pessoas, lugares e objetos.

Batismo. Calma, paciência.

Do mar

Iemanjá

Sustentador, curador, gerador, saneador Repelir espíritos inferiores e emanções perniciosas, descarrego, energização, queima de larvas e miasmas astrais. É catalisadora de cura espiritual, antisséptica e cicatrizante.

De cachoeira potencia- lizada pela queda); de rios com corredeiras

Oxum

Agregador, harmoniza - dor, ajustador Retirar sangue impregnado no corpo etérico, fortalecer o chacra coronal, harmonizar, curar, afastar seres involuídos, aumentar a sensibilidade mediúnica, abertura dos canais e chakras. Afeto, alegria e jovialidade. Energizar, equilibrar e reparar.

Da chuva

Iansã

Limpador,

Alto poder de limpeza astral; é

diluidor,

esgotador, consumidor desinfetante astral. Energética,

purificadora, descarregadora.

De enxurrada

Oroiná

Apurador

Limpeza e retirada de obstáculos, dar força para mudar padrões emocionais, mentais e atitudinais, purificar e entusiasmar.

De rios calmos, deltas, lagos e brejos Nanã Buruquê

Decantador, curador

Catalisação de diversas energias, limpeza do corpo emocional, cura e equilíbrio. Desbloqueio de sentimentos enrijecidos. Paz e tranquilidade.

De rochas (detida entre as rochas)

Xangô

Equilibrador

Disposição, força física, razão, equilíbrio, boa vontade.

De poço

Obaluaê e Nanã

Transmutador, curador

Cura, pela troca de energia da interação água e terra.

Resistência, decantação e sabedoria.

Margens de rios e búlica (de poça)

Obá

Concentrador racionalizador, adensador Para desbloqueios, retirar as vendas, enxergar quem se é de verdade. Para determinação, bons pensamentos.

Da seiva

Oxóssi

Canalizador,

Alimento para os chacras e para a

expansor,

capacitador

vida, reposição da vitalidade, energia e disposição para encarar a vida, recuperação de pessoas debilitadas energeticamente, depressivas, etc.

Das brumas

Omolu

Abrumador

Manter a

essência. Lagoas

e lagos

Oxumarê

Diluidor, renovador, irizador

Ampliação da consciência, transmutação pessoal, inventividade, externalização da essência mais interior.

Fonte

Ogum

Rompedor

Abertura de caminhos.

Rias (encontro de rio e mar)¹

Logunan

Retornador, voltador

Trato do corpo sentimental, bom senso e independência.

Todas essas águas devem ser recolhidas e armazenadas em louça branca ou vidros, só para essas finalidades. Nas cachoeiras apanhamos a água batida nas pedras, no mar, colhemos águas nas ondas e, nas chuvas, apanhamos a água pura, sem passar por telhados. Águas de enxurradas ou poças, só diretamente da natureza. Todas as águas devem ser colhidas de locais não poluídos e algumas não devem ser armazenadas por muito tempo, pois “apodrecem”.

Os minerais e os cristais

No livro Umbanda Sagrada, Pai Rubens Saraceni nos ensina que no plano espiritual, em uma esfera reservada ao Ritual de Umbanda Sagrada, estão assentadas sete pedras mágicas fundamentais e cada uma delas corresponde a um Orixá, a uma linha de força e a um ponto de força na natureza. Essas sete pedras sustentam, por correspondência energética, magnética, vibratória e mágica ancestral, os símbolos

sagrados, os assentamentos dos Templos de Umbanda, a magia dos pontos riscados e as guias ou colares usados pelos médiuns umbandistas.

A partir de sua pedra mágica fundamental assentada nessa esfera espiritual, cada Orixá dá sustentação aos trabalhos que os Guias Espirituais dos médiuns de Umbanda realizam nos Templos ou nos pontos de força da Natureza. As sete pedras que sustentam os Guias Espirituais da “direita” estão assentadas no astral, formando um círculo ao redor da pedra negra mágica, que sustenta os trabalhos das linhas de

“esquerda”. São muitas falanges de Caboclos, Pretos-Velhos, Marinheiros, Exus e outras que encontram correspondência energética, magnética, vibratória e mágica ancestral nessas sete pedras fundamentais ou na pedra negra.

Quando um espírito se inicia na Umbanda e se integra a uma das suas falanges de trabalho, coloca sua mão direita na pedra correspondente ao seu Orixá Ancestral e grava ali seu ponto mágico cabalístico, sustentador energético de todos os trabalhos que ele realizar com o auxílio dos pontos riscados que se ligam aos símbolos sagrados. Aí, também, todo Guia Chefe faz seu juramento de

consagração total à causa comum da humanidade: a evolução em todos os sentidos, nos dois planos da vida, o espiritual e o material” (Rubens Saraceni - Umbanda Sagrada).

Dessas sete pedras fundamentais ligadas aos sagrados Orixás, também em

a proteção que o médium e seus Guias Espirituais recebem durante os trabalhos rituais de descarga e anulação de demandas, ao portarem seus colares consagrados.

Pedras minerais ou cristalinas são elementos mágicos por excelência, de uso milenar, pois absorvem e irradiam energias e ondas que rodam ser direcionadas mentalmente. São autênticas fontes de luz, além de energias curadoras, pois, quando consagradas, podem harmonizar os campos energéticos, atuar no mental e no emocional, equilibrar e curar os seres.

Podem acumular, emanar e projetar energias para o desenvolvimento

espiritual. Cada pedra possui vibração própria e traz para o ambiente do Templo a força do sítio da natureza do qual foi retirada.

Os cristais podem trazer para junto de nós energias positivas e benéficas que vibram na natureza, em suas frequências específicas, conforme seus componentes internos, como magnésio, sódio, manganês, potássio, ferro.

Possuímos esses mesmos elementos em nossos organismos, e podemos

compensar determinadas deficiências energéticas pela atuação vibratória eficiente dos cristais e dos minerais, com seus elementais interiores.

Os Guias Espirituais conhecem bem essas conexões e as empregam em seus trabalhos de atendimento. Há Caboclos que usam pedras específicas. Eles abrem portais,² trazem energias que pertencem à realidade mineral à qual aquela pedra está consagrada e atuam ali fluídica e ener-geticamente, em benefício de alguém ou do ambiente todo.

As pedras são utilizadas, inclusive, nos assentamentos das divindades regentes dos Templos de Umbanda, quando afixadas em locais pré- escolhidos, com outros objetos magísticos, energéticos e magnéticos, imantados pelos respectivos Orixás. Elas possuem o axé ou força vital do Orixá Regente e são o ponto forte, a base de sustentação dos trabalhos magísticos dos Templos.

Por exemplo, os Exus, em geral, utilizam turmalina negra, ônix, mica preta ou obsidiana, e as Pombagiras, a ágata de fogo, granada e mica rosa. Joias ou outras ferramentas, elaboradas com minérios e minerais variados e consagrados, tornam-se ativas, capazes de absorver e irradiar energias elementares; adquirem a capacidade de atrair ou projetar ondas vibratórias energizadas e de absorver energias negativas condensadas no éter dos templos ou no campo eletromagnético dos consulentes e dos médiuns.

TABELA DE CORRESPONDÊNCIA ORIXÁ,

PEDRA, MINÉRIO

ORIXÁ

LINHA

PEDRA

MINÉRIO

Oxalá

Cristalina ou da fé

Quartzo translúcido

Ouro

Logunan

Quartzo fumê rutilado

Estanho

Oxum

Mineral ou do amor

Ametista ou quartzo rosa

Cobre/ouro

Oxumarê

Opala ou fluorita

Antimônio

Oxóssi

Vegetal ou do conhecimento

Esmeralda ou quartzo verde Manganês

Obá

Calcedônia ou madeira petrificada

Hematita

Xangô

Ígnea ou da justiça

Pedra do sol ou jaspe vermelho

Pirita

Oroiná

(Kali)

Ágata de fogo ou calcita

laranja

Magnetita

Ogum

Eólica ou da lei

Rubi, granada ou sodalita

Ferro, hematita

lansã

Citrino

Níquel

Obaluaê

Telúrica ou da evolução

Turmalina negra ou ametista

Cassiterita

Nanã

Rubelita ou ametrino

Prata

Iemanjá

Aquática ou da geração

Diamante, água-marinha ou zircão

Platina

Omolu

Ônix preto

Molibdenita

A pomba também é um elemento produzido a partir do mineral, do calcário (gipsita, calcita) branco, moído, coado e moldado em forma ovalada. A pomba consagrada tem um poder ritualístico específico, pois contém os quatro elementos básicos da natureza -

fogo, ar, água e terra - e pode ser branca ou colorida.

A cor da pomba contém vibrações específicas, porém, a pomba branca costuma ser usada continuamente pela maior parte dos Guias Espirituais. A pomba branca é um dos poucos elementos que, por sua pureza, pode ser colocado na cabeça do médium para cruzamentos, banhos de descarrego, lavagens de cabeça, amacis, etc. Já as pombas coloridas, como rosa, marrom, vermelha, azul, amarela e verde, têm outras vibrações e seu uso requer conhecimento, cuidado e bom senso. As vibrações divinas continuamente irradiadas pelos Orixás para toda a criação fundamentam a magia de pomba. Esse recurso mágico da Umbanda pode ser utilizado em forma de pós ou giz, nos pontos

riscados cabalísticos, no cruzamento de imagens e outros objetos, no cruzamento e fortalecimento da coroa dos médiuns e dos filhos de fé, na limpeza de pessoas, na preparação de pós-purificadores, nos assentamentos e firmezas, nos rituais e cerimônias como batismos, casamentos, amacis, funerais, etc. A

pomba cruzada e abençoada pelo Guia torna-se um verdadeiro instrumento de luz, essencial em qualquer trabalho de Umbanda, tendo uso religioso e mágico no terreiro. O uso religioso do mistério cria algo permanente e o uso mágico cria algo transitório.

Quando os Guias cruzam imagens para o terreiro, estão dando a elas finalidades religiosas e permanentes. Já quando cruzam com as pembas um Templo de Umbanda, estarão delimitando, marcando e identificando o local no astral para práticas umbandistas, as quais tanto poderão ser religiosas como mágicas. Na Umbanda, magia e religião caminham juntas.

O Guia Chefe, ao cruzar com a pomba um médium de sua corrente mediúnica no batismo, estará dando uso religioso ao Mistério das Sete Pombas Sagradas, afixando no espírito do médium um símbolo, um sinal permanente que, dali em diante, o identificará como am integrante da Umbanda ou “filho de pomba”. Esse ato melhora a mediunidade, potencializa o dom mediúnico e protege o médium. Agora, ao cruzar um consulente durante um trabalho, estará dando uso mágico e os símbolos e signos riscados em seu corpo serão temporários; quando as energias, vibrações e imantações negativas forem descarregadas, eles se recolherão.

Os Guias Espirituais de Umbanda em geral usam a Magia de Pomba, inscrevendo determinada vibração

em um círculo mágico, riscando seus pontos cabalísticos, com símbolos ou signos, conectando-os com sua tela vibratória, para que se inicie um trabalho, onde quer que esteja localizado o problema ou a dificuldade da pessoa consultante.

Com a pomba consagrada também se confeccionam os importantes pós de pombas que em uso ritualístico alcançam dimensões sutis e extensas, harmonizando, descarregando e energizando os médiuns, os consulentes, o terreiro e qualquer ambiente. Usada em pó, com a energia do sopro, envolve espíritos encarnados e desencarnados de maneira poderosa, descarregando, limpando e harmonizando. Sem o conhecimento teórico, energético e ritualístico esses pós podem causar danos dificilmente revertidos, portanto devem seguir rigorosamente seu ritual de confecção, consagração e utilização.

Dentre os minerais, não podemos esquecer o sal, que é formado por cristais cúbicos, resultantes da combinação do cloro com o sódio.

Ele faz parte do sangue, do suor e das lágrimas dos seres humanos. O sal marinho puro, ou sal grosso, contém iodo, de fácil assimilação pelo nosso organismo e cerca de 84 elementos minerais importantes para nós, que são extraídos durante a industrialização, empobrecendo o sal que consumimos, além de outras perdas. Os minerais são indispensáveis para o bom

funcionamento do organismo e para uma vida equilibrada e saudável, pois desencadeiam processos enzimáticos vitais para nossas células.

Esse elemento divino, o sal, possui alta capacidade de absorção de energias e é tratado pelos Guias Espirituais como proteção para pessoas, casas e ambientes em geral, para fechamento de buracos energéticos e portais magísticos negativos, exorcismo, desobsessão e retirada de fluidos negativos.

Os vegetais

As plantas em geral emitem irradiações energizadoras, purificadoras, curadoras, cicatrizadoras, higienizadoras e potencializadoras.

Nos vegetais encontram-se muitos princípios ativos terapêuticos medicinais, fungicidas, bactericidas, profiláticos, etc.

Folhas, flores, frutas, sementes, caules, raízes, pós-vegetais, azeites e essências são elementos mágicos que podem nos auxiliar, pois são os meios sólidos que permitem que as vibrações, fatores e energias irradiadas pelas divindades vegetais atuem em nosso benefício.

Todos os campos dos vegetais estão sob a regência do Orixá Oxóssi.

Na Umbanda, esse conjunto de elementos vegetais é denominado genericamente por ervas que, mesmo sem ser consagradas, já têm inúmeras qualidades, pois estão cheias de forças magnéticas que são

potencializadas com a consagração. As ervas fazem parte do mistério vegetal, o conjunto formado por divindades, elementais, seres da natureza e de dimensões incompreensíveis aos humanos. As ervas são utilizadas na Umbanda para oferendas, amacis, banhos, imantações, cura, etc., pois geram essências curadoras que limpam a aura, absorvem energias negativas, cicatrizam, energizam e higienizam o corpo espiritual dos consulentes. Maceradas, liberam o axé vegetal pelo sumo; queimadas na defumação, dispersam seus princípios químicos no ambiente astral. São também potencializadoras da saúde humana, usadas na ingestão, em banhos, emplastros, defumações, incensos, patuás, etc., indicados pelos Guias Espirituais; elas agem trabalhando a nosso favor, em nossos corpos astrais e no campo vibratório espiritual de ambientes diversos.

Durante os trabalhos de atendimento, os Guias Espirituais, especialmente os Pretos-Velhos, costumam cruzar galhos de arruda, ativando mentalmente fluidos terapêuticos, e pedem aos consulentes com dificuldades para dormir e outras que os coloquem sob os travesseiros.

Com isso, concentram e projetam energias elementais para a limpeza do Espírito, que abrem portais de limpeza energética, enquanto essas pessoas dormem.

Dali sairá uma vibração realizadora, cujo lado divino está aberto, e fará um trabalho de cura. Os conhecedores dos mistérios das ervas são os Guias Espirituais, que as indicam conforme as necessidades específicas dos atendidos.

CLASSIFICAÇÃO DAS ERVAS POR

ORIXÁS14 TRONOS

ORIXÁS

ERVAS

ERVAS

ERVAS FRIAS

QUENTES

MORNAS

Trono da Fé

Oxalá

Orégano, tabaco, alho, açoitá- cavalo, erva-de-- bicho, mamona, comi-go-
ninguém- pode

Alecrim, hortelã, alfazema, rosa branca, sálvia, boldos, girassol

Anis-estrelado, jasmim, louro, sândalo, pichuri, verbena, cravo- da-índia,
angélica

Logunan

Bambu, pinhão- branco, cânfora, eucalipto, tiririca, chorão, cipó-suma

Chapéu- de- couro, mentas, benjoim, rosa amarela, obi, peregum rajado

Cipó-prata, erva-

-de-santa-luzia, losna, pichuri, verbena, mil-fo- Ihas, sensitiva

Conforme Adriano Camargo, o Erveiro da Jurema.

Trono do Amor

Oxum

Cipó-cabeludo, cipó- se-da, buchinha-do- norte Flores de calêndula, camomila, macela, pau-resposta, canela, catuaba

Rosas, malva-- cheirosa, erva--doce, melissa, maçã, pachuli

Oxumarê

Angico, espinheira- santa, buchinha-do- norte, urucum, dandá

Raiz de açafrão e de angélica, canela, cipó-caboclo, gengibre, pacová

—

Trono

do

Oxóssi

Guiné, picão-preto,

Alecrim, alfavaca,

—

Conheci-

mento

cânfora, espinheira-

santa, casca de jurema-preta, buchinha-do-norte abacate, hortelã,

abre-caminho, louro, samambaia, sene Obá

Dandá, peregrum roxo, valeriana, confrei, buchinha- do-norte

Limão-cravo, folhas de rabanete, casca de tamarindo, menta, pata-de- vaca, coentro

—

Trono da Justiça

Xangô

Angico, aroeira, arruda, jurema-preta, urucum, garra- do- diabo

Folha de café, cipó-

-cravo, barbatimão, carapiá-raiz, que- bra-pedra, flor de hibisco

Oroiná

Arruda, cânfora, limão, tiririca, eucalipto, para--

raio, jurema-preta

Alfavaca, arnica- do--mato, canela, louro, semente de guaraná

—

Trono da Lei

Ogum

Espada e lança-de- são-jorge, picão- preto, para--

raio, guiné, eucalipto, quebra-demanda, olho-de-cabra, pinhão-roxo

Anis-estrelado, assa--peixe, abre- cami-nho, pau resposta, folha de manga,
gingibre, cavalinha, colônia

—

lansã

Espada-de-santa-- bárbara, mamona,

Folha de pitanga, capim-cidreira,

—

picão-preto, bambu,

limão, vence- demanda, cânfora

cavalinha, chapéu-

de--couro, cipó- cravo, imburana

Trono da Evolução

Obaluaê

Casca de alho, cebola desidratada, mamona, cipó-

cruz, valeriana, garra-do-diabo, fumo Barba-de-velho, sete- sangrias, sálvia, flor

de sabugueiro, arroz, folhas de beterraba

—

Nanã

Cipó-suma, pinhão-roxo, chorão, peregrum roxo Alfavaca, assa-peixe, alfavaca,
capim-rosário, mentruz

—

Trono

da

lemanjá

Erva-de-bicho, alho desidratado, casca de alho Alfavaca, flor de camomila,
mentruz, anis- estrelado, rosa branca, erva-de-san-ta-maria

Geração

Omolu

Cipó-cabeludo, dandá, olho-de-cabra, mamona e pinhão-roxo, peregum roxo, urtiga, chorão Folhas de alcachofra, capim-rosário, chapéu-de-couro, obi seco, cravo-da-índia

—

Trono Mahoryê

Exu

Casca de alho, pinhão-roxo, casca de cebola, dandá, açoita-cavalo

—

—

Trono Mehoryê

Pomb agira

Pachuli, malva-rosa, rosa vermelha, canela, amora, hibisco, pitanga

As flores são muito mais que enfeites, pois produzem um efeito mágico não só de beleza, mas também de transmutação de energias, absorvendo as energias negativas e transformando-as em positivas. Os frutos são fontes de energia que têm várias aplicações no plano etérico. Cada fruta é uma condensação de energias que formam um composto energético sintético que, se corretamente manipulado pelos espíritos, torna-se plasmas astrais, usados pelos Guias Espirituais em suas missões socorristas. Além disso, podem ser fontes de energias sutilizadoras do corpo energético dos espíritos e utilizadas para densificar corpos elementares de seres curadores que sofrem desgastes intensos, quando atuam em dimensões que não são as suas.

As energias das frutas, no astral, podem ser armazenadas em frascos cristalinos, cujo conteúdo se transforma em um poderoso plasma energético, quando acrescido de água mineral. Esse material astral é utilizado para curar espíritos ou pessoas doentes. As vibrações mentais das divindades energéticas vegetais só podem ser trazidas à dimensão espiritual humana por meio dos elementos vegetais que fixarão suas vibrações e as irradiarão às pessoas que buscam o auxílio dos Guias Espirituais.

Os banhos de ervas, preferencialmente frescas, são indicados pelas entidades durante os atendimentos, após os benzimentos e descarregos energéticos, com

diversas finalidades. Antes de ser derramado sobre o corpo, devemos fazer uma oração, pedindo a imantação do banho, a ativação da força das ervas e o direcionamento da energia para o propósito desejado.

Nesse caso, servirá para condensar as energias necessárias à melhora da pessoa e à fixação da vibração desejada.

Há dois tipos básicos de banhos: os de descarrego ou limpeza do corpo astral, para eliminação de fluidos negativos, e os de energização ou fixação, que servem para ativar e afinizar as funções psíquicas do médium, reativando os chacras, positivando a aura e melhorando a sintonia com as entidades.

São derivados das ervas o azeite de oliva, o azeite de dendê, os incensos, as essências e os banhos de limpeza, de defesa e de atração. A verdadeira essência está nos odores das substâncias vegetais; ela é volátil e se espalha tanto no ar quanto na água, de maneira que pode ser usada também nos banhos.

O azeite de oliva tem como princípio formador a energia e o poder vegetal da oliveira e é utilizado, desde a Antiguidade, tanto para alimento como nos rituais e cerimônias religiosas, nas mais diferentes religiões e culturas, sendo considerado sagrado após sua consagração pelos sacerdotes. Quando consagrado, esse óleo tem como função básica o desbloqueio e a purificação, podendo ser utilizado em batismos, casamentos, funerais, limpeza e equilíbrio

de chacras, fechamento de buracos energéticos e portais magísticos negativos, selo de proteção para casas e ambientes, exorcismo, desobsessão, retirada de ovóides, miasmas, fios energéticos e fluidos negativos. O azeite consagrado pode ser potencializado e abrir outros portais, de acordo com o que vai sendo acrescentado a ele, como pedras, outras ervas, velas.

Os Guias Espirituais utilizam esse elemento vegetal para resgatar e encaminhar espíritos e entidades afins.

No astral, o azeite consagrado causa queimaduras nos obsessores, cria um filtro absorvedor e diluidor de negativismos, retendo-os, até serem encaminhados aos seus lugares de merecimento. Muitas vezes o Guia em atendimento ferece um frasquinho de azeite consagrado a alguns consulentes, para ser utilizado com essas finalidades em suas casas.

O azeite de dendê é considerado “quente”, deriva de erva quente, de energia ativa e agressiva. Aquecido, torna-se ainda mais ativo e des- _ regador de qualquer tipo de carga ou energia negativa. É mais utilizado em oferendas, principalmente para as entidades da esquerda.

Arco e flecha, maracás, cachimbos, cajados, cabaças são exem-rlos de elementos vegetais, de mistérios e ferramentas de trabalhos vmbólicos, realizadores de funções no astral que ressonam em nosso campo humano. Vegetais como o coco e outras frutas, e

eventualmente legumes, servem para recolher seres e negativismos alojados nos consulentes e carregar o médium com energia positiva, ajudando no seu fortalecimento, equilibrando-o e acalmando-o.

Outro elemento de uso dos Guias Espirituais, especialmente os da -squerda, é o carvão, que pode ser considerado um elemento vegetal (carvão vegetal) ou mineral (carvão mineral). O carvão vegetal é re-mltante da combustão da madeira, quando a brasa é apagada. Ele tem menos calorias que o carvão mineral, mas, para nós umbandistas, quando resulta da queima de madeiras

nobres, como o cedro, o álamo e o lmo, é excelente absorvedor de elementos nocivos ao redor da aura das pessoas e no astral dos Templos.

O carvão mineral é resultado de antigas florestas fossilizadas sob rochas sedimentares e outros resíduos

: orgânicos.

A propriedade primordial do carvão é a fácil absorção dos fluidos de qualquer natureza, retendo todas as emoções astrais e desimpregnando objetos materiais.

Pedaços de carvão imantados pelos Guias Espirituais são indicados para que pessoas insones os tenham junto a si, para que eles absorvam as emanções negativas perturbadoras do sono, e, pela manhã, devem ser jogados na água corrente. Quando um pedaço de carvão, colocado em um recipiente com água, afunda é porque se impregnou com maus fluidos do ambiente. Também deve ser descartado com a

água. As benzedoras e benzedores antigos costumavam utilizar a brasa do carvão na água durante suas rezas e benzimentos.

A defumação utilizada nos Templos Umbandistas une o carvão vegetal com as ervas secas, o fogo e o ar, sensibilizando o olfato com os aromas que harmonizam e aumentam as vibrações psíquicas das pessoas presentes ao Templo, acalmando e sutizando a mente. A defumação é a queima ritualística de determinadas ervas ou essências sólidas, para higienização dos ambientes e das pessoas. A queima de determinadas plantas desprende delas as energias positivas, para afastar as energias negativas, despertar o psiquismo dos médiuns

e adequar sua mente para os Guias Espirituais.

A queima de certas ervas é tão incômoda e agressiva para espíritos negativados que eles são compelidos a se retirar do local e, na sua retirada, encontram o pelotão de choque do astral, atuante na defesa do Templo. Após a defumação, os participantes do trabalho, médiuns e consulentes ficam mais sossegados e o espaço do Templo ganha um novo aspecto de serenidade, paz e limpeza energética.

Durante a germinação e o crescimento, as ervas absorvem de toda a natureza um imenso potencial energético e sua queima libera a força e o poder

agregado à terra em meses ou anos, com a absorção de nutrientes da terra, dos raios de sol, da lua, da água e do ar, que juntos criam uma força elemental altamente concentrada que serve de barreira fluido-magnética, desagregando larvas e miasmas astrais, resultantes de sentimentos e pensamentos como ódio, vingança, inveja, raiva, capaz até de afastar eguns, sofredores e obsessores.

O ar concentrado de energias elementais entra em todos os cantos e brechas do ambiente, descarrega o campo mediúnico das pessoas, tornando-as receptivas às energias positivas e facilitando a comunicação com o plano espiritual. Porém, o poder das defumações é temporário, ustamente porque os seres de baixa vibração no astral são atraídos novamente pela vibração dos mesmos sentimentos e pensamentos negativos dos encarnados.

Existem diferentes composições de ervas para as defumações, conforme a finalidade a que se destinam, mas apenas queimá-las não tem grande significado e resultado magístico. O médium responsável pelas defumações deve conhecer essas finalidades e os diferentes tipos de ervas e manipular o turíbulo com a defumação não como um simples ato mecânico, mas estar devidamente

concentrado, para potencializar os efeitos da defumação, pois esse processo é mental, aliado ao recurso material. A energia vegetal pode ser manipulada com facilidade

pela mente do médium que defuma, por meio de mentalizações, cânticos e orações.

Para maiores esclarecimentos sobre as ervas, indicamos a consulta as obras do irmão de fé Pai Adriano Camargo, o Erveiro da Jurema.

1

As rias são acidentes geográficos formados pela inundação marinha dos cursos finais de rios, submetidos à ação das marés. A água salgada e a água doce se misturam e até retornam um pouco, quando a maré sobe.

2

O portal é uma espécie de “passagem” que traz outra realidade para o terreiro e para o campo energético da estrutura espiritual do médium. É uma passagem de mão dupla que recolhe o que está nos incomodando e nos traz o que existe na dimensão da Divindade. Um portal cria um espaço mágico e pode ser delimitado por qualquer elemento da natureza, para não interferir nas atividades do Templo, desde que na forma de figura geométrica. Cada figura é um símbolo com poder de comunicação com os lados espiritual, natural e divino. Servem de limite folhas, panos, pombas, velas, carvão, pedras, fitas, cipós, líquidos, etc.

Terra

O nome terra, por si só, já denota a importância desse elemento. Segundo antigas tradições, foi o último elemento a ser formado, integrando em si a água, o fogo e o ar, tendo como principal característica a solidificação. A terra sustenta os vegetais e abriga os cristais, a água e os minerais.

Vasos de ervas com terra são usados para lidar principalmente com os problemas do físico dos consulentes, ou seja, com a saúde, pois fortalecem vibratoriamente as pessoas, transmutando, curando e energizando. Além disso, o elemento terra está ligado também à matéria e ao trabalho, a novos projetos, favorecendo a estabilidade em empregos e as conquistas materiais, e é ideal para quem necessita de segurança e determinação. Os vasos com flores plantadas que enfeitam o altar têm também essa finalidade. Oferendas feitas diretamente na terra fortalecem vibratoriamente a pessoa, são ótimas potencializadoras do magnetismo mental e da concentração energética.

Cada tipo de terra tem sua cor e qualidade, tendo relação direta com a divindade associada a ela. Há um símbolo, uma cor, uma energia, uma função, etc., respectivamente, para as terras pretas, roxas, vermelhas, cinzentas, amarelas, brancas e outras.

Fogo

O fogo nos trabalhos de Umbanda é manipulado por meio das chamas das velas e pela brasa utilizada nas defumações, juntamente com as ervas. A vibração do fogo é purificadora e energética, pois queima miasmas e larvas astrais e tem o poder de desintegrar trabalhos de magia negativa; pode corrigir e equilibrar, proporcionar entusiasmo e otimismo, transformar desânimos em motivações e ânimos, além de aumentar o bom humor e a criatividade. “Um culto realizado ao

redor de uma fogueira queima miasmas ou larvas astrais e energiza positivamente o espírito das pessoas alcançadas por suas ondas quentes”

Rubens Saraceni

- Umbanda Sagrada).

O teor ígneo nos trabalhos de Umbanda é de importância fundamental e fornecido pelo uso de velas brancas e coloridas, em triângulo, em cruz, em pentagrama ou outro arranjo solicitado pelas entidades. O teor ígneo é diferente conforme a quantidade e como as velas são distribuídas e firmadas. A cor da vela, por sua vez, altera a

“temperatura” do teor ígneo.

As velas significam luz, dão vida ao altar e recebem, das divindades as quais foram consagradas, fluxos de

energia divina que se irradiam pelo espaço interno do Templo, alcançando os que se encontram dentro dele.

Elas ajudam na concentração, absorvem energias, essências e elementos negativos, consomem cordões energéticos negativos e irradiam uma gama de ondas vibratórias transportadoras de benéficas energias ígneas, capazes de alterar a energia de uma pessoa ou de um ambiente. Além de alterar o estado energético de pessoas e ambientes, podem concentrar a energia das intenções e propósitos

das nossas solicitações e pensamentos, ativar a fé, mantendo a sintonia com o astral superior.

Também as velas unem vários elementos e podem ser de diferentes cores, conforme a pigmentação. A parafina, derivada do petróleo, representa os elementos terra e mineral; a chama é energia ígnea; a fumaça exalada representa a energia eólica; e os materiais desprendidos na combustão formam moléculas de água.

CORRESPONDÊNCIA ORIXÁ - COR - VELA

ORIXÁ

COR

VELA

SIMBOLIZA

Oxalá

Branco cristalino

Branca

União de todas as cores, paz, calma.

Logunan

Azul-escuro, fumê

Azul- escura

Sustentação do magnetismo mental, direcionamento divino.

Oxum

Rosa, dourado, azul

Rosa

Aconchego, inspiração, amor, conforto para a alma.

Oxumarê

Azul- turquesa,

Azul- turquesa

Diluição do que perdeu função, renovação de sentimentos e expectativas.

furta-cor

Oxóssi

Verde

Verde

Esperança, cura, abundância, fim das tensões.

Obá

Magenta, vermelho

Magenta

Concentração, objetividade.

Xangô

Marrom-claro, dourado, vermelho

Marrom

Equilíbrio, razão, graduação do magnetismo mental.

Oroiná (Kali)

Laranja, dourado, vermelho

Laranja

Purificação e energização das faculdades em desequilíbrio.

Ogum

Azul-escuro, prata, vermelho

Vermelha

Dinamismo, força, coragem, ânimo.

Iansã

Amarelo, dourado, coral Amarela

Alegria de viver, alto astral, movimento.

Obaluaê

Violeta, branco, prata

Violeta

Transformações, evoluções.

Nanã

Lilás, azul-claro, branco

Lilás

Decantação do excesso de emotividade, desenvolvimento da razão.

Iemanjá

Azul, prata, branco

Azul- clara

Crescimento pessoal, melhor autocontrole, criatividade.

Omolu

Roxo, branco

Roxa

Estabilidade, para retomar evolução.

Exu

Preto, vermelho

Preta

Vazio, para transformação.

Pombagira

Vermelho, preto

Vermelha

Dinamismo interior, força, coragem, ânimo, vontade.

Ao acendermos velas no Templo, estabelecemos no plano matéria-espírito poderosos polos magnéticos sintonizados com os mistérios regentes dos Orixás e dos Guias Espirituais invocados. A chama da vela simboliza a chama da fé,

manifestada religiosamente, estabelece espaços religiosos bem definidos e nos liga por meio de cordões aos nossos Pais e Mães Maiores.

Ao acendermos as velas e pedirmos a um ou mais dos nossos Orixás a proteção divina e proteção durante um trabalho espiritual, abre-se um polo magnético

positivo das linhas por onde fluem suas irradiações que atuarão nas manifestações do espaço religioso, dando sustentação ao trabalho enquanto ele não for encerrado. Ao final, o polo se fechará para o lado material, permanecendo aberto e ativo no lado espiritual por sete dias, durante os quais cada par de Orixás atuará no seu dia específico, irradiando, absorvendo e anulando irradiações negativas captadas por seus polos negativos. São Sete Linhas de Umbanda, uma para cada dia da semana correspondente a ela, ainda que todas as outras também ateiam presentes. A vela é neutra no momento em que a acendemos, mas, ao ser consagrada a um Orixá, imediatamente se estabelece um . rdão de ligação entre o Orixá e ela.

É bastante comum nos trabalhos da Umbanda um Guia cruzar elas, acendê-las, realizar trabalhos, purificadores nos consulentes e, também, cruzar velas e oferecê-las aos atendidos, para que as levem rara casa e as acendam.

Assim, as velas realizam um trabalho de limpeza e purificação dentro do ambiente, retirando as cargas negativas acumuladas.

Quando firmadas com amor e fé, as velas captam as irradiações positivas que chegam do alto verticalmente e estabelecem um elo maior com a dimensão divina, por meio das divindades que nos assistem.

A defumação, que alia o fogo às ervas, antes do início de cada trabalho, dilui as energias negativas condensadas, purifica o ambiente e sutilha as vibrações, tornando o espaço do Templo receptivo às energias de ordem positiva, limpa os médiuns e suas guias de contas. O braseiro da defumação deve estar tão bem aceso que queimará até : fim, até virar cinza.

A pólvora também é um elemento utilizado na Umbanda e sua fabricação pode ser caseira ou industrializada. Ela é constituída por enxofre, carvão vegetal e nitrato de potássio ou salitre e, quando em contato com o fogo, explode tanto no campo físico como explode mais intensamente no campo astral, desintegrando campos de força densos, miasmas, placas, morbos psíquicos, parasitas, ovóides, etc., que os Guias não conseguem desfazer apenas com a força mental e com o fluido dos ectoplasmas dos médiuns.

O enxofre provê o carbono e o nitrato de potássio provê o oxigênio. A pólvora, fundanga (palavra de origem kimbundo) ou tuia (palavra do iorubá), também chamada de “ponto de fogo”, “roda de fogo” ou “círculo de pólvora”, é um elemento de magia ambivalente, cujo principal objetivo é afastar, limpar e dispersar da aura de pessoas e de ambientes espíritos obsessores, energias negativas, larvas, cascões, vampiros, magos negros, corpos astrais de animais, formas-pensamento etc.

Atualmente, poucas casas utilizam esse elemento, pois

os trabalhos com pólvora exigem concentração e precaução extraordinárias. Esses trabalhos devem ser realizados perto de aberturas e jamais dentro de casas ou ambientes fechados, pois estes não permitem a evaporação das camadas deletérias por ela deslocadas em sua explosão, o que determinará a sobrecarga do ambiente com resíduos oriundos de sua ação.

Apesar de em algumas casas considerarem a pólvora como a força máxima para limpeza, seu uso deve ser restrito a casos de mais absoluta necessidade e sob a responsabilidade do Guia-Chefe. A descarga com pólvora é um arremedo no Microcosmo dos recursos do Macrocosmo, utilizados pelo poder do Criador com idênticas finalidades.

AS BEBIDAS, OS ALIMENTOS E O FUMO NA UMBANDA

O álcool e o fumo utilizados na Umbanda são elementos poderosos manipulados pelos Guias para realizarem trabalhos de limpeza e purificação dos consulentes, dos ambientes e dos médiuns; são elementos de trabalho úteis e necessários; são lenitivos magísticos, para beneficiar os filhos de fé, pois atraem bons fluidos e ajudam na concentração.

Assim como ocorre nos hospitais, onde o álcool é usado para desinfetar as mãos e na limpeza de equipamentos e materiais contra bactérias nocivas a nós e aos enfermos, o mesmo acontece nos trabalhos espirituais umbandistas, nos quais o álcool serve para

desintegrar energias nocivas impregnadas nas pessoas.

Da mesma maneira que as bactérias no plano material, as energias e os seres espirituais negativos não são visíveis ao olho humano comum, mas estão ali.

O fumo é “erva de poder” e o álcool é “bebida de poder”; ambos atraem forças e poderes das divindades em seus aspectos sagrados. O tabaco é o elemento vegetal que traz os quatro elementos básicos - terra, água, ar e fogo

e, quando utilizado como fumo e defumador, direciona os elementos fogo e ar para trabalhos de magia prática. O álcool é a união de diversos elementos

o vegetal, a água e o fogo -, é altamente volátil no ar e de fácil combustão. Também chamado “fogo líquido”, provém da cana-de-açúcar, do arroz e de outros vegetais que se sustentam na terra.

Os alimentos e as bebidas usados pelos Guias Espirituais são condensadores de vibrações energéticas naturais, necessários para suas ações, e possuem determinados teores de álcool e açúcar, além de graus de acidez que se elementarizam, inundam os corpos energéticos das pessoas, as quais começam a ser purificadas, limpas, descarregadas, reenergizadas, regeneradas e curadas em sua contraparte espiritual. “A utilização de bebidas com alto teor alcoólico é explicada pelas leis de Atração e Repulsão, de Newton. O álcool volatiliza-se rapidamente, servindo

como condensador energético para desintegrar descargas e miasmas pesados que ficam impregnados nas auras dos consulentes. Toda

forma de pensamento elementar é de vibração densa e a dispersão do álcool no éter apresenta capacidade de atração, repulsão e dispersão, do álcool no éter apresenta capacidade de atração, repulsão e dispersão, por ser um elemento que o interpenetra vibratoriamente, além de ser meio volátil que faz a assepsia do ambiente” (Ramatís - A Missão da .'

Umbanda - Ed. do Conhecimento).

O Guia adota a absorção desses teores de álcool, de açúcar e de acidez assim como usa o teor ígneo das velas - como recursos para ajudar . consulentes muito sobrecarregados de energias negativas e miasmas, uso também explica as oferendas e o fato de os Guias Espirituais cru-: irem alimentos e os comerem, por ocasião das “festas” para os Orixás e Guias. Eles ativam magisticamente seus princípios e teores e comem para absorver e desenvolver em si, incorporados à sua energia pessoal, os recursos que poderão usar, passando a irradiá-los em seus passes e na ajuda de limpeza, purificação, cura e regeneração de Espíritos sofredores agregados aos seus carmas.

A bebida alcoólica tem sido usada com discrição nos cultos ritualísticos de diversas religiões. Sua ingestão promove uma limpeza no campo energético do médium e sai pelo chakra básico, para que ele não

absorva o negativismo dos consulentes. Assim deve ser seu uso na Umbanda - discreto e sem excessos e exageros.

O tabaco, considerado sagrado, é usado há milênios pelos povos indígenas em seus trabalhos de cura, pajelança e xamanismo. O álcool das bebidas e a fumaça do tabaco, usado em charutos, cachimbos ou cigarros de palha, são elementos consumidores que realizam uma limpeza no corpo etérico do atendido, dissolvendo, desagregando e descarregando condensações energéticas negativas e formas-pensamento plasmadas, queimando larvas, miasmas astrais e cordões energéticos, limpando interna e externamente vibrações de ódio, inveja, mágoas e ressentimentos.

Durante os trabalhos de Umbanda, os Guias Espirituais utilizam o sopro para trabalhos de cura e limpeza, com efeitos terapêuticos espirituais eficazes, que são altamente potencializados pelo poder das ervas. No decorrer do atendimento, as entidades incorporadas não trazam as fumaças dos cachimbos, charutos e cigarros, mas sopram baforadas sobre as pessoas que

se consultam, realizando seus passes, conjugando sopro e defumação, para a limpeza energética do perispírito ou aura do consulente. Sopros, ervas e fumo, quando potencializados pelos Guias com energias etéricas, são poderosos elementos

terapêuticos,

limpadores

de

campos

eletromagnéticos, e o odor do fumo sendo queimado atrai bons fluidos e ajuda na concentração do médium. É uma defumação especial e individual.

O uso das bebidas e do fumo pelos Guias Espirituais cria as condições, nos planos material e astral, para a realização da Magia da Umbanda, sob magnetização dos Sagrados Orixás. No trabalho espiritual de Umbanda aliam-se o álcool, o fumo, a magia das entidades Guias, a energia da natureza com os elementais e o ectoplasma fornecido pelos médiuns durante os trabalhos, compondo um poderoso arsenal magístico que possibilita a limpeza, o equilíbrio e a cura dos consulentes atendidos.

As bebidas e o fumo são utilizados nos trabalhos de Umbanda, nas oferendas

para os Guias e para os Orixás, na firmeza das tronqueiras, na limpeza dos instrumentos dos Exus, na assepsia e desinfecção de regiões tratadas pelas

entidades nos consulentes, na manipulação magística, na limpeza de chacras, no ponto riscado, etc., e jamais devem ser utilizados sem bom senso. As bebidas podem ser passadas nas mãos e braços dos médiuns, antes de uma gira de esquerda, para facilitar a conexão Guia--médium. Se houver a ingestão de garrafas de vinho, marafo ou outra bebida alcoólica qualquer, é o

médium que está sem doutrina, sem educação mediúnica, sem bom senso e sem ética.

Quando as entidades pedem para fazer círculos com as bebidas ao redor das oferendas, elas recorrem ao recurso do elemento, para criar o círculo do mistério e poder realizar o trabalho. No vinho, recorrem ao recurso da uva, na pinga ao recurso da cana, e assim sucessivamente às outras bebidas.

Os Guias Espirituais conhecem a Ciência Divina e os teores nesta obra já tratados, e muitos outros.

Oferendamos bebidas específicas para cada Orixá, cada uma possuindo seus teores característicos e seus princípios ativos.

Cerveja branca para Ogum, cerveja preta para Xangô, ambas para Oxóssi e também vinho branco ou tinto.

Os Exus, Baianos, Boiadeiros e outros não bebem nada além do pouco necessário para o equilíbrio das vibrações e manipulação magística dos elementos. Os Marinheiros não balançam porque são bêbados, mas porque sua energia está na vibração das ondas do mar.

Outra função da bebida é seu uso como “contraste”, para um check-up mais apurado, tal como na medicina tradicional. Quando está ocorrendo algum problema de ordem física, as entidades magnetizam bebida e pedem para o consulente ingerir uma pequena quantidade, para que possam ver outras coisas no organismo dele, ou seja, problemas que necessitam de cuidados.

GUIAS

BEBIDAS BÁSICAS MANIPULADAS

Caboclos

Cerveja branca ou preta, vinho, água de coco ou caldo de cana.

Pretos- Velhos

Café, garapa, vinho e marafo.

Crianças

Guaraná e outros refrigerantes, suco de frutas, leite e água de coco.

Baianos

Batida de coco, água de coco e marafo.

Boiadeiros

Cerveja escura, vinho doce, batida de coco, marafo com mel.

Marinheiros

Rum, cerveja clara, marafo.

Ciganos

Vinho, ponche, licor.

Malandros

Marafo e cerveja.

Exus

Marafo, uísque, vinho. Alguns raros usam cerveja.

Pombagiras

Champanhe, sidra, vermute.

Como vimos, o uso do álcool e do fumo pelos Guias Espirituais nos rituais umbandistas nada tem de ignorância, primitivismo, inferioridade ou “baixo espiritismo”, pois eles têm significados claros e fundamentados nos trabalhos de limpeza e purificação. Os Guias Espirituais não bebem porque gostam ou porque ainda tenham algum apego a esse ato, mas para limpar o consulente e deixar seu médium limpo. O Guia nunca abusa, ele usa a quantidade de que precisa; o abuso, quando ocorre, é por conta do médium.

Portanto, não há apologia ao tabagismo nem ao alcoolismo como apregoam alguns.

Quando aquilo que é sagrado, que é divino, é profanado, desencadeia a dor e o vício em seus profanadores. Assim acontece com o fumo e as bebidas alcoólicas curadoras que, quando industrializados e comercializados, juntamente com diversos agentes tóxicos prejudiciais à saúde, causam doenças e vícios aos seus consumidores. Cabe lembrar que os Guias Espirituais sempre aconselham os

filhos de fé, em geral, para que evitem os vícios, sejam eles de quaisquer espécies, para preservarem seus corpos material e espiritual e sua saúde.

As entidades de Umbanda manipulam a fumaça dos charutos, cachimbos, cigarros de palha, cigarrilhas e

cigarros, mas não a tragam; manipulam a essência do álcool das bebidas e não bebem senão alguns poucos goles, pois não têm vício nem apego a esses elementos de trabalho. Muitas vezes, colocam a bebida ou o fumo na boca e cospem nos recipientes que ficam à sua disposição, para evitar a ingestão de nicotina e de outros elementos da química industrial, inadequados ao trabalho e ao médium.

Muitas entidades pedem cigarros e cachimbos com filtros, para a redução da nicotina no corpo do médium, e solicitam que seus médiuns produzam seus charutos e cigarros, ensinando recursos com a utilização de ervas de propriedades variadas que, quando combinadas e ativadas, potencializam os efeitos energéticos e tornam-se grandes catalisadores, condutores, energizadores, descarregadores e reequilibradores dos perispíritos dos consulentes, evitando, assim, o uso de elementos industrializados nos Templos:

Charutos para Caboclos, com ervas secas piladas, enroladas na palha: sálvia, alfazema e calêndula.

Fumo de cachimbo para Pretos-Velhos, com sálvia, alfazema, alecrim, folha de café e urucum secos.

Charutos para Exu, com ervas secas piladas: sálvia, cravo vermelho seco e

levante.

Cigarrilhas para Pombagiras, com ervas secas piladas: sálvia, hibisco e rosa vermelha.

As bebidas e o fumo jamais devem ser utilizados por

médiuns de menor idade, quando incorporados com os Guias Espirituais, por respeito, principalmente à religião, evitando que o nome da Umbanda seja associado a infrações e desrespeito à Lei, além dos cuidados com o jovem médium.

AS FERRAMENTAS

As “Ferramentas” umbandistas são utensílios religiosos e mágicos, como cálices, colares de contas, panos, fitas, cipós, maracás, espadas e chapéus, usadas pela maioria dos Guias Espirituais e servem para absorver e descarregar energias negativas condensadas no éter aos Templos, nos médiuns e nos consulentes e atrair ou projetar ondas vibratórias, quando consagradas. Muito mais do que aparentam, há uma Ciência Divina por trás do instrumental utilizado pelas entidades espirituais em suas práticas simples manifestam-se os sete sentidos capitais do Divino Criador, no Ritual de Umbanda Sagrada, ou seja, a fé, o amor, o conhecimento, a justiça, a ordem, a evolução e a geração, e os 14

Orixás. Esses instrumentos, quando consagrados, poderão ser usados pelos médiuns como filtros protetores no dia a dia e pelos Guias Espirituais como instrumentos mágicos, para-raios protetores ou descarregadores de cargas energéticas negativas que os consulentes trazem para os locais de trabalho. Os

variados instrumentos mágicos dos Guias são

acumuladores de energias que, quando ativados por eles, realizam processos mágicos.

Não há uma regra determinando a função de cada ferramenta, pois há variação no seu uso ou no seu tipo até mesmo entre Guias de uma mesma falange. Uma entidade, Caboclo ou Cabocla, por exemplo, pode utilizar um cocar e outro utilizar apenas uma pena, um maracá, uma pena, uma cuia com água e ervas, água e mel ou alfazema. O médium pode até ajudar na escolha da ferramenta, mas quem direciona o tipo de energia para a ferramenta é o Guia Espiritual, pois é ele quem está visualizando a necessidade da pessoa que está sendo atendida. É ele quem sabe manipular a ferramenta e a energia, sem afetar o médium ou o consulente.

Os Guias podem utilizar a mesma ferramenta para diferentes situações, dependendo do fundamento e mistério do próprio Guia, da necessidade do consulente, do objetivo que ele quer atingir e, enfim, da sua vontade.

Portanto, quem define as ferramentas de trabalho é sempre próprio Guia Espiritual. Ele pede os objetos de que necessita, cruza-os, consagrando-os, pois estão sempre ligados magneticamente aos pontos de força naturais de seus Orixás Regentes.

O que acontece tradicionalmente nos terreiros é o cruzamento externo dos objetos mágicos pelos Guias Espirituais. Os objetos são lavados, para purificação,

iluminados com velas, para energização, e entregues ao Guia Espiritual para que sejam cruzados.

Eventualmente são colocados nos altares por alguns dias, para receberem uma imantação divina, aumentando seu poder energético. Após isso, são instrumentos mágicos nas mãos dos Guias. Porém, os axés ou vibrações puras dos objetos de uso mágico ou religioso podem ser ampliados por meio de consagrações internas e os benefícios serão ainda maiores.

Os Guias Espirituais, por se encontrarem em outro plano, estão impossibilitados de realizar a consagração interna desses objetos, que só pode ser feita a partir do lado material da vida por pessoa que conheça o mistério, os fundamentos, as fórmulas consagratórias internas, inicia-tórias e sagradas. Para que os umbandistas possam realizar suas práticas mágicas ou religiosas com maior segurança e fundamentação para as consagrações internas, sugerimos a leitura e estudo do livro Formulário de Consagrações Umbandistas, de Pai Rubens Saraceni.¹

Os objetos podem ser neutros na natureza, porém, se consagrados nos pontos de força dos Orixás, são potencializados, possuindo a capacidade de fixar as energias naturais, de atrair ou projetar ondas vibratórias, de descarregar os médiuns e os consulentes, de absorver energias negativas condensadas na aura ou no corpo energético das

pessoas e de irradiar energias elementares.

Cajados, bengalas, tridentes, espadas, adagas, punhais, lanças, flechas, tesouras, chaves e similares, conchas, pedras e outros objetos, quando batidos no chão, servem como um meio para descarregar as energias negativas do médium ou do consulente, cortar trabalhos, cortar amarrações

de pés e mãos e outros, e para energizá-los, concentrando e repassando energias positivas.

Instrumentais que cobrem a cabeça e o corpo dos médiuns, como chapéus, cocares, capas, saias, lenços, xales, etc., geralmente são utilizados para atrair bons fluidos e boa energia para suas coroas e corpos, protegendo-os contra as vibrações negativas do ambiente e ainda não processadas durante o ritual.

Os objetos consagrados deixam de ser profanos e passam a ser sagrados quando são cruzados pelos Guias Espirituais ou na natureza, de modo que, após esse procedimento, podem ser usados pelos médiuns e pelos consulentes como filtros protetores e descarregadores. Esses objetos são muitos e não é possível falarmos sobre todos eles, mas citaremos apenas os mais utilizados pelas entidades.

Ferramentas em forma de círculo

O círculo é um espaço mágico poderoso, que pode ser estável, se for fechado - como as coroas, colares, chapéus e anéis -, ou flexível, aberto ou fechado -

como os cocares, braceletes e pulseiras. Esses objetos circulares, devidamente consagrados para uma ou diversas funções, podem tornar-se poderosos talismãs ou patuás, transformados em - riais energéticos que ora irradiam, ora absorvem, ora neutralizam, e Tandindo energias em círculos concêntricos de luzes e cores, equilibrando e restaurando vibrações.

Cocares, chapéus e similares

Instrumentais que cobrem as cabeças dos médiuns, como chapéus : cocares, e também as fitas amarradas ao redor da cabeça, geralmente são utilizados como proteção contra as vibrações negativas e para atrair bons fluidos e boa energia para as suas coroas. Tanto o chapéu como as Tias têm o formato de um círculo mágico que, além de cobrirem e protegerem a coroa do médium, significam respeito para com a divindade regente do Guia.

Os cocares de penas, cruzados pelos Guias Caboclos ou Caboclas, por exemplo, sustentam-se no Mistério das Sete Penas Sagradas, regido por Pai Oxóssi e Mãe Obá e pelo Orixá Guardião do Mistério da cor da pena: Oxalá para as penas brancas; Oxum para as penas rosas; Xangô para as vermelhas; Iemanjá para as azuis-claras; e assim por diante. As penas das aves que vivem nas matas fazem parte de seu ecossistema.

Por isso, são regidas por Oxóssi e Obá. Um cocar é um círculo mágico protetor, um portal regido por Pai

Oxóssi e Mãe Obá e ativado por quem guarda o Mistério das Penas, classificado como Mistério Maior por estar fundamentado em uma forma de vida.

Os chapéus, consagrados e usados especialmente pelos Baianos e Boiadeiros, sustentam-se no mistério das sete campinas sagradas, regido por Mãe Iansã. Os chapéus são feitos com o couro de boi e, portanto, esse mistério também está fundamentado em uma forma de vida. Os bois fazem parte do ecossistema das campinas, regido por Mãe Iansã e Mãe Logunan, regente também do Mistério dos Sete Laços Sagrados, consagrados e usados pelos Boiadeiros, e do Mistério dos Sete Caminhos, regido por Pai Ogum. O Mistério dos Sete Chicotes Sagrados pertence a Mãe Iansã.

Guias ou colares consagrados

O uso de objetos junto ao corpo, como pulseiras, colares, braceletes e broches, se perde na história e atualmente o encontramos nos xamãs, nos sacerdotes indianos, budistas, católicos, candomblecistas, umbandistas e outros.

As guias de cristal, louça, miçangas, contas de rosário, olhos de boi ou de cabra, coquinhos ou outras composições, devidamente consagradas e imantadas com as vibrações elementais e divinas existentes nos pontos de força da natureza, são círculos

multidimensionais, espaços mágicos fechados, permanentes, porém maleáveis, condensadores energéticos utilizados pelos Guias de Lei. Trabalham o tempo todo recolhendo e enviando para outras dimensões ou faixas vibratórias as cargas energéticas projetadas contra seus usuários, para descarregar os acúmulos negativos alojados nos campos eletromagnéticos dos médiuns, projetados contra eles ou trazidos pelos consulentes.

Quando consagradas pelos Guias Espirituais, para os médiuns ou consulentes, as guias de contas não se tornam espaços mágicos em si, mas são colares protetores, imantados com uma vibração específica, que repelem ou anulam projeções energéticas negativas. Seu uso pelos médiuns umbandistas é positivo, pois, quando devidamente cruzados e imantados pelas entidades protetoras de Umbanda, tornam-se recursos mágicos excelentes, fundamentais para uso nos trabalhos espirituais.

As guias ou colares consagrados são um fundamento que a Umbanda herdou dos cultos indígenas, dos cultos de nação e do Catolicismo, e são o principal amuleto que liga o Guia ao médium. Magnetizadas com as energias do Guia Espiritual e afinizadas com a Linha e Falange de Trabalho, as guias ou colares, além de

criarem um cinturão protetor irradiante, fortalecem a ligação energética do médium com as entidades

espirituais que o amparam, tornam sua ligação com elas mais direta, sólida e estável, além de exercerem proteção em seu campo energético. Qualquer vibração estranha será captada na dimensão do Orixá, por meio dos cristais das guias. O Orixá, imediatamente, ativará o poder irradiante de seu cristal e protegerá seu filho que está em outra dimensão, até que algum Guia no mesmo nível vibratório o socorra, ajude ou ensine a anular as vibrações inconvenientes.

As guias funcionam como uma espécie de para-raios, impedindo que os médiuns absorvam as energias escuras emitidas por consulentes ou por forças indesejáveis, formando um campo protetor, um portal que se abre e absorve as sobrecargas negativas.

Durante os trabalhos, as energias captadas vão se condensando, agregando às guias de contas e não são absorvidas pelos corpos energéticos dos médiuns, livrando-os de sobrecargas e desarmonias.

A preparação do colar deve ser realizada pelo médium e a consagração ou cruzamento poderá ser feito pelo médium nos devidos pontos de força ou pelo Guia, no próprio congá do Templo. Geralmente, um colar de contas é cruzado pela entidade, imantado com sua vibração específica e colocado sobre o altar por algum tempo. Cada Entidade de Trabalho do médium tem sua guia própria; as entidades que só se manifestam eventualmente costumam utilizar as guias de outras entidades da mesma Linha de Trabalho, cujas energias

são similares às suas.

Colares confeccionados com pedras de cristais, porcelana, sementes, minérios, búzios, conchas e outros elementos naturais têm finalidades específicas e, quando solicitados e devidamente cruzados pelos Guias Espirituais, ao usarmos, abre-se um canal de comunicação com o Guia em questão. Quando uma demanda ou ataque espiritual é detectado, das contas da guia abrem-se portais e deles saem seres que atuam em nossa defesa, protegendo-nos.

Os Guias Espirituais pedem seus colares específicos, confeccionados com os elementos naturais que eles manipulam e que são imantados e cruzados por eles, tornando-se absorvedores de energias inconvenientes e limpadores das pessoas atendidas.

Quanto mais naturais forem esses elementos, melhor. Portanto, as guias de contas têm as funções de proteger, ajudar e descarregar e devem ser confeccionadas conforme solicitação e orientação das entidades, pois ninguém melhor do que elas para saber com que energias trabalham e como proteger seus médiuns. As montagens, as contas e as cores das guias encerram mistérios que estão além do nosso parco conhecimento e devem ser respeitados.

LINHA DE TRABALHO

TIPO DE MATERIAL

COR

Caboclos

Sementes, contas diversas, etc.

Conforme pedido

Pretos-Velhos

Contas de cristais

Incolor e preto

Crianças

Quartzo

Rosa, azul, branco

Baianos

Coquinhos e contas

Conforme pedido

Boiadeiros

Jaspe

Leopardo

Marinheiros

Contas de louça ou cristal

Azul e branco

Sereias

Conchinhas

Natural

Ciganos

Contas de louça ou cristal

Conforme pedido

Oriente

Contas de louça

Branças e amarelas

Malandros

Contas de louça

Branças e vermelhas

Esse respeito passa pelo carinho e cuidado na sua limpeza - conforme orientação do Guia Espiritual ou do dirigente -, na defumação no início dos trabalhos e no uso criterioso das guias, que jamais devem ser emprestadas, colocadas no chão, levadas ao banheiro ou deixadas com pessoas da assistência. Se houver necessidade de retirá-las, isso deverá ser feito pelo Guia Espiritual em trabalho ou pelo médium, colocando-as sobre uma toalha branca.

Uma Guia da Esquerda, usada no corpo obliquamente para a esquerda, cria um campo protetor com as forças da nossa esquerda - Exu, Pombagira e Exu-Mirim.

Porém, em determinados trabalhos, alguns outros Guias cruzam seus colares para a esquerda, formando um campo bloqueador temporário de energias negativas das realidades situadas à nossa esquerda.

Também há Guias que entrecruzam os colares dos Orixás, um para a esquerda, outro para a direita, formando polos complementares, como Iansã e Ogum, Xangô e Orofinlá. Guias Espirituais Baianos e

Boiadeiros também costumam cruzar suas guias para a esquerda, em determinados trabalhos, formando polaridades e campos complementares com outras uxidades.

As guias de contas podem arrebentar por diversos motivos, como terem sido confeccionadas de maneira inadequada ou com fios frágeis, fato de serem lavadas em banhos de firmeza e deixadas ao sol, ou até molhadas com o próprio suor do médium durante os trabalhos. Nem sempre estouram só como consequência de descarrego do médium. Podem quebrar por não resistirem a essa variação, quando usadas nos dias de trabalho. Porém, se o médium estiver bastante carregado negativamente e o único objeto de

descarrego que portar for a guia de contas, ela pode arrebentar pelo excesso de energia.

O médium deve cuidar para que sua vaidade não promova o uso exagerado de guias. Deve usar apenas o necessário e o que for pedido por seus Guias

Espirituais.

O brajá do Guardiã

A guia ou brajá de Exu Guardiã, consagrado como se deve, torna-se um portal multidimensional e um espaço mágico circular que tanto poderá ser usado por ele (Exu Guardiã) quanto pelos demais Guias (da direita e da esquerda) e mesmo pelo médium, se este

receber autorização para utilizá-lo com esse fim.

O tamanho é apropriado para passar ao redor de uma pessoa.

O brajá consagrado é um instrumento de trabalhos magísticos de primeira grandeza, sagrado, e deve ser manuseado somente pelo médium, seu dono, ou por seus Guias Espirituais. Seu uso por terceiros é vedado e quem o fizer estará profanando esse mistério mágico.

Anéis imantados

Há Guias Espirituais, como os Baianos e os Ciganos, que são portadores de anéis imantados por eles, que utilizam durante seus trabalhos, lindando nas giras de desenvolvimento e de atendimento. Ajudam também a neutralizar irradiações negativas que possam ter sido projetadas contra as pessoas e contra o próprio terreiro.

Cabaças

Frutos da cabaceira (*Cucurbita lagenaria* L.), de formas arredondadas e com pescoços curtos ou longos, as cabaças são utilizadas como utensílios e como elementos de trabalho dos Guias Espirituais.

São elementos vegetais de grande valor simbólico, natural e energético, principalmente para os Caboclos e para os Pretos-Velhos. Nas oferendas ou nas bebidas

servidas aos Guias em coités acrescem valor energético, por seu fator natural, energético e biodegradável.

Como elementos mágicos, naturais e energéticos, as cabaças representam o “pote” que guarda os mistérios da cura, da vida e da morte. Trata-se de um elemento natural vegetal e seco. Dependendo da forma como são cortadas ou usadas, as cabaças servem a diferentes finalidades ritualísticas. Cortadas horizontalmente, servem como cuias ou coités² se forem menores, servem

como cumbucas, se forem maiores, podem ser usadas em amacis e como vasilhas com tampas.

Cortadas verticalmente, servem de pratos ou vasilhas com cabos. Inteiras, revestidas por uma rede de malha com búzios, são instrumentos musicais de percussão (os xequerês). Pequenas, são colocadas em assentamentos, principalmente de Iansã, Obaluaê e Omolu.

CAPAS E DEMAIS VESTIMENTAS

As vestimentas também são objetos litúrgicos, instrumentos que nos levam ao sagrado. A vestimenta e demais indumentárias que uma entidade espiritual usa têm como função expressar simbolicamente uma atividade ou característica da falange ou do seu trabalho, e são também um instrumento cuja

duplicidade etérica é utilizada nos trabalhos de magia. Podem não ser elementos imprescindíveis às entidades, mas são instrumentos ritualísticos a mais que, se devidamente utilizados, contarão com a discrição e o discernimento necessários ao cumprimento de suas finalidades específicas. Assim como um culto descido de qualquer aparato ritualístico pode proporcionar orgulho e ilusão de ser mais espiritualizado que os demais, o culto com uso excessivo e exagerado de indumentárias litúrgicas poderá levar os desavisados à fantasia, ao luxo e à vaidade. Ambas as formas de culto devem ser evitadas pelo cumprimento de suas finalidades específicas.

Alguns Exus usam capas materiais durante os trabalhos, que podem simbolizar seu poder de proteção e defesa. Mas a capa física não importa tanto, pois eles trazem suas capas como elementos do plano espiritual, usadas em sua contraparte etérica nos trabalhos do terreiro, funcionando como portais.

Quando o Exu abraça o consulente, ele o .sola daquela realidade vibratória com sua capa astral e, por frações de segundo, o coloca em outra realidade ou transporta a situação magnética e energética do consulente ou do médium para outras realidades, faz que tem de fazer e retorna.

ESPADAS E OUTROS OBJETOS PONTIAGUDOS

Espadas, lanças, punhais, ponteiros, tesouras e outros objetos metálicos pontiagudos ajudam a desfazer pesados campos de força, plasmados no astral em amuletos, mandalas, escudos e até em sangue. Serem de espécies de potentes para-raios contra o astral inferior, pois fazem a descarga eletromagnética em atendimentos onde há demandas, ajudando o consulente demandado e preservando a segurança dos médiuns.

Esses objetos são símbolos sagrados utilizados para amparar e proteger, nunca para subjugar e escravizar.

A espada simboliza lei e ordem em todos os níveis, luta e força, poder e submissão. No Templo, a espada simbólica de Ogum nem sempre está à mostra. Pode estar oculta em um ponteiro, espada ou no facão de um Exu de Lei. Os Exus de Lei também são instrumentos da Lei Maior ou Lei do Carma.

Há Guias que, ao “cruzarem” os campos magnéticos das pessoas com suas espadas imantadas com o poder e a força da Lei, nada mais fazem do que passá-las pelos cordões energéticos que ligam esses seres com seus afins ainda nas trevas, livrando as pessoas de atuações nocivas aos seus corpos energéticos e aos seus emocionais. Só a simbólica espada da Lei pode cortar essas ligações, mas não corta as que devem permanecer intactas, se os espíritos na outra ponta dos cordões ainda precisarem receber essas energias.

O TRIDENTE

Nas culturas pagãs anteriores ao Cristianismo, o tridente sempre foi algo divino. Em diversas culturas encontramos divindades portadoras de tridentes, como Netuno, Poseidon e Shiva (Nataraja). Os tridentes indicam o valor divino concedido a essas divindades: o alto, o meio, o embaixo; a trindade; pai, mãe e filho; luz, sombra e trevas; céu, mar e terra, etc.

Para facilitar a conversão dos fiéis, fazendo-os esquecer dos mistérios que podiam acessar diretamente, o Catolicismo aboliu a relação da trindade com o tridente. A trindade católica aparece apenas como Pai, Filho e Espírito Santo, excluindo o aspecto feminino e colocando o acesso aos mistérios divinos unicamente nas mãos dos sacerdotes católicos. O tridente é um símbolo sagrado; é parte do fator multiplicador - que está em tudo e em todos - e não um símbolo “infernai”, como descrito por cristãos colonizadores, que, além de dominarem e tomarem o poder religioso à custa de armas, ainda demonizaram os ícones religiosos dos povos conquistados.

A controvertida e irrequieta figura de Exu serviu para que os jesuítas católicos moldassem nele a imagem do Diabo, o Demônio, para impor o Catolicismo aos

“negros pagãos”.

“Quando um espírito da esquerda iniciado no mistério multiplicador estiver segurando uma arma simbólica

(de símbolo ou fator) com a mão direita, estará sustentando a multiplicação do bem no seu campo de ação e atuação. E, quando a estiver segurando com a mão esquerda, estará punindo quem atentar contra a multiplicação natural das coisas” (Rubens Saraceni -

Livro

das Energias e da Criação.³)

O tridente mágico é usado por Exu tanto como arma quanto para irradiar ou para desenergizar uma pessoa, um espírito desequilibrado ou uma magia. Ele o manipula muito bem, tanto para nos amparar quanto para nos punir quando merecemos. A ignorância sobre os símbolos de poder tem se mostrado até mesmo entre alguns praticantes da própria Umbanda, que associam os Exus e as Pombagiras portadores de tridentes ao mal e os consideram espíritos malignos.

Eles são seres que foram iniciados no mistério multiplicador e o manifestam naturalmente ou tem por função punir aqueles que atentam contra a multiplicação natural das coisas.

CACHIMBOS

Os cachimbos são ferramentas imprescindíveis para grande parte dos Pretos-Velhos, que sabiamente os vão pitando, enquanto aconselham os filhos de fé. Em um ambiente religioso, pitar o cachimbo é ato

sagrado: cachimbo e tabaco só devem ser utilizados em rituais de fé. Os Pretos-Velhos também os utilizam em suas fumaçadas, quando sopram a fumaça nas mãos, sobre a cabeça, nos chacras e ao redor das pessoas atendidas, determinando o que pretendem, conforme a necessidade do trabalho.

A fumaça do cachimbo também é defumação, e seu uso faz parte da mais tradicional terapêutica psicoespiritual da Umbanda. Os Guias Espirituais, ao lançarem sua fumaça sobre a aura e os chacras dos consulentes, estão utilizando sua magia em seu benefício, para retirar energias mórbidas e pestilentas.

A junção do fumo seco, elemento vegetal, com o elemento ar do assopro, com o elemento fogo gerador da fumaça, realiza uma profilaxia energética na aura dos atendidos.

Há Pretos-Velhos que preferem misturar ervas secas e piladas ao fumo comum, geralmente dando preferência ao alecrim, à sálvia, às folhas de café e ao urucum, impregnando esses elementos com sua força espiritual, transformando o simples “pito” em um eficiente e poderoso desagregador de energias negativas. Diversos materiais podem ser utilizados também para a confecção dos cachimbos, como a argila, o bambu, determinadas madeiras ou o cachimbo feito industrialmente.

Interessante observar que o médium incorporado não se intoxica nem se vicia com o uso do cachimbo e com a fumaça, pois o Guia Espiritual não a aspira.

Muitos médiuns não são fumantes, alguns, inclusive, abominam esse

vício, mas durante a incorporação, no trabalho mediúnico, os Guias Espirituais usam o poder das ervas e do fogo como defumador para os filhos que atendem.

CAJADOS

Os cajados e condões simbolicamente representam os eixos, os esteios, os apoios sustentadores da criação exterior. São o eixo ou a coluna sustentadora de algo, de alguém ou de uma realidade; são condensadores energéticos de grande potência e tanto irradiam como absorvem pelos pés e pelas pontas, abrem e fecham passagens, sustentam e abalam realidades, irradiam e absorvem todos os tipos de irradiações. A batida cadenciada e ritmada do cajado pode provocar até a queda de campos vibratórios que envolvem locais e seres negativos.

"O uso do cajado na magia, desde que corretamente consagrado, se justifica porque na sua consagração ele recebe das divindades uma poderosa vibração que o imanta de tal forma que dali em diante ele se torna a um poderoso instrumento mágico nas mãos do seu possuidor e seu anipulador" (Rubens Saraceni -

Tratado Geral de Umbanda).

Na Magia das Sete Ervas Sagradas, o cajado representa os caules ou troncos das árvores, que estão ligados às raízes, às folhas, às flores, aos frutos e às sementes, que o trazem em si como código genético e o reproduzem nas novas plantas e árvores. Quando uma entidade ativa seu cajado vegetal consagrado, impulsiona os mistérios vegetais mais ocultos e poderosos porque o cajado sagrado é a síntese e o símbolo da "árvore da vida" com todos os seus poderes e mistérios divinos. Ser iniciado nos mistérios do sagrado cajado vegetal é ligar-se a todos os mistérios sustentadores da 'criação vegetal'.

CHOCALHOS

O chocalho, versátil e fácil de ser transportado, faz parte da família dos instrumentos de percussão e desde a Antiguidade é utilizado no curandeirismo por xamãs e feiticeiros. O ritmo percutido estimula a energia física, podendo aumentar o fluxo sanguíneo do corpo, diminuir ou acelerar o ritmo cardíaco e atuar nos órgãos ligados ao coração. Seu ritmo permite atingir certos estados psicológicos.

Considerado um instrumento purificador, pois suas marcações facilitam as ligações da consciência ativa aos níveis mais profundos de consciência ou à energia

cósmica, o chocalho permite liberar energia e poder de purificação. Ele desprende os resíduos energéticos e as energias negativas alojadas nos filtros e canais naturais do corpo, purificando o sistema energético, físico e sutil, desobstruindo a aura. O corpo etéreo é o filtro do corpo físico e os chakras são os mediadores das energias que fluem por dentro e para fora do organismo. Esses filtros precisam estar sempre limpos, desobstruídos.

Os Caboclos que usam o chocalho agitam-no ao redor do corpo do consulente, circundando-o, e percorrendo cada chakra de cima para baixo. O compasso marcado pelo ritmo servirá para desprender a energia acumulada no corpo etéreo, liberando os resíduos alojados dentro e ao redor dos chakras, locais propícios ao acúmulo de energias negativas e manifestação de doenças físicas. Junto com o ritmo, alguns Caboclos também lançam mão do som de seus brados e da harmonia, para criar mais ressonâncias curadoras.

LINHAS, FITAS, CORDÕES, FAIXAS E TOALHAS

Na Criação, há irradiações divinas transportadoras de muitos faies que são a fusão ou o entrelaçamento de ondas vibratórias. Elas se apresentam aos olhos dos videntes semelhantes a fios e, quando por imantações

seus mistérios são condensados em fitas de tecidos, dão poderes magísticos a esses materiais. Seu uso pelos Guias Espirituais, portanto, está fundamentado nas irradiações divinas provenientes dos mentais divinos - os Orixás.

Linhas, fitas, cordões, faixas coloridas e toalhas são condensadores de vibrações divinas e são cruzados, imantados e utilizados pelos Guias Espirituais umbandistas como protetores, purificadores ou repelidores de vibrações

negativas.

São reproduções simbólicas de irradiações provenientes dos mentais divinos; são representações de feixes de ondas vibratórias vivas e realizadoras que transportam e irradiam fatores.

Os cordões feitos de fios enrolados, trançados ou enfeixados e en-nhados por fora com uma linha, são simbolizados por laços, chicotes, cipós, correntes, nós, cordões propriamente ditos e outros mistérios.

O Mistério dos Sete Nós também encontra seus fundamentos nas irradiações divinas e se “refere a polos magnéticos onde as ondas vibratórias se entrelaçam, amarrando-se nos mais diversos tipos de nós, criando polos eletromagnéticos receptores de irradiações e redirecio-zadores delas” (Rubens Saraceni).

No plano material, os vários tipos de nós são feitos com cordas, fitas ou algo semelhante, passando uma extremidade por dentro da outra e apertando bem. No

plano espiritual, o nó é elemento mágico, utilizado como meio de defesa contra demandas, contra espíritos inferiores e desorientados, contra larvas astrais, miasmas e outros negativismos. O Regente, Guardião Divino do Mistério dos Sete Cordões (que nas matas são os cipós), é o Orixá Oxóssi; e o Regente, Guardião Divino do Mistério dos Sete Nós, é o Orixá Omolu.

A toalha é um mistério regido por Pai Oxalá; em geral as toalhas são brancas (mantos de luz para manter a pureza). Particularmente, os outros Orixás servem-se desse mistério por meio das suas cores identificatórias.

As toalhas são usadas com várias finalidades: nas iniciações, como cobertura de cabeça, pescoço, identificação, cobertura de peito e das costas.

Protegem os chacras dos médiuns contra a penetração de energias contrárias, cobrem as cabeças dos médiuns quando incorporam naturais dos Orixás Anciãos. Servem para segurar os novos médiuns contra quedas e para envolver as guias quando não estão em uso.

ROSÁRIOS, CRUCIFIXOS, TERÇOS E FIGAS

Esse instrumental geralmente é utilizado pelos Pretos-Velhos e, eventualmente, por algum Guia da Linha do Oriente ou por um baiano ou baiana. Serve como meio para a concentração do médium no trabalho do Guia Espiritual e para acumular energias e fluidos de

essência divina que, durante os trabalhos, vão sendo repassados aos médiuns e aos consulentes.

Rosários e terços são instrumentos religiosos de ligação com a espiritualidade superior, feitos de contas, para facilitar a repetição de orações. São bastante antigos e utilizados não apenas pelos cristãos. Um exemplo é o japamala hindu, que significa “jardim de flor”, usado para os mantras no Tibete, na Índia e em outros locais.

O rosário (coroa de rosas) inicialmente era composto por 150 contas, para se rezar Ave-Marias, interpostas pelo Pai-Nosso em cada dezena.

Atualmente são de 200 contas. O terço (terça parte do rosário, hoje quarta parte) é menor e forma 50 Ave-Marias e cinco mistérios.

É comum que as entidades portadoras de rosários feitos de contas de lágrima-de-nossa-senhora (capiá, capim-de-contas, capim-rosário, capim-miçanga e outros nomes) realizem benzimentos dos consulentes utilizando o rosário como círculo mágico e a própria cruz do rosário, para o cruzamento dos mesmos. No astral, as contas de lágrima-de-nossa-senhora são luminosas e desintegram os elementos com que são feitas amarrações e feitiçarias.

Na matéria, as propriedades medicinais da lacryma-jobi (nome científico) são muitas, dentre elas as depurativas, antiasmáticas, emolientes, excretoras e purificadoras. São ótimas para tratar doenças

hepáticas e renais, além de fortalecer o baço, órgãos sob influência do chacra esplênico, regido pelo sentido transmutador da evolução, Trono regente das Pretas e Pretos-Velhos na Umbanda. Uma guia ou um rosário feito com essas sementes, quando usado como círculo, trabalha a pessoa por meio do chacra esplênico, equilibrando, purificando e curando. Os Pretos e Pretas-Velhas durante seu trabalho enrolam o terço ou o rosário no braço.

A figa, amuleto tradicional no Brasil, está ligada aos antigos cultos fálicos da Ásia e da África e era usada como amuleto por diversos povos, como proteção. Ela representa a vitalidade e fertilidade de Exu, o senhor da

proteção, do poder e do axé, o guardião que, em todos os campos, vitaliza, desvitaliza e neutraliza quaisquer ações.

Na Umbanda, a figa é utilizada principalmente pelos Pretos-Velhos e Pretas-Velhas, buscando o auxílio do guardião, para neutralizar ações negativas em seus trabalhos.

1

N.E.: Obra publicada pela Madras Editora.

2

Os coités também são feitos com cascas de coco, elemento natural vegetal seco.

3

N.E.: Obra publicada pela Madras Editora.

VIII - OS GUIAS ESPIRITUAIS DA UMBANDA

“Os espíritos não têm raça, cor ou religião, antes de iniciarem o ciclo encarnacionista.”

Rubens Saraceni

Os Guias Espirituais de Umbanda são seres de luz dispostos a nos guiar; são espíritos humanos que já passaram por várias encarnações, percorreram com êxito caminhos onde ainda ensaiamos os primeiros passos e continuam trabalhando, estudando e aprimorando seus conhecimentos, aplicando-os sempre para o bem e nos conduzindo por lugares que ainda não nos são familiares. Por isso são chamados Guias, pois são os mestres que nos preparam para enfrentar os desafios do Plano Espiritual e nos conduzem com segurança pelos caminhos espirituais que conhecem muito bem.

Esses espíritos beneméritos são iniciados que nos assumem, guiam, protegem, intuem, orientam e direcionam moralmente durante uma ou mais encarnações, conforme nossas necessidades evolutivas e nossos merecimentos, ajudando-nos no cumprimento dos objetivos traçados antes do nosso

reencarne; são sempre mais elevados que nós. Cada qual com suas funções, estão ligados a nós pelo mental e por meio dessas ligações podem nos intuir e instruir sem interferir no nosso livre-arbítrio, como Guias Protetores ou Guardiões, Guias Instrutores ou Guias Trabalhadores. Por conta dessa ligação mental, não precisam estar o tempo todo ao nosso lado.

As entidades que acompanham um médium também estão em processo evolutivo, e por trás de suas formas plasmadas encontram-se seres e espíritos de variados graus de conhecimento e evolução que continuam se aprimorando. Eles jamais exibem seus graus, títulos, dons e conhecimentos; são de todos os lugares da Terra e de todas as raças e etnias e têm na magia um recurso poderoso que utilizam para auxiliar as pessoas que buscam ajuda nos Templos umbandistas.

Um espírito não assume o grau de Guia de Lei de Umbanda se não tiver sido

iniciado junto a uma ou mais divindades energéticas e dela ou delas receber a imantação divina. Essa iniciação lhe dá o direito de atuar em nome da Divindade que lhe concedeu a iniciação e o integrou à sua hierarquia espiritual. Por afinidade vibratória, eles se integram nas Linhas de Trabalho da Umbanda e manifestam-se com as características delas, no modo de falar, no gestual e nos elementos que utilizam, pois estão autorizados a fazê-lo.

Os Guias Espirituais apresentam-se organizados em

muitas linhas, correntes ou falanges, que são amparadas pelo poder divino de todos os 14 Orixás; porém, cada Orixá sustenta suas Correntes Espirituais com seus graus.

Nenhum Orixá tem o campo de ação igual ao do outro, pois são Linhas de Força atuando sobre Espíritos desencarnados e encarnados. Se uma entidade trabalha como um Caboclo, Preto-Velho, Baiano etc., na força, poder e mistério de um Orixá, as qualidades desse Orixá se manifestam por meio dela, pois foi aceita e incorporada a uma das hierarquias.

Durante as consultas em geral, nos dias de trabalho, dos os Guias Espirituais atuam no amparo e na aceleração evolutiva dos espíritos e dos frequentadores, mas, no trabalho individual, cada Guia atua em seu campo vibratório, energético e magnético específico, de acordo com seus regentes.

Em um médium, em cada grau (Caboclo, Preto-Velho, Marinheiro . outros), apenas um Guia é ativo; os demais, os outros 13, são passivos e atuam como auxiliares. Esse enredo tão bem organizado compõe um complexo universo religioso que, para ser compreendido, necessita de muita leitura e muito estudo. Os Mistérios da Criação Divina sempre se mostram aos pares e isso, segundo Pai Rubens Saraceni, já está se mostrando em algumas Linhas de Trabalho, da

direita e da esquerda. Quando a entidade feminina é ativa, a masculina é passiva (não

incorpora) e vice-versa. Por exemplo: Pai João do Congo forma par com Mãe ou Vovó Maria Conga; Pai João do Cruzeiro forma par com Mãe Maria das Almas; Caboclo Sete Ondas forma par com Cabocla Yara; Caboclo das Matas forma par com Cabocla Jurema; Exu João Caveira forma par com Pombagira Rosa Caveira; Exu do Lodo forma par com Pombagira do Lodo; Exu Sete Capas forma par com Pombagira Sete Véus.

Quanto aos espíritos que atuarão no Ritual de Umbanda Sagrada como “Guias Chefes”, “são preparados no Magno Colégio dos Magos, do quinto nível da faixa celestial. Ali eles assentam seus fundamentos energo- magnéticos junto aos senhores Orixás Regentes dos níveis intermediários, que estão com seus fundamentos assentados junto aos Senhores Orixás Naturais, que regem as Sete linhas de Forças do Ritual de Umbanda Sagrada” (Rubens Saraceni -

O Código de Umbanda).

A capacidade de os Guias Espirituais auxiliarem os encarnados é dada pela soma do aprendizado e da evolução que conquistaram em suas muitas vidas, entre diferentes povos e culturas, e isso independe dessa ou daquela formação cultural ou religiosa.

Caminhamos, paralelamente na via material e na via espiritual, caminhos que acontecem em planos distintos que se interagem. “Esses espíritos atuantes e incorpo-rantes estão puxando os espíritos mais

atrasados, preparando-os para que futuramente eles também se manifestem dentro dos centros de Umbanda” (Rubens Saraceni -

Fundamentos Doutrinários de Umbanda). Além dos espíritos humanos que atuam como nossos Guias Espirituais, há seres de dimensões paralelas à dimensão humana que incorporam nos médiuns umbandistas, com os mesmos objetivos e finalidades. Sereias, Crianças, Exus, Pombagiras, Exus-Mirins e Pombagiras-Mirins evoluíram em suas dimensões e alcançaram o grau para realizarem essas tarefas.

No Astral, há famílias espirituais cujos membros reencarnantes caminham juntos há milênios. Os Guias Espirituais que nos dão assistência na incorporação fazem parte da nossa eterna família astral e nos amam e acompanham, sejam quais forem as religiões que abracemos nas diversas encarnações, ajudando-nos a evoluir, fazendo valer a encarnação. Há também outros que se juntam a nós, em nossa missão mediúnica, quando realizamos um bom trabalho. Essa grande agregação de espíritos de diferentes formações culturais e religiosas dá ao umbandista, na matéria ou em espírito, a capacidade de abraçar a todos que buscam amparo na Umbanda e de jamais criticar as demais religiões.

“Ah, meu filho! Os Guias Espirituais também choram.

Principalmente quando seus pupilos dão atenção para os maus conselhos e guardam para a entrada do mal em

suas vidas. Porque eles sabem que a pancada cármica é

forte e que a dor e várias decepções purgarão as escolhas equivocadas dos que

arrepiarem para fora do caminho da Luz. Muitas vezes, os mesmos filhos que desertam do caminho espiritual são os mesmos que imploraram aos seus Guias, antes de reencarnar, pela possibilidade de trilharem a estrada da fé e da espiritualidade. E é isto que acontece: pedem novas chances e prometem mundos e fundos antes da descida à Terra; mas, quando vestem a roupa da carne, se esquecem dos bons propósitos e dão guarida para o mesmo mal que os atormentou em vidas anteriores. E, novamente, entram no ciclo de semeadura instrutiva... Até a hora da dura reparação cármica!...” (W. Borges - “Toques Espirituais do Preto-Velho Amigo” - Jornal de Umbanda Sagrada).

As entidades que atuam nos Templos de Umbanda como Guias Espirituais ouvem as lamentações, ajudam na busca de soluções, orientam para que se tenha bons pensamentos, boas palavras e atitudes, amparam, consolam, limpam, quebram demandas, energizam, iluminam, sugerem sempre a prática do bem e guiam as pessoas atendidas durante certo tempo. Depois que elas superam suas dificuldades, nobremente os Guias Espirituais vão se afastando e deixando essas pessoas por conta própria, para que vivenciem um período de amadurecimento e habilitem seu íntimo para novos

sentimentos e desejos. Eles não podem ficar tempo todo à disposição dos atendidos, pois isso poderia atrapalhar os progressos espirituais de cada um; os Guias não podem fazer o que é tarefa específica, o que depende de cada ser. Quando necessário, essas entidades alertam com severidade, para a correção de sentimentos, pensamentos e atitudes negativos.

Atualmente, em todos os Templos de Umbanda, as Linhas de Trabalho mais conhecidas e atuantes na direita são as de Caboclos, regidos pelo Mistério Guardião da Lei; os Pretos-Velhos, regidos pelo Mistério Ancião; as Crianças, regidas pelo Mistério Renovação; os Baianos, Marinheiros, Sereias, Boiadeiros, Ciganos e Malandros. Na esquerda, atuam as linhas aos Exus e Exus-Mirins, regidos pelo Mistério Executor da Lei. No feminino, tudo se repete, com as Pombagiras e as Pombagiras-Mirins.

Há espíritos que alcançaram a condição de maturidade espiritual, de “espíritos velhos”, que conseguem lembrar de suas muitas encarnações, sem apego a nenhuma delas e distanciados da necessidade de reencarnar. Eles

transcenderam o modo material e trazem vivas as experiências e lições aprendidas e não precisam mais de formas plasmadas. Assimilaram e foram assimilados pelo Mistério Ancião e, por isso, são sábios. Mas não há só Pretos-Velhos e Pretas-Velhas; há também Caboclos e Caboclas Velhas, Marinheiros

e Marinheiras Velhos, Baianos e Baianas Velhos e outros; a maioria é composta de entidades que trabalham os mistérios de sua Linha de Trabalho e ainda o Mistério Ancião, regido por Obaluaê, Nanã, Oxalá e Omolu.

No trabalho religioso cotidiano, um médium pode trabalhar com rodas as linhas de Guias Espirituais, desde as mais conhecidas, como Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Boiadeiros, Marinheiros, Ciganos, Exus e Pombagiras, até as mais desconhecidas, como Cangaceiros, Piratas e Mestres Juremeiros, desde que devidamente apresentados mediúnica e ritualisticamente.

Dentro do Templo de Umbanda ocorre a manifestação das diversas Linhas de Trabalho, cada qual com suas características e especificidades de trabalhos, mas não existe a Linha mais forte ou mais fraca. Todas são iguais, só muda a forma de trabalhar. Cada uma nos traz, com sua presença, com seu

regionalismo, a força simbólica que nos transmite algo de bom que se expressa em nosso cotidiano.

Para um entendimento melhor da origem e da forma de apresentação dos Guias

Espirituais da Umbanda basta estudarmos a origem étnica e sociocultural do povo brasileiro e suas influências e manifestações.

A DIREITA E A ESQUERDA A esquerda está personificada no inconsciente de muitos como algo negativo e terrível, porém a teogonia de Umbanda foge do senso comum e recorre ao senso divino para interpretar as divindades de Deus que formam seu panteão. À direita refere-se às entidades que atuam passiva e permanentemente, de forma contínua e estável na vida dos eras. A esquerda refere-se àquelas que atuam ativa e condicionalmente de maneira alternada e não estável.

Em todos os aspectos do Criador, da criação e das criaturas, existem dois polos magnéticos. Essa polaridade pode ser irradiante ou concentradora, expansionista ou contracionista, expansiva ou isolante, universal ou cósmica, passiva ou ativa, positiva ou negativa, Masculina ou feminina, e assim por diante. As divindades naturais universais atuam na luz ou níveis positivos; as divindades naturais cósmicas atuam nas trevas ou níveis negativos, aos quais são recolhidos os seres que negativaram seu magnetismo mental, que regrediram cspiritualmente.

As linhas dos Guias de Lei são regidas pelos mistérios manifestados pelos Tronos Universais e atuam a partir da direita dos médiuns de Umbanda. As linhas dos Exus e Pombagiras de Lei são regidas pelos mistérios manifestados pelos Tronos Cósmicos e atuam a partir da esquerda dos médiuns de Umbanda.

Grande parte dos nossos irmãos, umbandistas ou não,

ainda está presa a conceitos impostos pela cultura religiosa de onde provieram; os ensinamentos cristãos, judaicos, islâmicos e outros consideram os irmãos espirituais da “esquerda” como seres endemoniados, que devemos temer e

repulsar. Durante décadas as entidades Exu e Pombagira foram conhecidas como assustadoras e sombrias.

Tudo o que cerca a Criação é guardado e protegido por Exu, que rege também o mistério da reprodução (o genital masculino, o vigor e a vitalidade sexual, vigor e vitalidade que precisamos ter em tudo na nossa vida). Exu rege o mistério da sexualidade masculina e guarda o mistério da sexualidade feminina. As divindades que existem nos Mistérios Exu e Pombagira, perdidas em parte no decorrer do tempo, precisam ser resgatadas. Agora, os ensinamentos sobre o Mistério Exu e sobre os Mistérios Exu-Mirim e Pombagira estão disponíveis nas obras de Pai Rubens Saraceni. Não é mais possível alegar falta de ensinamentos e permanecer na ignorância, em conflito com aquilo que devia estar harmonizado.

HARMONIA DIREITA E ESQUERDA

Todos os Guias da direita, como os Caboclos, os Baianos, os Pretos-Velhos e outros, têm suas correspondências com os Exus e as Pombagiras à esquerda dos médiuns, mesmo que eles não

incorporem, pois a frente da esquerda é assumida por um só deles. Na Umbanda,

Direita e Esquerda trabalham juntas, em um relacionamento harmônico e complementar; não são antagônicas.

Todo Orixá tem seu Exu, seu princípio mercurial e motor, e o médium

umbandista deve harmonizar em sua psique os polos contrários, direita e esquerda.

Essa interação harmoniosa Orixá e Exu, presente na psique do médium umbandista, evita que ele viva na eterna contradição direita e esquerda, bem e mal,

“céu” e “inferno”, ideia recorrente das religiões judaico- cristãs. O ser humano, dividido entre esquerda e direita, vive um infundável desequilíbrio, portando-se ora como “anjo” ora como “demônio”, como se tivesse duas personalidades conflitantes e antagônicas. “Em poucas palavras, vive um eterno curto-circuito’ entre seus dois polos energéticos.

Sistema binário é coisa para computador e não para o ser humano, cujo cérebro tem milhões de megabytes.

Nessa divisão, o ser vive uma eterna luta interior, combatendo, na verdade, a si mesmo, ao seu lado escuro, abissal, inconsciente, que, recalcado, está sempre prestes a eclodir como o

magma de um vulcão, causando total desequilíbrio físico e mental. O ser humano dividido jamais adquire seu poder magístico e é manipulado, pois nunca se torna senhor de si” (“O papel dos Exus na Umbanda”

- Lurdes de Campos Vieira; e Alberto Marsicano - O

Poder Terapêutico dos Orixás e a Filiação Divina.^{TM'}) Além desse dualismo direita/esquerda, o médium umbandista deve superar o bombardeamento de imagens grosseiras de Exu e Pombagira que infestam seu inconsciente. Nossos guardiões e guardiãs de esquerda detêm uma sofisticada estética aristocrática e uma elegância abissal, muito diversa daquelas representações que graçam nas lojas e nos livrescos mal ilustrados, de Exu com chifres e rabo e de Pombagiras nuas e devassas.

Há médiuns principiantes que imitam as expressões grotescas e os trejeitos ridículos dessas imagens, olvidando que os Exus e as Pombagiras detêm grande cultura e conhecimentos magísticos, além de distinta elegância.

Nossos Guias Espirituais da esquerda são sustentadores dos nossos Templos, tomando conta da porteira e de todos os nossos trabalhos.

No texto psicografado por Gero Maita, o Senhor Barão diz que "muitos são os que gostam de colocar dentro de centros ou terreiros de Umbanda aquilo que suas mentes acham a respeito da figura de Exu. E

muitos são os que externam em suas manifestações mediúnicas aquilo que carregam dentro de si, atravessando, na maioria das vezes, a vontade do

espírito que se manifesta, no intuito de fazer crer que realmente estão incorporados. Tais práticas nos mostram diariamente em algumas manifestações aberrações', não permitindo que a figura do Guardiã se manifeste realmente como ele é". Podemos considerar o mesmo para as Pombagiras e para os Exus e Pombagiras-Mirins.

IX - FORÇA E AUSTERIDADE DOS

CABOCLOS: MISTÉRIO DA LEI

Okê Caboclos!

Na Umbanda, o termo Caboclo tem uma significação um pouco diferente do dicionário - mestiço de branco com índio. Caboclo, na Umbanda, é Linha de Trabalho, falange e grau de Lei manifestador de um mistério, além de identificador de Guias Espirituais regidos pelo Orixá Oxóssi. Os Caboclos trabalham sustentados pela vibração desse Orixá das matas e do conhecimento, a quem eles chamam de Pai das Matas, e podem atuar na irradiação dos demais Orixás.

Oxóssi, além de patrono da Linha dos Caboclos, é o guardião divino dos mistérios vegetais, que vão desde as raízes até as sementes. Como agentes de Oxóssi, a força cósmica, o guardião místico ancestral das matas, os Caboclos também são portadores dos mistérios vegetais. Quando dizemos Caboclos, entendam-se Caboclos e Caboclas, pois as caçadoras guerreiras são parte integrante dessa Linha de Trabalho.

Os Caboclos são espíritos de almas simples e

generosas, de alta luminosidade, que assumem o arquétipo de índio, prestando homenagem a esse povo forte, massacrado pelos colonizadores do nosso território. A entidade que se manifestou para a fundação da religião Umbanda foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas; apresentou-se como um Caboclo índio, mas um médium clarividente observou que ele ostentava também a veste sacerdotal

católica. O

Caboclo, então, afirmou que em uma de suas encarnações fora o frei Gabriel Malagrida e que, na última encarnação, teve a oportunidade de encarnar como um índio brasileiro e assim queria ser identificado. Ficou claro, então, que utilizar o arquétipo de Caboclo foi opção do espírito.

Há pessoas que sentem algum desconforto diante de Caboclos incorporados em seus médiuns, por associarem a imagem de índio e Caboclo com seres ignorantes e de pouca cultura e inteligência. Mas Caboclo é grau ou patente

religiosa, para a manifestação de milhares de espíritos luzeiros de diversas raças, povos, religiões e culturas.

É grau conquistado paulatinamente, dissolvendo as encarnações, as vidas anteriores, os títulos adquiridos e as profissões vividas, abrindo mão da identidade pessoal e assumindo a identidade coletiva da falange para o auxílio aos irmãos necessitados. É homenagem aos espíritos de índios que dedicaram grande parte de suas vidas ao culto aos ancestrais da natureza, cuja

cultura é simples, mas muito rica em ensinamentos.

Os espíritos Caboclos, profundos conhecedores das matas, sabem tudo que se relaciona com a terra, a importância das ervas e alimentos e sua utilização na composição de remédios, para aliviar e curar doenças.

Esses Espíritos Caboclos, de alto grau evolutivo, são oriundos de todos os povos, são iniciados e sustentados pelo Mistério Trono do Conhecimento, Trono esse relacionado com os Orixás Oxóssi e Obá, e trazem atribuições doutrinadoras, fixadoras, disciplinadoras, desobsessoras, concentradoras, expansoras, direcionadoras e racionalizadoras, dentre outras.

Cada Caboclo ou Cabocla atua na irradiação de um ou mais Orixás, conforme sua filiação divina e suas iniciações nos mistérios das divindades. Por Exemplo, um Caboclo Sete Montanhas é regido por Oxóssi (Caboclo) e atua na irradiação de Oxalá (Sete Irradiações) e Xangô (Montanha). Uma Cabocla Pena Dourada é regida por Oxóssi Cabocla) e atua na irradiação de Oxóssi (Pena) e Oxum (Dourada), e assim por diante.

Esses Guias Espirituais apresentam-se como espíritos de personalidades fortes, aguerridos, vigorosos, sisudos, vibrantes, destemidos, conhecedores e exímios manipuladores das forças da natureza e da sabedoria no uso das ervas e de seus princípios ativos.

Sua carga magnética forte e vibrante nos impulsiona a

ir adiante e enfrentar obstáculos com determinação e coragem. Essa é a forma com que atuam, como Guardiões do Mistério da Lei, principalmente quando insistimos em condutas inadequadas à nossa evolução. Respeitam o livre-arbítrio de cada um, mas agem orientando-nos com firmeza e determinação doutrinária, que, juntamente com sua simplicidade, transmitem confiança e credibilidade, No plano espiritual terreno ou plano neutro há muitos Espíritos obsessores atrasados, ociosos e desordeiros, mas que temem e respeitam a força

guerreira dos Caboclos, sua forte energia e seu caráter inabalável. Os espíritos “Caboclos” têm seus corpos espirituais carregados de fortíssima vitalidade, de

imensa força magnética e disciplina férrea e envolvem os obsessores nessa força, conduzindo-os para outros locais, onde serão tratados. Quando incorporam em seus médiuns, encantam a todos com seus brados fortes e sua força comungada com as matas e a natureza em geral.

“Caboclada da Mata”

Caboclada da mata, caboclada de Aruanda!

Caboclada da mata, olhai os filhos da Umbanda!} bis Caboclo Arranca Toco

Mãe Lurdes

Na Umbanda, muitos Caboclos são escolhidos pela espiritualidade como Guias Chefes dos Terreiros; geralmente são eles que assumem a frente nas Linhas

de Trabalho dos médiuns e são o elo entre o médium e os Orixás. São doutrinadores por excelência e estão espalhados pelas Sete Linhas de Umbanda, atuando em harmonia com os reinos elementares da natureza.

Quando necessário, o Caboclo Dirigente solicita a alguns médiuns que passem ramos de ervas em todo o terreiro, para retirar substâncias pegajosas e escuras, extraídas dos corpos espirituais de espíritos renitentes e vingativos.

Nas Linhas de Trabalho e Ação dos Caboclos todos têm uma forma de

incorporação bem característica, e delas fazem parte muitos espíritos que tiveram alguma encarnação como nativos indígenas e milhares de espíritos cujas religiões não eram a iorubá nem a indígena brasileira, mas espíritos oriundos de todas as religiões, com as mais diversas formações teológicas e mesmo culturais. Nas linhas de Caboclos, grandes sábios desencarnados já há séculos, muitos filósofos, professores e sacerdotes dos mais variados rituais estão ocultos sob suas formas plasmadas. Esses espíritos integram-se às linhas de Caboclos, para a prática da caridade, doutrinação e espiritualização, trabalhando nas curas e limpezas dos campos energéticos

dos consulentes, por meio de passes e banhos de descarrego, com a peculiar virilidade, inocência e seriedade.

Todos os Caboclos nutrem uma forte ligação de amor

e respeito à Mãe Natureza, e sua presença nos trabalhos de Umbanda nos remete a uma reflexão séria sobre a importância do respeito ao planeta que nos acolhe e sustenta. Se esses Guias Espirituais optaram por esse arquétipo de quem sempre viveu em contato direto com o meio ambiente, integrando-se às suas falanges, é porque já eram portadores de um profundo amor, harmonia e respeito a todos os seres, elementos e fenômenos naturais do planeta.

Quando incorporam em seus médiuns, assumem feições fortes, passam vibrações por meio de seus magnetismos e irradiam energias /elos chakras, sendo exímios curandeiros. Eles mantêm uma postura ereta, andar e movimentos rápidos e vigorosos, com saltos, dedo indicador em riste, braços tensos ou cruzados sobre o peito e batidas que uivam o chakra cardíaco e equilibram as emoções do médium. Fortes e aguerridos, verbalizam seus brados que emitem energias que limpam, diluem e descarregam dos corpos energéticos de seus filhos, dos consulentes e dos terreiros os acúmulos negativos ali agregados.

Dançam eretos, às vezes giram, com os braços no peito e movimentos abertos, para fora. Alguns Caboclos realizam movimentos com s braços, como se estivessem com arcos, atirando flechas. Com isso mo criando um elo energético com o espaço do terreiro, direcionando braço para o congá e lançando suas flechas energéticas e fluídicas para /.tivar os pontos de

força do local. Com esses procedimentos facilitam o amparo à corrente mediúnica, aos frequentadores e ao Templo. Cumprimentam-se uns aos outros com os braços dobrados na altura do peito e as mãos fechadas, tocando o braço do outro com o lado de fora do braço direito e depois com o esquerdo, batendo no peito e elevando o mesmo braço em diagonal, com o indicador em riste.

Todos esses movimentos e posturas são bastante vigorosos e não há falas, apenas trocam sinais vocais ou brados, senhas pelas quais verbalizam a linguagem entre eles e dinamizam energias que limpam, descarregam e diluem acúmulos energéticos, bem como caracterizam suas falanges de trabalho.

Para atuar no plano físico e facilitar o trabalho de ajuda aos consu-lentes, o Caboclo risca seu ponto, pode colocar um círculo de cipó, junta suas energias às do médium e utiliza o prana, criando um magnífico centro de forças ligado ao seu Orixá sustentador. Para esse ponto de força, ou portal, são conduzidos os espíritos doentes, para receber socorro, conforme seus merecimentos diante da Lei Maior e da Justiça Divina, e os obsessores são presos nos cipós. Durante as consultas, os Caboclos fumam charuto, permanecem de pé, com as fisionomias tensionadas, as feições fortes, os rostos carregados e os cantos das bocas

descidos. Estalam os dedos das mãos dos médiuns, para ativar os chacras dos con-sulentes, absorvem com a mão esquerda, irradiam e energizam com a mão direita; têm grande conhecimento do reino vegetal e autorização para manipular ervas de todos os Orixás.

O arquétipo “Caboclo” fundamentou-se no índio brasileiro e no sertanejo mestiço. Esse arquétipo é bastante forte e “só espíritos com uma noção superior sobre as verdadeiras leis da vida poderiam ser enviados à Terra para, incorporados em seus médiuns, orientar os infelizes encarnados (...) Só mesmo nossos índios simples e cultuadores da verdadeira irmandade poderiam pregar o amor entre pessoas mais preocupadas com o sucesso pessoal do que com o bem-estar dos seus semelhantes” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda.²⁰) Os índios tinham elevadíssimas noções de conduta e moral; a mentira, a dissimulação e a falsidade não se desenvolveram entre eles. Além disso, para eles a ambição, o acúmulo de bens, a posse, a propriedade, a distinção e hierarquia social não existiam, uma vez que tudo era compartilhado entre todos. A oca comunitária é uma boa ilustração para esse desprendimento.

Por terem uma noção superior sobre as verdadeiras leis da vida, pela moral, caráter, espiritualização, fraternidade, etc., a Umbanda tem no índio um dos graus mais elevados e o arquétipo para essa Linha de

Trabalho e Ação. Os Caboclos, os braços fortes da Umbanda, representam a simplicidade, a coragem, a humildade e a persistência. São a força e a energia dos trabalhos, os desbravadores dos caminhos da espiritualidade e da fé e agem sempre com muita altivez. São os exemplos evoluídos de que a vida pode ser simples, natural, livre de artificialismos, vaidades, arrogâncias e preconceitos.

Os espíritos sofredores são curados, doutrinados e encaminhados pelos Caboclos às outras linhas de força, na irradiação benéfica das matas. A mata, a macaia, pode simbolizar a vida; também pode representar simbolicamente o percurso fechado entre o

“céu” e a Terra, entre o médium e seu Guia, que os Caboclos ajudam a desbravar. A mata também simboliza a mente do médium e cortar os cipós do caminho é vencer as dificuldades.

Caçar os bichos do mato é vencer as interferências espirituais negativas.

No ritual de Umbanda, há Caboclos e Caboclas na irradiação de todos os Orixás, mas sua linha de trabalho é sustentada pelo mistério Orixá Oxóssi.

Dentre suas falanges podemos destacar as de Doutrinadores, de Guerreiros, de Curadores, de Justiceiros e de Feiticeiros. Os Caboclos e Caboclas são doutrinadores de nossa Fé, Amor, Conhecimento, Justiça, Lei, Evolução e

Geração. São trabalhadores dos mistérios à direita dos

Sagrados Orixás. Caboclos e Caboclas são exemplos de virtude e coragem e, além de doutrinadores, são considerados grandes mestres-iniciadores da Umbanda; são iniciados no Mistério Conhecimento e muitos Guias Espirituais que se apresentam como Baianos, Marinheiros, Boiadeiros ou Exus foram doutrinados por Caboclos.

Dentre suas funções, destacam-se:

a transmissão de conhecimentos teológicos e mágicos umbandistas;

a doutrinação, na qual procuram fazer com que cada ser humano compreenda e cumpra sua missão espiritual;

o ensinamento do caminho da retidão.

Não há trabalhos umbandistas para proporcionar favores, empregos e prosperidade material. Com seus olhares fraternos, seus passes e sua magia, Caboclos e Caboclas proporcionam energia e força, preparando e encorajando o atendido para a conquista de seus objetivos, a abertura de seus caminhos, desenvolvendo sua própria força interna. Apresentam soluções simples para questões aparentemente difíceis de resolver. Assim, consolam os aflitos e ensinam aos filhos da Terra a coragem e a esperança; ensinam a serem guerreiros na vida, lutando pelo que é justo e bom para todos, buscando a cura da alma. Tudo isso, com palavras sábias, diretas e verdadeiras e abraços acalentadores.

No astral, muitos Caboclos ficam tristes com quem busca sua ajuda só para atendimento de pedidos efêmeros e solucionar problemas materiais. Porém, têm paciência e ficam imensamente felizes com os filhos que buscam desenvolver a mediunidade consciente, o aperfeiçoamento moral identificado com a caridade, o amor e a fraternidade com o semelhante. A linha de Caboclos e Caboclas é forte, pois são aguerridos, persistentes e movimentam essências dos Tronos de Deus. São espíritos que se consagraram aos mistérios dos Orixás e os servem à sua direita, com um

nome simbólico que identifica a “falange” na qual trabalham. Plasmam a vestimenta simbólica do Hierarca de sua respectiva falange.

Em seus nomes simbólicos, além de revelar os regentes divinos aos quais estão ligados, os Caboclos revelam os mistérios que manifestam pelas cores (Caboclo Pena Azul, Pena Branca...), por meio dos elementos naturais (Caboclos e Caboclas do Fogo, da Água, da Terra...), por meio dos fatores climáticos (Caboclos e Caboclas Ventania, dos Ventos, dos Raios...), por meio dos pontos de força (Caboclos e Caboclas da Cachoeira, das Serras, das Montanhas...), etc. Isso, sem falar dos nomes ligados aos troncos linguísticos e às tribos (Guaranis, Tupis, Tapuias, Tamoios, Aimorés...).

Para maiores esclarecimentos e estudos específicos,

indicamos as obras de Pai Rubens Saraceni: O Código de Umbanda; Tratado Geral de Umbanda; Fundamentos Doutrinários de Umbanda.

Por intermédio de seus pontos cantados e de seus pontos riscados os Caboclos fazem limpezas, recolhimentos de seres e energias negativos, bem como evocações de Orixás e elementais. Suas

“ferramentas” de trabalho são charuto, cuia com água, ervas, lança, espada, chocalhos, penachos, cocares, arco e flecha, elmo, espada-de-são-jorge, oxé (machado de pedras, de duas pontas), cipós, pedras, velas, pombas, fitas e outras.

Em determinados trabalhos, no final, são chamados os Caboclos Feiticeiros (Linha dos Pajés Velhos)¹ ou os Caboclos Africanos (antigos xamãs, sacerdotes) que costumam fazer uma “Roda de Caboclos”. Os Caboclos formam um círculo e colocam dentro dele os médiuns não incorporados, os

quais, à medida que seus Caboclos vão incorporando, passam a fazer parte da roda. Essa roda, sob o comando da entidade dirigente, gira ora para a esquerda, ora para a direita, fazendo o descarrego dos médiuns e do terreiro.

O emprego de formas geométricas circundando as pessoas, especialmente do círculo, que é a figura mais natural e perfeita da natureza, concomitantemente com a entoação, é muito poderoso, pois cria um vórtice energético potente e vigoroso que dá vida nova e

energia aos envolvidos. Ele estabelece um vínculo forte entre o humano e o divino, entre o mundo interno e externo. O ectoplasma extraído da corrente mediúnica e da assistência, juntamente com as energias mentais, é canalizado para o centro da roda de Caboclos, criando

um intenso campo de força em torno dos médiuns, chamado campo vibratório dos Caboclos, potencializado com os toques fortes da Curimba, dos maracás e com a vibração dos Caboclos na roda.

As entidades obsessoras são trazidas pelos Guardiões e conduzidas para dentro desse círculo; o choque vibratório que recebem é tão intenso que ficam atordoadas, rodopiando na corrente magnética, onde faíscas energéticas estouram. Os obsessores combalidos são conduzidos pelos Guardiões, para tratamentos intensivos e reeducação moral. Os Guias Espirituais Caboclos são entidades respeitadas e temidas no astral, graças ao seu forte energismo, inabalável caráter, disciplina férrea e força guerreira.

São capazes de solucionar processos obsessivos dos mais violentos.

As matas são os santuários naturais ou pontos de força de Pai Oxóssi, regente do Conhecimento Divino, guardião dos mistérios do campo vegetal da natureza, e são os principais Pontos de Força dos Caboclos. No astral, os Caboclos fazem a limpeza energética no perispírito dos obsessores, como se fosse uma

operação material, passando as mãos em seus corpos espirituais e aplicando ervas para tratá-los. Na irradiação benéfica das matas, curam espíritos sofredores, doutrinam e os enviam às outras linhas de força, para que possam seguir seus caminhos.

A energia das matas, além de estimular a evolução dos seres, é purificadora do nosso organismo, pois as plantas emitem uma radiação positiva que energiza, purifica e cura. Os Caboclos, ao manter seu magnetismo ligado com as matas, utilizam as essências etéreas das ervas ali existentes, na cura das almas doentes e em benefício dos médiuns e dos consulentes atendidos nos Templos. A realização de cultos nas matas permite o fechamento de aberturas na aura, expande nosso campo áurico, sutiliza o magnetismo mental e purifica os órgãos etéricos do nosso espírito. Essa energia, com seu poder curador, limpa, fluidifica e impregna nossos poros e chacras com seus fluidos que atuam como antibióticos contra as larvas astrais.

Além das matas, os Caboclos também estão vinculados aos magnetismos dos demais pontos de força, conforme a ligação de cada Caboclo com o Orixá que o assiste e emana para ele sua irradiação específica. Dessa maneira, um Caboclo Pena Branca, por exemplo, que é regido por Pai Oxóssi e atua na irradiação de Pai Oxalá, trabalha com o magnetismo das matas de Pai Oxóssi e dos campos abertos de Pai

Oxalá. Um Caboclo Arranca Toco é regido por Pai Oxóssi, como Caboclo, e atua na irradiação de Pai Ogum e Pai Omolu, seus Orixás, e trabalha também com os magnetismos das matas, dos caminhos e dos campos-santos.

O nome simbólico de cada Linha de Trabalho e Ação identifica a qual ou a quais tronos ancestrais ela está ligada e é regida. Uma Cabocla do Mar, por exemplo, não atua no mesmo campo que um Caboclo do Fogo ou das Matas. Caboclas e Caboclos do Mar são maternais e paternais; são regidos pelo Trono da Geração e atuam na criatividade, no amparo à vida, despertando o amor materno e paterno. Já os Caboclos do Fogo são justiceiros, atuam no equilíbrio, na razão, na manutenção da estabilidade emocional, pois são regidos pelo Trono da Justiça. Os Caboclos das Matas são doutrinadores e instrutivos, pois atuam no raciocínio, no estímulo do aprendizado, ensinando receitas, curando doenças e estimulando o crescimento interior. São persistentes e vibram felizes quando seus médiuns

crecem espiritualmente, em uma evolução constante e elevada conduta moral.

Quando se despedem do Templo, os Caboclos não voltam para as matas. Dizem que vão para Aruanda.

Alguns pontos cantados falam que vão para a Jurema.

São referências às colônias astrais onde eles vivem agrupados em espírito, segundo sua faixa vibracional de atuação, algumas já visitadas por médiuns em

desdobramento. Esses locais são verdadeiras cidades espirituais, com grandes núcleos de trabalhos diversos, onde os Caboclos fazem suas evoluções.

Com a contínua incorporação, cada Caboclo e Cabocla vai aos poucos trabalhando a energia do médium, que aprende disciplina, ordem, falar somente o necessário, ser discreto, simples, trabalhar com ervas e pedras, conhecer sua própria força.

Aprende a importância do ritual, a ajudar o irmão que sofre, a suportar as aflições com resignação, fortalecendo seu íntimo e sua estrutura psíquica, capacitando-se para encarar a vida com harmonia.

“Adeus, Caboclada!”

Caboclada, Caboclada, adeus! Eles já vão para o Juremar, Levem

agradecimentos meus, A bênção, meus Caboclos, } bis Fico aqui a esperar!

Mãe Lurdes

1

Esses Caboclos Velhos são portadores do Mistério Ancião e alcançaram o grau de espíritos velhos absorvendo esse mistério.

X - MISTÉRIO ANCIÃO, SAPIÊNCIA

E HUMILDADE DOS PRETOS-

VELHOS

Salve os Pretos-Velhos! Adorê as almas!

A figura mítica, já presente na cultura brasileira, de ex-escravos, de velhos “feiticeiros” negros,

benzedeiros e benzedadeiras, conhecedores de rezas e encantamentos poderosos, verdadeiros psicólogos para os pobres, além de grandes médicos naturais, utilizando o poder fito-terápico das ervas e capazes de realizar “milagres”, foi o

arquétipo ideal para atrair milhares de espíritos para a Umbanda. Quando encarnados aqui no Brasil, trazidos compulsoriamente da África, os negros foram escravizados, humilhados, sem direitos e obrigados a trabalhar de sol a sol.

Durante a escravidão, praticamente nenhum escravo chegava aos 80 anos, pois o trabalho era difícil e árduo e a maioria desencarnava antes dos 30 anos. Os Pretos-Velhos são entidades espirituais construídas a partir da referência simbólica a esses ancestrais afro-brasileiros, vindos da África para ser escravizados em terras brasileiras, mas trazendo uma incrível bagagem mística, e remetem à ascendência africana de grande parte do povo brasileiro.

O Preto-Velho é um tipo brasileiro surgido dos fatos históricos ligados à escravidão e à resistência negra neste país; porém, esse arquétipo nos reporta aos mitos da cultura universal, que têm no velho o ancião que com sua experiência alcançou a sabedoria. Os espíritos velhos que chegam à maturidade existencial absorvem o Mistério Ancião e alcançam o grau de evolução, o grau de “ancião”. Em sua maioria são entidades que trabalham esse mistério, regido por Obaluaê e Nanã Buruquê, além do trabalho em sua

Linha de Ação e Reação. São sábios, ternos e pacientes, distribuindo paz e preciosos conselhos. A Linha dos Pretos-Velhos é toda regida por esse mistério. É a corrente africana da Umbanda.

“Os Orixás ligados ao Mistério Ancião são merecedores de tanto respeito que, quando se manifestam nos Templos incorporados em seus médiuns, têm suas cabeças cobertas por um pano branco específico, em respeito aos

mistérios de suas coroas. Os Orixás revelados ao plano material como anciãos são Pai Oxalá, Pai Obaluaê, Mãe Nanã, Mãe Obá e Pai Omolu” (Rubens

Saraceni - O Guardião do Fogo Divino).22

No Ritual de Umbanda Sagrada, a Linha dos Pretos-Velhos é toda regida pelos Ancestrais Orixás ou Mistério Ancião. “Nenhum espírito é realmente um

“Preto-Velho” se não for um filho intermediador de algum dos sete anciãos ancestrais.” Os Pretos-Velhos e Pretas-Velhas em grande parte são sábios espíritos velhos milenares, sempre acolhedores e inclusivos, e nos inspiram a tolerância, a resignação, a paciência, o amor e o perdão. A sabedoria de um “nobre ancião”

só é adquirida por espíritos libertos de suas identidades reencarnatórias. São capazes de relembrar suas muitas encarnações, sem nenhum apego à materialidade, transcendendo-as e trazendo vivas as experiências assimiladas. São espíritos amadurecidos na senda evolutiva, reconhecidos como irmãos mais velhos.

O Mistério Ancião também é assimilado por Caboclos e Caboclas Velhos, Exus e Pombagiras Velhos, Baianos Velhos, Marinheiros Velhos, Boiadeiros Velhos e demais espíritos velhos e sábios na sua Linha de Trabalho e Ação. Esses espíritos quiseram continuar o trabalho de ajuda que viveram na matéria, dedicados a curar o próximo.

O termo “Pretos-Velhos” de maneira alguma é pejorativo ou desrespeitoso e chamar de Pais-Velhos, embora indique respeito, oculta a raça, que deve ser motivo de orgulho de “nego-veio” e ex-escravo. A figura do Preto-Velho não se resume à humildade de um ser submisso, senil e sábio. Pensar dessa forma é negar o passado de lutas do povo negro contra a escravidão. Além de um modo de homenagem, na figura do Preto-Velho se expressa um ideal de luta e superação daquele que, mesmo diante de toda a violência sofrida, resistiu,

mantteve viva sua fé e sua cultura.

O escravismo colonial forjou e modelou espíritos perseverantes, fortes e resistentes. Em muitos deles, prevaleceram a nobreza de espírito, a capacidade de perdoar, o amadurecimento no tempo e na vida material, que lhes proporcionou assumirem o grau de

“Pretos-Velhos”. Os espíritos que se apresentam hoje como Pretos-Velhos eram anônimos que já naquele tempo se

dedicavam a benzer, desobsediar, limpar o espírito,

orientar e curar pessoas; era o preto ancião rezador, mandingueiro e curador.

O Preto-Velho tem a humildade dos sábios e não a subserviência de quem se entrega com facilidade.

Superou todo o seu sofrimento e falta de condições de vida com determinação, fé, amor e bondade, transmutando até as maiores dores. O que faziam no plano material, os Pretos e Pretas-Velhas continuaram a fazer no plano espiritual. Trazem a manifestação da simplicidade amorosa com uma psicologia específica, apropriada a todos, não importando o nível cultural ou social de quem estão tratando.

A Linha das Almas ou dos Pretos e Pretas-Velhas é regida por Pai Obaluaê, que tem nos seus Guias Espirituais aqueles espíritos que captam suas irradiações,

tornando-se também irradiadores de suas qualidades divinas estabilizadoras e transmutadoras da vida dos consulentes. Quando se consulta e conversa com espíritos dessa corrente, é possível perceber que com suas experiências de vida eles alcançaram a sabedoria, transmitem calma, humildade, paciência, tolerância e serenidade e falam a todos com palavras de amor. Os sábios Pretos-Velhos, com suas histórias de encarnações passadas, nos orientam sobre nossas angustias e tristezas, entendem as dores da alma e do espírito dos encarnados, por conta do aprendizado que tiveram no sofrimento. “O Preto-Velho representa também o perdão do oprimido que perdoa o

opressor...” (Rubens Saraceni). Todos eles trazem uma marca de sofrimento ou de sacrifício e deixam a seus devotos a mensagem de que é possível elevar-se espiritualmente a partir do sofrimento e do perdão.

Sabedoria, simplicidade, humildade, caridade, evolução, seriedade, paciência, calma e ponderação são qualidades, atributos que nos remetem ao Mistério Ancião (de velho, maduro, sábio e profundo conhecedor dos mistérios divinos), sustentado pelos Orixás mais velhos: Pai Oxalá, Pai Obaluaê, Pai Omolu, Mãe Obá e Mãe Nana Buruquê. Os Pretos-Velhos trazem em si e manifestam esse mistério, pois quase todos são espíritos elevadíssimos, bastante amadurecidos no tempo; são nossos irmãos mais velhos na senda evolutiva, que com suas experiências de vida orientam, esclarecem problemas e dúvidas, ouvem com paciência os queixumes de todos, confortam os aflitos e consolam os desiludidos, com palavras que falam à alma.

Preto-Velho na Umbanda é grau, para aquele que alcançou a sabedoria, a simplicidade e a capacidade de perdoar, pontificado no Mistério Ancião, capaz de tirar lições do mais pesado fardo, da mais profunda dor, com sua maturidade e estabilidade. Quase nada surpreende ou assusta um Preto ou Preta-Velha, para quem as diferenças raciais, sociais ou culturais são

coisas de crianças que ainda não aprenderam as lições das vidas. São eles as

grandes almas conhecedoras da religião e da espiritualidade.

Com sua simplicidade e sabedoria, Pretos e Pretas-Velhas sempre encontram uma forma de chegar ao coração dos consulentes, que trazem suas dores e lamentos. Auxiliam as pessoas com a fumaça de seus cachimbos e palheiros e com espanadas de galhos de ervas; dissolvem cargas e energias negativas, com seus passes magnetizantes, benzimen-tos e magias elementais característicos, bem como com a indicação de banhos de ervas, a fim de regenerar e equilibrar as vibrações do consu-lente. Mas a força psicológica é a característica mais marcante dessas entidades, ao praticar a bondade incondicional que lhes é inerente, contando suas histórias, seus “causos”, plantando fé, amor, alegria e esperança em cada coração. São conselheiros natos, amigos e confidentes, com suas mirongas, rezas e banhos de ervas, e agem na conciliação do homem com seu próprio inconsciente.

Sabem ouvir e orientar, são amigos e confidentes.

Por tudo isso, são chamados de psicólogos dos pobres ou psicólogos da Umbanda. Cada Preto-Velho comove as pessoas que atende com sua candura e doçura, além de saber colocar nossos pés no chão com meiguice, sempre que é preciso. Seu linguajar característico, simples, popular e quase infantil toca as pessoas, fazendo com que elas se emocionem e aceitem a ajuda

espiritual de que necessitam. Podemos dizer que eles são um ponto de referência para os consulentes, pois os ajudam a encontrar a esperança e um caminho de luz para seguir.

A Linha de Trabalho dos Pretos-Velhos é regida por Pai Obaluaê, senhor da evolução, mas há Pretos-Velhos na irradiação de todos os Drixás. Nada melhor do que o arquétipo “preto-velho” para representar essa linha, graças ao

amadurecimento, humildade e simplicidade com que esses Guias Espirituais se apresentam na Umbanda. O arquétipo do mcião preto, nobre,

poderoso, amoroso, humilde e sábio, ocultado por rás do jeito simples de falar, encantou e tornou imortal a figura carismática do Preto-Velho.

“É Pai Joaquim”

Em Angola ele foi rei, na Aruanda é um velho Pai, Nego velho quando vem, traz bênçãos de Orixás!} bis É Pai Joaquim, de Angola, é Pai Joaquim de Angolá, É Pai Joaquim que traz bênçãos para mim!} bis Mãe Lurdes

Os Pretos-Velhos, sentados em seus tocos e pitando seus cachimbos, falam a todos com muito amor e sabedoria, dos mais simples aos mais eruditos.

Seguram nossas mãos, chamam-nos de filhos e clamam bênçãos, saúde, fé, paz e harmonia ao Divino Criador. Ensinam-nos com doçura que não devemos nos deixar acorrentar pelo medo e pela autopiedade,

que devemos repartir com nossos irmãos não apenas o pão, mas também o aprendizado das coisas divinas.

Ninguém consegue ficar indiferente ante a doçura do Preto-Velho, que ensina a contrapor o amor ao ódio, a esperança à desilusão, a fé à tristeza. Ensina também que a alegria e o desprendimento colocados em nossas ações dissipam qualquer possibilidade de nos machucarmos com essas ações.

Espíritos de negros ou não, amadurecidos no tempo e na vida do plano material, assumiram o grau de

“Preto-Velho”, orientando e ensinando os reais valores da vida: simplicidade, humildade e caridade.

Preto- Velho, no ritual de Umbanda Sagrada, é um grau manifestador de um Mistério Divino. Nem todo Guia Espiritual Preto-Velho é preto ou velho, mas todos são sábios conselheiros e trabalham nessa linha por escolha, afinidade de vibrações. Se analisarmos bem os ensinamentos de alguns deles, constataremos que seus conhecimentos vão muito além dos que poderiam ter sido adquiridos em encarnações como escravos.

Em geral, a forma como eles incorporam, contidos, sem dançar muito, curvados, lentos e pacientes, apoiados em uma bengala, expressa a qualidade telúrico-aquática de Pai Obaluaê. Andam apenas para saudar o congá e a curimba, com uma das mãos apoiada nas cadeiras, a outra na coxa ou na bengala.

Cruzam o congá, o banquinho antes de sentar e atendem

sentados, ficando de pé apenas quando é necessário.

Alguns arregaçam as calças dos médiuns e todos trazem um terço na mão e, enquanto permanecem sentados, colocam os braços para trás, com as costas das mãos apoiadas nas cadeiras. O peso que parecem carregar não é fruto do cansaço, da idade avançada ou velhice, pois já não possuem corpo material nem

limitações físicas, mas é a ação da qualidade estabilizadora terra desse Orixá, diante da qual todos se curvam, se aquietam e evoluem calmamente. É

também a manifestação do arquétipo ancião, fraternidade espiritual universal e milenar de espíritos consciencialmente maduros. Atuam no chacra esplênico, fazendo com que o médium se curve.

Essas entidades manifestam-se sob a aparência de negros escravos, trazendo-nos o exemplo de humildade e simplicidade da alma.

Cumprimentam-se com um abraço ou com as mãos juntas, tocando o lado direito e o lado esquerdo uns dos outros. São espíritos elevadíssimos com vasto campo de ação, encontrados nas Sete Linhas de Umbanda, pois trabalham a Evolução nos sete sentidos da vida dos seres. Trazem sempre palavras de fé, de esperança, de consolo e de perseverança, com sua sabedoria, paciência, paz e serenidade. Ao mesmo tempo que aliviam o fardo espiritual dos consulentes, fazem com que eles se fortaleçam espiritualmente e lhes mostram que podem elevar seus espíritos para a

luz divina. Eles nos acompanham, protegem, rezam e trabalham arduamente por nós na espiritualidade.

Ensinam que servir com alegria é servir duas vezes: a nós mesmos e ao próximo.

Quem vê os Pretos-Velhos de pés no chão, cachimbando, com calças arregaçadas, curvados sobre seus cajados, não imagina que eles já encarnaram como professores, médicos, benzedores, cientistas ou alquimistas, quando aprenderam a ensinar, curar e, principalmente, a vivência da humildade ou

capacidade de se fazerem pequenos.

No arquétipo da amorosa Preta-Velha e do amoroso Preto-Velho, esses espíritos impregnam as mãos dos médiuns com o perfume das ervas maceradas e retiram miasmas condensados de nossas auras. Eles estão sempre a nos ensinar que o perdão é sempre a melhor opção, a caridade o melhor caminho evolutivo e a reza sincera é capaz de mudar a vida de uma pessoa. Eles não carregam mágoa, raiva ou ódio pelas humilhações,

atrocidades e torturas que sofreram na carne. São conselheiros pacientes, mostrando-nos a vida e seus caminhos. Com seus rosários, rezas, mirongas, banhos de ervas, chás, benzimentos e outros elementos, exorcizam forças negativas, obsessores e quiumbas, e, apoiados pelos Exus de Lei, desfazem trabalhos de magia negra.

Há Pretos-Velhos especializados nos trabalhos com as

salamandras que, ao seu comando, envolvem o atendido com uma cortina de fogo etéreo, um verdadeiro furacão de energias ígneas. Esse redemoinho de fogo etérico queima o material tóxico em torno da aura do consultante, assim como de sua residência e local de trabalho. Os elementais diluem energias mórbidas nos trabalhos de limpeza energética e harmonização.

Nos terreiros de Umbanda, os Pretos-Velhos, com sua autoridade moral, impõem respeito e limites aos chefes das trevas e também preparam o ectoplasma utilizado em reuniões de cura e tratamento espiritual.

Esse arquétipo é tão poderoso e forte que foi adotado por milhões de espíritos

evoluidíssimos que se apresentam discretamente nos centros de Umbanda nessa Linha de Trabalho. O Preto-Velho sábio, humilde e caridoso simboliza a sabedoria dos velhos rezadores, mandingueiros, curadores e benzedores.

Simboliza, também, a humildade e resignação daqueles que extraíram suas forças das condições cruéis que lhes foram impostas em vida. Com sabedoria e simplicidade ensinam as pessoas para que tenham amor à vida, entendam e encarem seus problemas cotidianos e busquem as melhores soluções. Eles aliviam o fardo dos consulentes, fazendo com que se fortaleçam espiritualmente e, de forma silenciosa, realizam um trabalho de transformação do íntimo de seus médiuns, nos

contatos com eles nas incorporações.

Essas figuras do Preto e da Preta-Velha são magníficos símbolos, representando o espírito de serenidade, paciência, bondade e humildade que sempre devemos ter em mente para buscarmos a evolução espiritual. São contagiantes com os braços e abraços do amor.

“Na Sacola da Vovó”

Na sacola da Vovó Maria Conga

Na sacola da Vovó tem mironga!} bis Tem arruda, tem guiné, tem dendê, tem, tem!

Tem cachimbo e patuá, isso tem também! Tem rosário e tem axé, isso tem, tem, tem, Tem bondade e tem amor, isso tem também!

Mãe Lurdes

Aos médiuns sempre ensinam a importante lição da humildade, de não serem escravos de seu próprio egoísmo; ensinam a beleza do amor e ajuda ao próximo, saber que cada um colhe o que planta e que deve ensinar aquilo que aprendeu. Assim, vão melhorando cada vez mais seus “cavalos”, lapidando o que há de bom em cada um.

Os Pretos e Pretas-Velhas trazem em seus ritos e performances instrumentos de trabalho e apetrechos simples, como o cachimbo de barro ou de madeira rudimentar, a bengala, o rosário e o terço de lágrimas de Nossa Senhora, figa, crucifixo, lenço, xale, chapéu de palha, cigarro de palha, palha da costa, etc., e,

claro, suas rezas e orações. Quando batem suas bengalas no chão, paralisam quiumbas que, a cada nova batida, se desligam dos chacras dos consulentes.

Gostam de trabalhar com ervas, especialmente arruda, guiné, alecrim e sálvia. Falam devagar, compassadamente e baixinho. As Pretas-Velhas formam cataplasmas com ervas cheirosas e higienizam as auras dos atendidos, sempre com suas características de serenidade e alegria. Quando estalam seus dedos abençoando a todos, os Pretos e Pretas-Velhas emanam faíscas de luz que limpam os miasmas ainda existentes nos locais de atendimento.

Batendo o pé no chão, fumando seu pito, riscando ou cantarolando pontos, vão socorrendo e curando, movimentando falanges capazes de dismantelar

verdadeiras hordas das trevas, desfazer magias negativas e colocar os seres de volta aos caminhos da evolução. Palavras de Pretos e Pretas-Velhas fazem os frequentadores dos Templos de Umbanda refletirem, principalmente quando orientam que os encostos eram apenas espíritos com afinidades vibratórias com os sentimentos negativos da própria pessoa atendida. O atendido volta para casa com a aura limpa e um pouco mais de sabedoria e humildade.

Um dos primeiros Pretos-Velhos a se apresentar na Umbanda foi Pai Antônio, com Pai Zélio de Moraes.

Muitos dos Pretos-Velhos que iniciaram a Umbanda

traziam seus nomes associados a países africanos, como Angola (Pai Joaquim de Angola), Cambinda (Vó Cambinda), Congo (Vovó Maria Conga, Pai João do Congo), Ruanda (Pai Benedito de Aruanda).

Dentre os conhecidos Pretos-Velhos da Umbanda, há aqueles que têm nomes simbólicos ocultadores, como Mãe Maria, Pai Cipriano, Pai João, Mãe Benedita, Vó Catarina, Pai Joaquim, Vovó Luí-za, Vovó Maria Redonda, Vovô Rei do Congo; outros possuem nomes simbólicos reveladores, como Vovó Maria do Cruzeiro (regida por Mãe Oxum e Pai Obaluaê) e Pai João da Mata (regido por Pai Xangô e Pai Oxóssi).

Os Pretos-Velhos têm seus Pontos de Forças na calunga, campo-santo ou cemitério, que são santuários naturais na regência de Pai Obaluaê, no alto, e de Pai Omolu, no embaixo. Por isso, são conhecidos também como Linha das Almas. Os campos-santos são os locais de transição dos espíritos, quando deixam a matéria e passam para o plano espiritual.

Obaluaê é o Senhor das Passagens dos estágios e planos da vida e rege a evolução dos seres. É uma divindade terra-água, cuja saudação é “Atotô”, que significativamente quer dizer silêncio. A terra dá estabilidade e nesse elemento Obaluaê é passivo e estabilizador; a água dá mobilidade e, nesse elemento, ele é ativo e evolutivo. A irradiação que esse pai transmite aos Pretos-Velhos é aceleradora da vida, da evolução, e desperta nos seres a vontade de seguir

adiante, de aprender os ensinamentos que nos aproximam de Deus, de buscar melhores condições de vida, cura e bem-estar.

Omolu é uma divindade terra; é terra seca; é a divindade que rege o desencarne e conduz cada um ao seu devido lugar no plano espiritual. Ele guarda para Pai Olorum aqueles que fraquejaram durante sua jornada terrena e se entregaram à vivência de seus vícios emocionais. Em seu polo negativo no campo-santo, ele é o chefe de todos os executores da Lei.

Conforme as irradiações às quais cada Guia está sintonizado, também tem suas energias ligadas aos demais pontos de força dos Orixás. Um Preto- Velho Pai Joaquim das Águas é regido por Pai Obaluaê, como Preto-Velho, e atua na irradiação de Mãe Iemanjá. Uma Vovó Catarina do Fogo Divino é regida por Pai Obaluaê, como Preta-Velha, mas atua também na irradiação de Pai Xangô ou de Mãe Oroinã.

Em um trabalho de Umbanda, a palavra de um Preto-Velho ou de uma Preta-Velha muitas vezes transmuta nossas mentes e os rumos de nossas vidas.

Essas maravilhosas entidades nos mostram que, se temos tanto respeito pelos Anciões do Ritual de Umbanda, no dia a dia devemos reproduzir esse respeito para com nossos irmãos e irmãs em Oxalá que têm seus cabelos brancos, sua idade avançada, pois chegaram à maturidade. Se amamos os Pretos-Velhos,

devemos amar, respeitar e ter carinho com

nossos velhos encarnados.

“Nossos mais profundos respeitos aos espíritos mais velhos da Umbanda, que são os Pretos-Velhos, que devem ser fundamentados na compreensão e no amor, porque todos nós nos tornaremos velhos um dia também. Quando a velhice chegar e a maturidade se estabelecer em nossas vidas, não como seres encarnados, mas como Espíritos em evolução, com certeza nos lembraremos deste tempo em que pudemos prestar nossas homenagens a eles, quando éramos Espíritos mais novos e eles os mais velhos, ajudando- nos em nosso amadurecimento enquanto espíritos em eterna evolução” (Rubens Saraceni -

Revista Espiritual de Umbanda - maio 2005).

XI - MISTÉRIO RENOVAÇÃO, PUREZA

E ALEGRIA DAS CRIANÇAS

Salve as Crianças! Oni Beijada!

Nos rituais de Umbanda, a Linha de Trabalhos das Crianças e sinônimo de muita festa, alegria e pureza, e as Crianças já estavam presentes, aconselhando e curando, juntamente com os Caboclos e os Pretos-Velhos, desde o início da religião. Os Orixás Maiores foram gerados por Olorum já plenos em si, mas os seres naturais pessoais que incorporamos na Umbanda e chamamos de “Orixás”

não foram gerados maduros e completos. Até atingirem seu estágio atual de evolução, já foram Crianças encantadas.

Portanto, esses naturais infantis não serão eternas

Crianças; são regidos por princípios diferentes e seguem sua evolução em uma realidade distinta da nossa, e não são espíritos humanos que tiveram passagem encarnatória e desencarnaram cedo.

O arquétipo para essa linha, conforme Pai Rubens Saraceni, não foi fornecido pelo lado material da vida, em espíritos de Crianças que desencarnaram, mas pelo lado espiritual dos seres “encantados da natureza”: Crianças encantadas, portadoras naturais dos mistérios regidos pelos Orixás Naturais e por eles amparadas até que cresçam e atinjam um novo estágio evolutivo.

Essas Crianças encantadas evoluem e aprendem por irradiação mental de seus pais e mães e por transferência mental dos seus irmãos já mais evoluídos.

Esses Orixás trabalham com irradiações muito fortes e puras na sua origem e se distribuem nas linhas de força identificadas pelo seu elemento original. O

Orixá das “Crianças” ou “Erês” é um Guardião de um Ponto de Força do Reino Elementar e atua sobre toda a humanidade Também os Erês atuam nas linhas de força da natureza. Essas Crianças Encantadas nos olham como irmãos mais velhos, pois já estagiamos nesses reinos elementares. Porém, esses seres não têm a mente adormecida; alguns têm lembranças de vários séculos e, para virem trabalhar como Guias Espirituais de Umbanda, passam por um preparo no astral, que eles chamam de “escolinha”.

Uma criança desencarnada da matéria não teria aptidão intelectual para orientar adultos, como os que chegam em nossos Templos umbandistas, com suas cargas e atormentados por profundos desequilíbrios materiais e espirituais. Muitos adultos, por desconhecimento, até ficam aborrecidos quando chegam a um terreiro e é dia de gira de Crianças; alguns acham tudo ridículo.

A grande facilidade que os Guias Espirituais Crianças têm para curar muitas doenças está justamente na possibilidade de tratarem os consulentes com seu elemento ativo, com sua irradiação pura. Elas vibram as forças da natureza de forma intensa e sutil, trazendo relaxamento, paz e alegria, com as essências do reino dos encantados. Nas balas e docinhos trazem bênçãos, amor, serenidade e cura.

Essa é uma linha de trabalhos fechada em seus mistérios, amparada pelo Trono do Amor e regida por Pai Oxumarê, Orixá da renovação da vida nas dimensões naturais, o pai das cores e do arco-íris. O

Amor é a principal energia manipulada pelas Crianças Espirituais e fornece a esses espíritos de roupagens infantis a grande capacidade de renovar e alegrar a todos, com sua luz e sabedoria, transbordando bênçãos, amor e harmonia.

Nessa linha atuam espíritos que se apresentam na

forma infantil, mas que têm muito poder e recebem várias denominações, como Erês (do iorubá), Dois-Dois (Crispim e Crispiniano, Cosme e Damião -

irmãos gêmeos e médicos, que pereceram decapitados, por praticarem a medicina gratuitamente em socorro dos pobres e das crianças abandonadas), Ibejadas ou Bejadas, Crianças e outras. Ibejis são Orixás, divindades gêmeas na nação Keto, enquanto na Umbanda os Erês são Guias Espirituais, entidades Crianças.

Esse arquétipo fundamentou-se na inocência, franqueza, ternura, carinho, amor, alegria e ingenuidade dos seres encantados infantis. Nas dimensões da vida do estágio encantado vivem milhares desses espíritos Crianças, educados por suas devotadas mães encantadas que os suprem, auxiliadas por sua hierarquia, para a manutenção do equilíbrio em seu reino, propiciando um lento amadurecimento desses seres crianças encantadas. Essas mães são devotadas ao seu direcionamento na senda evolutiva, contendo seus excessos e educando-os moral, consciencial e emocionalmente. A força e o poder desse arquétipo estão justamente na sustentação realizada por essas mães e na guarda que os pais Orixás fazem, zelando pela integridade desses infantis. Esses encantados da natureza são maduros em sua fé em Deus, como se vivessem próximos a Ele. Mas são infantis por seu magnetismo puro, por

sua inocência, verdade e transparência.

Pai Oxalá, Mãe Iemanjá, Mamãe Oxum e outros Orixás fornecem espíritos na forma de crianças, para atuação na linha de força dos elementos: ar, fogo, água, terra, vegetal, mineral e cristal. Essas “crianças”

têm as características do elemento em que atuam: ficam caladas, se são da terra; facilmente irritáveis, se são do fogo; alegres e expansivas sob a influência do ar; carinhosas e melodiosas no falar, se são da linha de Oxum ou Iemanjá; e assim por diante. Porém, podem manipular todas as energias elementais, conforme a necessidade, e portam poderes naturais só encontrados nos seus regentes Orixás.

É pena que nem todos deem crédito nem levem as Giras de Crianças muito a sério; que essa Linha de Trabalho seja pouco conhecida até por umbandistas; e que essas entidades só sejam vistas como crianças levadas e ligadas a festas e guloseimas. Um ser elemental é puro, não tem os defeitos característicos dos humanos e possui uma grande força ativa que pode ser colocada a serviço da humanidade, pois muitas dessas entidades, embora crianças, têm muito mais poder do que imaginamos. Quem não acredita mais no poder do amor, não o sente e vivência e não consegue oferecê-lo às pessoas que o rodeiam, não consegue entender e acreditar no poder da energia manipulada pelas Crianças.

Excelentes conselheiros, orientadores e curadores, os

Erês não gostam de fazer desobsessões nem de desmanchar demandas da mesma maneira que fazem outras Linhas de Trabalho, mas realizam seu trabalho com eficiência, alegria e satisfação. Pureza é algo que encontramos plenamente, mesmo nas crianças encarnadas, que não têm maldade, não carregam mágoas, acreditam nas pessoas, não mentem, brincam com tudo e estão sempre felizes.

No decorrer das consultas, as Crianças astrais alertam os consulentes sobre seus erros e falhas humanas e, com seus elementos, vão trabalhando o atendido, modificando suas vibrações, equilibrando e alinhando seus chacras. Crianças são sinceras e falam o que as pessoas trazem escondido em suas almas.

Nas curas espirituais, fortalecem o emocional, limpam e descarregam, aliviam tanto os subscientes quanto os problemas cotidianos dos médiuns e dos atendidos e os descontraem, pois atuam na própria psique.

Trabalham brincando e brincam trabalhando, com seus doces, carrinhos, bonecas, apitos e outros brinquedos. Brincando e rindo, sacudindo braços e pernas e dançando, efetuam tra-; alhos maravilhosos de descarrego fluídico,

afastando espíritos de baixa vibração e desagregando do corpo e da alma dos participantes do trabalho as energias enfermias densas enraizadas nos seus campos áuricos.

As Crianças trazem muita força de trabalho e em suas manifestações traduzem a essência da pureza, alegria

e simplicidade. Renovadoras por excelência, são amparadas pela linha do Amor (Oxum e Oxumaré), mas não perdem sua essência elementar; amam somente por amar. Vemos muitas Crianças da água, das matas, das praias, alguns Caboclinhos e Caboclinhas, etc. Seus nomes simbólicos, normalmente no diminutivo, dificilmente traduzem sua essência original, mas isso é totalmente desnecessário, pois para a pureza a tradução não é necessária.

As Crianças, Ibejis, Beijadas, Erês ou Cosminhos estão ligadas ao plano dos encantados da natureza e muitos nunca encarnaram ou o fizeram uma única vez. “E não seriam ‘Crianças’ humanas recém-desencarnadas e que nada sabiam da magia ou de Orixás que iriam realizar os prodígios que os ‘Erês’

realizam em benefício dos frequentadores das suas sessões de trabalhos ou com as forças da natureza quando são oferendados em jardins, à beira-mar, nas cachoeiras ou em bosques frutíferos” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda). Pertencem ao estágio encantado da evolução, normalmente, os que se apresentam por nomes simbólicos ligados a falanges ou mesmo a elementos da natureza, como: Pedrinha, Coquinho, Ventinho, etc.

Essas entidades Crianças apresentam características ou formas diferentes de equilibrar emocionalmente e de descarregar energeticamente o médium, o

consulente e o terreiro, pulando, chorando, gritando, dançando, comendo, etc. São também formas de estimular a alegria e o espírito infantil de cada pessoa presente no trabalho, fazendo-a novamente Criança, com alegria e

doçura no coração. Com o encanto dessas giras, tornamo-nos Crianças novamente, sentindo e agindo de maneira diferente, despertando sentimentos adormecidos, estimulando a solidariedade e a imaginação. Quem deseja mudanças na vida precisa de renovação, precisa mudar comportamentos e atitudes, recomeçar as tarefas materiais, ter esperança. Cores, alegria, desprendimento e pureza são ótimos meios para iniciar a renovação, para se permitir ser mais criança no dia a dia, com amor e pureza no coração.

Erês gostam de bolos, balas, refrigerantes (água de bolinhas), leite (água branca), doces simples como paçoca, pipoca doce, maria-mole, pé de moleque, pirulitos e frutas. Atendem por nomes no diminutivo, como Rosinha, Mariazinha, Joãozinho, Pedrinho, Cosminho, Ritinha. Essas Crianças encantadas podem ter nomes simbólicos identificadores, geralmente ligados ao Orixá regente do médium, como Rosinha, Mariazinha, Coraçãozinho de Ouro e Pingo de Ouro, para filhas de Oxum; Peixinho do Mar, Estrelinha do Mar e Conchinha de Prata, para Filhos de Iemanjá; Formigão e Pipocão, para filhos de Obaluaê; Folhinha

Verde, Pingo Verde e Caboclinho, para filhos de Oxóssi.

A glicose (teor de açúcar) encontrada em doces, bolos, balas e refrigerantes utilizados por essas Crianças astrais é estimuladora e geradora de energias, que são repassadas para os médiuns e para os consulentes, além de serem utilizadas nas magias praticadas por essas entidades “infantis”. Essas Crianças encantadoras e encantadas são ótimos Guias de trabalho e atendimento, curadores excelentes e orientadores espirituais fantásticos, e repassam para os médiuns e consulentes sua doçura interior. Assim, atuam de dentro para fora, pois todos, do mais fechado ao mais aberto ser, se rendem à alegria e espontaneidade das Crianças.

“Diante do Grande Pai, somos todos Crianças, por isso precisamos aprender a ter coração de criança também. E, tendo o Pai que temos, de maneira nenhuma podemos ser malcriados, não é mesmo?”

(Leni W. Savinski - Causos de Umbanda - a Psicologia dos Pretos-Velhos).
Olhando para dentro de nós podemos fazer renascer nossa criança interior que está aí adormecida. Quantas vezes nos tornamos duros, amargos, desanimados, nem sorrir nos permitimos? As Crianças da Umbanda nos possibilitam renovar nossos sentimentos interiores e carregar nosso íntimo de alegria, harmonia, amor e fé. Para que a criança que habita seu coração

nunca pereça, as qualidades necessárias são a beleza, pureza, alegria, : m humor, sorriso, simplicidade, entusiasmo, boa vontade, dedicação, empenho, aceitação das mudanças que a vida traz.

Também é bom apren-ger a olhar para o alto e sorrir, além de abrir-se para a vida.

E quem melhor que nossa “criança interior” para ouvir e captar conselhos dados por outra “criança”?

Quem nunca se sentiu criança ao vê-los “brincando”

nos terreiros? Quem não sorri, sentindo paz e alegria ao receber um abraço e um pedido de “bênça, tio”,

“bênça, tia”? É praticamente impossível não reagirmos com felicidade diante da inocência, da ternura, da alegria, do carinho, do amor e da ingenuidade dessas crianças astrais. Em seus médiuns, atuam fazendo aflorar e trazendo à tona o amor, a alegria e o afeto que trazem em si mesmos, pois agem em seus chacras cardíacos, centros do amor. A incorporação das Crianças faz com que os médiuns percam seus preconceitos, orgulhos e arrogâncias, pois vão ao chão, brincam com os brinquedos, chupam chupetas, pirulitos e comem doces que no seu dia a dia não comeriam. Podemos observar a força desse arquétipo quando adultos sisudos, amadurecidos na luta do cotidiano, incorporados com suas

“Crianças” ou “Erês”, transformam-se completamente, sorrindo, chupando suas chupetas e brincando com todos ao redor. Com a incorporação da

alma infantil, agem como crianças alegres, mas com equilíbrio e respeito se o médium tem sua mediunidade equilibrada e firme.

A Ibejada, com doces, brinquedos, bexigas, refrigerantes, óculos coloridos, bonés, saias, etc., juntamente com seus sorrisos e trejeitos, vai ajudando, encaminhando as crianças da Terra, como também os adultos, sempre sorridentes e barulhentos, mas muito competentes. Incorporadas em seus médiuns, as Crianças preferem as consultas durante as quais vão trabalhando o consulente com seus elementos de ação (doces, carrinhos, bolinhas de gude, bonecas, apitos e outros brinquedos), modificando e equilibrando sua vibração e regenerando os pontos de entrada de energia nos seus corpos materiais. Ensinam a não armazenar mágoas na alma, promovendo renovações magnéticas, sutalizando as energias e desbloqueando sentimentos negativos das pessoas.

Não podemos deixar de falar sobre a importância do entendimento desta Linha de Trabalho, pois nos locais onde há lambança, refrigerante espalhado pelo chão e atitudes não condizentes com os Trabalhos da Umbanda, há falta de doutrina, não dos Erês, mas dos médiuns e do próprio Dirigente. Quem extrapola está colocando para fora a criança mal resolvida guardada dentro de si mesmo. Os

Erês são puros, simples e doutrinados e estão no terreiro para trabalhar e não simplesmente para brincar. Os doces são seus

elementos de trabalho, juntamente com os brinquedos, e as brincadeiras são suas formas de descontrair as pessoas, de romper as barreiras com os consulentes. A doutrina deve ser realizada para os médiuns, pois os Erês sabem se comportar. Cabe ao Dirigente ensinar.

Diante do Divino Criador, somos todos crianças, médiuns ou não, atendentes ou consulentes, e precisamos ser educados, ter disciplina e harmonia.

Quanto ao médium, durante seu desenvolvimento mediúni-co, vai aprendendo a sentir o sagrado dentro de si, a força de seus Guias, aprendendo com eles e refletindo sobre sua maneira de ver a vida, realizando uma transformação íntima poderosa, por meio do contato com os diferentes arquétipos das diversas Linhas de Trabalho.

O desequilíbrio em relação aos Erês, seres encantados à nossa direita, causa transtornos comportamentais e transformações conscienciais. Com as Crianças, o médium descobre a renovação, aprende a não guardar mágoas, a sorrir com alegria, esquecendo as tristezas; aprende a ser verdadeiro consigo mesmo. Ao trabalhar a criança dentro de si, aprende a ajudar seus semelhantes, trabalhando essa energia infantil e o coração de criança nas pessoas, ajudando-as a superar os conflitos. Os Erês atuam no chacra cardíaco, o centro do amor, com seu afeto, alegria, carinho e pureza.

Já dissemos que o Orixá das Crianças é um Guardião

de um Ponto de Força do Reino Elementar e que Pai Oxalá, Mãe Iemanjá, Mamãe Oxum e outros fornecem esses espíritos na forma de Crianças, que atuam na força dos elementos ar, fogo, água, terra, vegetal, mineral e cristal e têm as características do elemento em que atuam. Seus Pontos de Forças são os jardins, à beira-mar, os bosques frutíferos e as cachoeiras, com os quais mantêm integração vibratória e energética.

O mar é um santuário, um altar aberto a todos e regido por nossa mãe Iemanjá, a Rainha do Mar, onde tudo é levado para ser purificado e depois devolvido. Do mar saem irradiações energéticas salinas que purificam nosso planeta e energias magnéticas que mantêm o globo terrestre imantado. O mar é alimentador da vida e a energia salina cura enfermidades do espírito, queima larvas astrais resistentes a outros tipos de banhos (como ervas, sementes, raízes, etc.) e irradia energias purificadoras para o nosso organismo.

O mar é o melhor irradiador de energias cristalinas; suas águas são condutores naturais de energias elementais, que são concretizações puras de energia.

Iemanjá, a mãe da vida, é um princípio criativo, doador de vida, que gera a criatividade e a irradia de forma neutra a tudo que vive, dando-lhe a capacidade de se adaptar às condições e meios mais adversos.

Um culto à beira-mar limpa e sutilha os corpos energéticos das pessoas, magnetizando-as positivamente.

As cachoeiras são os santuários naturais regidos por Mamãe Oxum, : Mistério do Amor Divino. Quando nos banhamos nas cachoeiras, os magnetismos e energias desse ponto de força desagregam as energias enfermizas negativas agregadas à nossa aura e internalizadas em nossos órgãos etéricos, estimulando sentimentos de fraternidade, amor e união. As cachoeiras são pontos de força essenciais para

o reequilíbrio dos nossos emocionais.

A água, além da capacidade de adaptação, serve como descarga fluídica e como meio condutor de fluidos, limpando, sutilizando e magnetizando o corpo astral.

As Crianças que atuam na irradiação de Mãe Iemanjá e de Mãe Oxum são manipuladoras naturais dessas qualidades energéticas do mar, dos rios e das cachoeiras, sendo carinhosas e de faixas doces e melodiosas, capazes de lidar com as questões emocionais dos consulentes, dos médiuns e até mesmo dos espíritos resgatados.

À beira-mar também há a areia úmida e a areia seca que nos remetem a Pai Obaluaê e Pai Omolu. As Crianças ligadas ao elemento terra são bastante caladas, como os Calunguinhos do Mar.

Quanto aos jardins, podemos considerá-los pontos de força de Pai Oxalá, locais onde vivem milhares de seres puros e nobres, que nos recebem com imensa alegria e nos envolvem em uma aura de muita bondade, ternura, amizade e carinho. As Crianças

Espirituais são chamadas de “Flores do Jardim de Oxalá”.

“Alegria e Amor”

No Jardim de Oxalá eu sou flor,

de Mãe Oxum sou estrelinha lá no céu, no congá sou alegria e amor,

sou criança e quem me Guia é Papai Oxumaré!

Mãe Lurdes

Crianças na irradiação de todos os Orixás podem ser oferendadas nesses Pontos de Força. Cosminhos, Erês, Ibejada ou simplesmente Crianças” são comemorados no mês de setembro. São bastante conhecidos na Umbanda Joãozinho, Mariazinha, Pedrinho, Cosminho, Caboclinho, Pingo de Ouro, Peixinho de Prata e Flechinha de Ouro.

XII - FÉ E JOGO DE CINTURA DOS BAIANOS

É da Bahia!

Como durante muitos anos a Linha de Trabalho e Ação dos Baianos foi renegada e enxergada com preconceito e restrição, sendo esses espíritos considerados até mistificadores e zombeteiros e a linha vista por muitos dirigentes espirituais como inexistente, vamos iniciar nossos comentários sobre ela falando de onde vem o arquétipo para os trabalhos umbandistas com os Baianos.

A origem mítica das entidades da Linha dos Baianos nos remete aos antigos pais e mães no santo da Bahia, terra de grande espiritualidade e magia. É a linha dos

heróis anônimos que durante muito tempo sustentaram o culto aos Orixás em nosso país e o semearam inicialmente em solo baiano, e mais tarde no resto do Brasil. A Bahia foi o berço, o local onde os escravos africanos tiveram a abertura para se expressar religiosamente.

A Linha dos Baianos nos reporta também à colonização do nosso país, às origens e à diversidade do povo brasileiro, às migrações internas e a discriminações e preconceitos vivenciados pelos nordestinos, chamados pejorativamente de “Baianos”

e associados à ignorância, ao trabalho árduo e ao analfabetismo. A Umbanda, com seu caráter fraterno e universalista, vem quebrando todos os tipos de preconceitos e discriminações. O Baiano que se apresenta nos rituais de Umbanda representa a resistência diante das dificuldades que a vida impõe.

“Se um espírito missionário iniciou a corrente dos

‘Baianos’ é porque na Terra ele havia sido um Babalorixá Baiano e continuou a sê-lo no plano espiritual. Ele havia sido um Baiano cultuador dos Orixás e continuou sua missão em espírito, iniciando um dos mistérios da religião umbandista, pois só um mistério agrega, sob sua égide e sua irradiação, tantos espíritos, com

muitos deles só plasmando uma vestimenta baiana e um modo de comunicação peculiar” (Rubens Saraceni

- Umbanda Sagrada).

Esse arquétipo, segundo Pai Rubens Saraceni, foi criado justamente a partir daqueles que melhor sustentaram e popularizaram o culto aos Orixás no Brasil, ou seja, as figuras fraternas, devotas, fervorosas e persistentes dos sacerdotes dos Orixás, com suas rezas, magias, quizilas, feitiços etc., e dos mestres e rezadores nordestinos. Assim, do mesmo modo que os Guias Espirituais de outras Linhas de Trabalho, na Linha dos Baianos nem todos foram pais ou mães no santo ou mesmo Baianos, mas agruparam-se por afinidade com essa egrégora astral.

Vários desses espíritos viveram suas vidas ou parte delas no Nordeste e também estiveram em contato com os Mestres do Catimbó e da Pajelança e deles receberam lições.

O arquétipo adotado para a Linha de Trabalho e Ação dos Baianos da Umbanda é o culto aos antepassados, ou a Egunguns,¹ aos tradicionais pais e mães no santo da Bahia, embora se manifestem pais e mães no santo de todos os recantos do país. Daí terem a regência direta de Mãe Iansã - Trono Feminino da Lei - e do elemento ar e também uma ligação com Pai Oxalá, a fé e o regente da Umbanda.

A partir dos anos 1970, as entidades espirituais baianas aos poucos se tornaram populares, especialmente nos terreiros paulistanos, e foram conquistando os frequentadores, com suas figuras extrovertidas, de alegria contagiante, curiosa e

intrometida, com seus movimentos característicos e sinceridade absoluta. Assim, de maneira exemplar e digna, tomaram conta do espaço que lhes foi designado pelo astral. São feitos de fé, doutrinadores, orientadores e ensinadores da espiritualidade; são espíritos alegres, comunicativos, brincalhões, ativos, inquietos, leais, despachados, verdadeiros e descontraídos, apresentando muitas das qualidades de Mãe Iansã. Ensinam a lidar com as adversidades da vida com alegria, flexibilidade e leveza.

Os Baianos gostam de uma boa prosa e apreciam bastante a macumba, a dança ritual, durante a qual giram com seus passos próprios, seu gingado e suas pisadas, enquanto trabalham dissolvendo as densas energias dos consulentes e acumuladas no ambiente.

Apresentam-se nas giras com fortes

traços regionalistas, principalmente no seu proseado cantado, muito falantes, com sotaque nordestino, fala mansa, simples e decidida e uma enorme vontade de ajudar a resolver os problemas dos consulentes. Além disso, as entidades Baianas sempre ensinam muito a seus médiuns, como a flexibilidade, a brincadeira sadia, a felicidade de fornecer alegria, esperança e amparo ao irmão que sofre. Aqueles médiuns que são introvertidos e introspectivos, quando incorporados com o Baiano ou a Baiana, liberam alegria e descontração. Outros, já descontraídos por natureza, aprendem a desenvolver a coragem e a força de viver

diante dos problemas do cotidiano.

A gira na Linha dos Baianos é sempre muito animada, e essas entidades têm respostas certas e rápidas para as nossas questões, para sabermos lidar com as adversidades diárias com alegria e descontração. Elas nos ensinam a não reclamarmos nem lastimarmos, mas sempre termos confiança na Divina Providência e em nós mesmos, e agradecermos pela vida.

Pela ligação do seu arquétipo sacerdotal com Pai Oxalá, os Guias Espirituais Baianos são excelentes doutrinadores, orientadores e consoladores natos, pois sabem ouvir, oferecer bons conselhos e levantar o ânimo dos desanimados e

entristecidos, com sua firmeza de caráter e força digna.

Com sua maneira mansa e descomplicada de falar e conversar baixinho, quando necessário, os Baianos transmitem conforto e segurança aos atendidos, buscando levar conforto e coragem para vencer, ensinando a perseverar diante dos obstáculos; tudo isso, com suas brincadeiras sadias, sua energia firme e alegre e seu forte magnetismo.

As Entidades Baianas são ótimas para tratar assuntos profissionais e auxiliar nas desavenças matrimoniais, dentre outros assuntos, e, depois de algum tempo, chegam a se tornar amigos e confidentes dos frequentadores, pois os ensinam a resolver

pendências, transformam suas tristezas em alegrias e esperanças e os fazem se sentir mais leves e animados, prontos para tomar novos rumos na vida e realizar conquistas espirituais e materiais. Dessa maneira, os Baianos conseguem nos auxiliar em nossa evolução espiritual e material, sintonizando-se fraternalmente conosco, demonstrando amizade, conquistando-nos e desarmando nossas defesas mentais e emocionais.

Os Baianos e Baianas, trabalhadores incansáveis, sempre nos trazem seu axé, saudando Pai Oxalá, e não cansam de louvar Nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora das Candeias, mostrando uma enorme fé e muita religiosidade.

“Nossa Senhora das Candeias”

Ó Virgem Imaculada, que nossa vida clareia, zelai por meu destino, ó Senhora das Candeias; eu sou um peregrino, nesta vida passageira

sou homem, sou menino, caminhando sem fronteiras, sou homem, sou menino, caminhando sem fronteiras.

Meus olhos rasos d'água, diante do seu altar e um coração sem mágoas é o que trago para ofertar, a bênção minha mãe, sou seu filho nesta vida, a bênção minha mãe, me ilumine ó mãe querida, a bênção minha mãe, me ilumine ó mãe querida!

Baiano Zé do Coco (Mãe Lurdes)

Os

Guias

Espirituais

Baianos

mesclam

características da direita e da esquerda. Sempre que necessário, eles podem lançar mão da sua valiosa capacidade de

trabalhar na esquerda, onde têm ótimo trânsito nos caminhos de Exu. São ouvintes pacientes e carinhosos, trabalhadores incansáveis e respeitados, por sua grande capacidade de quebrar demandas e magias negras em geral, pela facilidade de aconselhamento aos consulentes e por sua força digna e firmeza de caráter.

É bastante conhecida a chamada “virada de Baianos”, quando a baianada “vira” na esquerda para barrar as energias negativas que chegam pela esquerda dos médiuns e do Templo, e para quebrar as demandas.

Essas entidades Baianas são amigas e nos passam segurança, mas também dão os “puxões de orelha”

sempre que é preciso, sem ofender nem provocar ninguém.

Quando alguém procura as entidades baianas para pedir ajuda em coisas incorretas, negativas e contrárias à Umbanda, ouve o que não quer ouvir, leva grandes carraspanas, porque os Baianos não pactuam com pessoas de má índole e falam diretamente o que for preciso, sem delongas.

Os Guias Baianos têm grande popularidade, conversam muito, orientam, aconselham, são amigos, porém não levam desaforo para casa, pois, como dizem, eles “não têm papas na língua”. Assim, os Baianos buscam ajudar todos a caminharem na vida pelas sendas de luz, vencendo os problemas e as dificuldades do dia a dia, encarando-os com alegria e

entusiasmo.

Baiano não leva desaforo para casa; quando desafiado, com seu jeito valente, pode falar mais duro e alto do que faz em geral.

“Desafio - O Laço e o Facão”

Meu laço gira por cima, meu facão corre por baixo, }

bis Quero ver quem me domina, sou valente, cabra macho. } bis

No cabo do meu facão eu seguro com firmeza, } bis Não aceito desacato, desaforo e safadeza. } bis Seu cabra tome cuidado, ouça bem o que lhe digo,

} bis Não se apegue com o Diabo, tenha Deus por seu amigo. } bis

Baiano Zé do Coco (Mãe Lurdes)

Se no início os Baianos não foram aceitos e foram renegados em muitos terreiros, hoje são trabalhadores do astral respeitados, fraternos e queridos, que nos mostram que toda pessoa tem sua importância e que o mais essencial são os valores morais, culturais e religiosos que cada um carrega em seu íntimo.

Graças à sua descontração, alegria, flexibilidade e rapidez nas observações, Baianos e Baianas são ótimos também para os trabalhos de desenvolvimento mediúnico, deixando os médiuns igualmente descontraídos e confiantes,

facilitando a incorporação. Quando é preciso, sabem disciplinar e organizar os trabalhos.

Baianos e Baianas são grandes conhecedores das ervas

e do axé, alguns são grandes rezadores e benzedores e possuem fortes orações e rezas. Ensinam a importância de manter bons pensamentos, sentimentos e atitudes, ensinam orações, banhos e rezas, e, principalmente, a não olhar só para si mesmo, mas ver ao redor e ajudar quem necessita.

Ninguém evolui sozinho.

A baianada aprecia as festas que lhes oferecemos, com suas comidas e bebidas típicas, especialmente os cocos, a batida e a água de coco, as comidas típicas da Bahia, com azeite de dendê. São chegados à dança ritual, durante a qual trabalham, enquanto giram, com suas pisadas e danças próprias.

“Pisa Baiano”

Pisa Baiano com seu passo miudinho, pisa aqui, pisa acolá, pisa bem devagarinho. } bis Nessa pisada, nesse compasso, O Baiano nesse passo dança até o sol raiar.

Oi nesse passo, nesse compasso,

O Baiano vai pisando até o dia clarear!} bis Baiano Zé do Coco (Mãe Lurdes)

Suas guias de contas são feitas com coquinhos, pedaços de coco seco, sementes de olho-de-cabra ou olho-de-boi. Alguns pedem que se intercalem pedras, búzios ou contas de porcelana ou de cristal.

Utilizam também em seus trabalhos chapéus de couro ou de palha, cigarros de palha, charutos, anéis, badulaques, cocos, azeite de dendê, facões.

Dentre os Guias Baianos mais conhecidos destacamos Zé do Coco, Severino, Zé Baiano, Maria do Balaio, Maria Bonita, Januário, Maria

Baiana, Zé do Berimbau, Baiana dos Cocos, Maria da Cruz, Baiano dos Sete Cocos, Serafim, Maria Baiana da Calunga, João Baiano, Zé Preti-nho, Maria das Candeias, Baiana do Rosário, Januária e Raimunda.

Não podemos deixar de falar de Zé Pelintra, entidade que em algumas casas se manifesta na Linha dos Baianos, em outras na Linha dos Exus ou na Linha dos Malandros.

Os Baianos estão ligados aos Pontos de Força das pedreiras de Mãe Iansã e aos Coqueiros (Pai Oxalá).

As pedreiras são resultado da ação das intempéries sobre as rochas. As chuvas, os ventos, os raios e a dilatação e contração das rochas vão agindo e transformando as montanhas em pedreiras. Iansã é a Orixá ligada às intempéries. Os Baianos, com suas figuras extrovertidas, alegria contagiante, movimentos característicos e sinceridade absoluta expressam muito bem as qualidades dessa Mãe.

Pai Oxalá, no ritual de Umbanda, é o maior dos Orixás, é o regente do nosso planeta. Sua força cristalina de atuação é o ar e o tempo, dando-nos o oxigênio que sustenta a vida. Ele atua em todos os lugares, equilibrando manifestações ou devolvendo o equilíbrio do corpo e do espírito. Irradia o mistério da fé continuamente em todos os sentidos e a todos os

seres.

Conforme as irradiações às quais cada Guia está sintonizado, também tem suas energias ligadas aos demais pontos de força dos Orixás. Uma Baiana Maria da Cruz tem a regência de Mãe Iansã (Baiana), na irradiação de Mãe Oxum (Maria) e de Pai Oxalá (Cruz). Um Baiano Zé do Coco tem a regência de Mãe Iansã (Baiano), na irradiação de Pai Oxalá (José) e de Pai Oxóssi (Coco). Uma Maria Baiana da Calunga tem a Regência de Mãe Iansã (Baiana), na irradiação de Mãe Oxum (Maria) e de Pai Obaluaê (Calunga). “Os Baianos Vão Embora”

Os Baianos quando vão, vão beirando a beira-mar, Coqueiro está balançando, não carece de chorar, Se um coco cai do coqueiro, outro coco vai brotar, Baiano deixa o terreiro, mas um dia vai voltar!

Baiano Zé do Coco (Mãe Lurdes)

Culto aos Egunguns - é o culto aos antepassados, aos ancestrais, realizado na Bahia e em alguns cultos de nação na África. Na Ilha de Itaparica, na Bahia, esse culto é exclusivamente masculino e só entra mulher filha de lansa d'Bale.

XIII - CORAGEM E DETERMINAÇÃO DOS

BOIADEIROS

Marrumbaxêtro! Xêtruá, Boiadeiro!

Os espíritos que se apresentam como Boiadeiros na Umbanda, também chamados Caboclos de Couro ou Caboclos da Lei, em grande parte, na Terra, foram mamelucos, cafuzos e mulatos que sofreram preconceitos como os “sem raça”, sem definição de sua origem. Representam a própria miscigenação do povo brasileiro, a coragem, a liberdade, a determinação e o convívio harmonioso e simples do caboclo sertanejo com os animais e com a natureza.

Aprenderam com o índio e com o negro suas ervas, plantas, curas, os Orixás, os feitiços e as mirongas.

Trazem força e fé muito grandes.

O arquétipo adotado para a Linha dos Boiadeiros é a figura do mítico e rude peão boiadeiro, sertanejo, vaqueiro ou tocador de gado, valente, forte, impositivo, vigoroso, destemido e habilidoso mestiço do sertão brasileiro, que lida com o gado, com as intempéries e com as adversidades. Os Boiadeiros são espíritos hiperativos, valorosos, descontraídos, autoritários, determinados e diretos, mas de poucas palavras e sisudos. São símbolos de resistência, força de vontade, determinação e atuam como refreadores do baixo astral. São aguerridos, demandadores e rigorosos com os espíritos trevosos. São os peões Boiadeiros habilidosos, livres, valentes e de muita força física, compondo uma linha de trabalhos tão importante quanto as demais.

Essas entidades representam a natureza desbravadora,

romântica, simples e persistente do homem do sertão; são espíritos de Boiadeiros, laçadores, tropeiros, peões, vaqueiros, pastoreadores, romeiros, tocadores de viola.

Chegam bradando: “Ê, boi! Xêtruá! Marrumbaxêtro!”.

É assim que vão bradando e chamando os espíritos.

O laço (de Logunan) e o chicote (de Ogum e lansã) são suas armas espirituais e seus símbolos, mistérios usados como refreadores das

investidas das hostes sombrias de espíritos do baixo astral; essas armas são infinitamente elásticas.

Boiadeiros são descritos como Caboclos do Tempo na irradiação da Lei ou Caboclos da Lei que atuam no Tempo.

O berrante, o chapéu, o cinto, o lenço e outros instrumentos de trabalho também são de uso desses Guias Espirituais Boiadeiros. Com seus laços, eles criam verdadeiras espirais, laçando eguns e quiumbas, paralisados em seus negativos e perturbadores dos encarnados. Ogum é o senhor das demandas, Iansã é a Senhora dos Eguns e Logunan é a Senhora do Tempo cronológico. Os Boiadeiros são verdadeiros soldados ordenadores da Lei Maior, sempre prontos a ajudar, usando seus conhecimentos ocultos no auxílio das pessoas, nos momentos mais difíceis de suas

“travessias” pela evolução na matéria.

O arquétipo é forte, impositivo, vigoroso, valente e destemido. São espíritos que em suas últimas

encarnações praticamente viveram sobre o lombo dos cavalos. Eram vaqueiros, domadores de cavalos, soldados de cavalaria e outros sertanejos. Em atendimento, esses espíritos resolvem as mais diversas dificuldades, desatando nós mentais, emocionais, magias negras e demais obsessões apresentadas pelos consulentes.

A “dança” dos Boiadeiros, com seus passos ágeis e rápidos, simboliza o peão sobre o cavalo, a andar nas pastagens laçando os novilhos, com habilidade e valentia, lidando bravamente com os bois. Seus campos de ação são os caminhos (Ogum) e o tempo ou as campinas (Logunan). Quando incorporam em seus médiuns, chegam como se estivessem laçando seu gado e com seus laços e chicotes vão cortando as energias negativas,

descarregando os médiuns, o terreiro e a assistência e criando uma vibração e um ambiente de trabalho positivos.

“A linha dos Boiadeiros é sustentada em um dos seus mistérios por Ogum e a alusão aos cavalos, ao tocar da boiada, ao laçar e trazer de volta o boi desgarrado do rebanho, o atolado na lama, o arrastado pelos temporais, o que se embrenhou nas matas e se perdeu, o que foi atravessar o rio e foi arrastado pela correnteza, etc. Tudo tem a ver com o trabalho realizado por esses destemidos espíritos:

Cavalos - filhos de fé.

Boi - espírito acomodado.

Boiada - grande grupo de espíritos desgarrados, reunidos por eles e reconduzidos lentamente às suas sendas evolutivas.

Ato de laçar - recolher à força os espíritos rebelados.

Atolado - espíritos que afundaram nos lamaçais e regiões astrais pantanosas.

Açoitados pelos temporais - eguns caídos nos domínios de Iansã e de Logunã.

Açoite ou chicote - instrumento mágico de Iansã, feito de crina ou de rabo de

cavalo.

Laço - instrumento do tempo e tem a ver com as ondas espirala-das de Logunan (o Tempo) e lansã.

Bois afogados em rios - espíritos caídos nas águas profundas das paixões humanas.

Bois atolados em lamaçais - espíritos caídos nos domínios de Nanã Buruquê” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda).

Os Guias Espirituais Boiadeiros conduzem os espíritos rebeldes (eguns, quiumbas e outros) como os Boiadeiros encarnados conduzem suas boiadas, laçando-os e levando-os de volta ao restante da boiada, para seu destino que simboliza o caminho do bem. Os Boiadeiros são grandes resgatadores de espíritos que não aceitam as normas (cabrestos ou peias) criadas pela Lei Maior e se rebelam contra elas, tornando-se chucros e arredios ou foras da lei.

Ao girar seu laço no ar de um Templo umbandista, o Boiadeiro está criando magicamente ondas espiraladas, para recolher espíritos desequilibrados e desfazer energias densas acumuladas com o tempo.

Na vibração do chicote, recorrem à Mãe lansã e ao Pai Ogum, para movimentar, direcionar e ordenar espíritos estagnados no erro e na desordem. O laço e o chicote alado são mistérios energéticos cósmicos poderosos do tempo (Mãe Logunan) que, quando atingem um desses espíritos rebelados, lançam uma descarga energética tão intensa que abre cortes nos corpos energéticos atingidos.

Esses espíritos são amarrados fluidicamente pelos Boiadeiros e afastados do Templo.

Os Boiadeiros trabalham nos sete sentidos da vida, usando a corda, o laço e o nó para atar ou desatar, ordenando tudo o que necessita ser ordenado e equilibrado, para a evolução tanto do encarnado quanto do desencarnado.

Eguns e quiumbas temem a corrente de luz dos Boiadeiros.

Eguns são espíritos de difícil doutrinação, que perderam sua consciência divina e por muito tempo carregam grande ódio em seus mentais, até de encarnações passadas. Para eles nada mais importa e atacam continuamente seus desafetos encarnados, tentando destruí-los por vinganças pessoais, agindo sozinhos ou em grupos. Alguns têm a capacidade de

atingir os mentais de suas vítimas; outros chegam a atingir até mesmo seu físico. Esses espíritos estão perdidos e soltos no tempo, geralmente no caos, no meio das sete faixas vibratórias. Alguns se tornam vítimas, escravizados por espíritos com maior poder mental.

Quanto aos quiumbas, são obsessores trevosos desajustados perante a Lei Divina, que se comprazem no mal e estão localizados nas faixas vibratórias mais negativas e densas, com grandes exércitos malignos.

Esses espíritos têm consciência de seus poderosos mentais negativos e atendem às demandas projetadas contra as pessoas, atacam centros religiosos e grandes

médiuns, afetando especialmente seus mentais.

Dominam suas vidas e rapidamente os levam

à

destruição,

principalmente

espiritual, provocando distúrbios morais e mentais. Sua doutrinação é bastante difícil.

Os quiumbas, ao passar pelo tratamento de desobsessão, têm seus corpos energéticos negativos paralisados por meio da incorporação e, em seguida,

“levados para as celas prisionais das Confrarias de Umbanda, onde serão devidamente esgotados em seus mentais e futuramente se transformarão em sofrendores e, aí sim, estarão prontos a serem encaminhados aos Postos de Socorro Espirituais mais avançados, pois já se libertaram, pelo sofrimento, de toda maldade adquirida (...) Cada caso é analisado particularmente

pelos Guias Espirituais que utilizam diversas formas (que conhecemos como arsenal da Umbanda), para destruturar as manifestações deletérias negativas desses nossos irmãos” (Pai Jumá - ABC do Servidor da Umbanda).

Os Boiadeiros são especialistas em caçar tanto os eguns quanto os quiumbas, capturá-los e conduzi-los aos templos de Umbanda, para que possam ser tratados pela mediunidade redentora. Quando já têm merecimento, os eguns são recolhidos pelos Boiadeiros e encaminhados para Mãe Logunan, regente da Linha do Tempo, que os envolve, paralisa e envia para os domínios de Pai Obaluaê, onde darão prosseguimento as suas evoluções, redistribuídos nos subníveis vibratórios. Quanto aos quiumbas, Pai Omolu os envolve, paralisa e pode transformá-los em ovoides ou encaminhá-los aos domínios de Pai Obaluaê ou de Exu.

A Umbanda não nega a nenhum espírito a oportunidade de evoluir e ascender nas suas Linhas de Trabalho. Elas têm extrema mobilidade e nelas os diferenciadores dos espíritos são os graus de evolução individual de cada um. A Linha dos Boiadeiros é uma linha transitória criada por Ogum e por outros Orixás, para a evolução de muitos Exus, e por isso há quem diga que constitui uma linha intermediária.

Muitos dos espíritos que hoje se manifestam como Caboclos Boiadeiros já trabalharam sob a irradiação

do mistério Exu, que é mais um dos graus evolutivos da Umbanda, mas outros nunca foram Exus e atuam na linha cósmica dos sagrados Orixás. Como Exus, trabalharam e conquistaram o grau de Boiadeiros, transitando da esquerda para a direita dos Senhores Orixás intermediários. Como Boiadeiros são grandes res-

gatadores de
espíritos rebelados contra a Lei Maior, conduzindo de volta às pastagens tranquilas e seguras os “bois”

desgarrados, chucros, arredios e desviados do processo evolutivo humano. “Boiadeiro enquanto grau é grau de transição para espíritos que aguardam seu alocamento mais definitivo” (Rodrigo Queiroz -

Jornal de Umbanda Sagrada).

Os Guias Espirituais Boiadeiros são combativos, usam seus conhecimentos ocultos para ajudar pessoas que estão passando por momentos difíceis; são cortadores de demandas, de magias negras e conhecedores de remédios, unguentos, pastas de ervas, plantas, curas, mirongas, feitiços e magias.

Porém, suas mais importantes aptidões não são os passes, consultas ou receitas; eles atuam em grupo, tornando-se imbatíveis contra as forças do mal, e são excelentes para a limpeza, descarrego e manutenção da disciplina dentro dos terreiros, afastando obsessores, descarregando os médiuns, estabilizando o ambiente e dispersando as energias negativas grudadas nos corpos dos consulentes, em objetos e

paredes. Tudo o que houver de ruim, Boiadeiro laça e leva embora.

Frequentemente, a Linha dos Boiadeiros é evocada para a descarga pesada dos médiuns, dos Templos e dos frequentadores. Essas funções são de extrema importância, pois eles estão sempre atentos a quaisquer alterações energéticas dos Templos e vão dando ordens, com seus brados, para os espíritos se retirarem, mantendo a disciplina no terreiro, enquanto outras entidades dão consultas e passes. Apesar de serem entidades ótimas para descarrego, geralmente sisudos, autoritários e de poucas palavras, é possível a apresentação de Boiadeiros conversadores e sorridentes. No atendimento dos consulentes, após várias consultas, podem se tornar confidentes e amigos a quem podemos pedir ajuda para situações difíceis e que necessitam de muita energia.

Para os médiuns, essa Linha de Trabalho traz a força necessária para lidar com as adversidades da vida e caminhar fortalecido, certo de que o bom combate, a luta sincera contra as trevas, leva à luz. Todos nós no plano reencarnatório temos uma missão a cumprir.

Dentre as diversas atribuições dos espíritos Boiadeiros está a de não permitir que aqueles médiuns cujas conduções lhes foram confiadas se dispersem dos caminhos da Lei Maior e da Justiça Divina, em sua jornada evolutiva.

Há Boiadeiros especializados no laço; são os

chamados laçadores, que conseguem promover um

“choque” no campo magnético dos médiuns e dos consulentes, libertando-os de acúmulos negativos, laçando os obsessores. Há algumas poucas entidades Boiadeiras mulheres, tão fortes quanto os Boiadeiros machos; há também os Boiadeiros de berrantes. Há os que gostam de música e suas cantigas normalmente são alegres e de ritmo vibrante.

“Rês desgarrada”

A rês que desgarrou, correndo em disparada, Eu caço com meu laço e trago pra boiada. { bis Ê, ô, ê boi! Ê

boi, ê, ô!

É corda de caçar, corda de laçar meu boi! {bis Mãe Lurdes

Esses grandes trabalhadores, autoridades valentes perante os espíritos renitentes, podem apresentar diversidade nas manifestações, apresentando-se como Boiadeiros mais Velhos, Boiadeiros das Campinas, Boiadeiros Meninos, Boiadeiros Bugres e outros.

Na linha dos Boiadeiros, esporadicamente, manifesta-se a falange dos Cangaceiros, cujas entidades, apesar da imagem negativa que muitos têm dos cangaceiros, são providas de grande força espiritual e muita luz, trabalhando sempre nas curas, nas desobsessões, na tranquilização dos filhos acometidos de problemas inquietantes, bem como na abertura de caminhos.

A imagem negativa que muitos têm dos cangaceiros se deve à maneira como foram apresentados,

convenientemente, à população pelos poderosos mandatários. O cangaço surgiu em meados dos anos 1920 iustamente como um movimento popular de revolta e combate aos desmandos dos “coronéis” do Nordeste, em defesa das populações humildes, injustiçadas e maltratadas. Excessos foram cometidos por alguns deles, mas, aqueles que se apresentam como Guias Espirituais Boiadeiros, certamente já purgaram seus erros e

hoje, com seu temperamento combativo, se manifestam para trabalhar nessa Linha, identificados com o arquétipo do sertanejo forte e destemido.

Como acontece com as demais Linhas de Trabalho, também a Linha dos Boiadeiros tem sua regência específica - Ogum, Logunan e Iansã - e cada Boiadeiro atua na irradiação de um ou mais Orixás aos quais está sintonizado. Destacamos alguns Boiadeiros mais conhecidos na Umbanda, como o Zé do Laço, Zé do Berrante, Boiadeiro do Lajedo, Boiadeiro da Jurema, Maria do Laço, Zé Quirino, Chicote Bravo, Capitão do Mato, Zé Vaqueiro, Sete Laços, Boiadeiro Chapéu de Couro, Corisco, Maria Bonita, Salustiano.

Suas guias de contas são, principalmente, de sementes, dentes de animais, couro e contas de louça; fumam cigarros de palha e charutos e gostam de cachaça com mel, que eles chamam de “meladinha”, vinho e cerveja, e apreciam as festas a eles oferecidas.

Os pontos de força dos Boiadeiros são os caminhos, as

pedreiras e as campinas ou campos abertos. Os caminhos são santuários naturais regidos por nosso Pai Ogum, tanto para cima como para baixo; são as vias evolutivas para os espíritos. Ogum, o Senhor das Demandas, vigia a execução dos carmas; é o guardião do ponto de força que mantém o equilíbrio entre a Luz e as Trevas, o positivo e o negativo, a paz e as discórdias. Ogum é a qualidade ordenadora de Olorum, nosso Pai Criador; é sinônimo de Lei Maior e retidão em todos os sentidos, e tanto age como energia atrativa, aplicando as provações e choques oriundos das trevas, como repulsiva, oferecendo o amparo da Lei, protegendo contra forças destrutivas e aparando o choque das trevas. Nada mais natural que os Boiadeiros, mantenedores da disciplina, estejam magneticamente ligados a esses pontos de força, pois Ogum, como Guardião do ponto de força do equilíbrio, é o comandante das entidades atuantes no nosso plano como agentes cármicos, dentre elas os Boiadeiros e os Exus de Lei.

O espaço natural dos campos abertos é o santuário das divindades regidas pelo Tempo, por exemplo, Pai Oxalá e Mãe Logunan. Um culto realizado em campo aberto ou um atendimento com Guias Espirituais cujos Orixás Regentes estão

ligados ao magnetismo dos campos dilatam nossos sete campos magnéticos, tornando-nos muito mais “leves”.

As pedreiras já estão relatadas no capítulo XIII, sobre

os Baianos.

“Destino de Boiadeiro”

Gire o laço Boiadeiro, pra seu gado arrebanhar, Estrada está lhe chamando, é hora de caminhar, Vai tocando o seu berrante, pra juntar todos os bois, Destino de boiadeiro é ir e voltar depois!} bis Ê ô, ê boi, è, ê, ô, ô, ô, ô! Êô, ê boi, è, ô, ah, ah, ah, ah!

Vai tocando a boiada, vai tocando devagar!

Vai tocando a boiada, vai tocando devagar! Mãe Lurdes

XIV - MISTÉRIO DO MAR E EQUILÍBRIO DOS

MARINHEIROS

Salve o Povo do Mar! Salve a Marujada!

Ser Marinheiro de Umbanda significa ser eterno amante do mar e dos rios e de seus mistérios; significa auxiliar pessoas e espíritos necessitados, com os recursos do mar, dos rios e os mistérios das águas. Os Marinheiros são milhares de espíritos de homens e mulheres que em suas últimas encarnações viveram do mar, pelo mar e para o mar, dentro de embarcações ou na beira da água, relacionando-se com o mar de alguma forma. Alguns navegaram, outros submergiram nas águas profundas, outros foram arrastados pelas ondas para dentro dele e outros foram levados pelas correntes marítimas e pelas águas dos rios. O mar é conhecido também como a grande Calunga.

Os Marinheiros podem representar um ideal de

aventura, de inovação, de mobilidade e de amor pela descoberta de novos lugares e pessoas, mas nos ensinam a enfrentar as calmarias e os mares tormentosos. Esses espíritos, quando encarnados, foram capitães do mar, comandantes de navios, soldados da marinha, bucaneiros, piratas, ribeirinhos, pescadores, navegantes e todos os eternos amantes das águas. No século XIX, o marinheiro era uma figura bastante conhecida que levava as novidades de um local para outro, principalmente pela navegação de cabotagem.

No lado espiritual, os Marinheiros vivem submersos no fundo do mar e dos rios, realidades aquáticas da vida, regiões do povo d'água e dos seres elementais da água. Nessa dimensão aquático-marinha o magnetismo se irradia em ondas magnéticas semelhantes às do mar. Porém, a água os deixa firmes, equilibrados, ao contrário do que acontece quando incorporados.

Mas trazem a energia, os mistérios e a vibração do mar para o terreiro. Embora tenham a regência direta de Iemanjá, no seu preparo como Guias Espirituais, os Marinheiros recebem os conhecimentos e as licenças para lidar com mistérios de diversos Orixás ligados às forças espirituais que atuam no mar, como os tufões

de Mãe Iansã, as calmarias de Oxalá, os raios

de Xangô, os ciclones de Logunan, os recifes de corais de Mãe Obá, as correntes marinhas de Ogum, os

sargaços de Oxóssi e os bancos de areia de Omolu.

Iemanjá rege a parte de cima do mar (a grande calunga) e Omolu rege a parte de baixo, sustentando o vaivém eterno das águas. O nome “Povos da Água”

também é utilizado para os Marinheiros que podem estar relacionados às outras mães da água, como a mãe das águas doces, Oxum, a mãe das águas das chuvas, Iansã, a mãe das águas dos lagos, Nanã, a mãe da água do sereno, Logunan e, até mesmo Mãe Obá, a mãe da terra vegetal úmida.

Incorporados em seus médiuns, os Marinheiros chegam do mar, desembarcando em terra com alegria contagiante, com gargalhadas e apertos de mão, abraçando a todos, sempre brincando e trabalhando em prol da caridade. Movimentam-se e dançam como se estivessem se equilibrando sobre o tombadilho de um barco ou de um navio em alto-mar, mas o que realmente acontece é que eles se manifestam sob a irradiação de Mãe Iemanjá, cujo magnetismo faz com que eles tenham os movimentos das ondas do mar.

Seus magnetismos aquáticos dão a impressão de que o solo está se movendo sob seus pés e, por isso, eles imitam os marujos nos tombadilhos dos navios.

Ao redor do médium existe um campo energético sustentado por seus chacras e, além da energia corpórea do médium, existe um campo espiritual que se expressa em todo o ambiente. Os Guias incorporados em seus médiuns dançam, giram,

gesticulam e, assim, liberam no campo espiritual do médium e do Templo o poder do seu mistério e a energia ectoplasmática do médium. E isso, os Marinheiros fazem em formas onduladas ou por meio de seu balanço, que, para os desconhecedores dos mistérios do mar, parece o andar de uma pessoa embriagada. Na matéria, o fenômeno do magnetismo marítimo faz com que os Guias Marinheiros percam o equilíbrio. Porém, seus misteriosos balanços também ajudam a distrair e descontraír os consulentes durante as consultas, quando ocorrem risadas espontâneas; assim, eles trabalham na limpeza de suas auras, desimpregnando e desobstruindo seus chacras, retirando as tristezas para a cura das doenças.

Quando em terra, incorporados em seus médiuns, os Marinheiros cambaleiam de forma ondulada, balanceando, ao liberar o poder de

seu mistério por meio de ondas magnéticas no campo espiritual do médium e do Templo; mas não caem.

Têm dificuldade em se manter no lugar, parados, parecendo que estão sendo jogados para a frente e para trás, no tombadilho de um barco, sobre grandes ondas. O mesmo acontece conosco, ao voltarmos para a terra firme, após um tempo no mar. Ainda sentiremos a sensação de balanço das ondas marinhas. Porém, os Marinheiros incorporados estabilizam-se e permanecem mais ou menos parados para dar consultas, após um gole de rum e umas baforadas no

charuto ou na cigarrilha. Ao contrário do que acontece conosco quando

ingerimos bebidas alcoólicas, nos Guias Espirituais Marinheiros o teor alcoólico da bebida produz efeitos desconstrutores que estabilizam e equilibram essas entidades. Seus magnetismos aquáticos são densos e absorvem muito do álcool do corpo do médium e, para não paralisar nenhuma das suas funções e dar fluidez e volatilidade às suas vibrações de espíritos, expandindo seus campos magnéticos, estabilizando e equilibrando a incorporação, os Marinheiros utilizam o teor alcoólico do rum ou da cachaça para executar as funções que lhes cabem, porém, jamais em excesso.

Os Guias Espirituais Marinheiros são extrovertidos, simpáticos, amigos, alegres, brincalhões e cordiais, colocando os consulentes à vontade, com seus conselhos precisos e certos. Essa responsabilidade e a confiança que despertam facilitam bastante a absorção das energias curadoras e equilibradoras pelos atendidos.

A partir do magnetismo aquático e do domínio que têm sobre o conhecimento do Mistério das Águas, os Marinheiros trabalham os consulentes e os desencarnados, liberando fortes ondas desse magnetismo, que desagregam os acúmulos negativos e equilibram o emocional e o mental, uma vez que as

águas estão ligadas às nossas emoções e à origem da vida.

Em giras alegres e descontraídas, os Marinheiros dão passes e consultas, sorridentes, animados e sem rodeios, pois vão direto ao ponto das dificuldades dos atendidos, sem criar medos e climas desagradáveis, chegando fundo à alma dos que os procuram com suas aflições. Suas falas diretas e macias oferecem mensagens amigas de esperança e fé, mesmo quando estão realizando trabalhos fortes de descarregos, ligados a grandes demandas. Sua forte vibração da energia aquática dilui cargas trevosas, purifica pessoas e ambientes e atua nos trabalhos de curas.

Como os distúrbios emocionais podem gerar várias enfermidades, a terapêutica dos Marinheiros é um grande passo para outras curas. É por esse motivo que são considerados espíritos curadores, uma vez que a diluição das cargas trevosas e a cura emocional dos atendidos dão condições para gerar coisas positivas em suas vidas. As falanges de Marinheiros que já não reencarnam mais sabem como utilizar a irradiação do mar com suas essências para fazer “remédios”

eficazes contra muitas doenças da matéria e do espírito e realizam até cirurgias espirituais. Os trabalhos de atendimento muitas vezes ocorrem com a ajuda de seres elementais da água, cujos poderes os Marinheiros têm a capacidade de atrair, para auxiliá-

los. Esses seres elementais aquáticos são capazes de realizar limpezas potentes no campo magnético das pessoas.

Os Marinheiros são magos nos mistérios aquáticos e trazem a possibilidade de libertação dos entraves, utilizando seus elementos de trabalho: o boné branco, um copo com rum, uísque, vodka, vinho ou pinga, cordas, fitas, pedras, conchas, búzios, estrelas-do-mar, caramujos, areia, arroz, cebola branca, cigarros, charutos, cigarrilhas, etc. Como são sustentados pelo poder de nossa Mãe lemanjá, sua cor de atuação é a mesma dessa mãe Divina, que é o azul-claro. Por isso, durante o atendimento, os Marinheiros costumam trabalhar os consulentes também com fitas azul-claras.

Esse Povo das Águas utiliza uma linguagem simbólica própria, referindo-se ao mar como “a nossa vida”. Os Marinheiros chamam as dificuldades dos consulentes que não sabem lidar com as emoções de “mar bravo”

ou “mar bravio”. O médium ou o consulente é denominado por eles de “barco” e referem-se ao Divino Criador como “Capitão Maior” ou “Capitão do Navio”.

Com suas fortes mensagens de esperança, confiança e fé, ensinam que é possível lutar e desbravar o desconhecido, seja ele do mundo que nos rodeia ou do nosso próprio interior.

Os Guias Espirituais Marinheiros também participam das giras de desenvolvimento, colaborando no processo de formação dos médiuns, com seu potente

magnetismo equilibrador do emocional, liberando-os dos

bloqueios íntimos, dos vícios, equilibrando-os emocionalmente e reestruturando seus corpos.

Sabemos que os distúrbios emocionais podem gerar enfermidades diversas; portanto, o equilíbrio emocional é um grande passo para as demais conquistas, tanto do médium como dos consulentes em geral. Os Marinheiros quebram demandas, anulam os embaraços e os negativismos dos atendidos, limpam os médiuns. Essa Linha de Trabalho também costuma ser convocada para o descarrego pesado dos Templos, onde faz uma verdadeira faxina, cujas descargas, com todos os fluidos negativos provenientes delas, são enviadas para o fundo do mar. “Descarrego do Terreiro”

Lá no meio do mar a sereia cantou } bis No embalo do seu canto marinheiro navegou. } bis Oi navegue marinheiro no canto de Mãe lemanjá } bis Descarregue o terreiro nas profundezas do mar! } bis Mãe Lurdes

São bem conhecidos os Marinheiros de nomes simbólicos, como João da Praia, Sete Ondas, Zé do Mar, Martim Pescador, Sete Praias, Capitão dos Mares, Zé da

Marina, Zé da Canoa, Dona Mariana, Zé da Maré, Zé da Praia, Zé da Jangada, Jangadeiro, João Canoeiro, Zé dos Remos, João do Rio.

Mãe lemanjá é a senhora do lado de cima da grande

calunga, o mar, e Omolu é o senhor do lado de baixo da grande e da pequena calunga, a terra; é o sustentador do eterno vaivém das águas. Os corpos daqueles que desencarnam em alto-mar são encaminhados para o fundo das águas.

Tal como as entidades das demais linhas, também os Marinheiros têm sua regência. São regidos por lemanjá e ligados ao seu ponto de força, o mar, e têm seus magnetismos ligados também a outros pontos de força, conforme as irradiações às quais cada Guia está sintonizado. Um marujo Sete Ondas, por exemplo, é regido por Mãe lemanjá (como Marinheiro) e atua na irradiação de Pai Oxalá (Sete Irradiações) e Mãe Iansã (ondas - formadas pelo vento). Um marujo Zé da Praia é regido por Mãe lemanjá (como Marinheiro) e atua na irradiação de Pai Oxalá (Zé) e Pai Omolu (praia - areia seca). Um Marinheiro Zé do Rio é regido por Mãe lemanjá (Marinheiro), na irradiação de Pai Oxalá (Zé) e Mãe Oxum (rio).

“Saudação à Mãe lemanjá”

A estrela-dálva está brilhando lá no céu E o navio balançando em alto-mar,

O marinheiro retirou o seu boné

E se ajoelhou para saudar Mãe lemanjá!

Seu marinheiro segure essa luz, Para as tormentas eu poder atravessar

E ilumine esses filhos de Jesus

E traga as bênçãos de Mamãe lemanjá!

Marinheiro Sete Ondas (Mãe Lurdes) OUTROS POVOS DAS ÁGUAS

Os Povos das Águas englobam espíritos que trabalham auxiliando desencarnados e encarnados com o magnetismo e os mistérios das águas, os quais são conhecedores da manipulação desses mistérios.

Povos das Águas, além de Marinheiros e Marinheiras, são as Sereias e os Tritões, sem esquecermos que há também outras hierarquias de auxiliares de Mãe lemanjá na direita, como os Caboclos e Caboclas do Mar. e na esquerda, os Exus, Pombagiras, Exus-Mirins e Pombagiras-Mirins do Mar e os elementais aquáticos. Há um terreiro no Rio Grande do Sul que trabalha com os Nefas.¹

O poder higienizador das sereias

As Sereias e os Tritões (Guardiões do Mar) são uma classe de seres naturais, com enorme capacidade de limpeza fluídica e poderes de higienização de ambientes. São espíritos da natureza que nunca encarnaram; essas entidades

encantadas não são da dimensão humana, não dão passes nem ficam muito tempo incorporadas. São mensageiras naturais que trazem energias e vibrações magnéticas puras das realidades a que pertencem e atuam com facilidade no elemento aquático, irradiando suas energias fluídicas diretamente em nosso corpo elemental básico,

limpando-nos e energizando-nos.

Esse poder de descarga de energias negativas e de purificação é superior ao de qualquer outra Linha de Trabalho da Umbanda. Ligados às águas profundas do mar, as Sereias e os Tritões são ótimos para limpezas de ambientes, das auras das pessoas e de regiões astrais poluídas por espíritos do mal. Costumam incorporar ao final de trabalhos realizados na força de Mãe Iemanjá, Mãe Oxum ou Mãe Nanã ou quando são chamados para descarrego ao final de determinadas giras. Com seus cantos e movimentos trazem a energia geradora aquática para dentro dos terreiros e higienizam tudo.

Na Criação Divina existem muitas dimensões infinitas aquáticas, eólicas, telúricas, cristalinas, etc., e muitas formas de vida que também receberam de Deus tudo de que precisavam para se adaptar ao seu meio. Esses espíritos da natureza que chamamos de Sereias são poderosos, pois têm a sustentação dos Orixás Femininos das águas, as forças primordiais da criação.

Eles não falam, mas trabalham emitindo cantos lamuriosos que são poderosos mantras aquáticos, capazes de diluir energias, vibrações e formas-pensamento acumuladas nos Templos e nos campos vibratórios dos médiuns e dos frequentadores. Essa Linha das Sereias não surgiu logo no início da Umbanda, mas foi se apresentando nos terreiros no decorrer do tempo. Hoje, são poucos os terreiros nos

quais elas se manifestam.

“Mãe Sereia”

Lá no fundo do mar tem um rico tesouro guardado
É de mamãe lemanjá, mãe sereia em seu reino encantado. } bis

Venha linda sereia, saia do fundo do mar, Traga seu canto pra aldeia, pra toda gente escutar! }

bis

Mãe Lurdes

Quando incorporadas, algumas Sereias ficam de pé, movendo-se com passos de dança, como os Marinheiros. Outras ficam sentadas de lado, movendo o tronco e os braços, movimentando as águas; algumas chegam deitadas e fazem movimentos como se estivessem nadando, indo da frente do congá para o fundo do terreiro. Segundo relato de videntes, as Sereias mostram-se como seres metade humanas, metade peixes, e essas Sereias que “nadam” vão atordoando com seus cantos os espíritos negativos, os quais são recolhidos nas redes dos Guardiões.

Manifestadas entre nós, as Sereias nos envolvem intensamente com seu magnetismo, equilibrando e purificando nosso emocional, despertando a geração e a criatividade; isso acontece porque elas já têm seus emocionais equilibrados,

desenvolvidos e purificados.

Pai Rubens Saraceni nos diz que as Sereias

“verdadeiras” são seres naturais regidos por Mãe Iemanjá, que as Ondinas ou antigas Sereias são mais

velhas e regidas por Mãe Nanã Buruquê, e as Encantadas Elementais aquáticas são regidas por Mãe Oxum e todas podem incorporar tanto com cantos para Mãe Iemanjá como para Mãe Oxum e Mãe Nanã. Os pontos de força, portanto, são o mar, os rios e as cachoeiras, já abordados quando falamos das Crianças, e os lagos e águas calmas. Os lagos e as águas calmas dos rios (meandros e deltas) e os mangues são os santuários naturais ou pontos de força regidos por nossa Mãe Nanã Buruquê, orixá água-terra de forte magnetismo. Esses locais da natureza onde reina a calma absoluta têm um poderosíssimo campo magnético absorvente, tanto das irradiações negativas que são trazidas pelas correntes magnéticas ao redor da litosfera quanto das forças negativas criadas pelas mentes humanas. Esses pontos são como para-raios, que descarregam todas as irradiações captadas.

A ação negativa das águas estagnadas pode tirar o equilíbrio de uma pessoa de uma só vez, provocando desequilíbrios e doenças espirituais ao atuar por meio dos líquidos do corpo humano. Marinheiros Velhos e Sereias Velhas ou Ondinas, ligados à Nanã, atuam por atração magnética sobre os seres com evolução paralisada e emocional em desequilíbrio, descarregando e magnetizando seu campo vibratório, desfazendo os excessos e decantando negativismos e vícios.

A Linha das Sereias é ótima para anular magias negativas, afastar obsessores e espíritos vingativos ou desequilibrados, harmonizar casais e famílias. As ondinas colaboram na manutenção de nossos corpos astrais, despertam e estimulam a

natureza emotiva, realçam as intuições psíquicas, a premonição e imaginação criativa.

1

Segundo Pai Rubens Saraceni, “Olokum é um Trono Cósmico intermediário do trono aU masculino assentado no polo magnético que surgiu com a irradiação projetada pelo Trono s. Geração, conhecido nos magnos colégios astrais como ‘Nefas, a água da Vida (...) Não é o Dem do Mar (...) é o segundo Trono ou Orixá Cósmico que se contrapõe à segunda lemanjá inters. diária ou lemanjá Mineral, com a qual forma uma linha de forças mistas ou aquático-minem e juntos formam a linha de forças mistas da maternidade e do amor (...) regido por Oxum. ;.

Olokum é simbolizado pela Serpente do Mar, porque a irradiação magnética de Oxumare torna suas irradiações energéticas ondeantes” (O Código de Umbanda).

XV - LIBERDADE E ENCANTAMENTO

DOS CIGANOS¹

Salve os Ciganos! Arriba!

Federações e dirigentes umbandistas de até alguns anos atrás, ignorando, com seu preconceito e intolerância, que a Umbanda acolhe em suas Linhas de Trabalho e Ação todos os filhos de Olorum que queiram praticar a caridade, não

admitiam Ciganos nos terreiros. Ainda hoje encontramos esse ranço em algumas casas que deixam de oportunizar a evolução a essas entidades e de se beneficiar com os conhecimentos e amparo dos espíritos ascensionados desse povo, por meio do seu trabalho amoroso e vibrante junto aos encarnados.

Desde os anos 1940 até o início da década de 1990, os Guias Ciganos, em alguns terreiros, manifestavam-se na Linha do Oriente e, em outros, na Linha dos Baianos ou até mesmo nas Linhas de Esquerda.

Graças à seriedade dos seus trabalhos, à simpatia que conquistaram junto aos frequentadores, aos seus profundos conhecimentos magísticos e orientações sábias, os Ciganos ganharam linha própria, na qual apresentam seus clãs do astral, com sua hierarquia. Se quando encarnados foram discriminados, perseguidos e expulsos de muitos lugares, hoje são homenageados na Umbanda, recebendo uma Linha de Trabalho.

Esses espíritos estão nos terreiros como Linha de Trabalho porque conquistaram graus na espiritualidade e encontraram afinidade com os elementos ritualísticos dessa religião, como o canto, a dança, o toque dos atabaques, os pontos cantados e a

magia. Ao som dos seus lindos e melodiosos pontos e com o encantamento das cores, somam suas forças às demais Linhas de Trabalho da Umbanda e, com sua sabedoria de vida, nos estimulam a vencer obstáculos, ensinando-nos a beleza da criação, o desapego, o senso de liberdade, o amor e a alegria de viver.

Na Umbanda, a Linha dos Ciganos é especial; é um mistério em si mesma, com seus rituais e fundamentos adaptados a ela. Diferentemente dos Ciganos terrestres, intensamente marcados pelo preconceito e separação com a sociedade estabelecida, os Ciganos espirituais vêm de um plano onde não há

discriminações entre raças, etnias, povos e tribos.

Com seu riquíssimo e milenar conhecimento magístico, em uma belíssima missão de luz e caridade, vêm trabalhar na Umbanda, assim como o fazem nossos queridos Caboclos e Pretos-Velhos, que também enfrentaram todo tipo de preconceito na Terra.

A corrente cigana está a serviço do mundo astral, sustentada por espíritos antigos e evoluídos desse povo, seus Hierarcas, da mesma forma que as demais Linhas de Trabalho. Na Umbanda encontraram as condições, após o desencarne, para continuar realizando suas magias, visando à prosperidade, ao amor, à cura, à união das famílias, à superação de traumas e bloqueios e à quebra de magias negativas.

Essa corrente astral é composta por espíritos que

foram Ciganos, quando encarnados, e ampliada com o acolhimento de espíritos não Ciganos, afinizados com esse povo e merecedores de trabalhar no contexto espiritual. Na Umbanda, reverenciam e atendem, sempre, os Orixás. Ciganos do astral podem ser espíritos que viveram encarnados como tais ou espíritos que assumiram esse arquétipo por afinidade com esse povo e seus mistérios, pois tiveram acesso ao conhecimento e à magia própria dos Ciganos, sem ter ligação de raiz com esse povo. Em ambos os casos, em sua jornada terrena foram consoladores e ampara- dores dos seus irmãos.

Qual ou quais das Sete Irradiações da Umbanda Sagrada sustenta a Linha dos Ciganos ainda não está muito bem definido. Costuma-se classificá-los como regidos pelo “Tempo”, associando-os às linhas espirituais regidas pelos Orixás Temporais, tais como Logunan, Iansã e Oxalá. Ao trabalhar na Umbanda, os Guias Ciganos se agregam às hierarquias espirituais dos sagrados Orixás,

regidos pelo Tempo e pela Espaço, mas trabalham na irradiação de todos os Orixás e podem ser invocados na sustentação de Orixás, como Oroiná (o fogo purificador) e Iansã (o vento direcionador), Ogum (o senhor dos caminhos).

Costumamos, em nosso Templo, trabalhar a Linha dos Ciganos sustentada por Mãe Oroiná, Kali-yê, o fogo purificador. Entre os Ciganos terrestres, muitas consagrações e imantações de ferramentas são

realizadas no elemento fogo e a maior parte de suas atividades ocorre ao redor das fogueiras. Há Guias Espirituais Ciganos que trabalham determinadas questões dos consulentes com o fogo, atado em uma cumbuca de ferro com álcool.

Os espíritos Ciganos na Umbanda não têm, obrigatoriamente, que falar espanhol ou romanês, ler cartas ou fazer adivinhações. Há aqueles que fazem isso porque já o faziam quando encarnados, e outros não; mas, com certeza, todos já eram ligados ao ocultismo e iniciados nos mistérios de várias religiões e trouxeram seus conhecimentos para a Umbanda.

Embora o alicerce espiritual dos Ciganos não tenha sido a Umbanda, são detentores de uma riquíssima tradição magística, conhecem os mistérios da Mãe Natureza e, em rituais próprios, manifestam-se na incorporação há bastante tempo.

As entidades ciganas, ao trazerem alento e esperança aos atendidos, pregam a harmonia, os valores éticos e morais, a fraternidade, a união familiar e o profundo respeito aos mais velhos e aos antepassados.

Encantam os consulentes com sua delicadeza, amorosidade e prática sutil e com a destreza de suas magias com cartas, adagas, punhais e outros aparatos.

Gostam de fartura e de resolver problemas amorosos e financeiros dos frequentadores. Esse arquétipo de povo livre, místico e desapegado é sustentado em crenças, tradições e valorização da família pelo povo

cigano, capaz de atrair a prosperidade espiritual e material.

No Brasil, a influência de espíritos Ciganos foi sentida primeiramente no Catimbó - culto da Jurema Sagrada. Segundo os velhos catimbozeiros, Mestre João Cigano, chefe calón, foi o primeiro espírito desse povo a trabalhar na Jurema e trazia em seu ponto cantado ou linho a afirmação de ser o Rei dos Ciganos.

O povo cigano, mesmo com tanta luta e discriminação, é guardião da liberdade e da alegria de viver e dos mistérios positivos e sagrados da Magia Planetária, conhecimento adquirido das grandes civilizações, nas várias nações por onde passaram quando encarnados. Conforme relatos de entidades e de videntes, os Ciganos no astral também são livres dos condicionamentos que aprisionam, vivem em tendas e acampamentos e saem em caravanas, para atuar na incorporação e ajuda aos encarnados e no socorro e resgate de seus pares ainda atrasados no processo evolutivo. No astral, é muito comum a formação de clãs espirituais que agrupam espíritos que viveram em um mesmo clã na matéria e que, juntos, trabalham nas correntes ciganas prestando a caridade e percorrem a caminhada de luz. O povo cigano, na matéria ou no astral, considera a vida uma festa e

dança e canta na alegria ou na tristeza.

0 MISTÉRIO LIBERDADE

Nós Ciganos só temos uma religião: a liberdade. Provérbio Cigano

Esse mistério diz respeito a diferentes formas de liberdade. Na matéria, é liberdade em relação às convenções sociais que impingem valores desumanos para os humanos. É liberdade em relação a todas as amarras que a sociedade, assentada no dinheiro e na propriedade, impõe aos homens, separando-os, excluindo os que não possuem, deixando que se usem uns aos outros, em vez de irmaná-los.

A natureza nos fornece tudo de que precisamos para viver com dignidade e harmonia. A liberdade nos faculta a capacidade de utilizá-la e, se tivermos sabedoria, devemos tratá-la como mãe generosa que nos ampara e sustenta. A liberdade na matéria nos capacita a conhecermos irmãos das mais diferentes raças e culturas e trocar conhecimentos com eles.

Assim, enriquecemo-nos com as únicas coisas que valem a pena: o amor, o respeito, a sabedoria, os conhecimentos espirituais e magísticos.

No plano espiritual também há liberdade para o espírito nos planos de luz. Ele é livre para integrar-se aos clãs espirituais, que são as falanges trabalhadoras do astral. É livre, também, para não fazer parte delas se quiser realizar outros tipos de trabalho. Se o Cigano

optou pelo trabalho defalangeiro, respeita as normas de sua falange, assim como

na Terra respeitava as normas do clã. Agora, sua família espiritual é grande e precisa de muita ordem para atuar junto aos médiuns terrenos.

A liberdade herdada é exercida em todos os planos e situações, pois

liberdade é escolha; não é sair por aí, como bandoleiro, alienando-se do que acontece ao seu redor. Liberdade é ter capacidade de discernimento diante da vida e do semelhante, a ponto de poder viver com dignidade plena, diante de seus familiares, diante da sociedade da qual faz parte e diante da sociedade humana.

No astral também vemos a liberdade dessa maneira; como a capacidade de respeitar as ordens e hierarquias estabelecidas, recorrendo ao amor e à luz, para exercer um trabalho digno e de ajuda aos que necessitam de orientações na matéria, pois estão desorientados e desequilibrados diante da vida, com dificuldade para realizar suas escolhas. A liberdade do espírito é a capacidade de viver em harmonia plena com todos os irmãos do astral, cada um conquistando seu grau na luz, com dignidade, amor, fraternidade e alegria.

Nos dias de trabalhos espirituais, saímos em caravanas para realizar os trabalhos nos terreiros ou onde formos convocados, com alegria, muita alegria nos corações.

Essa alegria é que dá cor às nossas existências,

vibrando sentimentos fortes e plangentes em nossos corações; mas, mesmo plangentes, coloridos com a satisfação de podermos movimentar nossa caravana para a ajuda, para o contato com os irmãos da matéria, passando a eles otimismo

e encantamento em nossos trabalhos.

Liberdade é vibrar alegria plena no coração; é ser um humilde servidor do Pai Maior.

Liberdade é não ter amarras de ódio e exclusão; é sonhar dias de luz para a humanidade.

Liberdade é sentir o vento da paz no rosto; é voar como os pássaros, na imensidão de Deus.

Liberdade é a leveza do amor ao próximo; liberdade é o sonho que se sonha acordado. Liberdade é chegar e sair; é ir e vir, sempre; é ter luz no coração e compartilhá-la.

Liberdade é servir ao Pai Criador;

é ajudar a todos com muito amor.

Liberdade é poder gritar com fé: Arriba!

Cigano Ramiro (psic. Mãe Lurdes)

São bastante conhecidos na Umbanda os Ciganos Pablo, Ramiro, Juan, Yago, Juanito, Artêmio, as Ciganas Madalena, Rosita, Esmeralda, Carmem, Yasmin e muitos outros. É imenso o número de espíritos Ciganos que alcançaram grau na espiritualidade. Cada nome simboliza um campo de ação, está ligado a um Trono, é um Mistério em si mesmo e sustenta totalmente as hierarquias ligadas a ele.

De acordo com Ramona Torres, espíritos Ciganos que em suas vidas terrenas já eram mestres detentores de grande entendimento sobre o mundo espiritual, formam um grupo de trabalho conhecido como Mestres Ciganos do Astral. Em vida, já buscavam na luz a força para ajudar os irmãos encarnados, com amor e dedicação.

Como Guias de Lei, formam uma espécie de “elite espiritual” zelosa e obreira que tem permissão para adentrar em muitas dimensões da vida, desde o polo direito e positivo até o polo esquerdo e negativo da escala vibratória magnética horizontal, atuando como agentes da Lei Maior e da Justiça Divina. Dessa forma, trabalham como transmutado-res carmáticos, refreadores das investidas do baixo astral, anuladores de magias negativas e atratores de espíritos menos evoluídos ou ainda inconscientes da grandeza da obra divina.

Segundo a autora citada, esses Mestres Ciganos agora trabalham no astral, cada qual chefiando sua Legião, conforme o quadro a seguir:

GRUPO

CHEFE DO GRUPO

SENSAÇÕES NA INCORPORAÇÃO

1

Cigana Sulamita

Sensibilidade exacerbada - tórax pesado.

2

Cigana Carmem

Emoção intensa.

3

Cigana Madalena

Quentura acima da linha do órgão genital.

4

Cigana Esmeralda

Sentir-se grande e com poder.

5

Cigano Jüan

Emoção exacerbada. Responsabilidade pelos demais.

6

Cigano Artêmio

Pena das pessoas. Responsabilidade pelos demais.

7

Cigano Wladimir

Grande responsabilidade por todos. Chefia.

8

Cigano Manolo

Círculo energético ao redor. Vontade de conversar. 9

Cigano Sandro

Vontade de dançar. Pena das mulheres.

10

Cigana Natasha

Responsabilidade pelas pessoas. Coração apertado.

11

Cigana Yasmin

Ser amiga de todos.

12

Cigano Ramiro

Poder de transformar qualquer coisa ou situação.

Os Ciganos, apesar de sua liberdade quando encarnados, incorporam em espírito nas Linhas de Trabalho umbandistas, que são verdadeiras Ordens Iniciáticas Astrais, respeitam a hierarquia, galgam seus graus e vestem a aparência da sua falange de trabalho. Assim como outras entidades manifestantes na Umbanda, podem atuar em diversas ordens religiosas.

O povo cigano é muito alegre, festeiro e comunicativo, com suas roupas e ornamentos

coloridos. Há terreiros onde isso tem fascinado alguns médiuns que passam a se exceder em suas vaidades, usando roupas cada vez mais enfeitadas e luxuosas, assim como objetos caros e sofisticados e, o que é pior, alguns se fantasiam, inventando roupas que não correspondem às entidades de trabalho. Talvez isso ocorra por acharem que os Ciganos terrestres eram apegados a joias e metais preciosos, mas para eles esses materiais eram de fácil transporte e troca em seu nomadismo e essenciais para a sua sobrevivência.

Esse fato fez com que, em muitos Templos de Umbanda, a ordem do astral tenha solicitado que os médiuns trabalhem vestidos de branco e que as entidades ciganas se diferenciem apenas pelos seus objetos específicos de trabalho, como lenços e fitas coloridos, leques, castanholas, pandeirolas, pedras, espelhos, adagas, taças, punhais, chaves, moedas, cartas de baralho e outros. Trabalham pelo fortalecimento da Umbanda sem perderem suas identidades, trazendo sua energia amiga, sua alegria, entusiasmo e magia, exercendo a religiosidade e seus conhecimentos práticos com naturalidade.

As entidades ciganas, tal como as demais, também aprimoram seus médiuns, com seu encantamento, suavidade, beleza, intuição, paixão pelas coisas belas, pela vida, pela música, pela cura. Ensinam o desapego, o respeito aos mais velhos e às crianças, o rigor com a verdade e a harmonia com os irmãos. Os

Ciganos espirituais manipulam bebidas, como o vinho, o ponche, os licores, os chás, os sucos de frutas, e gostam de festas, música e dança.

Para esse povo, as festas são importantes ocasiões, quando, por meio da manipulação de seus aparatos, expressam seus axés.

No atendimento, a atuação dos Guias Espirituais Ciganos, além da quebra de magias negativas, é voltada para as magias ligadas à prosperidade, ao amor, à união das famílias e às curas. Também são especialistas em curar traumas, bloqueios emocionais e preconceitos. Estimulam nos consulentes os sentimentos de amor à vida e aos familiares, liberdade e desapego, fatores básicos para atrair prosperidade, sorte, fortuna e sucesso.

Cigano, na Umbanda, é um grau dado aos espíritos que se apresentam nessa

forma plasmática, sob a regência dos Orixás, podendo atuar na irradiação de um, dois, vários ou até de todos eles. Seus nomes variam desde os nomes de clãs (calós, roms, kalderachis e outros), até astros (Lua, estrela, Sol), fenômenos naturais (vento, raio, trovão), acidentes geográficos (cachoeira, lagos, praia, mar), minerais e rochas (cristal, esmeralda, pedra vermelha), plantas (girassol, verbena), etc. Costuma-se saudar o povo cigano, recebendo-os com os brados: Salve os Ciganos! Arriba! Salve a roda e a fortuna! Olé!

Quanto aos pontos de força na natureza, podemos

oferendá-los em todos eles.

“Filhos do Vento”

Ciganos, Ciganos! Filhos do vento, caminhando sem parar. Ciganos, Ciganos! Conhecimento da magia e do luar! } bis Ritmo solto, coração em plenitude, Olhar de fogo, com vigor de juventude, Soltando a alma, como pássaro a voar,

Os Ciganos vão girando, trabalhando no congá! } bis Mãe Lurdes

Na Umbanda, há muito entendimento preconceituoso, não apenas em relação às entidades ciganas que atuam à direita, mas também das que atuam à esquerda. Da mesma forma que as outras linhas têm seus Exus Guardiões e suas Pombagiras Guardiãs, também há os Ciganos e Ciganas que se apresentam nas Linhas de Esquerda, fazendo a guarci dos médiuns e dos terreiros e exercendo suas funções, como o Exu Cigano, a Pombagira Cigana, a Cigana do Oriente, a Pombagira Cigana Esmeralda, a Pombagira Cigana da Lua, o Exu Rei Cigano, a Pombagira Rainha Cigana, Exu Tiriri Cigano e outros.

Certos autores chegam a afirmar que cigana não pode ser Pombagira, pois não existe prostituta cigana ou cigana prostituta, que Cigan. : trabalham na luz e Exu não. Isso, sem falar nos absurdos que pessoas inconsequentes cometem nos terreiros, agindo com vulgaridade e dizendo-se incorporadas com Exus e Pombagiras.

Existem diferenças evidentes nas incorporações, comportamento s elementos de trabalhos e aconselhamentos das entidades ciganas da direita e da esquerda. No caso das Ciganas e das Pombagiras Ciganas a principal diferença está na sensualidade maior com que se apresentam as Guardiãs da esquerda, o que não significa que todas foram ou são prostitutas. Os Ciganos, por sua vez, são mais alegres, cordiais e sedutores que os Exus, mais sérios e sisudos.

É preciso entender que as Pombagiras (entidades regidas pelo trono do amor), quando incorporadas nas médiuns, ondeiam seus quadris não porque são prostitutas, mas porque recebem o magnetismo ondeante do Orixá Oxumaré, que se irradia em ondas, a partir do sétimo sentido, do chacra básico, subindo para o corpo e, simultaneamente, o magnetismo de Mãe Oxum entra pelo chacra coronal em fluxos de raios retos. Com o encontro desses dois magnetismos diferentes, os corpos das médiuns ondeiam sinuosa e sensualmente.

Exus Ciganos e Moças Ciganas são verdadeiros Guardiões e Guardiãs a serviço da luz, trabalhando nos planos negativos das trevas, de acordo com a Lei Maior e a Justiça Divina. Eles não vivem nas trevas, apenas são portadores de recursos naturais ou mistérios que os habilitam a adentrar nas esferas negativas e delas sair, sem danos no seu corpo

energético. São regidos pelos tronos cósmicos e atuam a partir da esquerda dos médiuns.

São excelentes Guias e conselheiros nos trabalhos espirituais. Damos como exemplos o Exu Rei Cigano, que é curador, a Pombagira Rainha Cigana, que é harmonizadora e equilibradora das famílias, e a Pombagira Cigana da Lua, que adora trabalhar para trazer de volta amores impossíveis.

“Tudo é uma questão de entendimento e de bom senso, pois médiuns mal orientados ou mal doutrinados dão vazão aos seus recalques ou sentimentos íntimos negativos...” (Rubens Saraceni -

Os Arquétipos da Umbanda).

“Despedida dos Ciganos (Roda Carroção)”

Roda, roda, carroção, neste mundo de meu Deus,

Cada volta é uma emoção, leio a sorte e dou adeus. }

bis

Adeus, adeus, vou embora, adeus, adeus, já vou, Adeus já está na hora, a estrada me chamou. } bis Mãe Lurdes

Com base no livro Os Ciganos na Umbanda, de Alberto Marsicano e Lurdes de Campos Vieira, publicado pela Madras Editora.

XVI - TRADIÇÃO E ELEVAÇÃO DA LINHA

DO ORIENTE¹

Entre todos os povos do mundo, desde a mais remota

antiguidade, surgiu uma sólida e autêntica tradição esotérica, a ciência dos magos, a sabedoria oculta dos patriarcas, dos oráculos e dos mistérios religiosos antigos, que só tem chegado até nós em pequenos fragmentos, separados e difusos. A Linha do Oriente, ou dos Mestres do Oriente, é parte da herança da Umbanda, com elementos de um passado comum, berço de todas as magias e alicerce básico das religiões; uma sólida e autêntica tradição esotérica.

A Linha do Oriente abrigou as diversas entidades que não se encaixavam nas matrizes indígena, portuguesa e africana, formadoras do povo brasileiro.

Essas entidades preservaram conhecimentos milenares mantiveram grande afinidade com os conceitos religiosos de suas encarnações, tiveram sua preparação para atuarem como Guias luminosos e conectam-se no astral com outras realidades e egrégoras que também preservam conhecimentos milenares, que são vivificados. Quem aprende tem de usar o que aprendeu e esses seres graduados, que se apresentam na chamada Linha do Oriente, são sábios que ajudam seus irmãos encarnados,

independentemente da origem religiosa. Muitos deles fazem parte do Círculo Místico do Grande Oriente; são espíritos que não encarnam mais, mas querem auxiliar encarnados e desencarnados em sua evolução rumo ao Divino, pois já se integraram aos seus dons ancestrais místicos.

Mestre Pena Branca nos diz que “o Oriente Luminoso é como a luz do Sol. Se o planeta gira de oeste para leste e o Sol sempre aparece no oriente, então os raios luminosos sempre virão do oriente. Assim é o Grande Oriente Luminoso; não diz respeito a povos orientais, não é oriente nos sentidos geográfico, cultural e étnico. Oriente é luz, é iluminação, é brilho, é ascensão”.

“O oriente é de luz e de orientação, de luminosidade e não de povo oriental. Cada componente dessa linha guarda no astral os segredos iniciáticos do povo e da religião em que viveu e os aplica, em parte, nas suas manifestações.”

A Linha do Oriente tem enviado para a Corrente Astral de Umbanda uma quantidade imensa de elevadíssimos Guias Espirituais, com a missão de humanizar corações endurecidos, fecundar a fé e os valores espirituais, morais e éticos no mental humano. Eles estimulam no médium e nos consulentes o caminho da ascensão espiritual, por meio dos estudos, da meditação, da ciência, do conhecimento das leis divinas, do amor, da verdade, da arte e do belo, fazendo-os eliminarem das suas vidas tudo o que é pernicioso.

Diversos templos umbandistas não têm por hábito trabalhar com a Linha do Oriente, talvez por desconhecerem os benefícios que os povos ligados às suas diversas falanges podem nos proporcionar. Se a

evocarmos, com certeza seus Guias nos darão a cobertura e as orientações

necessárias e os consulentes poderão usufruir de seus magníficos trabalhos, principalmente relacionados à cura, campo em que gostam de atuar. Esses trabalhos devem ser realizados com muito silêncio e compenetração, para atendimentos específicos, geralmente marcados antecipadamente pelas próprias entidades.

A Linha do Oriente é regida por Pai Oxalá e por Pai Xangô e tem como patrono um espírito conhecido, em sua última encarnação, como João Batista, irradiador de muita luz, sincretizado com Xangô do Oriente e conhecido como Kaô. A Linha do Oriente, apesar de não ser oriente no sentido geográfico, popularizou-se e teve seus momentos gloriosos no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, ocasião em que as tradições orientais budistas e hinduístas se firmaram entre os brasileiros praticantes de modalidades ligadas ao orientalismo.

Espíritos falando nomes desconhecidos por nossa gente, que tiveram encarnações como indianos, tibetanos, chineses, egípcios, árabes e outros, incorporavam nos terreiros do Brasil, ao lado das Linhas de Trabalho de Caboclos e Pretos-Velhos, sem esquecermos os espíritos Ciganos.

Os trabalhos realizados sob as ordens de Oxalá são de doutrinação e as entidades que atuam sob seu símbolo são todas milenares; seus principais atributos são simplicidade, pureza, humildade e bondade. Um

espírito, para atingir esse grau, já deverá ter percorrido todas as linhas de força, conhecido todos os pontos de força da natureza e seus campos de atuação. São entidades que transmitem um saber inquestionável, sedimentado com o tempo, e que têm um equilíbrio maravilhoso. São grandes iniciados nos mistérios maiores.

As inúmeras entidades que compõem a chamada Linha do Oriente são classificadas em sete legiões e diversas falanges, e muitos de seus espíritos

apresentam-se como Caboclos, Pretos-Velhos e Ciganos. A Linha do Oriente, para alguns umbandistas, é a base da estabilização da magia, e ela deu ao mago umbandista a forma de captar mensagens orientais, proporcionando ao seu ritual a estabilidade e força mágica de que é possuído o Oriente.

Os falangeiros da Linha do Oriente têm como símbolo o astro-rei Sol, um dos símbolos de Pai Oxalá, que surge no leste ou oriente, e são grandes mestres do ocultismo. Suas cores são o amarelo dourado, do Sol resplandecente, cor da eternidade, que significa elevação espiritual, sabedoria e essência divina, e o rosa da alvorada.

Pai José de Arimateia

Vários são os povos cujas religiões tiveram e têm o Sol como símbolo: os indianos, os greco-romanos

pagãos; os egípcios, no período de Akenaton; os cristãos dos primeiros séculos; os incas, na América do Sul; os persas, com o Zoroastrismo; e muitos outros. Entre os gregos era o símbolo de Apoio, para os hindus é Surya, o emblema de Vishnavu que seus ancestrais chamavam de Bâlâditya (Sol nascente).

Entre os chineses é o princípio ativo, o pai, o conhecimento intuitivo e imediato. Nas tradições dos índios

americanos é o deus dos homens, e opõe-se à Lua.

Entre os astecas estava associado a uma divindade do fogo, representada por uma borboleta. No Hinduísmo é o princípio pingala, que representa a viagem do ser na direção do Sol, na via dos deuses.

“E um Sol, meus caros irmãos, não é apenas um centro de gravidade que mantém em suas órbitas os planetas que dele dependem, e também não é apenas um mero doador de vida químico-física. Ê muito mais do que isso: o Sol é o Ponto de Luz da Mente de Deus dentro do sistema que ele constitui; é a Consciência do Plano de Evolução de todos os corpos celestes que dele dependem; é o Centro onde a vontade de Deus é conhecida. E é também o Ponto de Amor do Coração de Deus (...) Por isso, pode-se dizer que todo Sol, por menos que seja, é Deus em pessoa” (Arcanjo Michael, em Marisa Varela, O Resgate, Editora Missão Orion).

Os Guias Espirituais que se manifestam na Linha do Oriente não costumam falar muito em suas consultas.

Falam especificamente sobre a capacidade que cada um tem de desenvolver seu poder realizador na vida.

Incentivam a autoiluminação e não o ficar pedindo.

Isso é o que os indianos chamam de samadhi.

O samadhi ou iluminação espiritual nada mais é do que a perfeita sintonia vibracional entre o ser humano e seus Orixás; é fazer iluminar a própria estrela, a luz própria. O despertar espiritual é ativado pelo acionamento desse dom de conexão existente no mental humano que faz despertar a luz interior e pode ter

vários graus de intensidade, desde uma irradiação prânica até um grau elevadíssimo do encontro de Deus em nós mesmos. Os Guias Espirituais da Linha do Oriente buscam nos ensinar a acendermos esse sol interior. Isso é Oriente de Luz!!! É estado de consciência do Todo!!!

Quando esses Guias incorporam em seus médiuns, expandem seus chacras cardíacos com suas energias maravilhosas, transmutando seus emocionais, incitando-os pelos caminhos da Luz Divina. Esse é um ensinamento direto, de coração para coração, que transcende a palavra. É por isso que dizemos que essas entidades não são Guias de consulta como as demais. Seus ensinamentos, com suas frases curtas e significativas, dão margem a longas meditações e estimulam os médiuns e os consulentes a trilharem o caminho da evolução espiritual, atuando no seu psicológico e emocional.

“Sinto Falta”²

Sou brando e frágil como uma pequena branca flor, mas sou forte como um leão enfurecido.

Minha voz ressoa tonitruante quando preciso ensinar àqueles que passam por uma estrada causando dor.

Sigo meu caminho luzente, depois de passar por vidas de sofrimentos. Nelas fui forjado como o aço do machado que me representa.

Sou manso como um cordeiro, quando represento em palavras a vontade do Criador.

Assim deve ser a força: a vontade inquebrantável, aliada ao amor e à paz, à simplicidade e à orientação clara e precisa.

Não sinto falta da vida na matéria, mas sinto falta de seres encarnados, capazes de me representar, capazes de falar com firmeza e convicção os ensinamentos do Pai, sem arrogância, sem vaidade, sem orgulho.

Sinto falta da força aliada à sabedoria, para que não se pratiquem atos insanos em nome da religião.

Sinto falta de corações amorosos, capazes de dedicarem suas vidas ao ensinamento das coisas divinas.

Sinto falta de seres capazes de se envolverem com seu meio religioso e distribuir as beatitudes do Pai a todos ao redor.

Sinto falta do amor e da bondade que deveriam permear os corações

humanos, para um dia alcançarem a luz iridescente

deste plano celestial. A todos com muito afeto.

João Batista -Kaó

CLASSIFICAÇÃO DA LINHA DO ORIENTE

Toda classificação apresenta problemas, pois é feita segundo critérios estabelecidos por quem a faz, mas sempre tem por objetivo tornar algo compreensível ou aceitável pela maioria. A Linha do Oriente, ou Linha dos Mestres do Oriente, ainda está atuante e beneficiando aquele' que a invocam e a oferecem. É

regida por Pai Oxalá, irradiador para a dimensão humana (matéria-espírito) do mistério da fé, e por Pai Xangô (fogo e calor divino), com entidades atuando nas irradiações dos diversos Orixás.

“Chamada dos Mestres”

Luz solar do Oriente, traga os mestres pra Umbanda, Pra curar toda esta gente, com as luzes da Umbanda.

Com águas sagradas, com luz e calor, Ervas perfumadas, energia e amor!} bis Mãe Lurdes A saudação para essa linha é “Salve o povo do Oriente!”. Alguns usam saudar como “Kaô” (João Batista) e também “Salve o povo da cura!”.

São João Batista é seu patrono espiritual e tem o comando dos povos do Oriente, em que se manifestam espíritos de profetas, apóstolos, iniciados, cabalistas, anacoretas, ascetas, pastores, santos, instrutores e peregrinos.

Segundo a tradição umbandista, a Linha do Oriente

apresenta as seguintes legiões e espíritos chefes: LEGIÃO DOS

CHEFE

CARACTERÍSTICAS

Indianos

Pai Zartu

Espíritos de antigos sacerdotes, mestres iogues, etc.

Um dos seus mais conhecidos integrantes é Ramatis.

Árabes, persas, turcos e hebreus

Pai Jimbaruê

Espíritos de mouros, guerreiros nômades do deserto (tuaregues), sábios

marroquinos, etc. A maioria é muçulmana. Uma das falanges é composta por rabinos e mestres judeus que ensinam na Umbanda a misteriosa Cabala.

Chineses, tibetanos, japoneses e mongóis Pai Ory do

Oriente

Espíritos de chineses, tibetanos, japoneses, mongóis,

etc. Curiosamente, uma falange está integrada por espíritos de origem esquimó, que trabalham muito bem no desmanche de demandas e feitiços de magia negra.

Egípcios

Pai Inhoarairi

Espíritos de antigos sacerdotes, sacerdotisas e magos.

Maias, toltecas, aste-cas, incas e caraíbas Pai Itaraiaci

Espíritos de sacerdotes, chefes e guerreiros desses povos da América Pré-colombiana.

Europeus

Imperador Marcus

I

Espíritos de sábios, magos, mestres e velhos guerreiros de origem europeia: romanos, gauleses, ingleses, escandinavos, etc.

Médicos, curadores, sábios e xamãs

Pai José de Arimateia

Os espíritos desta falange são especializados na arte da cura, que é integrada por médicos, terapeutas, curandeiros, raizeiros e xamãs de diversas origens.

Muitos espíritos que fizeram parte de religiões antigas, desaparecidas ou ainda vigentes no plano material, apresentam-se na Linha do Oriente ou em outras Linhas da Umbanda. Como exemplo, os Caboclos do Fogo, o Caboclo Pena de Pavão, o Caboclo Tupaíba, o Caboclo Sultão das Matas, o Caboclo Akuan, o Caboclo Orixá Malê, o Caboclo Peri, o Preto-Velho Pai Jacó do Oriente, o Exu Veludo, cujo nome indiano é Saghatana, o Exu Cigano e a Pombagira Cigana do Oriente.

Os pontos cantados dessa linha, além da eficácia evocatória, têm eficácia mântica e podem ser acompanhados das respectivas oferendas.

“Estrela do Oriente”

A Estrela do Oriente brilhou no céu, Ô lá no céu ela brilhou, brilhou. } bis
Estrela viva que ilumina o meu viver, Estrela viva, minha Guia, meu amor,
Brilha bem alto, brilha pra nos proteger, Brilha bem forte com todo o seu
esplendor!

Os Pontos de Forças para essa Linha de Trabalho são os campos abertos de Pai Oxalá, mas podem ser oferendados em colinas descampadas, praias desertas, jardins reservados, matas e santuários.

Quanto às oferendas, cada legião têm as suas específicas, que podem ser encontradas no livro A Linha do Oriente na Umbanda.

1

Com base no livro A Linha do Oriente na Umbanda, de Lurdes de Campos Vieira e A -berto Marsicano, publicado pela Madras Editora.

2

Mensagem recebida quando falava sobre a Linha do Oriente, no curso do ICA

(Institu: Cultural Aruanda), Umbanda EAD. Mãe Lurdes de Campos Vieira, julho 2012.

XVII - PROTEÇÃO E SOLIDARIEDADE DOS

MALANDROS

Salve os Malandros! Salve a Malandragem!

As entidades que hoje se manifestam nessa “nova”

Linha de Trabalho e Ação umbandista, antes chegavam incorporadas nas giras das Linhas dos Baianos ou dos Exus, pois até pouco tempo atrás não eram admitidas em muitas casas. A corrente espiritual de Zé Pelintra, por exemplo, vinha sendo representada na maioria dos Templos de Umbanda havia aproximadamente 50 anos e atualmente se multiplicou, tornando-se uma corrente muito forte.

Percebeu-se um fenômeno nos terreiros de Umbanda, pois, de algum tempo para cá, muitas entidades parecidas com Zé Pelintra manifestavam-se nas incorporações. Aos poucos, foram sendo aceitas, respeitadas e procuradas, ganhando linha própria, a Linha dos Malandros, sendo mais conhecido Seu Zé

Pelintra, entidade difamada e destrutada por alguns disseminadores de falsas informações contra ele e seu trabalho espiritual.

Bastante controversa, e não devidamente entendida, a Linha de Trabalho dos “Malandros” surge como uma nova estrutura espiritual composta por vários espíritos que já se manifestavam anteriormente em outras linhas: os Zés (Pelintras, Navalhas, Capoeiras), os Sibambas, as Marias Navalhas e outros. Essa linha congrega, no astral, espíritos que trazem o saber das populações excluídas, marginalizadas pela sociedade e não de bandidos, marginais e delinquentes, como pensam alguns.

Espíritos que quando encarnados viveram à margem da sociedade dominante, excluídos por ela, também têm seu saber e sua cultura, aprendidos em diversas encarnações, na dura lida diária das periferias, favelas e campos. Eles têm seus graus, adquiridos nas passagens por essas diversas encarnações e no seu processo evolutivo espiritual e, agora, como Guias Espirituais fazem também suas ações sociais.

A controvérsia surge do uso do termo “Malandro”, na denominação dessa Linha de Trabalho, mas esse foi o arquétipo escolhido no astral para que os Guias manifestantes nela falem das crises da sociedade e de suas consequências. Nessa linha podem manifestar-se, inclusive, espíritos que, encarnados, foram sociólogos, historiadores e outros profissionais ligados às

denúncias dessas crises e na defesa da população excluída. Esses Guias cuidam dos consulentes, ouvindo seus dilemas sociais, dando atenção àqueles que as autoridades não ouvem e ignoram. Cuidam especialmente “daqueles que vivem na marginalidade da existência, na fome, na doença e na dor, na periferia, na favela, no gueto, que vivem na crença mais sincrética que há nessas regiões, que se prostituem, que se drogam” (Rodrigo Queiroz -

Umbanda EAD). Nos terreiros, os “Malandros”

espirituais incentivam o trabalho social, principalmente com crianças e idosos necessitados, ignorados pela sociedade constituída.

Até hoje, em vários Templos de Umbanda, Seu Zé Pelintra é impedido de trabalhar, assim como os demais “Malandros”, taxados de espíritos atrasados e confundidos com marginais do além. Agindo dessa forma, esses dirigentes estão desrespeitando o humano desencarnado e desconsiderando as várias vias evolutivas oferecidas pelo Divino Criador. A formação dessa nova Linha de Trabalho é um dos mistérios da Umbanda expandindo-se por todo o país.

Isso, sem falar que desconhecemos as muitas encarnações vividas por essas entidades que se apresentam como Zés Pelintras ou Malandros em geral.

Segundo pesquisas biográficas e conhecimentos de Edmundo Pellizari, Zé Pelintra viveu em Pernambuco, no Recife, e andou sertão adentro, do final do século

XIX até aproximadamente 1930; existia aí a família Zé Phelintra. Nasceu em um lar simples, de mãe negra e pai mestiço, cresceu praticamente sem escolaridade, com cultura de rua, muito católico, frequentador das missas e extremamente devoto de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Antônio. Fazia pequenos serviços na estiva, no porto, e não se sabe ao certo como morreu, se em uma emboscada ou com serenidade no sertão.

Na época em que viveu, Zé não conheceu a Umbanda, que não havia chegado ao sertão nordestino, mas, como espírito, integrou-se a essa egrégora, laborando em algumas de suas Linhas de Trabalho e patronando outros

espíritos que também se apresentam como Zé Pelintra O Guia Espiritual Zé Pelintra original baixou primeiramente na Jurema no Catimbó nordestino, e, se isso aconteceu, é porque ele conheceu esse universo.

Jurema é culto tão antigo que não é possível explicar sua origem, mas a Jurema Cabocla foi tendo identidade própria, desde meados do século XVII, surgida da troca de conhecimentos iniciáticos da pajelança xamânica dos índios brasileiros, do saber dos degredados bruxos e curandeiros portugueses, chamados Mestres, e do culto à Jurema Sagrada, bem antes da Umbanda. O termo “Mestre”, usado no Catimbó, vem dessa feitiçaria europeia portuguesa, da qual foram adotadas várias práticas, inclusive o uso do

caldeirão e rituais de magia.

É fundamental no Catimbó o uso de ervas e raízes, a fidelidade aos dogmas do Catolicismo, aos santos, ao terço, à água-benta e à reza. O trabalho e a força estão na fumaça e nas ervas. O fumo é especialmente preparado e a magia do trabalho vai pelo ar, no tempo, junto com a fumaça e a bebida. Esse conjunto de atividades mágico-religiosas originárias do Nordeste se desenvolveu paralelamente à Umbanda, mas ambos se encontraram nos grandes centros urbanos, podendo também ser notadas algumas influências africanas, conforme a região de culto.

Se Seu Zé Pelintra baixou inicialmente na Jurema, no Catimbó, é porque ele foi um “juremado”, ou seja, é porque em vida ele foi iniciado nesse culto, bebeu jurema e “se levantou”.¹ Na Jurema só baixam espíritos “juremados”.

Também se diz que Zé Pelintra tinha o “corpo fechado”. Para alguns, o fechamento do corpo é o que acontecia nos cultos antigos, quando o iniciado na Jurema voltava e em seu corpo aparecia uma marca.

Posteriormente, pela falta de maior integração com a natureza, o corpo já não respondia tanto aos apelos espirituais e passou-se a implantar uma semente de jurema preta sob a pele, no corpo do juremado, como sinal de iniciação. Hoje só raras casas fazem isso.

Após sua morte, Zé Pelintra baixou na Jurema e começou a trabalhar. Virou mestre juremeiro no astral,

apresentando-se, diferentemente de outros mestres, como um espírito animado, trabalhando os mais diversos problemas, dando coragem às pessoas depressivas, falando e brincando com todos. Sua fama e popularidade foram crescendo, sendo até chamado de Rei

da Jurema e de Príncipe da Jurema. Em geral, os mestres são espíritos curadores que tiveram mortes trágicas e se “encantaram”. Trabalham para a solução de alguns problemas materiais e amorosos. São relativamente neutros, sisudos e especialistas em suas ações. Subordinados a eles, apresentam-se as entidades conhecidas como Caboclos da Jurema.

Nas “macumbas cariocas”² Zé Pelintra baixou como Exu, pois, nessa época, a Linha dos Baianos ainda não se apresentava nas incorporações. Ali, Exu tinha suas especialidades e Zé Pelintra também ficou famoso, pois sempre chegava muito falante, trabalhando com tudo e quebrando regras.

No início do século XX, quando a Umbanda se estruturou, essa entidade continuou se apresentando na Esquerda, até o advento da Linha dos Baianos, onde passou a baixar, adequando-se a ela e moldando-se como malandro carioca. Nessa linha ele se apresenta mais leve e mais alegre. No final da década de 1980

e início da década de 1990, nasce nos morros cariocas a Linha dos Malandros, hoje independente.

Vários dos malandros, com o tempo, acabaram se confundindo com o Zé Pelintra, que nessa linha é bem apimentado. Os Malandros são um agrupamento de espíritos que viveram suas reencarnações na pobreza e no sofrimento, mas souberam tirar da dor o humor e o jogo de cintura para driblar a miséria e o baixo astral.

Por onde passam, esses espíritos levam alegria e arrancam sorrisos e gargalhadas, com seu samba no pé, sua ginga e malandragem, pois são o resultado da grande miscigenação cultural e racial brasileira, e retratam as populações marginalizadas, desfavorecidas, pobres e sofredoras dos morros e da^

periferias do país, tanto rurais quanto urbanas.

Esses espíritos chamados malandros do astral não são marginais -do além, como muitos supõem. São amigos, voltados para a prática da caridade espiritual e material, propagam o respeito ao ser humano, a tolerância religiosa, a humildade, os bons exemplos, o amor ao próximo, o amparo às crianças desamparadas, às mulheres sofredoras e aos idosos. Combatem as trevas e desmancham feitiços e magias negras.

Em locais de extrema pobreza e ausência de assistência pública e de justiça humana, os malandros estão presentes com sua misericórdia buscando aliviar o sofrimento e socorrer os necessitados, enxugando e?

lágrimas dos

que sofrem. Representam a coragem e a simplicidade daqueles que acreditam que sempre existe uma

possibilidade de melhora e nunca desistem.

As entidades que se manifestam na Linha dos Malandros trabalham na força de vários Orixás, como Pai Oxalá, Mãe Logunan e Ogum. Atuam na direita ou na esquerda, na Jurema, no Omolokô, na Macumba, no Batuque, no

Tambor de Mina ou na Umbanda; chegam onde forem chamados e para eles não há porta fechada. Podem atuar na irradiação de Oxóssi (Zé Pelintra das Matas), de Oxum (Seu Malandro da Cachoeira) e de outros Orixás.

Há muitas opiniões divergentes sobre quem é o Senhor Zé Pelintra. Como Guia Espiritual, Zé Pelintra não é Exu, não é Baiano, não é boêmio nem pilantra, mas pode se apresentar em diversas Linhas de Trabalho, nos terreiros em que não há uma gira específica para a Linha dos Malandros. Sempre muito alegre e de aparência madura, Seu Zé apresenta-se como um jovem senhor muito sério e atencioso; é bastante compenetrado em seu trabalho.

Seu Zé diz que o médium, ao incorporá-lo, deve estar adequadamente paramentado, com sua roupa de festa, a mais elegante possível. É sua roupa de gala, para comemorar a grande festa com nosso Pai Olorum e com Nosso Senhor do Bonfim. Apresentam-se vestidos com terno branco de linho, sapato bicolor

branco e preto, gravata e lenço vermelhos, geralmente com um cravo vermelho na lapela, chapéu Panamá de lado, caído na testa, circulado por uma fita vermelha de cetim, uma elegante bengala e andam gingando nobremente. Esse universo padrão é bastante distinto e tem até código de ética.

Dentro do chapéu Panamá e no couro dos sapatos, trazem seu mistério. O chapéu, ornamento de respeito e credibilidade, assim como a fita que o envolve, tem o formato de um círculo mágico que, além do respeito para com a divindade regente do Guia, cobre e protege a coroa do médium contra interferências externas. O couro dos sapatos associa-se magneticamente ao couro dos atabaques. A bengala tem a mesma finalidade, já descrita quando falamos dos cajados.

São muitas as histórias sobre a vida de Zé Pelintra, mas não devemos confundir a vida dele na Terra com a falange, com os Guias de Trabalho dessa enorme falange, em que alguns apresentam sotaque nordestino, outros sotaque carioca e alguns não têm sotaque característico. Zé Pelintra é uma entidade urbana, que até pode não ter nada a ver com a origem dos mestres, mas é chamado de mestre catimbozeiro, doutor, curador, conselheiro, defensor das mulheres, das crianças e dos pobres, guerreiro da igualdade social, médico dos pobres, advogado dos injustiçados, dono da noite e rei da

magia. É um doutor de corações e almas, tem grande

importância nos catimbós e nas macumbas cariocas, além de ser o protetor dos comerciantes, principalmente de bares, lanchonetes, restaurantes e boates. Seu Zé representa o povo brasileiro, sofrido e guerreiro, que não desiste nunca.

Os malandros nos instigam à prática da caridade, à ajuda aos desamparados, especialmente em creches e asilos, pois nos ensinam que a fé sem as boas obras

é morta, que o amor deve triunfar sobre o egoísmo, que o respeito ao ser humano é a base fundamental de qualquer sociedade.

Os Malandros do astral pregam a tolerância religiosa e a caridade material e espiritual, pois cada um colhe sempre aquilo que planta. A gira dos Malandros é sempre alegre, com as carismáticas entidades chegando ao terreiro com sua ginga, seu samba ou capoeira no pé e seu chapéu de lado.

“Umbanda: a Dança da Vida”

A dança na gira de Umbanda traz o Mistério do Movimento; não é mero rebolado e coreografia!

É a chance de desparalisar a vida, aceitando seu ritmo, entrando, consigo e com o Todo, em grande sintonia!

Dancem, meus filhos, dancem na Gira de Umbanda!

Mexam com partes que há muito não mexiam, Chegando até a esquecer que existiam!

Dancem, meus filhos e dancem com alegria!

Metas nós temos, e muitas, e todos queremos vitória!

Mas quem deixa a dança fluir já vive um instante de

glória! Aproveitem os momentos da vida, sintam que têm tudo agora! Dancem, ó Filhos de Santo, pisem no chão dos terreiros

E façam como faziam todos os grandes guerreiros! Na casa dos Orixás, bem-vindo é quem dança bonito!

E aquele que estava sofrendo, já deixa de ser um aflito! E o que importa se alguém te esbarra, Se a cada passo que dás, tua vida se desamarra?

Dancem meus Filhos de Santo, sacudam a poeira de cada dia! Dancem meus Filhos de Santo, fazendo a tristeza pular de alegria! Mensagem do Sr. Zé Pelintra, recebida por Denilton Santos Guerra.

A saudação para essa linha é: “Salve os Malandros!

Salve a Malandragem!”. Suas cores são o vermelho e o branco ou o preto e o branco. A regência dos malandros é de Pai Ogum, Pai Oxalá, Logunan e, pelas cores, Pai Omolu. A cerveja branca é um dos elementos dos malandros, e seus pontos de força são as ruas e as subidas dos morros.

A fama de mulherengo adquirida por Zé Pelintra surgiu por sua forte ligação com seu irmão Zé Pretinho que, ele sim, em vida, era mulherengo e engraçado. Na Jurema, Zé Pelintra vinha trabalhar com familiares, como seus irmãos Zé

Felintra, Cego Velho, Zé Pretinho e Maria Pelintra.

Peço licença ao irmão Marcei Surya para transcrever a seguir a mensagem transmitida pelo Sr. Zé Pelintra, por seu intermédio mediúnico.

Mensagem do Sr. Zé Pelintra Boa-noite!

Dentro de cada mulher habita uma mulher maravilhosa, Que nos sustenta, nos alimenta, que é amor, ternura E que criou toda essa terra para agenteabençoar.

Malandro é mulherengo? É sim.

Ele não pode ver uma mulher, que ele ajoelha e bate a cabeça. Esse é o mistério da malandragem. O resto é besteira.

Quem está falando aqui é o chefe de uma grande falange de Zé Pelintra, É o chefe de uma legião de Malandros.

Então, eu sei o que estou falando. Malandro não é traficante de morro.

Se tiver traficante de morro como Malandro, Eleja se converteu à Luz. Dá para entender do que estou falando?

Malandro não faz mal a ninguém.

A Lei da Malandragem é a lei da alegria de viver, É a lei de poder ajudar dentro da Lei Maior e da Justiça Divina, De modo feliz, alegre, espontâneo.

Essa é a Lei da Malandragem. Então, sou sim, sou mulherengo. Do lado sagrado, eu sou sim.

Toda mulher para mim é mãe, Toda mulher para mim é linda, Não tem defeito.

E os Malandros que são Malandros sabem do que estou falando. Então, sintam-se amadas por um

Malandro.

Eu já fui Mestre de Jurema,

Eu trabalho em qualquer Linha desta Umbanda Sagrada. Que pra mim, é mãe.

E só podia ser mãe, por isso é sagrada.

Quem trouxe esta Linha da Malandragem foi o Zé Pelintra,

Para abrigar os milhares de espíritos que se encontravam desequilibrados,

No sentido do amor, da paixão.

Eles passaram por um processo de aprendizado.

Dentro dele foram tomados pela mãe, pelo sagrado feminino. E servem com toda devoção.

Nosso símbolo é a Lua.

Eles trabalham de madrugada, sob a luz do luar.

A luz do luar é nosso prazer, porque a mãe está olhando para a gente Quando firmar para Zé Pelintra e para Malandro,

Tenham consciência disto:

Eu não tolero qualquer tipo de desrespeito a qualquer mulher.

E quando eu vejo, vou em cima e mostro como se respeita uma mulher O

feminino é o poder.

O masculino só direciona esse poder. Todo poder divino reside no feminino.

O sagrado masculino dinamiza esse poder. É

profundo, não é?

Deus abençoe, guarde e guie!

Se precisarem de mim, estou à disposição. Uma vela branca ou vermelha,

Um copo de água ou de pinga. Ou só o coração de vocês.

Eu vou sempre estar ao lado de vocês para o que der e vier. Deus abençoe! Que assim seja! Salve a Umbanda!

Médium Marcei Surya

Segundo Edmundo Pellizzari, mestres receberam mensagem do astral, comunicando que o Zé Pelintra original não baixa mais, pois acumulou muitos méritos e assumiu outras responsabilidades, e hoje se chama “Zé da Luz”. Acreditamos que o Zé Pelintra original é o Hierarca, o Cabeça de Falange dos

muitos Guias Espirituais que se apresentam na Umbanda sob a aparência-padrão de um malandro da boémia carioca e contam diferentes histórias de Zés, da Bahia, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, de Alagoas, da Paraíba. Seu Zé Pelintra organizou uma bela falange dos “Malandros de Luz”, onde se manifestam muitos

“Zés”.

Os Guias de Trabalho que se manifestam na Linha dos Malandros, Zé Pelintra, Zé Navalha, Zé Malandrinho, Zé da Faca, Chico Pelintra, Sibamba, Seu Malandro, Mestres e Princesas, e outros, são despachados e sem rodeios; são “mandingueiros” do bem e apresentam grande senso de humor em suas manifestações. São entidades da rua, encontradas em bares, festas, subidas

de morros, etc., que defendem os mais pobres e sofredores, pois conheceram a dor da fome e da perdição. São o retrato e a realidade dos menos favorecidos, aqueles que, se não fosse o jogo de cintura da

criatividade humana, jamais persistiriam vivendo.

Essa é a malandragem. Ajudam a todos que os procuram. Defendem os mais pobres e sofredores, pois sabem o que é a dor da fome e da perdição e tentam secar suas lágrimas.

Essa Linha de Trabalho evidencia, na atuação de seus Guias Espirituais, que somos todos iguais, irmãos, e que ninguém deve ser maltratado, excluído ou esquecido. Os Malandros nos mostram com seriedade e contundência que todos nós somos responsáveis pelos semelhantes, em uma sociedade desigual e

perversa. “A Linha dos Malandros traz a periferia para dentro do terreiro, independentemente de estar em um bairro distante do centro da cidade ou não, de ser mais sofisticado

ou simples. Querendo ou não, aí vai haver esse choque social” (Rodrigo Queiroz - Umbanda EAD).

Se atentarmos bem para o trabalho das entidades da Linha dos Malandros, perceberemos seu alto grau de espiritualidade e nível de consciência, muito superior ao nosso, com certeza.

“Eu Já Vou Indo”

Eu já vou indo, eu vou embora } bis

Não fico mais porque já está na minha hora!} bis Eu já vou indo, mas eu vou sambando

Eu já vou indo, saudade vou levando!} bis Eu já vou indo, eu vou embora } bis

Não fico mais porque já está na minha hora!} bis Eu já vou indo, vou deixar vocês,

Eu já vou indo, mas eu volto noutra vez!

Mãe Lurdes

1

A iniciação na Jurema é chamada “tombo” porque, ao ingerir o vinho da Jurema, o iniciando “viaja” para locais onde aprende diretamente com os espíritos e “se levanta” (é ajudado a se levantar) após o transe de seis a 12 horas, agora conhecedor de muitos segredos que aprendeu na espiritualidade e está iniciado.

2

No Rio de Janeiro, as “macumbas” eram uma espécie de síntese de ancestralidades cjb tradições espirituais que se apresentavam sem organização, mas não eram ruins nem faz:, coisas negativas. Só eram desorganizadas.

XVIII - OS ORIXÁS EXÚ POMBAGIRA, EXÚ-MIRIM E SEUS GUARDIÕES

“Aos que fazem por merecer, abrimos passagem e convidamos ao trabalho; Aos que devem, executamos

a Lei.

Falta de caridade? Não. Bom senso...!”

Ramatis (Norberto Peixoto)

Não podemos confundir o Orixá Maior Exu, a Orixá Maior Pom-bagira e o Orixá Maior Exu-Mirim com os espíritos que se manifestam e incorporam sob suas regências nos trabalhos de atendimento aos frequentadores, pois esses são espíritos que estão em evolução.

Na Umbanda, diferentemente do Candomblé, acreditava-se até algumas décadas atrás que os espíritos Exus atuantes nos terreiros e o Orixá Exu fossem a mesma entidade. No Candomblé, descrevia-se Exu como o mensageiro entre os homens e os Orixás, e ele até é visto como servo dos Orixás. Hoje, sabemos que o Orixá Exu é muito mais e, assim como os outros Orixás, transcende tudo o que podemos imaginar sobre ele. No elevado plano divino, diferentemente da visão de hierarquia desenvolvida pelos humanos, todos os Orixás servem e são servidos entre si e não há subalternos ou inferiores.

Neste primeiro século de existência da Umbanda, faltaram textos esclarecedores que fundamentassem e nos ensinassem sobre as manifestações religiosas dos Orixás Exu, Pombagira e Exu-Mirim. Agora, dispomos das obras de Pai Rubens Saraceni, que nos explica, dentre tantas outras coisas, que o Orixá Exu recebeu na Umbanda uma linha à Esquerda, na qual

incorporam, na sua força e poder, os espíritos Exus de trabalho. A Orixá Pombagira recebeu a linha na qual incorporam, na sua força e poder, os espíritos Pombagiras de trabalho. O Orixá Exu-Mirim e Pombagira-Mirim dão força e poder para a linha de trabalhos dos Exus-Mirins e Pombagiras-Mirins.

O Mistério Exu é em si o “vazio absoluto”, o primeiro estado da Criação, o primeiro poder e o primeiro Orixá manifestado por Deus na sua Criação, e está fundamentado no Mistério Mehor-Yê. Foi a base pura e vazia onde foram assentados os outros Orixás para manifestarem seus mistérios. Sendo Exu o primeiro Orixá, o mais velho de todos, e o primeiro a ser cultuado.

Exu é o mensageiro, pois é o Guardião do Oráculo; é quem abre ou fecha as comunicações entre os planos.

Exu serve os outros Orixás, mas também é servido por eles e, como mistério manifestado por Deus, é indispensável para a manutenção do equilíbrio da Criação. O Mistério Exu é neutro, regido no alto pela luz e embaixo pelas trevas e, como Divindade, gera sua hierarquia divina.

Exu é o Orixá mais controvertido e incompreendido.

É Mistério da Criação, elemento mágico universal, divindade cósmica que gera e irradia o fator que dá vitalidade e ativa os seres em todos os sentidos da vida. A Divindade Exu Orixá é regida pelo Divino

Mehor-Yê, Trono Cósmico dual, regente da vitalidade e polarizador natural da Divina Mahor-Yê, que é o Trono Cósmico dual regente do Mistério Pombagira - o desejo. Exu e Pombagira são mistérios complementares e formam um par natural.

Exu, por ser dual, lida com aspectos positivos e aspectos negativos da Criação, e esses aspectos de seu mistério nem sempre são corretamente interpretados.

Porém, tudo na Criação tem seu aspecto dual e, para limitarmos algo, necessitamos de dois aspectos (alto-embaixo, direita- esquerda, positivo-negativo, dentro-fora, etc.). Exu atua no alto (é Orixá), no embaixo (leva luz às trevas), na direita e na esquerda (guardando e mantendo a Lei e a ordem na Criação).

Exu é ativo (executa a Lei, quando violada, ou vitaliza as qualidades positivas do ser), passivo guarda os merecedores do amparo da Lei) e neutro. O Orixá Exu é um poder.

A dualidade é uma das manifestações mais difíceis de se entender, pois tudo o que é diferente da moral e do padrão de pensamento ocidental cristão, distorcido segundo interesses econômicos e políticos, é logo associado à sua antítese e chamado de demônio.

“Entender Exu é entender o próprio funcionamento da Lei Maior” (Douglas Fersan -Os Guardiões Incompreendidos - Jornal de Umbanda Sagrada). “Eu

sou Orixá Exu, sou a verdade nua, crua e rasgada, represento o que assusta e dá medo aos homens.

Represento a quebra de todas as máscaras; represento o abandono de qualquer personagem assumido, represento a destruição do ego, represento o poder real e absoluto, o poder de ser apenas você mesmo”

(Alexandre

Cumino - “Eu sou Orixá Exu” - Jornal de Umbanda Sagrada, nQ 159, ago. 2013).

Muitas das pesadas energias atuantes no planeta Terra são originárias de pensamentos e ações negativos emanados pelos seres humanos; começam na mente de cada um. O Orixá Exu é responsável pela condensação e transformação dessas energias densas, para que elas não interfiram demais na vida dos seres vivos, mantendo o equilíbrio na Criação. Nenhum Orixá dispensa a presença de Exu no lado negativo dos seus estados, auxiliando-o nos seus campos, pois Exu pode recolher no vazio absoluto tudo o que desagrada aos Orixás. Pode esvair e diluir o que lhes desagradou ou pode reter esse algo ou alguém no lado negativo da criação, do qual é guardião.

Isso faz com que Exu, que lida naturalmente com os aspectos negativos dos Orixás, ativando-os ou desativando-os, seja tão importante e fundamental para a manutenção da harmonia, do equilíbrio e da paz na Criação e seja chamado de auxiliar do Mistério Orixás. Ninguém chega a Deus sem passar pelos

portais de Exu, Guardião da Lei Maior.

O Orixá Maior Exu é uma Divindade Maior de Deus que realiza sua função em toda a Criação, amparando todas as criaturas geradas pelo Divino Criador, em todos os lugares. É a divindade ligada à sexualidade, fertilidade e virilidade, seus campos naturais de atuação, e é representado com um cetro em forma de falo. Exu é agente da Justiça cármica e atua como mensageiro e intermediário entre os homens e os Orixás.

Exu Orixá nunca encarnou, não conhece os sentimentos de tristeza, mágoa ou

remorso. É cósmico e transformador e em seu aspecto negativo é desvitalizador. Quando a Lei Maior ativa Exu não é o

“ser Exu que é ativado, mas, sim, o Mistério Exu, agente cármico e elemento mágico.

Pombagira Orixá foi gerada no interior de Olorum, em sua matriz geradora de interiores (Deus Pai/Mãe), sendo, portanto, um dos aspectos da Mãe Divina, da Grande Mãe, como manifestação do desejo, do estímulo manifestado nas vontades mais íntimas e profundas. A Divindade Pombagira Orixá é regida e fundamentada pelo Divino Trono Mahor-Yê, Trono cósmico dual do desejo, gerando e irradiando o desejo, atuando como elemento mágico e agente cármico, nos limites estabelecidos pela Lei Maior, à disposição dos Orixás. Mas não é unicamente desejo sexual, e sim estímulo e vontade em todos os setores

de vida. Esse Trono tem a função de criar e enviar vibrações estimuladoras a toda a Criação, para que nada fique estático, mas procure evoluir, crescer e se desenvolver.

Pombagira revela o que trazemos escondido em nosso íntimo, para poder esgotar nossos entraves, desequilíbrios e bloqueios. Pombagira como regente dos interiores é o abismo em si mesmo, e o interior do espaço e nosso íntimo mais profundo e escondido.

Elemento mágico e agente cármico, ela é a própria iniciativa em si, com seu fator interiorizador que rege os interiores de tudo. Esse fator é um de seus recursos para que o ser exteriorize algo que vibra em seu interior.

Na Umbanda, por meio das Guardiãs de seu mistério, Pombagira assentou-se com esse nome e preza a liberdade da mulher e do homem. Não consente com pedidos de “amarrações”, mas aceita solicitações virtuosas, para o seu bem e do próximo, para aprender a lidar com os próprios desejos, antes de pretender o amor do outro.

Quanto a Exu-Mirim Orixá, também é uma divindade de Olorum. Ele rege o nada e se sem Exu não se faz nada, sem Exu-Mirim nem o nada é possível fazer.

Exu-Mirim Orixá é responsável pela criação de situações e meios para o desenvolvimento do intelecto

e pelo amadurecimento das pessoas, pois com seu fator “complicador” nos estimula a vencer e superar as dificuldades e evoluirmos como espíritos humanos.

Ele usa seu fator complicador para que as intenções negativas não se concretizem. Também tem a função de

fazer regredir todos os espíritos que atentam contra os princípios da vida e contra a paz e a harmonia entre os seres.

Pombagira-Mirim, por sua vez, foi criada no interior de Pombagira. É o oposto complementar de Exu-Mirim, no plano das realizações, das concretizações, abrindo os caminhos e barrando as más intenções.

Cada Orixá é um dos estados da Criação (Fé, Amor, Conhecimento, Justiça, Lei, Evolução e Geração). Por serem estados, são indispensáveis, insubstituíveis e imprescindíveis à harmonia e ao equilíbrio do todo, e cada um é guardado e mantido por todos os outros.

“Proteção da Esquerda”

Exu! Guarde o terreiro! Exu! Guarde a porteira!

Defenda nosso congá! Exu! Guarde a tronqueira!

Pombagira! Guarde o terreiro! Pombagira! Guarde a porteira! Defenda nosso congá! Pombagira! Guarde a tronqueira!

Exu é Modjubá, Pombagira é da banda!

Boa-noite! Boa-noite! Guarde a casa e a Umbanda!

Mãe Lurdes

EXUS GUARDIÕES E POMBAGIRAS GUARDIÃS

Guardião é aquele que guarda. É um espírito portador de um ou vários mistérios

naturais que, se está na luz, guarda domínios positivos, onde vivem espíritos já despertados e, se nas trevas, guarda domínios sombrios, onde vivem espíritos entorpecidos pelos vícios humanos.

Guardiões e Guardiãs são seres responsáveis pelo equilíbrio da Lei dentro da natureza planetária, e sua função é velar para que não sejam cometidos excessos de ordem negativa ou positiva.

“Ser Guardião de Umbanda Sagrada não é guardar algo profano e sim trazer em seu íntimo a força e o poder mágicos e religiosos dos mistérios de uma religião. É ser um mistério espiritual do nosso Divino Criador Olorum e dos Sagrados Orixás. Guardar e servir, na Umbanda significa trazer no íntimo um ou mais mistérios da criação e ativá-los: quando for necessário auxiliar alguém. Inclusive a si mesmo!”

(Ruber. Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda').

Guardiões e Guardiãs da Lei atuam em três graus: o primeiro, referente aos princípios da luz ou alto; o segundo, referente aos princípios das trevas ou embaixo; e o terceiro, referente aos princípios humanos ou meio. Portanto, Guardiões e Guardiãs não atuam apenas na esquerda como pensam alguns. Há Guardiões e Guardiãs da Esquerda e Guardiões e Guardiãs da Direita, os do alto e do embaixo, e assim

por diante.

Só existem sete linhagens de Exus e Pombagiras Guardiões d: Orixás planetários: Exu e Pombagira dos Cristais, dos Minerais, dos Vegetais, do Fogo,

do Ar, da Terra e da Água. Esses sete Guardiões da Lei são seres divinos de natureza cósmica, são poderes naturais regidos por leis cósmicas. Estes, por sua vez, regem todas as hierarquias da Lei que atuam nas Trevas ou lado cósmico da vida. Na dimensão natural de Exu não existem seres do fogo, da água, da terra, do ar, dos vegetais, dos minerais e dos cristais, mas os seres que geram em si o fator vitalizador e tornam-se vitalizadores dos elementos aquáticos, ígneos, eólicos, minerais, cristalinos, vegetais e telúricos, e daí surgem os Exus da água, do fogo e outros. Assim também com as Pombagiras.

Guardiões e Guardiãs dos domínios são seres divinos com natureza e personalidade íntima Exu ou Pombagira. Os Exus Guardiões atuam como recolhedores e esvaziadores de tudo e de todos que

“desagradam' aos Orixás, e, por isso, são denominados Exus Guardiões dos Domínios dos Orixás. As Pombagiras Guardiãs atuam no emocional humano como esgotadoras de negativismos de carmas individuais e estimuladoras dos seres, induzindo-os a se movimentarem em busca do alto.

A categoria que chamamos de Exus Guardiões está ligada dirimente à Lei, regidos pelos Sete Guardiões

da Lei e assentados em um dos pontos de força da natureza em seus lados cósmicos. Cada um. dessas hierarquias é

comandada por um Exu Guardião que responde na luz aos Orixás sagrados, nas Trevas aos Sete Guardiões cósmicos da Lei e, em nível planetário, responde ao Orixá Cósmico “Original denominado Exu nas lendas africanas. Da mesma forma com as Senhoras Pombagiras Guardiãs.

A maioria dos irmãos médiuns só interage com seus Guardiões suando é para resolver suas demandas.

Nesses casos, a atuação dos Guardiões é a de guerreiros e fica a impressão de truculência vinda des- ses Guias. No entanto, quando nos dispomos a aprender de fato, eles se revelarão para nós como extraordinários Mestres e Mestras, conhecedores dos mistérios onde atuam e também da psicologia humana, demonstrando um conhecimento que somente seres de elevada estatura espiritual têm.

Os Guardiões Exus estão vinculados ao Guia Chefe de cada um e, além das funções de proteção, também são disciplinadores. Dessa forma, esse Guardião Exu pode sinalizar desvios conscienciais e também atuar dentro da Lei, para que o “rumo” seja corrigido.

Quem não está com seu dom mediúnico ativado também tem seus guardiões e instrutores.

Cada passo, cada ação, cada sentimento e cada pensamento nosso são monitorados o tempo todo por

esses Guardiões que, se necessário, tem autorização para agir com procedimentos corretivos. Muitos dos que reclamam e querem cobrar dos Guias boas vidas estão sob o rigor corretivo da Lei, que lhes dá segundo suas necessidades e merecimentos.

A vitalidade é a qualidade de todo Exu e a vontade ou desejo e a qualidade de toda Pombagira. Porém, seus atributos dependem do fator, do magnetismo e da

qualidade do Orixá que os qualificaram como da Fé, do Amor, do Conhecimento, etc., criando as Linhagens de Exus -. Pombagiras.

Exus e Pombagiras Guardiões sempre foram, são e serão Exus e Pombagiras. Esses Guardiões Naturais dos mistérios da Esquerda atraem os espíritos e os seres da natureza que desenvolveram o instintivismo, os quais agregam às suas hierarquias, facilitando-lhes o reingresso na senda evolucionista. Exus e Pombagiras naturais, portanto, são ligados aos Orixás cósmicos e atuam sobre nós quando saímos do equilíbrio energético de nossos pais e mães Orixás, para que voltemos ao nosso estado natural.

O Orixá cósmico correspondente às qualidades desequilibrada é acionado e designa o Exu ou a Pombagira natural ligado a ele para atuarem sobre nós.

Essa ação, geralmente esgotadora e punitiva, ocorre

dentro da Lei Divina. Os seres que se negativaram e regrediram espiritualmente são recolhidos nos polos negativos das Irradiações Divinas onde estão assentados os Tronos Cósmicos minerais, aquáticos, cristalinos, etc., responsáveis pela aplicação dos aspectos negativos e punitivos dos Orixás.

Todo Orixá de frente de um médium de Umbanda é guardado por seu Exu Natural Individual, que raramente incorpora e não se envolve com os carmas das pessoas. Os Exus Naturais, ou Guardiões, e as Guardiãs preferem atuar por meio dos espíritos

“exunizados”, para não desenvolverem em si sentimentos de tristeza, mágoa, remorso, ira, odio e outros. Dessa forma, evitam cair e regredir. Então, atuam por

trás do Exu de Trabalho e da Pombagira de Trabalho, evitando mostrar-se ou revelar-se. Confiam a incorporação a Exus e Pombagiras de Lei ou de Trabalho, que são espíritos "exunizados" ou seres naturais caídos e também "exunizados".

Quando raramente incorporam, falam pouco; alguns emite." mantras guturais (atributos seus) ou longos assopros, evocando os e a mentais que iniciam uma ação de combate aos negativos ainda presentes no local.

XIX - O LADO SOMBRA: EXUS, POMBAGIRAS, EXUS-MIRINS E POMBAGIRAS-MIRINS DE

TRABALHO

Laroyê Exu! Exu Modjubá!

Salve a Senhora Pombagira! Pombagira Saravá!

Na Umbanda, não é costume acessar nem cultuar diretamente os Orixás Mistérios Exu, Pombagira, Exu-Mirim e Pombagira-Mirim. Eles são ativados por meio de suas Linhas de Trabalho formadas por espíritos humanos ou por espíritos encantados. As Linhas de Trabalho da Esquerda, conhecidas também como linhas de Guardiões e Guardiãs, atuam no astral do planeta há milhares de anos; porém, como Linhas de Trabalho de Exus, Pombagiras, Exus-Mirins e Pombagiras-Mirins, respondendo por nomes simbólicos, são próprias da Umbanda.

Por imposição da Lei Maior, todas as pessoas têm na sua esquerda a atuação proporcionada pelo Exu Natural, vitalizando-as, se estiverem evoluindo de modo virtuoso, e desvitalizando-as, se derem rumos viciados ou tortos às suas evoluções. Quanto aos médiuns de Umbanda, via de regra, todos têm um Exu Guardião, ligado ao Orixá Ancestre, um Exu Natural individual, ligado ao Orixá de Frente, e um Exu de Trabalhos Espirituais, ou Exu de Lei, do Orixá Junto.

“Assumir a condição de Guia espiritual de Umbanda Sagrada não é para qualquer espírito. Só os que realmente se sacrificam pelos seus semelhantes aceitam ser iniciados nos mistérios da criação regidos pelos sagrados Orixás” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda). As entidades da nossa

“Esquerda” não atacam ninguém. Elas só agem por

comando da Lei

Maior como executoras dos carmas, o que não compete a nós, ou quando ativadas magisticamente nos seus pontos de força.

Os Exus iniciantes são espíritos integrados e servindo às hierarquias que os resgataram de polos negativos sombrios, retomando suas evoluções, agindo e reagindo segundo as circunstâncias e os meios disponíveis, cumprindo ordens, sem a preocupação de estarem agindo de modo certo ou errado.

Quanto aos Exus e Pombagiras de Lei, estão assentados, possuem seus pontos de força e o ponto de identificação da hierarquia a que pertencem e obedecem. Esses espíritos humanos que hoje trabalham à nossa esquerda ajudando-nos em nossa evolução, após várias encarnações, receberam da Lei Maior a permissão

para assentarem-se , à esquerda dos Orixás e realizar esse trabalho a nosso favor. São eles que guardam nossos Templos desde a rua, impedindo que espíritos desequilibrados adentrem e, caso eles tenham permissão para entrar, não deixam que eles criem desordens.

As entidades da “Esquerda” zelam pelo equilíbrio energético das casas, resgatam espíritos desequilibrados e de baixa vibração e cuidar: também dos médiuns e dos consulentes. Exus e Pombagiras são os condensadores e os transformadores das energias, vibrações e cargas espirituais negativas

trazidas pelos frequentadores, pelos médiuns e mesmo pelos Espíritos que ocasionalmente entram nos Templos, plenos de más intenções chamados quiumbas e zombeteiros), que podem pôr em risco o bom andamento dos trabalhos e a corrente mediúnica.

Exus e Pombagiras também reinfundem a sexualidade e a pulsão de vida ao consulente debilitado. As mãos em garra de Exu desarticulam couraças oculares, orais, do pescoço, torácicas, diafragmáticas, abdominais e principalmente pélvicas.

Exu é a entidade que melhor representa o lado sombra, desconhecido e indomável da psique humana, juntamente com Pombagira e os Mirins. Esse temor generalizado à “Esquerda” está enraizado no temor ao próprio inconsciente, pois a sombra do médium, como a vaidade orgulho, a soberbia, a ganância, o ciúme e a ira, por exemplo, é trazida à tona, mostrando aquilo que necessita ser trabalhado.

Esse é o significado de se dizer que Exu é especular; ele espelha o íntimo do ser, o que está escondido em seu interior.

As manifestações mediúnicas dessas entidades facilitam o trabalho com a própria sombra, pois trazem à tona o que precisa ser trabalhado: no médium e está escondido em seu íntimo; expressam nossos próprios erros. Se elas se apresentam excessivamente soberbas, indisciplinadas, vaidosas, rebeldes ou com outros comportamentos inconvenientes o próprio médium pode identificar suas fraquezas interiores que

quer esconder e trabalhá-las. Isso, caso tenha coragem de olhar para elas e enfrentá-las com sinceridade.

Exus e Moças são Guias Espirituais a serviço da luz, trabalhando nos planos negativos das trevas, de acordo com a Lei Maior e a Justiça Divina. Eles não vivem nas trevas, apenas são portadores de recursos naturais ou mistérios que os habilitam a adentrar nas esferas negativas e delas sair, sem danos ao seu corpo energético. São regidos pelos tronos cósmicos e atuam a partir da esquerda dos médiuns. São excelentes Guias e conselheiros nos trabalhos espirituais. “Tudo é uma questão de entendimento e de bom senso, pois médiuns mal orientados ou mal doutrinados dão vazão aos seus recalques ou sentimentos íntimos negativos...” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda).

Exus e Pombagiras são trabalhadores valorosos da espiritualidade, que perseveraram no cumprimento de suas tarefas, indiferentes às visões preconceituosas existentes sobre eles. Muitas entidades da “esquerda”

já conquistaram seus graus na luz, porém, por opção, continuam atuando nas faixas vibratórias negativas por acreditarem que aí, onde bem conhecem o funcionamento, servem melhor ao Criador, resgatando os que com elas têm ligações espirituais.

Embora já se apresentassem em trabalhos espirituais, especialmente nas macumbas cariocas, antes da oficialização da Umbanda, a presença de Exu é típica

da Umbanda após 1908, e a presença de Pombagira é marcante após a década de 1960, em coincidência com os movimentos pela libertação da mulher.

EXUS DE TRABALHO

Os espíritos que se apresentam como Exus e fazem a guarda e sustentação dos médiuns de Umbanda têm correlação com os Orixás Adjuntos, que são os equilibradores dos Orixás de Frente dos médiuns umbandistas. São aqueles Exus que incorporam sempre que são abertas as engiras de esquerda, são chamados Exus de Trabalho ou Exus de Lei, dão atendimento nos terreiros e são indispensáveis, pois lidam, controlam e refreiam as investidas dos espíritos do baixo astral. Os Exus de Lei são entidades atuantes no plano material como agentes carmáticos, sob as Ordens de Ogum.

Só os médiuns têm essa classe de Exus, que servem à Lei de Umbanda e são regidos por rigorosíssimos princípios religiosos. Suas manifestações são limitadas às incorporações mediúnicas, porém, seus campos de atuação são amplos e arriscados, pois entram nos carmas dos consulentes e dos que os oferendam, protegendo-os e livrando-os de inimigos encarnados e desencarnados, cortando e desfazendo trabalhos e aflições e abrindo seus caminhos. Eles são os coletores dos lixos astrais das nossas vidas.

Essas entidades de Trabalho dos médiuns de Umbanda

podem se: espíritos que se exunizaram. São espíritos que encarnaram várias vezes, cometeram erros e acertos, desequilibraram-se, foram recolhidos ao vazio relativo, conscientizaram-se, humanizaram-se,

“exunizaram-se” e agora voltam a atuar junto aos espíritos encarnados, em benefício das pessoas. Todos os Guias ou Mentores trazem consigo Exus em evolução liberados para a atuação nos trabalhos, junto aos médiuns.

Os Exus não são demônios nem seres trevosos; são espíritos que desceram para níveis vibratórios negativos, por motivos que desconhecemos, de excessos praticados quando na matéria. Hoje, reparam seus erros passados atuando de forma positiva como Exus. Ao retomarem o caminho da Lei, obtiveram permissão para se assentar à Esquerda dos Orixás e realizar seu trabalho auxiliando nossa evolução.

Nas giras umbandistas os Exus são fundamentais, pois, além da defesa dos Templos contra os ataques dos quiumbas, atuam nos descarregos encaminhando obsessores para seus lugares de merecimento e de tratamento. Na Umbanda, os Exus incorporam em seus médiuns e dão consultas gratuitas, aconselhando, orientando, defendendo, ajudando a superar suas dificuldades materiais ou espirituais, familiares, profissionais e outras, mas sempre a partir de suas visões cósmicas das situações, de seus sentidos e de seus entendimentos pessoais de como devem proceder

para atender a quem os solicitou. Atuam tanto paralisando quanto estimulando, adentram o mental e o emocional dos espíritos humanos suprimindo carências e esgotam excessos.

Os Exus que incorporam estão aprendendo a usar os instrumentos colocados à sua disposição e vão se aperfeiçoando e acelerando sua evolução. Eles tomam a

defesa de seus médiuns quando algo ou alguém os está prejudicando, são rigorosos e exigentes quanto às suas condutas e estão sempre prontos a ajudar aqueles que os procuram.

Sarcásticos, irônicos e galhofeiros, os Exus riem da desgraça, ironizam a vida e dominam a ilusão, especialmente o materialismo e a vaidade.

Costumam entrever a humanidade como uma infundável comédia, mesmo que seja tragicômica, pois são espíritos que se tornaram Exus a duras penas pelo processo de exunização e estão evoluindo sob a irradiação do Orixá Exu, seu regente. Eles conhecem nossas vaidades, vícios e apegos, jogam e brincam com nossos valores duais, riem de nossos medos, ignorâncias e paixões. A alegre risada de Exu tem o dom de descontrair os consulentes e transmitir firmeza, devolvendo-lhes a autoconfiança, para que continuem a lutar por seus objetivos e desejos.

Nossas entidades masculinas da esquerda ensinam que a vida é sagrada e não deve ser banalizada; que o corpo é sagrado e que os vícios são ilusões e serão pesados grilhões que arrastaremos por muito tempo após o desencarne. Sempre às gargalhadas, afastam os temores que temos das ameaças invisíveis, pois sabem que esses medos expressam nossos próprios erros do presente ou do passado adormecido. Protegem os Templos, contêm os ataques das trevas, são grandes desobsessores, ótimos nos descarregos e limpezas espirituais, além de cortarem e desmancharem magias negativas.

Mas detestam a falsidade e, se a direita é condescendente, a esquerda é inclemente e cumpre implacavelmente a Lei Maior.

“Dono das Encruzilhadas”

Senhor Exu! Dono das encruzilhadas!

Nós o chamamos para trabalhar, Queremos ouvir sua risada,

Queremos sua ajuda, venha nos guardar!

Se pedimos o Senhor sempre vem, Nos ampara e nos dá seu axé!

É o Senhor um instrumento da Lei A defender filhos de fé!

Senhor Exu, Omojubá! Senhor Exu, laroíê!

Ele é Exu no nosso congá,

É o Guardião que vem nos proteger!

Mãe Lurdes

Nossos Guias Espirituais da “esquerda” são protetores, trabalhadores e dizem o que for preciso diretamente, com um jeito humano. Incansáveis, também realizam trabalhos de cura. Suas manifestações não são ridículas, falando

palavrões, babando e rosnando o tempo todo. Às vezes, quando é preciso, entortam o corpo do médium e usam terapeuticamente as mãos em garra, para canalizar a energia, limpar os negativismos e infundir vitalidade e alegria aos consulentes.

Os Exus são especulares, pois refletem o que o médium vibra em seu íntimo e representam a superação do medo, a coragem de assumir-se como é, de seguir o coração, além dos condicionamentos, máscaras e ilusões. Exu é o mais humano dos mistérios de Umbanda, porque expressa em si a natureza emotiva do seu médium, no qual ele se manifes' e incorpora, proporcionando-lhe vigor e vitalidade.

Os consulentes, muitas vezes amargurados pelas dificuldade da vida, encontram um amigo no galhofeiro Exu, que lhes devolve a alegria, a esperança e o sorriso. Para os Exus, até as ameaças mais assustadoras merecem as gargalhadas debochadas que, ao mesmo tempo que descontraem os atendidos a partir de seus próprios medos, lhes transmitem confiança e lhes devolvem a vontade de continuar lutando para a realização dos seus objetivos.

No aspecto geral, Exu rege sobre a vitalidade dos seres e, no particular, sobre o vigor sexual. Ele é portador de um poderoso mistério, ligado à sexualidade masculina. Mas, se Exu transpira vigor por todos os seus sentidos, não vibra o fator estímulo iniciativa, expressando apenas os desejos alheios, seja de seus médiuns seja dos que o evocam ou oferendam. Por não vibrar esse fator, não toma iniciativas próprias e polariza com Pombagira, que emana o fator desejo, o qual, juntando-se com o fator vitalidade, estimula os seres a tomar suas próprias iniciativas. Exu e Pombagira são indispensáveis um para o outro.

Embora aparentemente punidores, os Exus atuam como agentes esgotadores de negativismos ou criadores de estímulos que ativam o emocional humano, induzindo os seres a moverem-se em busca do alto. Refreiam as investidas das trevas para que a luz se mantenha. Ensinam a cada um olhar para as coisas

espirituais e internas e não o contrário; ensinam que as memórias e valores de nossa vida eterna estão guardados em nosso espírito. Orientam que se peça perdão a Deus pelos erros cometidos e se aprenda a perdoar.

Exu não reclama de nada, não julga ninguém e não gosta de ver o sofrimento alheio.

Regidos pelo Mistério “Trono Neutro”, que não é bom nem mau os Exus respondem segundo são invocados.

Por meio do fator vitalizador, eles tanto vitalizam

como desvitalizam os mistérios dos Orixás: amor, conhecimento, religiosidade, geração, equilíbrio, ordem e evolução. Os Exus são os Guerreiros do Astral, são os amigos leais que trabalham no cumprimento das leis de Deus e estão sempre olhando por nós, dando força para que nos reergamos das quedas.

Como já visto, em certas casas se permite a vestimenta específica em algumas linhas. Permitindo-se ou não a vestimenta física, o fato é que o Exu traz com ele do plano espiritual a capa. No físico há os Exus que costumam abraçar o consulente com sua capa, material ou não, isolando-o, fechando-o dessa realidade vibratória e transportando-o, por frações de instantes, para outra realidade, sem sair do lugar.

Os Exus veem ações de magia por meio de seus pontos riscados, sobre os quais baforam a fumaça, formando uma névoa. Quando um Exu dá o comando, um chicote energético laça, no ponto, o ser negativo e o traz amarrado. Com outro comando, vai até a casa da pessoa, limpa-a e volta.

Os Guias Espirituais Exus de Trabalho atendem por nomes simbólicos, relacionados com os mistérios intermediários. Esses espíritos e seres naturais exunizados, sempre vigiados por seus guardiões que abrem a eles novos campos de trabalho, pouco a pouco vão evoluindo e galgando graus na hierarquia.

São regidos pelo Orixá Exu, porém, cada espírito traz

em seu íntimo sua ancestralidade, ligada a um Orixá, então, vão surgindo os Exus de Ogum, de Oxóssi, de Xangô, de Oxalá, etc., mas identificados pelos mistérios regidos pelos Orixás. Assim, há os Exus dos Caminhos, das Matas, do Fogo, etc. Nos elementos, o vasto simbolismo nomeia o campo de ação de cada um, trazendo as linhas de Exus das Porteiras, Brasa, das Pedras, Folha Seca, etc.

Já aqueles Exus de Trabalho com nomes não simbólicos são seres que sofreram regressões, pois caíram vibratoriamente. Por meio do mistério Exu eles voltam à esquerda das pessoas, para quem, se não tivessem caído e regredido, estariam atuando a partir da direita, já que eram seus pares naturais à Direita.

Como a Lei Maior não deixa ninguém para trás, Exu abre

seu mistério para acolher esses caídos, permitindo que voltem para junto dos seus afins, guardando-os à esquerda.

Em seu trabalho, os Exus absorvem as negatividades dos consulentes e dos ambientes, nos sete sentidos da vida, vitalizam e neutralizam suas energias, limpam e equilibram seus campos, cortam demandas e há até os Exus curadores.

Absorvem especialmente os desequilíbrios e esgotam os vícios dos seres que se negativaram no campo da reprodução e da sexualidade.

Resgatam sofrendores, eguns e quiumbas e, muitas

vezes, acontecem batalhas e confrontos que desgastam tanto sua vitalidade que ficam feridos, precisando da incorporação, de elementos e até de alguns alimentos para restabelecer seus níveis energéticos.

Dentre os elementos de trabalho dos Exus, encontramos os tridentes, correntes, espadas, marafos e outras bebidas, charutos, cigarros, capas, cartolas, guias de aço e outros. Seus pontos de força são as encruzilhadas, representação que significa os pontos de entrada e saída de uma realidade; são locais de encontro de diferentes realidades, como _ material e astral, as trevas e a luz, dois caminhos, etc. Porém, também recebem oferendas nos campos de atuação dos respectivos Orixás, na irradiação dos quais trabalham (mar, matas, cemitérios, pedreiras, etc)

POMBAGIRAS DE TRABALHO

Como Linha de Esquerda na Umbanda, as Pombagiras incorporam em suas médiuns e dão consultas gratuitas, aconselhando, orientando defendendo, ajudando a superar as dificuldades materiais ou espirituais familiares, profissionais, etc., mas sempre a partir de sua visão cósmica das situações, de seu senso e entendimento pessoal de como deve proceder para atender a quem as solicitou.

Elas tomam a defesa de seus médiuns quando algo ou alguém os está prejudicando; como elemento religioso, atuam como esgotadoras de carmas individuais e como ativadoras

ou estimuladoras das pessoas. Muitas atuam resgatando Espíritos femininos cujas almas estão marcadas por brutalidades praticadas pela

“bestialidade” de homens sexualmente degenerados.

Algumas dessas infelizes estão dementadas e outras fechadas em si mesmas, odiará seus opressores e violentadores.

Pombagira é o arquétipo “Mulher”, o princípio feminino que expressa criatividade, acolhimento, maternidade, sensibilidade, proteção, luta pelos filhos e pelo ser amado, beleza, sedução, capacidade de enfeitar-se estimular emoções. É a imagem de mulher independente, forte, ativa, que sabe o que quer. As Pombagiras são portadoras de um poderoso mistério ligado à sexualidade feminina, transpiram desejo por todos os sentidos mas não vibram o fator vitalidade, vigor e, sem ele, os desejos não se concretizam. Por não vibrar esse fator, polariza com Exu, que emana o fator vitalidade, o qual juntando-se com o fator desejo, cria as condições para que as coisas aconteçam. Exu e Pombagira são indispensáveis um para o outro.

Muitos associam as Pombagiras com prostitutas e mulheres sedentas de sexo, distorcendo o Mistério Pombagira, por desconhecimentos e preconceitos. As Pombagiras não são promíscuas, lascivas, nem representantes da sexualidade desenfreada, mas, sim, são frenadoras das volúpias e dos desvios sexuais humanos, alimentados por encarnados e

desencarnados, íncubos e súcubos que atuam negativamente por meio do sexo, escravizando- os.

Elas cortam trabalhos de magias sexuais negativas e

“amarrações”, combatem hostes trevosas e quiumbas, protegem os médiuns e os Templos e neutralizam correntes de elementais.

Conhecedoras dos mais íntimos segredos dos seres humanos, apesar dos absurdos praticados em seus nomes, ajudam-nos a evoluir, aguardando nosso amadurecimento, transmutando de dentro para fora, exteriorizando o íntimo das pessoas, fazendo-as perceberem as próprias negatividades. Fazem de tudo para que seus médiuns estejam equilibrados, auxiliando-os, corrigindo- os nos seus desmandos, fazendo-os enxergarem seus erros, para que cresçam espiritualmente. Jamais são coniventes com atitudes incorretas e desequilibradas, colaboram para a transmutação dos vícios e desejos desvirtuados e dos sentimentos negativos, errôneos e desequilibrados dos humanos.

No Brasil, a mulher, durante muitos anos, foi induzida a aceitar a condição de inferioridade feminina, a acreditar que não tinha direitos e que sua sensualidade e sexualidade, de origem divina e natural, eram coisas do Demônio. Sofria desrespeitos e violências, além de ser desvalorizada em

todos os âmbitos. Nas décadas de 1960 e 1970, as Pombagiras chegaram com mais expressividade na

Umbanda, mostrando a força do poder da mulher, ajudando a quebrar preconceitos e paradigmas patriarcais de nossa sociedade e a valorizar a figura feminina, justamente nesse período que coincidia com os movimentos de libertação da mulher.

Graças ao seu fator desejo ou vontade, as Pombagiras são espíritos femininos que se manifestam na incorporação altivas, exuberantes, elegantes, liberais, sofisticadas, independentes, provocantes, sensuais.

São belíssimas, fascinantes, desafiadoras, debochadas, poderosas, dominadoras, mandonas, determinadas, cativantes e encantadoras, e fascinam os homens porque são o tipo de mulher ideal (desde que não sejam sua mãe, irmã, esposa ou filha). Para as mulheres, elas simbolizam tudo o que lhes é negado pela sociedade machista, repressora e patriarcal, fugindo ao arquétipo da submissão e aos padrões morais e comportamentais de nossa sociedade, que vê a mulher como mãe, esposa e filha obediente e submissa. A atuação das Pombagiras nas questões oprimidas na mulher, como o desejo e a sensualidade e a valorização da autoestima em suas médiuns, explica o medo, a maledicência e o desconforto reinante em relação a elas. Elas ensinam as mulheres a terem mais autoestima, mais amor-próprio, a gostarem de si mesmas; ajudam-nas a encontrarem os parceiros que as respeitem e amem, sem apagar seus brilhos.

As Pombagiras são instrumentos repressores da Lei

Maior e da Justiça Divina e atuam como esgotadoras de sexualidades degeneradas de relacionamentos amorosos passionais ou são criadoras de vontade. Elas atuam no emocional humano, induzindo o ser a mover-se em busca do “alto”. São regidas pelo mistério “Trono Neutro”, que não é bom nem mau, e responde segundo é invocado. Por meio do seu fator vontade, elas tanto estimulam como desestimulam os mistérios dos Orixás: amor, conhecimento, religiosidade, geração, equilíbrio, ordem e evolução.

Como sua principal ação é ajudar a frear os desvios sexuais humanos, as Pombagiras frequentemente são atacadas por quiumbas que se nutrem da vampirização de ectoplasmas de pessoas promíscuas! que praticam sexo animalizado. Tais pessoas alimentadoras das trevas, médiuns ou não, por causa do uso excessivo de energia na prática sexual desregrada, apresentam o chacra

cardíaco obstruído e o chama básico totalmente desequilibrado, além de se afastarem cada vez mais de sentimentos e de seres elevados. As Pombagiras são guerreiras que têm firmes propósitos e não se deixam enganar por quiumbas ou pelo uso da sexualidade desregrada.

Na hierarquia da esquerda, as Pombagiras que incorporam nos terreiros estão abaixo das Pombagiras

Guardiãs Maiores e compõem uma imensa quantidade de entidades femininas, ouvintes e conselheiras das pessoas com problemas em seus relacionamentos afetivo-amorosos. Essas entidades são esgotadoras do íntimo dos espíritos e das pessoas negativadas por decepções e frustrações amorosas, vítimas de desequilíbrios emocionais e conscienciais, para que saiam de seus próprios abismos. Abrem os caminhos, renovam a vida das consulentes, estimulam alegria e beleza. São regidas pela Orixá Pombagira, porém cada espírito traz em seu íntimo sua

ancestralidade, ligada a um Orixá; então, vão surgindo as Pombagiras de Oxum, de Iansã, de Iemanjá, de Logu-nan, etc., identificadas pelos mistérios regidos pelos Orixás.

Seus nomes, quando revelados total ou parcialmente, podem ser interpretados, de acordo com os fundamentos expressos na vasta obra de Pai Rubens Saraceni. Muitas Pombagiras apresentam-se, por exemplo, como Maria Padilha. Maria é um mistério associado a Oxum e Padilha a Logunan (Tempo).

Porém, existem as Marias Padilhas das Matas (Oxum, Logunan e Oxóssi), do Cruzeiro (Oxum, Logunan e Obaluaê), das Cachoeiras (Oxum e Logunan), etc. Da mesma forma, muitas delas apresentam-se como Maria Molambo. Maria é um mistério associado a Oxum e Molambo a Omolu.

Porém, existem as Marias Molambos das Matas

(Oxum, Omolu e Oxóssi), do Mar (Oxum, Omolu e Iemanjá), do Mar Vermelho (Oxum, Omolu, Iemanjá e Ogum), etc.

São elementos de trabalho das Pombagiras as rosas vermelhas, as pombas vermelhas, saias, lenços, anéis, pulseiras, colares, espelhos, punhais, tesouras, moedas, pedras rosas e vermelhas, fitas, cigarros, cigarrilhas, olhos-de-cabra, velas vermelhas, batons, champanhe e outros. O leque afasta espíritos trevosos, os braceletes com guizos emanam vibrações terapêuticas e benéficas e o balouçar das saias dispersa energias densas.

“Mistério da Encruza”

Oh que moça tão linda, enfeitando a noite de negro e vermelho! Nos cabelos a rosa, colar no pescoço, nas mãos o espelho!

Seus cabelos são negros, o olhar é profundo, o poder é tão sério! Ela é a rainha da encruza e da noite, que grande mistério!} bis

Quando a noite é longa e a lua clareia a estrada comprida, Pombogira clareia os campos do amor e os caminhos da vida! Ela é moça bonita, o poder é tão sério, seu olhar é profundo!

Ela é o mistério da encruza e da noite, vagando no mundo!} bis

Mãe Lurdes

Os pontos de força das Pombagiras são as encruzilhadas em forma de “T” e os caminhos.

Também recebem oferendas nos campos de atuação dos respectivos Orixás, na irradiação dos quais trabalham (mar matas, cemitérios, pedreiras, etc.).

Como já escrito no capítulo sobre os Ciganos, as Pombagiras são entidades regidas no geral pelo trono do amor e, quando incorporadas nas médiuns, ondeiam seus quadris não porque são prostitutas, mas porque recebem o magnetismo ondeante do Orixá Oxumaré, que se irradia em ondas, a partir do sétimo sentido, do chacra básico, subindo para o corpo e, simultaneamente, o magnetismo de Mãe Oxum entra pelo chacra coronal em fluxos de raios retos. Com o encontro desses dois magnetismos diferentes, os corpos das médiuns ondeiam sinuosa e sensualmente.

Na manifestação mediúnica, as Pombagiras rompem as diferenças e imprimem poder e movimento em suas médiuns, não importando suas condições sociais e seus padrões de beleza. “Alguma-mulheres com a alma sofrida pelos desgostos e decepções amorosas incorporam suas

Pombagiras e, em um piscar de olhos, afloram nela todo o esplendor, a beleza e o encanto da alma feminina, mostrando a todos que as veem que nelas estão o esplendor, a beleza, o encanto e a continuidade da vida. Que religião oferece isso aos seus seguidores se a maioria delas condena esses predicados femininos e nega à vida suas maiores qualidades, tornando-a desinteressante, desgastante e sofrida, onde tudo é

pecado ou desequilíbrio?” (Rubens Saraceni - Os Arquétipos da Umbanda).

Por desinformação, muitos acham que Pombagira é espírito de prostituta, de mulher perdida, hoje pagando carma em seu trabalho. Como todo ser humano, Pombagira de Trabalho teve várias encarnações.

Cometeu erros, arrependeu-se, redimiou-se e se reergueu, tendo permissão divina para trabalhar, trazendo

sua experiência para nos ajudar em nossa evolução e também na dela. Há sempre um Orixá sustentador e irradiador, um Mistério Divino da criação, amparando quem trabalha na Umbanda Sagrada, que deve ser honrado, amado e respeitado no interior e fora da religião.

Práticas espúrias passaram a ocorrer dentro da Umbanda, como uso indevido do nome de Pombagira, justificando o uso de roupas inadequadas, adornos e maquiagem excessiva, requieiros vulgares, além de pedidos de joias, perfumes e vestes caríssimas e assentamentos de luxo e ostentação.

Isso, sem falar nos trabalhos maldosos, nas cobranças absurdas pelos trabalhos realizados e no uso do nome de Pombagira para justificar comportamentos sexuais depravados. Muitos foram e vão à presença das Pombagiras com pedidos maldosos de “amarrações para o amor”, para separação de casais e outras maldades para o próximo, adquirindo terríveis carmas

ligados aos relacionamentos amorosos passionais.

Tudo isso abre espaço para a manifestação de seres trevosos enganadores e para a deturpação do nome da Umbanda. Os médiuns umbandistas têm o dever de conhecer essas questões e os reais fundamentos da Umbanda; têm o dever de respeitar e preservar o nome de nossa religião, para que ela também seja respeitada pelas demais pessoas.

EXUS-MIRINS E POMBAGIRAS-MIRINS DE

TRABALHO

As Linhas de Trabalho dos Exus-Mirins e das Pombagiras-Mirins têm sido relegadas e deixadas no ostracismo, por conta de desconhecimento sobre eles ou de comportamentos inconvenientes adotados por alguns dirigentes espirituais desinformados sobre essas entidades de trabalho. Tomados como exemplos, foram seguidos por médiuns de seus terreiros, com atuações incompatíveis com o arquétipo, pela vazão de desvios íntimos de muitos incorporadores, apresentando-os chulos, encenqueiros, briguentos, intrometidos, mal-educados e desrespeitosos, com gestos obscenos e palavrões.

De malvistas para pior, com incorporações que fugiam do controle dos dirigentes, a linha de trabalhos espirituais dos Exus-Mirins quase

desapareceu, sendo proibida em vários centros de Umbanda. Os vagos e escassos comentários existentes

sobre esses espíritos, até um tempo atrás, pouco ou nada esclareceram e,

inclusive, fizeram com que fossem vistos como “espíritos de moleques de rua”, pois eram incorporados com procedimentos típicos de crianças mal-educadas, encrenqueiras, bocu-das e chulas, dando origem a muitos disparates.

Esses Guias Espirituais não são filhos de Exu e de Pombagira como pensam alguns, mas são arquétipos que englobam em uma só linha de trabalho espiritual todos os seres encantados das dimensões da vida à nossa esquerda, ligados a nós por cordões energéticos mentais e que colaboram para o nosso equilíbrio mental, espiritual e consciencial. A Umbanda interage com realidades da Criação às quais os espíritos humanos não têm acesso, mas os Mirins chegam onde outros Guias não vão.

A Umbanda adotou esse arquétipo preexistente em outra dimensão da vida, a Dimensão Encantada, cujos seres são considerados infantis em relação a nós, pois em nossa Dimensão Humana adquirimos livre-arbítrio e consciência, capacidades não existentes entre os seres encantados, instintivos e emotivos, sensíveis e sensitivos. Apenas somos mais maduros na linha evolutiva, mas não superiores.

Exu-Mirim e Pombagira-Mirim são linhas de trabalhos à esquerda, regidas respectivamente pelo Orixá Exu-Mirim e pelo Orixá Pombagira-Mirim, para a proteção e sustentação dos trabalhos dos Templos

umbandistas. Não são espíritos humanos, mas são preparados para ajudar no nosso amparo.

Estamos ligados aos dois mentalmente por meio de cordões energéticos, devemos nos manter em equilíbri: com eles e também com outros seres e espécies de diferentes dimensões da vida, para vivermos em harmonia com o Todo. Segundo Pai Rubens Saraceni, “a função de Exu-Mirim é a de fazer

regredir todos os espíritos que atentam contra os princípios da vida e contra a paz e a harmonia entre os seres. Sua importância está em que sem Exu-Mirim nada pode ser feito na criação, sem sua concordância”

(Orixá Exu-Mirim - Madras Editora).

Tudo tem função na Criação, cujos Mistérios sempre se mostram aos pares e nem sempre são perceptíveis a nós. A Matriz Divina gera Exu-Mirim e gera Pombagira-Mirim, um ser feminino análogo a ele e: poderes e mistérios e que também se manifesta na Umbanda. É claro que em um médium só se apresentará um Exu-Mirim, e a Pombagira-Mirim será passiva (não incorporante). Já em uma médium tanto pode incorporar o Exu-Mirim quanto a Pombagira-Mirim, mas nunca os dois serão ativos, e será ele ou será ela que sempre incorporará e trabalhará nas giras de atendimento ao público.

Mas isso não quer dizer que não possa incorporar,

esporadicamente, tanto o Exu quanto a Pombagira-Mirim em uma gira fechada, não aberta ao público.

Pai Rubens Saraceni também nos dizia que há 77

dimensões da vida que desembocam em nosso planeta. A dimensão humana é a de número 21, na escala magnética divina horizontal. Todos os graus abaixo de 21 são considerados negativos e os acima são positivos. Os Exus-Mirins e as Pombagiras-Mirins são provenientes de outra realidade da vida, a sétima dimensão à esquerda da dimensão em que vivemos.

Na Umbanda, interagimos com realidades da vida muitas vezes inacessíveis aos espíritos humanos e que podem ser acessadas pelos Mirins.

Exus-Mirins e Pombagiras-Mirins apresentam-se como crianças travessas, brincalhonas, espertas e extrovertidas, mas não são espíritos humanos, pois nunca encarnaram; são seres encantados da natureza, obviamente inquietos, intrometidos e curiosos, alegres, prestativos e, quando bem doutrinados, realizam maravilhosos trabalhos caritativos a serviço dos frequentadores de nossos Templos. Suas aparências físicas, conforme descritos pelos videntes, são um pouco diferentes das nossas, pois são pequenos como os pigmeus, com orelhas que se destacam e, mesmo adultos, são pequenos.

Da mesma forma que os Exus e Pombagiras, os Mirins são refletores naturais de seus médiuns, pois expressam o inconsciente e a intenção de quem os

incorpora. Mentes distorcidas criaram falsos arquétipos para eles, que também não são Erês; são encantados da esquerda, curiosos, agitados, atentos, mas jamais desrespeitosos, mal-educados ou irreverentes. Em uma verdadeira casa de Umbanda de Luz, manifestam-se sob o comando direto dos Exus e Pombagiras Guardiões da casa, para proteção e sustentação dos terreiros e a prática do bem, pois foram acolhidos por eles, que não negam abrigo a ninguém em seus domínios e de quem receberam campo de ação e domínio. Suas manifestações jamais devem prescindir do bom senso. Nos trabalhos dos Templos umbandistas, é comum os Mirins serem vistos pelos clarividentes trabalhando lado a lado com os Exus e Pombagiras, mesmo quando não estão incorporados. Eles até os chamam de tios e tias ou de

“grandões”. Essas pequenas entidades, graças à apuradíssima percepção que desenvolveram em seu meio, são conhecidas por sua facilidade em captar e cortar intenções maldosas, em desatar nós, em desembaraçar situações

entravadas; rastreiam o ambiente, os médiuns e os consulentes, recolhem as intenções e as cargas negativas e quebram demandas, propiciando condições mais favoráveis para os trabalhos específicos de Exus e Pombagiras.

Os Mirins são invocados para resolver situações difícilímas, uma vez que descomplicam as vidas dos seres equilibrados e merecedores do amparo da Lei,

retirando as encrencas dos seus caminhos, aliviando sua caminhada, para a concretização de seus projetos justos e bons. Seu fator “desenrolador” leva as complicações para longe. Além disso, são ótimos para identificar trabalhos ou forças negativas atuantes, revelando-os e desativando-os.

Graças ao fator avessador, Exu-Mirim é ótimo para atuar de dentro para fora dos consulentes, avessando instantaneamente o que tem de ruim, virando ações mágicas negativas, recolhendo, anulando e neutralizando fontes negativas. Portanto, incorporando em médiuns corretamente doutrinados e equilibrados, auxiliam-nos amplamente.

Se estivermos em equilíbrio com nossos Mirins à esquerda e com os Erês à direita, somos dispostos, alegres, falantes, bem-humorados e sonhadores, mas, em desequilíbrio com eles, tendemos ao isolamento»

ficamos irritadiços, sem ânimo, melancólicos, taciturnos, sem iniciativa e sem criatividade. Em desequilíbrio com eles temos alterações emocionais, de humor e de caráter, podendo também aflorar em nós 2 mesquinhez, avareza, egoísmo, intolerância e outros negativismos. Uma pessoa pode fechar-se em si mesma, caso viva constantemente com intenções negativas maldosas, pois recebe de volta o que projetou contra seus semelhantes.

“Mirim de Pirim-Pim-Pim”

É Mirim, é Mirim, é Mirim,

É Mirim de Pirim-pim-pim!} bis Pisa no galho, pisa no toco,

Tira a encrenca, sai do sufoco!} bis Mãe Lurdes

Ao aplicarem seu Mistério Divino, os Exus-Mirins atuam principalmente a partir das intenções negativas dos seres, nem sempre reveladas, reduzindo- as a

“nada”. Assim, como executores da Lei E. na, são marrentos e irreverentes, cortam o mal pela raiz, identificando aquelas criaturas

maldosas, traiçoeiras, invejosas e colocando-as em seus lugares de merecimento. Essas entidades possuem o fator descomplicador e desirritador e ajudam os consulentes, desde que as intenções sejam realmente boas para eles e para os semelhantes.

Promovera limpezas energéticas profundas, cortando magias negativas, especialmente as projeções mentais negativas. Também há mirins curadores.

Nos trabalhos dos Templos, raramente os Mirins são chamados para trabalhos de atendimento, mas apenas para limpeza, ao final dos trabalhos. Se os Mirins forem invocados e ativados por seus médiuns em trabalhos de demandas e

magias negras contra desafetos, automaticamente se enfraquecem energeticamente e quiumbas oportunistas podem tomar seus lugares junto aos médiuns.

Em seus nomes simbólicos, análogos aos dos Exus e das Pomba-giras, os Mirins demonstram seus campos

de atuação, energias, forças e Orixás aos quais respondem, como, por exemplo, Lodinho (Nanã), Ondinha (Iemanjá), Caveirinha (Omolu), Porteirinha (Obaluaê), Calunguinha (Obaluaê), Tranquinha (Ogum), Espadinha (Ogum), Labareda (Xangô), Foguinho (Xangô). As Pombagiras-Mirins têm na sua regência a Orixá Pombagira e atuam na irradiação de todos os Orixás. É muito comum as Pombagiras-Mirins se apresentarem como Pom-bagiras Meninas, Pombagira Pequenina, Pombagira-Mirim Rosinha (Mãe Oxum), Pombagira Mariazinha (diminutivo de Maria Molambo ou Maria Padilha, na irradiação de Mãe Logunan ou de Mãe Oxum), Pombagira Botão de Rosa (Mãe Oxum) e outras. Também costumam acrescentar o nome do ponto de força em que atuam ou do elemento, como Pombagira-Mirim da Estrada (Ogum), Rosinha do Manguê (Nanã), Mirim do Cruzeiro (Obaluaê).

Em sua dimensão, as entidades femininas Pombagiras-Mirins representam o aspecto “Mãe”, o Sagrado Feminino desse Mistério da Criação.

Pombagira- Mirim é um ser feminino, em tudo análogo a Exu-Mirim em poderes e mistérios, e que também se manifesta na Umbanda quando lhe é possível ou permitido.

“Pombagira Pequenina”

Sou Pombagira, Pombagira Pequeninina!

Sou Pombagira, Pombagira Pequeninina! Mas hoje eu

vim, vim brincar na sua gira, Mas hoje eu vim, vim cuidar da sua gira!

Mirim, Mirim, Pombagira Pequeninina, Mirim, Mirim, vim cuidar da sua gira!}
bis Você me esquece, mas eu lembro de você! Você me esquece, mas eu lembro
de você!

Hoje eu vim lhe visitar, hoje eu vim lhe proteger!

Hoje eu vim lhe visitar, hoje eu vim lhe proteger!

Mirim, Mirim, Pombagira Pequeninina, Mirim, Mirim, vim cuidar da sua gira!}
bis Mãe Lurdes As Pombagiras-Mirins, tal como os Exus-Mirins, são falantes
curiosas e traquinas, podendo ser mais ou menos agitadas, conforme o Orixá em
cuja irradiação se manifestam. São brincalhonas e alegres mas jamais grosseiras
ou mal-educadas. Apesar de toda a graciosidade alegria e beleza das
Pombagiras-Mirins, infelizmente ainda há quem as veja de forma negativa, mas
elas são seres que contribuem para o bem da criação Divina com suas
capacidades específicas. “Sou Pombagira Pequeninina e cuido de tudo o que está
imaturo e precisa crescer sem se degenerar, sem se estragar ou sofrer influências
negativas que possam colocar em risco o correto desenvolvimento de cada ser ou
coisa.

Sou Pequenina, mas esse fator proporciona a mim a capacidade de penetrar nos lugares, pensamentos e até mesmo esconderijos onde os

maiores não conseguem.

Estou a serviço de Mamãe Oxum, a mãe que cuida do crescimento no sentido da concepção e procriação, da fertilidade, da agregação. Após concepção, eu também cuido do crescimento, até o amadurecimento do ser momento em que chega à adolescência e também está pronto para procriar.

Sou Pequenina, mas trago comigo ordens e conhecimentos que pai Olorum concedeu, para que eu possa atuar com firmeza e autoridade, da mesma forma que Exu, Pombagira e Exu-Mirim.

Fatores amadurecedores, capacitadores, relacionam-se com crescimento, nutrição, expansão das capacidades, ampliação da força museu..— da força mental, da capacidade pulmonar, dos batimentos cardíacos do funcionamento de todos os órgãos, até que estejam prontos para sustentar o ser adulto. E é só, por enquanto!”

Pequenina Botão de Rosa (para Mãe Lurdes) Um dos atributos das Pombagiras-Mirins é a esperteza, juntamente com sua graça e curiosidade aguçada, pois conhecem os segredos de todos, chegando mesmo a ser temidas porque não têm medo de dizer o que sabem e pensam. Tal como os Exus-Mirins, também são exímias desatadoras de nós e complicações, são muito eficientes para limpar ambientes e pessoas, ajudam nos problemas de difícil solução. Recolheu anulam intrigas, difamações injustas, situações complicadas e profundos bloqueios

Íntimos.

Seus elementos de trabalho são as flores vermelhas em geral, como rosas, hibiscos, brincos-de-princesa e rosas-mirins, patchuli, malva-rosa, amora, os anéis, moedas, pedras (como ametista, pirita, mica rosa), brinquedos, saias, lenços, perfumes, cigarros com mel, cigarrilhas e fumos preparados com suas ervas específicas, balas de canela, etc. Apreciam sidra ou champanhe de maçã vermelha com mel, refrigerantes, groselha, sucos de frutas vermelhas ou ácidas com mel. Algumas manipulam bebidas com baixo teor alcoólico.

“Bato a Mão e o Pé”

Eu bato o pé, eu bato a mão, plim-plim! Sou Pombagira, mas eu sou Mirim! } bis
Juntando as mãos, dou boa-noite, Batendo o pé, limpo o terreiro, Rodando a saia,
eu peço sorte, } bis Batendo palmas, saúde e dinheiro!

Mãe Lurdes

Na Criação Divina, em todos os planos e dimensões, tudo o que existe tem sua função e as Leis Divinas atuam permanentemente para o resguardo da ordem e do equilíbrio. São mecanismos divinos que nos protegem, mesmo que desses fatos não tenhamos conhecimento ou compreensão.

As Pombagiras-Mirins e os Exus-Mirins atuam com recursos ma-gísticos de sua dimensão, que nós desconhecemos, cortando demandas ou intenções

negativas, anulando as maldades e as energias desequilibradas completa e definitivamente, recolhendo-as e dissolvendo-as em seu meio, em sua dimensão de origem. As projeções negativas contra o próximo, quando recolhidas pelos Mirins, pela Lei da Ação e Reação são devolvidas para seus emissores, que colherão o que plantaram.

Os Mirins raramente pedem assentamentos ou firmezas permanentes, mas gostam de ser oferendados periodicamente na natureza. Os elementos dos Mirins são o tridente, correntes, moedas, bolinhas de metal, carrinhos de ferro, bonecos e bonecas, brinquedos em geral, sementes, pedras, linhas, fitas, etc. Os brinquedos correspondem a miniaturas de objetos.

Gostam de marafo com mel, cigarros com mel, azeitonas pretas grandes, balas ardidadas, como de canela, hortelã ou menta, doces duros, como rapaduras, quebra-queixo, pé de moleque, cocadas secas, etc. Os elementos adocicados têm a função de agregar, harmonizar e potencializar as magias. Os Mirins apreciam trabalhar com bebidas, alcoólicas ou não, agradáveis ao paladar dos seus médiuns.

Seus pontos de força são as encruzilhadas, no geral, e do Orixá regente, em particular. Recebem oferendas nas encruzilhadas ou nos campos de atuação dos respectivos Orixás, na irradiação dos quais trabalham (mar, matas, cemitérios, pedreiras, etc.).

EXUNIZAÇÃO;

O termo “exunização” foi criado por Pai Benedito de Aruanda e diz respeito “ao processo em que espíritos são atraídos pela irradiação do Mistério do Orixá Exu, integram-se a essa irradiação e passam a atuar como manifestadores espirituais desse Mistério divino” (Rubens Saraceni) O ser em desequilíbrio é atraído pelo

Exu Guardião de fora do domínio e e retido no seu vazio, onde vai sendo esvaziado das causas do seu desequilíbrio. Após o esvaziamento, é neutralizado para receber a imantação do Exu Guardião que o acolheu, no mistério que o rege. Esse processo é lento e gradual, pois o ser vai, pouco a pouco, se alinhando com o Exu Guardião que o amparou, até tornar-se um manifestador do seu mistério. É assim que surgem os Exus de Xangô, de Oxalá, de Oxóssi, de Ogum e outros; São agregados aos Orixás e sustentados pelo Orixá Exu.

As Linhas de Trabalho da esquerda são formadas por espíritos exunizados, que formam falanges de trabalho, ligadas às hierarquias espirituais dos sete Exus planetários. Os Exus são entidades em evolução Espíritos que desenvolveram a capacidade, a faculdade mental de manifestar o Mistério dual Exu -

vitalizador ou desvitalizador. No meio espiritual, a Lei Maior utiliza esses espíritos que foram exunizados para executar o carma adquirido por nós.

Tais Espíritos, decantados de seus vícios e falhas por

grandes descargas energéticas, têm como única maneira de voltar a subir seus degraus em direção ao Divino a atuação na Linha de Ação e Reação de Exu, à esquerda de um médium, ajudando-o em sua evolução. Essa é uma condição transitória, um recurso da Lei Maior, para que esses Espíritos exunizados retomem suas evoluções

Os próprios Orixás recorrem aos seus Tronos Cósmicos (negativos) para acelerar ou retardar a evolução de alguém. Foi por isso que a divindade natural Exu (o mais humano dos Tronos Neutros) ser a de arquétipo ideal para as Linhas de Esquerda do Ritual de Umbanda Sagrada. Exu Cobra, Exu Caveira, Exu Tranca-Ruas, Exu Sete Por:as e outros são Tronos Cósmicos (negativos), polos magnéticos opostos a Ogum.

Os espíritos que nunca encarnaram são chamados de

“naturais” e os que já encarnaram são chamados de

“humanos”. Os naturais tem, suas memórias esvaziadas no vazio absoluto e, quando retornam ao vazio relativo que os acolheu e os amparou, voltam com o grau de Exu e são incorporados a uma das hierarquias de Exus Guardiões, onde têm a oportunidade de desenvolver novas faculdades mentais, adquirir novos conhecimentos, desenvolver novos poderes e conquistar campos de atuação mais amplos e mais interessantes para eles. Quanto aos espíritos humanos, suas memórias não são esvaziadas,

mas são neutralizadas e já não os incomodam mais.

“O grau simbólico Pombagira acolhe todos os espíritos femininos que se negativaram e estacionaram ou paralisaram em algum sentido, mas que, ao serem absorvidas por algum polo magnético cósmico dos lados negativos dos pontos de força regidos pelos sagrados Orixás, voltaram à vida e atuam no sentido de ativarem a evolução de espíritos paralisados no Tempo e na Fé”
(Rubens Saraceni - O

Cavaleiro do Arco-Íris).

Os tão controvertidos quiumbas são espíritos em processo de exunização, que estão sendo envolvidos pelo Mistério natural Exu, que os vai atraindo e redirecionando. O mesmo acontece com as Pombagiras, polos magnéticos

opostos a Oxum. Exu e Pombagira servem a todos os Orixás.

As entidades da “esquerda” são neutras e podem atuar a partir da vontade e da evolução de seus médiuns ou de quem os procura em consulta. Essa característica neutra faz com que Exus e Pombagiras não assentados, quando evocados magisticamente, façam exatamente o que lhes ordenarem, podendo atuar negativamente. Em tais circunstâncias, o carma pela negativação de Exu e Pombagira recairá sempre sobre aquele que o ativou e sobre aquele que pediu a ação negativa. A Lei se encarrega de conduzir esses Exus e Pombagiras até os Templos, para colocar fim na atuação. “E quem ousar evocá-los para prejudicar um

seu semelhante, certamente sofrerá uma atuação tão intensa que será todo desvitalizado e negativado, já que eles não se prestam a esses trabalhos” (Rubens Saraceni - O Livro de Exu?30).

Os Exus e Pombagiras de Lei, assentados para os trabalhos nos Templos de Umbanda, estão a serviço da Lei

Maior. Não devem jamais ser ativados negativamente para trabalhos de magia negativa, “amarrações”, etc.

Caprichos inferiores e maldades de consulentes e médiuns desequilibrados só são atendidos por seres trevosos. As dívidas também são contraídas por ambos

- o consulente que maliciosamente pediu e o médium despreparado que atendeu, servindo de intermediário.

30. N.E.: Obra publicada pela Madras Editora.

Exus e Pombagiras de Lei não se vendem! Quem gosta de paga e quiumba.
Nossos Guias Espirituais da

“esquerda” protegem os trabalhos da ação de quiumbas e zombeteiros, praticam a caridade e não se prestam ao uso dos mistérios da criação para interesses espúrios e individualistas de pessoas desequilibradas.

Umbandistas, médiuns ou não! Respeitem os mistérios da “esquerda”! Estudem, entendam, valorizem com amor tais Mistérios tão importantes na Criação e ensinem, para que a Umbanda deixe de ser discriminada e desrespeitada na mídia e em seitas que nos denigrem.

XX - UMBANDA E PSICOTERAPIA”

“Feliz de quem está nas condições de ajudar e não de pedir ajuda.”

Vovó Benta - Causos de Umbanda

Na Antiguidade, o conhecimento não era desmembrado como hoje; era concebido como uno.

Na Grécia antiga existia o sophos (sábio), que era simultaneamente filósofo, médico, artista e mago.

Ainda na Antiguidade, Sócrates centrou sua filosofia no “Conhece-te a ti mesmo”. O “Quem sou?”

socrático vem desafiando o ser humano há milênios.

Porém, na atualidade, concebemos a religião, a ciência e a arte como modalidades diferentes. O

rompimento da íntima associação entre ciência e religião, com nefastas consequências para a ciência, ocorreu a partir do Renascimento, com a condenação de Galileu pela Inquisição, por afirmar que a Terra não era o centro do Universo. A Ciência Ocidental, a partir da Idade Moderna, teve de basear-se, em oposição aos dogmas da religião cristã, apenas no universo comprovável.

René Descartes, separando religião e ciência no século XVIII, inaugura a filosofia moderna e, para ele, a ciência e a religião continham, cada uma, a sua verdade. Se por um lado isso libertou a ciência dos cânones obscurantistas da Igreja Católica e permitiu seu livre desenvolvimento, por outro, o positivismo do século XIX reafirmou a crença, que perdura até os dias de hoje, de que a religião se fundamenta na fé e

no mundo espiritual, ao contrário da ciência, que se fundamenta apenas no que pode ser comprovado.

A ciência é um esforço de revelação dos mistérios, que vão se desdobrando infinitamente, pois quanto mais se abrem, quanto mais se desvelam, mais horizontes ampliam. Infelizmente não temos acesso aos livros sagrados do astral, onde a ciência divina está fundamentada, mas não é por estarmos lidando com o plano invisível que ele não tenha sua realidade e seus procedimentos regidos por uma ciência precisa. Tudo leva a crer que agora, no século XXI, religião e ciência convergirão.

31. Com base no livro O Poder Terapêutico dos Orixás e a Filiação Divina, de Lurdes de Campos Vieira e Alberto Marsicano, publicada pela Madras Editora. Em nosso país, por exemplo, a partir de 1998, ao lado do aspecto físico, mental e social, a OMS

(Organização Mundial de Saúde) incluiu em sua definição de saúde o bem-estar espiritual, considerando saúde como o estado de bem-estar completo do ser humano integral: biológico, psicológico e espiritual.

Espiritualidade não é religião, é a relação com as realidades espirituais. A possessão e estado de transe

- obsessão espiritual - é um dos itens do CID- 10

(Código Internacional de Doenças), o item F.44.3, e definido como a “perda transitória da identidade, com manutenção de consciência do meio ambiente”.

Distinguem-se os casos normais, por atuação e incorporação de espíritos, dos patológicos, provocados por doenças físicas.

Em algumas faculdades de Medicina de uns poucos países, inclusive do nosso, existe o curso de Medicina e Espiritualidade. O governo federal, em 2006, implantou por meio do SUS (Sistema Único de Saúde) a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, oficializando a utilização de novos tratamentos, como a homeopatia e a acupuntura.

Porém, até o momento, parece-nos que o tratamento por desobsessão tem sido buscado pela família, de maneira autônoma e complementar.

Os desequilíbrios psicológicos bloqueiam o ser humano, impedindo a irrigação energética contínua de todos os seus sentidos, causando desequilíbrios no corpo espiritual, originando uma enorme lista de viciações energéticas. A presença de fluidos e de seres negativos, impregnados no perispírito, age no corpo espiritual, desarmonizando-o e interferindo também no corpo físico, que poderá adoecer. As doenças localizadas no campo espiritual de uma pessoa enfraquecem-na ou despertam sintomas de doenças no corpo físico que não são identificados pela medicina tradicional. Porém, para esses sintomas de doenças (morbidez, histeria, apatia, revolta, egoísmo, destrutividade, dentre outros muitas vezes são receitados medicamentos inócuos e as pessoas até sã

taxadas de hipocondríacas.

O gerar contínuo de energias negativas pouco a pouco vai negativando todo o ser, colocando-o em sintonia, em ressonância magnética, por afinidade, com seres das esferas negativas, os quais lançam cordões energéticos até seu campo mental, para absorver essas energias gerada por sua negatividade.

A psicologia, embora uma ciência recente que conta pouco mais de cem anos,

compartilha com a filosofia e a religião a ânsia de desvendar o que está por trás do ser humano; que forças ou impulsos determinam seu comportamento. A psicoterapia acadêmica em geral, a despeito de suas modernas técnicas e de poderosos neuroquímicos, encontra-se despreparada, diante dos desequilíbrios energéticos e das necessidades de desobsessões espirituais. Se o paciente se encontra obsediado por falanges de espíritos trevosos, sugado em sua energia vital, com seus chakras desalinhados, obscurecidos e obstruídos por densas energias, seus problemas não serão resolvidos pela terapêutica oficial. Nisso, a Umbanda cumpre seu papel, promulgando a ciência sagrada das vibrações, da terapia de cura, por meio dos seus fundamentos e dos tratamentos espirituais.

Não estamos propondo substituir a medicina em geral e a psicanálise pelos trabalhos dos Guias Espirituais da Umbanda, mas apresentamos a contribuição do conhecimento das Linhas de Trabalho e da atuação

dos Guias Espirituais como possibilidades de ajuda, de trabalho conjunto no tratamento terapêutico para os nossos problemas espirituais e interiores. Do mesmo modo que a análise não deve substituir a capacidade de realização pessoal e de relações humanas das pessoas, também a presença no trabalho dos Guias Espirituais não deve servir de modo de vida aos consulentes, substituindo seu contato com a vida cotidiana.

A missão maior de toda religião é exatamente a de se tornar uma via evolutiva para seus seguidores, e não é diferente com a Umbanda, cujos poderes divinos, os Orixás e seus Guias Espirituais, estão à disposição para o nosso benefício. Os Orixás, além de serem os concre-tizadores da criação divina, são os senhores regentes da nossa evolução, da evolução das criaturas e das espécies, e atuam por intermédio dos Guias Espirituais, nas suas Linhas de Trabalho e Ação.

Desde a Antiguidade, milhares de pessoas buscam na espiritualidade a solução para seus problemas, sob diversas formas, procurando a cura dos seus corpos espirituais e físicos.

Mais recentemente, Sigmund Freud introduziu na psicologia a noção de inconsciente, patamar profundo que seria o substrato e alicerce da psique humana.

Freud teve dois principais discípulos: o místico Carl Jung - que introduz a noção de inconsciente coletivo e levanta a questão da influência de forças sobrenaturais

na psique - e Wilhelm Reich - que introduz na psicologia a questão da energia orgônica. Para ele, a principal causa das psicopatologias seria o desequilíbrio dessa energia (o axé na Umbanda) no corpo do ser humano.

A Umbanda opera um entrelace entre arte, ciência, religião, medicina e psicologia. No tratamento terapêutico dos nossos problemas espirituais e interiores, a prodigiosa e sagrada psicoterapia dos Guia-Espirituais centra-se no trivortex aconselhamento, desobsessão e energização, semelhante a algumas atuações da psicoterapia. No atendimento pelo aconselhamento por meio da palavra, vão desvendando os problemas psicológicos dos consultantes e orientando frequentadores e médiuns, tal como a psicoterapia de cunho freudiano.

Na desobsessão de espíritos trevosos, que prejudicam e fecham os caminhos dos consulentes e dos médiuns, há semelhança com aspectos da psicoterapia de cunho junguiano; e no alinhamento e desobstrução de chakras, energização e imantação de axé (energia orgônica), vislumbramos a psicoterapia de cunho reichiano. Não temos a pretensão nem o preparo para discutir as obras desses psicanalistas, mas apenas queremos colocar a semelhança os métodos adotados por eles e pelos Guias Espirituais da Umbanda.

Além da obsessão por falanges de espíritos trevosos que sugam energia vital dos consulentes, no campo

eletromagnético pessoal dos seres humanos alojam-se os focos vibratórios ou acúmulos energéticos que se expressam nas auras e as rompem, alcançando os corpos energéticos e até os corpos físicos, afetando a saúde. Tudo que aí se alojou pouco a pouco, vai se adequando ao padrão vibratório da pessoa, internalizando-se por magnetismo e se acumulando nos órgãos dos sentidos do próprio corpo. A partir dessa adequação ao padrão pessoal, o ser passa a ser incomodado por suas vibrações mentais, conscientes ou não que interferem no seu mental por meio do emocional, levando-o a desequilíbrios energéticos intensos e a sentir dores no corpo físico.

Sombra e luz, escuridão e claridade são a dupla realidade que forma o interior do ser humano. O lado obscuro e trevoso de cada um não é externo; faz parte de sua realidade íntima. Conhecer-se mais profundamente e enfrentar essas sombras, sem medo, para reavaliar-se e os apelos da vida e as lutas que o fizeram como é, representa uma excelente etapa de aprendizado, adaptação e revisão dos valores de uma pessoa. Devemos também desenvolver qualidades e sentimentos nobres que nos permitam auxiliar outros irmãos, intensificando o que tem de bom em nós.

Cada um que muda seu interior beneficia aqueles que estão à sua volta, pois passa a expandir seu íntimo para os próximos.

Nossa religião não prega a fuga da realidade. Ela

busca ensinar seus adeptos, por meio de suas divindades, Linhas de Trabalho, Guias Espirituais, rituais e fundamentos, a conhecer-se, superar seu negativismo como orgulho, egoísmo, vaidade e soberbia, para evoluir e realizar

a verdadeira caridade. A terapia de cura realizada pelos Guias Espirituais da Umbanda diz respeito a encarnados e desencarnados, pois os espíritos estão em constante processo evolutivo e, obedecendo a princípios do desenvolvimento e da evolução natural, passam por inúmeros planos e regiões. Ao desencarnarem, mantêm sua individualidade; guardam suas qualidades, seus defeitos e possuem os conhecimentos que dominavam quando encarnados.

Conforme seus merecimentos, afinidades e sintonias, são automaticamente encaminhados para as colônias de socorro ou para o umbral.

O trabalho realizado pelos Guias Espirituais nos Templos de Umbanda é amplo, profundo, integrado e simultâneo e uma grande parte deles tem como finalidade reequilibrar o mental das pessoas, cujas psiques estão emocionalmente abaladas por patologias mentais, adquiridas ao alimentarem sentimentos negativos e se colocarem em sintonia com ondas vibratórias negativas afins. Os Guias Espirituais, com seus passes energéticos, após reequilibrarem os campos mediúnicos ou campos eletromagnéticos e os campos energéticos dos consulentes, atuam nos corpos

físicos realizando curas maravilhosas. Esses Guias Espirituais bondosos, após realizarem as limpezas e energizações, ligam a elas ondas vibratórias positivas que as auxiliarão no trato de suas patologias psíquicas, realizando curas consideradas impossíveis pela medicina tradicional. Para isso, cada entidade, no atendimento, tem a liberdade de aplicar as técnicas que lhe aprouver, passando pelos pontos riscados, transporte, descarrego, passe espiritual, benzimento, até a reza, orientação verbal, desobsessão e outras. Desmembramos didaticamente o trabalho dos Guias Espirituais, com o aconselhamento, a desobsessão e o equilíbrio energético, para maior facilidade de entendimento.

ACONSELHAMENTO POR MEIO DA PALAVRA: PSICOTERAPIA DE

CUNHO FREUDIANO

Uma das vertentes mais poderosas utilizadas pela terapia da Umbanda é o discurso de aconselhamento.

A linguagem mântica, pausada e mágica de seus Caboclos, Pretos-Velhos e outros Guias Espirituais, pontuada pelo estalar magnético dos dedos, ritmando seus preciosos conselhos, leva o consulente a se tranquilizar e elevar seu padrão vibratório. Assim, as entidades vão desvendando os problemas psicológicos dos consultantes, pelo discurso do inconsciente e oferecendo sua ajuda, seu aconselhamento e suas orientações.

Sigmund Freud centrou sua psicanálise no discurso e desconsiderava qualquer importância ao fenômeno religioso. Para ele, por meio da palavra, o psicanalista penetra no discurso inconsciente do paciente, desvelando seus traumas e conturbações. A psicanálise proposta por Freud consiste em total silêncio do analista, deixando o paciente expressar seus problemas e traumas, exceto quando faz perguntas de associação de frases ou perguntas para interpretação de sonhos. De resto apenas pequenas intervenções de duas ou três palavras para “induzir paciente, que encontra as próprias respostas para seu problema psíquico. Essa psicanálise é considerada dura por alguns, porque o paciente pode sentir-se só e encurralado, mas no final quase sempre há sucesso.

A palavra, junto ao poder da vibração, é capaz de criar, curar e também destruir. O ser humano incorpora poder aos símbolos do alfabeto, às suas formações, quando soma à energia própria do caractere letra, fonema, palavra, a energia de sua intenção pessoal. Isso converte os homens em responsáveis diretos pelos processos criacionais e destrutivos da Vida. Se cada um de nós fosse consciente de que a energia liberada a cada palavra afeta não somente aqueles a quem nos dirigim mas, também, a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia, começaria a ser mais cuidadoso com o que diz.

Os Guias Espirituais de Umbanda ouvem os

consulentes, dão alento, orientam e doutrinam por meio da palavra, pela força do verbo. Doutrinar significa instruir, e é isso que é preciso fazer com o paciente, com sua família e os espíritos que o atormentam. Ensinam, sempre de maneira positiva, a amar o próximo e a natureza, ensinam sobre a espiritualidade e encorajam a fé e a religiosidade, o amor, o conhecimento e a vida. Mas não falam demais. Os Guias de nossa Umbanda Sagrada sabem bem como utilizar suas sábias palavras de aconselhamento, aliadas ao poder terapêutico dos Orixás.

O obsediado, após o tratamento espiritual necessário, é instruído pelos Guias Espirituais de que ele precisa trabalhar para seu próprio melhoramento moral e que a parte mais importante e difícil nas desobsessões cabe a ele mesmo. Muitas vezes os obsessores, embora afastados, não estão convencidos da necessidade de libertar suas vítimas. Uma vez livre do obsessor, por que ele volta e a pessoa obsediada tem de retornar ao Templo e repetir o processo de limpeza? Se a pessoa não muda seus sentimentos, pensamentos e atitudes, se não limpa sua consciência, não sai da sintonia do obsessor. E isso os Guias ensinam aos consulentes. Orientam que, em vez de ficar se lamentando pela vida e culpando as demandas, os obsessores ou outras pessoas pelo que lhes

acontece de ruim, devem questionar-se a si mesmos e mudar sua maneira de sentir, pensar e agir.

O paciente é, portanto, orientado que ele é o principal elemento, a causa responsável à qual compete a difícil, mas não impossível missão de insistir no bem, eliminar os vícios, perseverar no dever e fugir, a todo custo, do cultivo de doenças e de hábitos infelizes, para não voltar a sintonizar-se com seus perseguidores. A tarefa de desobsessão por parte das entidades se torna mais fácil quando os interessados, compreendendo suas situações, participam com

vontade, seguindo as orientações dos Guias, fazendo regularmente suas preces e se transformando intimamente. Os assistidos também são orientados pelos Guias Espirituais de que há necessidade de voltarem regularmente ao Templo, até que suas

“enfermidades” estejam sob controle, e que é preciso melhorar suas condutas na vida diária. Nenhum tratamento terá efeito se não contar com a vontade e perseverança do paciente.

Quando se faz necessário, as entidades orientam os atendidos para que busquem tratamento médico especializado, concomitantemente com o espiritual.

Orientam, ainda, que é fundamental que não se rebaixe o padrão vibratório nem se fique falando o tempo todo de obsessores, pois isso reforça essa egrégora negativa e não contribui para o bem-estar da pessoa vitimada.

Nesse processo todo, a ajuda e a compreensão dos familiares são importantíssimas e fundamentais. A família também deverá ser convidada a frequentar o Templo espiritual, pelo menos durante o período de tratamento,

pois poderá facilitar e apressar a obtenção de resultados satisfatórios e também ser orientada moralmente, pois, em muitos casos, direta ou indiretamente, está envolvida na problemática tratada.

Nos casos de auto-obsessão, os Guias orientam que devem ser tratados pela terapia espiritual associada à psicoterapia convencional, para que o tratamento abra a prisão psíquica em que o indivíduo vive libertando-o da sua própria escravidão mental. De acordo com o merecimento e a ajuda de cada um, curas

ou resultados mais satisfatórios poderão ser mais rápidos ou mais demorados.

Já o trabalho de esclarecimento aos espíritos obsessores, evocados em médiuns preparados para isso, é feito pelas entidades e por médiuns auxiliares dos trabalhos, com experiência e conhecimento, aconselhando o obsessor, com poucas palavras, a seguir caminhos luminosos e não caminhos de vingança. Depois de encaminhados, cabe aos Guias Espirituais que trabalham no astral dos Templos realizarem os trabalhos subsequentes.

Há milhares de anos, mestres espirituais e religiosos da Antiguidade sabiam que o corpo humano pode ser

programado por meio da linguagem, das palavras e do pensamento. As letras dos antigos alfabetos são formas estruturadas de energia vibracional que projetam força próprias da estrutura geométrica da Criação. Os estudos atuais começam a validar o conhecimento dos antigos que, até muito recentemente foram desprezados como fantasias religiosas e charlatanice. Esperamos que comecem urgentemente também a valorizar os ensinamentos da Umbanda.

O ATENDIMENTO PELA DESOBSessão:

PSICOTERAPIA DE CUNHO JUNGUIANO

Jung preocupava-se com as coisas ocultas; levantou a questão da influência de forças sobrenaturais na psique e deu ênfase aos aspectos espirituais da natureza humana. Jung acreditava na possessão do indivíduo por espíritos e referiu-se às religiões como sistemas psicoterapêuticos; isso levou muitos estudiosos da psique humana a critica-lo.

É de fundamental importância termos uma visão globalizante do ser, das suas partes constitutivas: espírito, perispírito e corpo físico, pois há uma estreita relação de dependência entre a matéria e o espírito ocorrendo intensa interação entre ambos, harmônica ou não. Porém sabemos que o espírito atua sobre o corpo físico, por meio do corpo espiritual, comandado pelos pensamentos.

Nosso todo espiritual é composto pelo espírito

humano, sensação percepção, consciência, razão, emoção e mente, que se expressam externamente e são percebidos e classificados pelos clarividentes com campos ou veículos de energia, físico, etérico, emocional, mental, astral e espiritual. A personalidade de cada indivíduo é constituída pelos veículos físico, etérico, emocional e mental, integrados e interpenetrados. Envolvendo a personalidade estão os corpos astral e espiritual.

Os três corpos inferiores estão associados e metabolizam energias relacionadas com o mundo físico; os três superiores relacionam-se e metabolizam energias do corpo espiritual. A camada vinculada ao chacra do coração, ou corpo astral, interliga e transforma as energias que vão de um mundo para outro.

O Corpo Físico corresponde ao nosso corpo material e é uma manifestação do ser total. Esse corpo é o veículo mais denso de consciência e utiliza o prana mais grosseiro, fornecido pelos alimentos e pelo ar; utiliza, também, um pouco do prana sutil. Esse corpo está circunscrito ao tempo e espaço do mundo material e suas condições podem ser determinadas pelo exame dos demais corpos, pois ele é um depósito de todos eles, é um instrumento de manifestação da alma. O corpo físico transmite todas

as energias por meio dos chacras, representados pelo sistema endócrino. No corpo físico, os chacras, ou centros de força, localizam-se em regiões que correspondem a áreas de grande concentração de feixes nervosos os gânglios. A excitação do sistema nervoso, por meio da atuação nos chacras, promove as sensações que o médium sente.

O Corpo ou Campo Etérico tem a mesma estrutura do corpo físico e envolve sua pele, circundando-o com uma camada de energia cuja radiação pode atingir, aproximadamente, de seis a 50 centímetros. Ele inclui todas as partes anatômicas e todos os órgãos do corpo denso e sustenta os tecidos físicos. É chamado de membrana, invólucro, aura da saúde ou corpo vital e tem a capacidade de absorver e reverter as energias vitais que penetram em nossa estrutura material.

O

corpo físico e corpo etérico atuam como um todo unificado e necessitam de pram para manter a saúde e a vitalidade.

O Corpo Sutil é profundamente influenciado e sensível aos padre e de pensamentos e emoções e expressa tudo sobre o organismo físico. Essa superfície etérea de nosso corpo denso não apresenta rupturas ou imperfeições, quando o ser está em perfeitas condições espirituais e físicas.

O Corpo Emocional, associado aos sentimentos, é também chamado de corpo do desejo e simboliza o espelho astral vivo, pois expressa nossas verdadeiras

aspirações. Esse corpo se estende em todas as direções, a uma certa distância do corpo, variável entre 25 e 75 centímetros e pode funcionar como um sistema de antenas pessoais, colhendo sensações e transmitindo-as ao corpo físico. Sua estrutura é mais fluida que a do corpo etérico e se assemelha a nuvens de substâncias finas coloridas, em contínuo movimento. Ele libera emoções que são

absorvidas pelo físico e reflete, sem discriminar, todas as alterações de humor tais como os sentimentos de medo, coragem, alegria, tristeza, luxúria, desejo, ganância, amor e ódio. Sua capacidade de sentir vai desde as paixões animais até o amor desinteressado.

É preciso manter a mente tranquila, o autoconhecimento, a aspiração espiritual e aquietar o

"eu" para harmonizar o campo emocional com o objetivo de manter as emoções superiores e a serenidade do espírito.

O Corpo Mental é o aspecto menos denso e mais externo da aura estendendo-se de 75 centímetros a dois metros, e interpenetra toda a substância astral, etérica e física. Compõe-se de substâncias finas.

associadas a pensamentos e processos mentais, pois contém a estrutura de nossas ideias. Tem a propriedade de agir como uma balança entre o organismo etéreo e o emocional, emanando a essência da inteligência ativa, da memória, da disciplina, do julgamento e da discriminação. Ele decide o que será

absorvido pelos outros corpos ou não, expressa a natureza mental, a habilidade de pensar claramente sobre todos os assuntos pertinentes e fundamentais para o ser e estabelece o nível para o pensamento abstrato. O desenvolvimento das faculdades mentais superiores estimula novas habilidades, como a intuição, a recepção de pensamentos inspiradores, a telepatia e outros.

Os corpos etérico, emocional e mental formam o Corpo Astral, que é a ponte entre os planos físico e espiritual do ser e, quando vitalizado, torna-se mais belo

e perfeito a cada existência e pode estar impregnado de cor rosa. É o veículo para as viagens fora do corpo. Conecta-se ao corpo físico pelo cordão de prata.

O Corpo Espiritual é formado por três corpos superiores. O primeiro, ou quinta camada, é chamado etérico padrão, é uma forma heliográfica, ou espécie de negativo fotográfico do plano físico. Ele contém todas as formas existentes no corpo físico, incluindo os chacras, no etérico. O segundo, ou sexta camada, é o nível emocional do plano espiritual, também chamado de corpo celestial. É o nível pelo qual sentimos o êxtase espiritual que pode ser alcançado pela meditação ou por outras formas de elevação da consciência. Esse corpo é o depósito de talentos e de tesouros das encarnações anteriores. O terceiro corpo, ou sétima camada, é a presença divina ou fonte de

toda energia. Quando a consciência é elevada até esse nível, ocorre a identificação com o Divino Criador.

Irradia energia pura para ser utilizada em todos os corpos. Esse nível de energia contém a corrente principal de força que nutre o corpo todo, a energia kundalini.

A vestimenta do espírito, ou seja, aquilo que lhe dá forma, é chamado também de corpo fluídico, corpo plasmático ou espiritual, psicossoma ou perispírito.

Esse corpo plasmático, além de aparência "externa"

do ser espiritual, é também a tela refletora (aura) do seu "interior" (pensamentos e sentimentos).

Carl Jung acreditava que uma vigorosa fé religiosa protege um indivíduo da neurose. Falava de uma atitude religiosa, sem subscrever qualquer religião, mas, tal como acontece com os médiuns, acreditava na existência de um “mundo imperecível”.

CAMPO ESPIRITUAL, OBSESSÕES E

DESOBSESSÕES

A obsessão, independentemente de o ser estar encarnado ou não, é o domínio ou ação persistente e intencional de alguns espíritos sobre outros. É sempre ação consciente e volitiva e a causa da maior parte das doenças mentais, superlotando hospitais psiquiátricos, resultante da negação sistemática da realidade espiritual. É a transgressão à Lei Maior, que provoca aberturas nos campos vibratórios do ser, tornando-o

vulnerável.

Espíritos maus podem exercer ações obstinadas sobre os indivíduos, provocando distúrbios psicopatológicos obsessivos, que podem ser também de natureza anímica ou auto-obsessiva. A obsessão é um desequilíbrio da função mental, é uma forma de constrangimento, de indução, de perseguição, de vexação, de ideia fixa, doentia; é um modo de forçar, tolher, compelir; é o domínio de um ser sobre outro.

Pressupõe-se normalmente a ação de alguns espíritos sobre certas pessoas : que esses são espíritos inferiores tão tenazes que o obsediado não consegue livrar-se deles.

Em nossa experiência evolutiva, todos nós recebemos influências de bons e de maus espíritos, mas quando um espírito atrasado se apega a alguém e sua influência danosa se torna constante, então podemos chamá-la de obsessão. Atualmente, em face do crescimento populacional, da decadência moral e dos inúmeros problemas sociais que o mundo enfrenta, a obsessão tornou-se um verdadeiro flagelo, provocando desentendimentos, vícios, violências, anomalias psicológicas, suicídios : outros males do gênero.

Assim como as doenças físicas não resultam apenas de desequilíbrios biológicos ou de infecções por microrganismos, também as doenças mentais não aparecem somente por desequilíbrios hormonais ou degenerações genéticas, mas por causa de

magnetismos humanos negativos. Se um ser é ou já foi magneticamente negativo, vibra e lateja em seu campo magnético sentimentos recentes e sentimentos de outras vidas; aí, podem estar as doenças nervosas de fundo emocional ou psicossomáticas e as doenças denominadas cármicas.

A vida é sustentada pelo corpo divino e não pelo corpo energético. Nosso campo espiritual, como vimos, se distribui em faixas concêntricas ou sete campos magnéticos que atuam como campos protetor: do nosso espírito.

Quando nos negativamos, nossas vibrações colhem coisas negativas nas esferas trevas e, no refluxo, as vão trazendo e descarregando em nós. Há domínios negativados por atuação mental: que ali estão; é uma prisão criada por eles, pelo seu mental, e são dominados por seres negativos poderosos. Se nos negativamos por mágoas, sentimentos ruins, atitudes mesquinhas e outras semelhantes, a vibração, por sintonia e afinidade, começa a puxar essas criaturas negativas que se instalam em nosso campo etérico.

Vêm pelas baixas frequência vibradas e alimentam-se dessas energias negativas emitidas pelo emissor. São semelhantes a bactérias que se concentram onde há elementos deteriorando.

Nas dimensões dos sete corpos do nosso espírito cabem criaturas aos milhares, alojadas nesses campos vibratórios infinitos; seres, criaturas, miasmas,

crostas, etc. Só atrairemos coisas devoradoras do nosso espírito se vibrarmos e emanarmos coisas negativas. E não adianta culpar os espíritos ainda em fase de possessão, pois quem está fora da Lei entra em sintonia com eles. Nos casos de obsessão, são sempre espíritos inferiores que buscam constranger, dominar e conduzir a vítima, inconscientemente, provocando-lhe desequilíbrios psíquicos, emocionais, orgânicos e alteração de personalidade.

“Os processos obsessivos, muitas vezes, principiam de bagatelas: o olhar de desconfiança, um grito de cólera, uma frase pejorativa, a ponta de sarcasmo, o momento de irritação, a tristeza sem motivo, o instante de impaciência, a indisposição descontrolada.

Estabelecida a ligação com as sombras por semelhantes tomadas de invigilância, eis que surgem as grandes brechas na organização da vida ou na moradia da alma. A desarmonia em casa, a discórdia no grupo da ação, o fogo da crítica, o veneno da queixa, a doença imaginária, a rede da intriga, a treva do ressentimento, a discussão infeliz, o afastamento de companheiros, a rixa sem propósito. As obsessões que envolvem individualidades e equipes quase sempre partem de

inconveniências pequeninas que devem ser evitadas, qual se procede com o

minúsculo foco de infecção.

Para isso dispomos todos de recursos infalíveis, quais sejam: a dieta do silêncio, a vacina da tolerância, o

detergente do trabalho e o antisséptico da oração”

(Emmanuel - psicog. de Chico Xavier).

Aqueles que vivem remoendo mágoas, rancores, desejos de vingança, ódios, invejas e outros sentimentos negativos não conseguem alcançar vibrações de contato com entidades de luz e abrem caminhos para espíritos inferiores, que se alimentam desses sentimentos. Espíritos enfermos veem os encarnados, sentem-lhes as auras que os atraem, estudam suas vítimas e seus pontos fracos, encostam-se neles e, por ressonância vibratória, recebem certo alívio em seu corpo vital, sugando suas energias e dominando-os. O obsediado sente mal-estar e comporta-se constantemente com insistências, tais como: ausência de valores éticos, amor-próprio excessivo, prepotência e autoritarismo, desequilíbrios principalmente emocionais e afetivos, maledicência, ciúme, cobiça, complexos de culpa, grandeza, inferioridade, pobreza, riqueza, superioridade, egoísmo, desconfiança, raiva, remorsos, rancores, pessimismo, manias, medos, morbidez, agressividade, vícios, ambição desmedida, desvios sexuais, sexolatria, inveja, usura, avareza, narcisismo, ódio, orgulho, mágoas e ressentimentos, vaidade, etc.

São várias as causas que levam um espírito a se aproximar de um.. pessoa e atuar sobre ela, atrapalhando sua vida:

Causas morais de má conduta cotidiana, com muitos

desvios de comportamento, como vícios, antagonismos, orgulho, egoísmo, vaidade promovem sintonia e afinidade com espíritos que não se desapegaram da matéria e utilizam os encarnados para a satisfação dos seus desejos inferiores. Pouco adiantamento moral e psiquismo dominado por pensamentos inferiores atraem espíritos imperfeitos que se afinizam com uma pessoa ou com um grupo.

Esse processo se inicia com uma interferência em algumas atitudes do indivíduo; depois, as vontades e os desejos são trocados entre perturbados e perturbadores.

A seguir, a vontade dos obsessores prevalece, instalando-se o fenômeno obsessivo. Esse tipo de obsessão é comum e a maioria de seus portadores nem a percebe. Nas empresas, nas organizações religiosas e políticas, atitude como a formação de grupinhos que manipulam situações, vedando a participação de outras pessoas, dificuldades de diálogo educativo com as pessoas de fora do grupo, alimentação de vaidades e outras atitudes ocultas pelo ego, preferências por frequentadores, por motivos eróticos, financeiros e coisas do gênero.

A auto-obsessão ou animismo é ocasionada pelos próprios encarnados. É a vivência desarmonica gerada na mente do indivíduo cujas causas residem nos dramas pessoais, desta ou de outras encarnações, como traumas, remorsos, culpas e situações provindas

de intimidade do ser, prejudicando sua normalidade psicológica. Essas correntes mentais autoinduzidas são formas-pensamento alimentadas pelos desequilíbrios emocionais de indivíduos mais impressionáveis e sensíveis, que manifestam um medo patológico ante as aflições diárias, e, com o passar do tempo, tornam-se verdadeiras expressões de pavor desestruturando seu psiquismo. Gosto mórbido por fofocas e notícias chocantes, falta de asseio mental, egoísmo, falsos valores, cólera e violência baixam a frequência e propiciam a desestruturação psíquica.

Esses seres passam a manifestar atos de grosseria e de agressão aos que os circundam, ofendendo-os se necessidade. Tornam-se angustiados, neuróticos, ansiosos, sofredore infelizes.

Na auto-obsessão a mente da pessoa enferma encontra-se em condição doentia semelhante às neuroses, na qual ela atormenta a si mesmo com pensamentos dos quais não consegue se livrar. Há casos mais graves em que o obsediado não aceita que seu mal resida nele mesmo. Nesses casos, quando examinados mediunicamente, é possível encontrar espíritos atrasados ou sofredores associados à vida mental dos atendidos, atraídos por sintonia mental com o obsediado, que não querem, necessariamente, agravar seu mal, pois não são os causadores dele. A causa central desse tipo de obsessão reside no próprio indivíduo, que se autoatormen-ta, em uma espécie de

punição, com sua mente fechada em si mesma. É

necessário abri-la para a vida exterior se quisermos ajudá-lo. “Há casos de pessoas que, tendo vivenciado um momento tormentoso em outra encarnação e porque guardam muito vivas na memória espiritual as emoções daquela vida, são perturbadas ou incomodadas por causa da queda ou alteração vibratória que ainda ressonam em virtude da intensa carga fatorial absorvida naquela época. Essas pessoas procuram analistas, psicólogos, psiquiatras, neurologistas, sacerdotes, orientadores, etc., para ser ajudadas. E algumas procuram terapeutas holísticos que trabalham com regressões espirituais, e têm sido muito auxiliadas, pois o retorno consciente ao evento do passado desliga as ondas vibratórias fatorais alimentadoras de tais sentimentos, inexplicáveis à luz da psiquiatria, que trabalha com os ‘distúrbios de personalidade desta vida (palavras minhas que sintetizam as neuroses, psicoses e demais patologias comportamentais tratadas cientificamente e à luz da razão)” (Rubens Saraceni - Tratado Geral de Umbanda).

Ambientes contaminados: os ambientes materiais possuem uma espécie de atmosfera espiritual, criada pelas pessoas que vivem interagindo e se relacionando nesses lugares. Em prostíbulos, seitas estranhas, lugares onde se pratica a baixa magia, centros espíritas mal orientados, etc., predominam as influências de

espíritos inferiores, cujas irradiações magnéticas podem atuar em visitas ou frequentadores, contaminando-os e prejudicando-os. Tal domínio se forma pela sintonia mental com os espíritos inferiores que habitualmente estão ali, interferindo em suas vidas, causando-lhes contrariedades ou efeitos materiais que os iludem. Simplesmente se afastar desses lugares nem sempre faz cessar essa influência.

As contaminações também podem ocorrer em templos espirituais mal orientados, nos quais pessoas novatas, sem estudo ou preparo, são colocadas em atendimentos e, dominadas por entidades ignorantes e malévolas, são verdadeiros focos de contaminações espirituais, que prejudicam os que ali vão buscar ajuda e orientações para suas vidas.

Resgate cármico: um ser, por livre-arbítrio ou ignorância, pode ter cometido faltas graves, prejudicando outras pessoas, em seu processo evolutivo e experiências reencarnatórias. Vítima e algoz podem ter seu ódio e desentendimento perdurando por muitas

encarnações, alimentando perseguições recíprocas.

Pode também haver

o apego à pessoa pela qual o Espírito nutria grande paixão, quando em vida.

Nos casos de perseguição por acontecimentos de vidas anteriores, o espírito com desejo de vingança, passe o tempo que for, busca localizar seu desafeto

reencarnado, para devolver-lhe na mesma moeda a dor pela qual passou, perseguindo-o sem trégua e prejudicando-se cada vez mais.

Há estigmas cármicos que não são obsessivos, como as dificuldades físicas congênitas. A presença desses estigmas cármicos expressa a necessidade de trabalho e ressarcimento reconstutivo do ser, em benefício do seu equilíbrio espiritual.

Magias: a obsessão pode ser causada também por magia negra, provocando desarmonias e originando doenças graves.

DESOBSESSÃO, TRANSPORTE E

DESCARREGO1

Ninguém deve viver centralizado em si mesmo, pois dessa forma não há crescimento, não há evolução.

Temos de levar no coração a vontade ardente de salvar almas, salvar os perdidos com todos os meios de que dispomos.

Há uma infinidade de espíritos caídos nas valas negativas, cuja transformação está ocorrendo pela dor.

Há domínios inteiros que se negativaram e que um dia já foram luminosos. É necessário tirarmos os seres de seus estados de consciência e remetê-los ao estado anterior para que retomem suas evoluções, com aperfeiçoamento cada vez maior e para que acessem faixas cada vez mais elevadas.

Nós, umbandistas, dispomos dos trabalhos com os

Guias e com a magia divina, e temos de trabalhar muito para ajudar nossos irmãos escarnados e desencarnados a crescerem, evoluírem, e para a regeneração dos espíritos. Quando realizamos nossos trabalhos, milhões de Espíritos merecedores podem ser resgatados e purificados de uma só vez, curando domínios inteiros e elevando-os vibracionalmente. O

astral inferior vai sendo

higienizado, com o encaminhamento dos seres que já tiveram seus vícios esgotados. Sofredores, eguns e quiumbas são recolhidos e encaminhados.

Precisamos entender que a atuação mediúnica e magística são formas de trabalho que devem possibilitar a mudança do padrão vibracional do ser humano, pois permitem a consumição de energias negativas dos níveis vibratórios inferiores, a purificação de Espíritos pecadores, a cura, regeneração e encaminhamento de espíritos que sofrem, para retomarem sua evolução em um plano superior.

A maioria das formas obsessivas pode ser aliviada em pouco tempo de tratamento, e a desobsessão não exige que o enfermo se torne santo para ser liberto do seu obsessor. Por vezes, basta que ele mude algumas atitudes perante a vida ou sua maneira de ver certas coisas para que a libertação aconteça com a mudança da sua frequência vibratória.

O mais comum é os seres sofrerem de bloqueios

exteriores, que independem deles e até são combatidos na tentativa de anulá-los ou rompê-los.

Normalmente o ser se sente frustrado e sofre por não conseguir algo que desejou e pelo qual se desdobrou.

Mas na patologia obsessiva nem sempre as coisas são tão simples; há casos em que a cura é demorada, pois os resultados satisfatórios não são conseguidos com rapidez. Os casos de autobloqueio emocional (auto-obsessão) são os mais difíceis de ser curados.

A desobsessão envolve uma série de condutas tendo em vista livrar o obsediado de sua prisão mental, e depende do grau de envolvimento e da renovação mental tanto da vítima como do obsessor. É um trabalho conjunto, realizado pelos Guias Espirituais, auxiliados pelos médiuns e demais trabalhadores dos Templos.

Os espíritos chamados sofredores são encaminhados para os Templos umbandistas por equipes socorristas que os acolhem, após o desencarne, ou os

resgatam, recolhendo-os nos abismos, após a evolução necessária e remissão de seus negativismos.

Ao desencarnarem, caíram nos polos negativos da sua própria vibração mental. Ao atuarem sobre uma pessoa, ela sente muita sonolência, moleza no corpo, cansaço e abre a boca o tempo todo, bocejando. Os sofrendores são curados pelo nosso amor e caridade,

com a incorporação de transporte em um médium, com a chama sagrada de uma vela branca sobre a cabeça deste-mesmo, atuando de fora para dentro, e com a energia vital (ectoplasma) do médium, agindo de dentro para fora, como instrumentos de Pai Obaluaê. A seguir, são encaminhados como oferendas vivas para um magnífico portal de luz no Cruzeiro Sagrado, aos pés desse Pai.

Além das incorporações de sofrendores, são comuns as incorporações nos médiuns de transporte de Exus, quiumbas e eguns soltos no tempo e que, de alguma forma, foram direcionados contra os consulentes.

Como já era do conhecimento da Lei a ida do necessitado de atendimento espiritual ao terreiro de Umbanda, após o descarrego, o obsessor é absorvido pelo Mistério Exu, sem que possa pedir absolutamente nada.

Eguns são espíritos desencarnados, soltos no tempo, há muito longe de sua consciência divina. Eles não vibram mais nada e para ele nada mais importa, pois seus mentais estão completamente ocos e vazios.

Esses seres que se desvirtuaram no sentido da fé são recolhidos nos domínios de Mãe Logunan, Orixá regente da Linha do Tempo e da religiosidade dos seres,

par vibratório com Pai Obaluaê, nessa link: Os eguns se alimentam de nossas energias, quando nos desvirtuamos e quando encostados em uma pessoa, ela sente muito peso nos ombros e fisgadas na

nuca.

Os quiumbas também são espíritos desencarnados negativos, mas conscientes de seus mentais negativos mais poderosos. São os marginais do baixo astral pagos por “magos negros” ou movidos por poderosa vontade de destruir médiuns e Templos; são espíritos endurecidos e maldosos que se comprazem em fazer o mal e destruir tudo o que é m luz. Vivem no umbral e, muitas vezes, são recrutados por magos negros para atuar contra desafetos. Quando atuam em alguém, a pessoa fica irritada, raivosa, com dores no estômago e peso nas pernas. Ao serem absorvidos pela Lei, são capturados, mesmo contra a própria vontade e utilizados como instrumentos nas trevas; mas desconhecem que si escravos de executores da Lei e que já foram absorvidos por ela. quiumbas também podem ser tratados, no descarrego, com a chama sagrada de uma vela branca sobre a coroa do médium que cedeu seu corpo para a caridade e com a seguinte determinação: “Eu lhe dou a luz e o mando para baixo!”. A partir daí, a ordenação maior da Lei se encarregará de transformá-los, ou não, em ovoides ou ser absorvidos pelo Mistério Exu.

Se for permitido pela Lei, ocorrerá o transporte de Exu de Lei e a limpeza do campo espiritual do consulente. Isso costuma ocorrer quando o Exu que está desvitalizando o atendido foi atraído por processo negativo do mental dele próprio, realizando práticas

abusivas com o semelhante ou consigo mesmo. O

consulente tenderá a justificar que suas práticas eram para o bem, e, embora

possa gozar de boa saúde, com certeza está fora do seu equilíbrio mental e espiritual.

Dependendo do sentido desvirtuado (fé, amor, conhecimento, justiça, ordem, evolução e geração), receberá a atuação do Exu correspondente.

Quanto aos casos de transporte de Exus ativados contra o consulente por demandas, a responsabilidade pela intensidade da atuação é do próprio atuado, pois se seu mental estiver em desequilíbrio vibratório, a atuação será mais forte. Os encarnados jamais deverão reclamar com as divindades suas mazelas na matéria, pois se estivessem em harmonia, equilíbrio vibratório, positivados e afinizados com o astral superior, o efeito dessas ações negativas seria menor ou nem ocorreria.

O descarrego e o transporte sempre devem ocorrer em um Templo umbandista que tenha sua tronqueira firmada, seus assentamentos em ordem e médiuns preparados para o encaminhamento desses irmãos necessitados de ajuda, para a continuidade de seus processos evolutivos. Na tronqueira os Exus fazem as negociações necessárias. Para efetuar a limpeza do médium, poderá vir qualquer entidade de sua corrente mediúnica, como um Exu, um Caboclo, um Preto-Velho ou, até mesmo, seu Orixá individual.

Os Guias de Umbanda aplicam o passe energético, de

acordo com as necessidades do atendido e com a utilização dos recursos específicos de cada entidade, conforme o caso exija. Cada um recebe na medida de seu merecimento e afinidade, podendo um encarnado bloquear uma ação positiva direcionada a ele mesmo como consequência de sua postura mental. Muitos merecem, mas não estão abertos emocional ou psicologicamente para receber o que a espiritualidade lhes oferece por vários motivos, como descrença,

irritação, mentalidade crítica e posturas interesseiras, desfocadas de um objetivo espiritual.

Para que a equipe de trabalho colha bons resultados nas tarefas desobsessoras, é necessário que o grupo tenha ascendência moral sobre os obsessores, isto é, que todos cultivem uma vida moral sadia e dominem as más tendências, não sejam curiosos querendo saber o que não lhes é permitido, não coloquem as mãos nos consulentes e não se comportem com exageros, tombos e gritos, pois esses descontroles, além dos constrangimentos que provocam, podem machucá-los.

A cura dos casos

de obsessão tem solução por meio do esforço de todos: equipe de desobsessão (Guias e médiuns), atendido e sua família.

Carl Jung considerava que para a formação de um indivíduo integrado, com personalidade plenamente desenvolvida e responsável, este deveria estar empenhado em um processo de desenvolvimento

espiritual religioso. Ele estava convencido de que a religião não poderia ser substituída pela ciência e de que as religiões eram sistemas terapêuticos.

IMANTAÇÃO DE ENERGIA ORGÔNICA

(AXÉ): PSICOTERAPIA DE CUNHO

REICHIANO2

Esclarecemos que Reich, psiquiatra austríaco do século XIX, não pensava em plano astral, pois era marxista, mas pensava em pessoa sem energia, com desequilíbrio energético. Observou que todos os bloqueios e repressões de caráter sexual e emocional plasmam-se diretamente no corpo por meio da rigidez muscular. Reich acreditava que a bioenergia no organismo individual é apenas um aspecto da energia universal, presente em todas as coisas, que ele denominou de Energia Orgômica Cósmica ou

“orgone”, e que ela funciona no organismo vivo como energia biológica específica.

O “orgone”, para ele, assemelha-se ao antigo conceito de éter cosmológico do espaço, governa o organismo total e se expressa nas emoções e nos movimentos puramente biofísicos dos órgãos. O dr. Reich descobriu que o “orgone” é a energia responsável pela pulsação biológica da vida na Terra (e possivelmente do universo) e argumentou sobre a semelhança com o antigo conceito de éter cosmológico do espaço, energia vital conhecida pelo ser humano há, pelo menos, 4 mil anos. É chamada de

“prana” pelos hindus, que dizem que ela, além de estar no ar e nos

alimentos, se acumula e circula em nosso corpo. Os chineses lhe deram o nome de “chi” e a descobriram condensada em centenas de pequeninos pontos espalhados pelo corpo - os pontos de acupuntura. Para os kahunas, magos da Polinésia, é denominada

“maná”, e entre antigos gregos, Pitágoras a chamava de “pneuma”. Mais tarde, foi chamada de “força vital”

por Hahneman.

Mas quem a pesquisou cientificamente e inventou aparelhos que medem e acumulam essa energia foi Wilhelm Reich. Tal energia cósmica primordial, presente universalmente, é a energia biológica dos seres vivos, demonstrada térmica, eletroscopicamente e pelo contador Geiger-Muller. O dr. Reich surpreendeu-se com o fato de que, por mais de 2 mil anos, a presença dessa energia orgone tenha sido negligenciada ou censurada sempre que um estudioso tentava descrever o que via. A energia orgônica, segundo a concepção que dela fez Reich, está presente na atmosfera, relaciona-se ao Sol, penetra em todos os espaços como o “éter”, é absorvida por todos os organismos e é responsável pelo movimento - de contração e expansão - de todos os seres vivos.

Wilhelm Reich, embora marxista e ateu, legou-nos um dos mais inspirados ensaios sobre Cristo e o Cristianismo primitivo. Segundo ele, o verdadeiro Cristianismo primitivo seria pleno de força e alegria orgônica, deturpado posteriormente em algo lúgubre e

sinistro, por ele denominado “assassinato de Cristo”.

Cristo, segundo o renomado discípulo de Freud, estaria plenamente conectado à poderosa energia orgônica e equilibrado por essa força; teria grande poder de cura.

“O poder curativo de Cristo, que os homens corajados mais tarde deformaram,

transformando-o em mediocridade interesseira, é na verdade um atributo perfeitamente compreensível e facilmente observável no autêntico terapeuta. Seus poderosos campos orgonoenergéticos são capazes de estimular os sistemas energéticos inertes e mortificados de baixo teor vibracional dos infelizes e debilitados pela falta destes. O estímulo do sistema vital exaurido é sentido como um relaxamento da tensão e da angústia, por conta da dilatação do sistema nervoso que se traduz por uma faísca de amor verdadeira num organismo cheio de ódio.

A excitação da bioenergia do ser debilitado é capaz de dilatar seus vasos sanguíneos, de irrigar melhor os tecidos, de acelerar a cura deferidas e de bloquear os efeitos degenerativos dessas energias vitais estagnadas.

O próprio Cristo não se preocupava com seus dons de curador. Nenhum grande médico se vangloria de saber curar. Nenhuma criança saudável tem consciência de seu poder de redenção. É a função da vida que age neles. Ela faz parte da expressão vital de Cristo nas

crianças, no autêntico médico e no próprio Deus.

Cristo vai ao extremo de proibir a seus discípulos e admiradores revelarem aos outros seu poder de curar.”

(O Poder Terapêutico dos Orixás e a Filiação Divina -

Lurdes de Campos Vieira e Alberto Marsicano -

Madras Editora)

Desde a década de 1930, Reich se empenhou na desobstrução e libertação das amarras do corpo, nas regiões de repressão e angústia que formam a couraça muscular, assim denominada por ele. Reich notou que cada emoção

estrangulada se manifesta fisicamente por meio de rigidez. A emoção é detida, aprisionada na tensão do corpo. Reich descobriu que apenas com a liberação da emoção reprimida, a tensão crônica correspondente poderia desaparecer por completo. Portanto, prisão do corpo ou prisão da alma, basicamente, eram a mesma coisa: duas faces de uma mesma moeda.

O psicanalista Reich introduziu o conceito de

“couraça” para definir a estrutura psicopatológica do homem atual, que cria um encorajamento contra a natureza dentro de si e contra o mundo social que o rodeia. Esse encorajamento do caráter é a base da solidão, do desamparo, do medo da responsabilidade, da angústia mística, do vazio espiritual, da contenção sexual, do conformismo social, assim como de uma resignação artificial e doentia. Os seres humanos têm adotado uma atitude hostil quanto ao que está vivo

dentro de si mesmos. Muitos engendram grilhões inquebrantáveis em suas mentes, tornando-se prisioneiros de si mesmos.

Estudando a couraça muscular repressora, Reich concluiu que ela está organizada em sete principais segmentos de armadura. Esses segmentos formam uma série de sete anéis mais ou menos horizontais, em ângulo reto com a espinha e o torso. Os principais segmentos da couraça estão centrados nos olhos, boca,

pescoço, tórax, diafragma, abdome e pelve.

A energia biológica orgônica deve fluir naturalmente por todo corpo, de cima a baixo, paralela à espinha.

Contudo, os anéis da couraça, colocando-se em ângulo reto com esse fluxo, o interrompem. Reich firma que não é por acaso que na cultura ocidental aprendemos a dizer “sim” movendo a cabeça para cima e para baixo, na direção do fluxo e energia do corpo, enquanto aprendemos a dizer “não” movendo a cabeça de um lado para o outro, na direção transversa da couraça. Assim a couraça acaba restringindo tanto o livre fluxo de energia como a livre expressão de emoções do indivíduo. O que começa inicialmente contra defesa contra sentimentos de tensão e ansiedade excessivos torna-se uma camisa de força física e emocional.

NOSSOS CORPOS E CHACRAS

Como umbandista, entendo que toda matéria vibra em

frequências variadas, a partir de um princípio eletromagnético, e tem a capacidade de interação. Nós, humanos, temos um fluxo energético no corpo físico relacionado aos fluxos energéticos de energia divina, cósmica e universal, celestial, galáctica, estelar, solar, planetária, humana e espiritual, todos interligados e interagindo.

A energia divina penetra em nosso ser imortal pelo cordão mental ou “Fio da Vida”, que vem do infinito e liga-se ao nosso mental superior - sede do todo espiritual - que, por sua vez, se une à mente humana.

No mental, trazemos nossa herança genética divina ancestral, e sua ligação ao cérebro sustenta nossa vida na carne pelos sete cordões virtuosos que nos alimentam com os dons originais. Quanto mais virtuosos forem nossos pensamentos, sentimentos e atitudes, mais se incorporam ao nosso todo espiritual, fortalecendo o cordão mental. Também somos portadores de um cordão ligado à energia cósmica, que pode ser neutralizado pelas energias virtuosas ou alimentado pelas energias negativas viciadas.

O mental ou núcleo da vida é formado no estágio original da vida. É o corpo elementar básico, com o código genético do ser, que irá alimentá-lo por todo o sempre e onde energias, positivas ou negativas, podem ser geradas por ele. Essas energias espalham-se, alcançando o todo espiritual. O corpo emocional, exteriormente, é incorporado ao mental no plano dual

da evolução. O campo perceptual e sensitivo é formado no estágio trienergético. Além desses, o ser recebe o revestimento chamado corpo plasmático, que acompanha o crescimento do corpo carnal. Ele é a aparência “externa” e a tela refletora do interior do ser, a aura, que poderá ser irradiante ou concentradora, conforme os sentimentos por ele vibrados.

Deus emana sua energia divina por meio de diferentes vórtices, os quais são responsáveis pelo surgimento dos fatores, das essências, dos elementos e das energias naturais que nos vivificam e nos mantêm vivos. Nossos corpos materiais vivem em permanente interação com o campo energético universal, dele assimilando energias de outras dimensões ou reinos energéticos, além das energias oriundas dos alimentos e da respiração. Essa troca é realizada por meio dos sete canais e dos chacras, que são pontos de força que funcionam como espécies de órgãos de ligação entre o físico denso e os demais corpos ou veículos sutis.

Os chacras, distribuídos por todo o nosso corpo energético, são tipos de vórtices espirituais, cuja finalidade é manter esse corpo energizado. Eles puxam energias novas para dentro do espírito em um padrão e irradiam os excessos e as energias já saturadas em outro padrão. Eles captam essas energias de outros reinos, que circulam e se distribuem em nosso organismo ou se acumulam neles próprios que as devolvem ao campo energético exterior. Esse

campo energético sutil é também chamado força vital, ou prana, e permeia, alimenta, organiza, comanda e vivifica o corpo físico.

A palavra prana é de origem sânscrita e significa a

“energia vital que envolve todas as coisas por fora e as preenche por dentro”; é invisível e intangível e tanto pode transformar-se em matéria quanto em energia.

Se as coisas fenecem e morrem é pela ausência do prana, e se crescem e se desenvolvem é por sua presença. O prana é convertido em energia por meio dos chacras, que a enviam aos órgãos internos, tecidos, nervos e vasos. Ele se movimenta pelo corpo humano, fluindo continuamente em quatro direções básicas: ascendente, descendente, entrando e saindo.

Por meio do prana fluem todos os fatores divinos que são absorvidos por nossos chacras, imantando os sentidos e despertando em nós os mais variados sentimentos, tanto positivos como negativos. A qualidade dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos também influencia o funcionamento dos chacras.

A energia etérea (axé), embora ainda não aceita pela ciência, é uma forma sutil

de energia que se encontra entre a matéria e o astral. Originalmente, cada um dos nossos chacras foi graduado para captar um padrão energético específico, dos mais densos aos mais sutis.

Quando submetidos a padrões diferentes ou opostos, os chacras podem se sobrecarregar, entupir, deformar

e até paralisar, deixando de alimentar o corpo espiritual do ser, provocando doenças e mau funcionamento dos seus órgãos biológicos. A exaustão energética pode expressar-se como fadiga, cansaço, estresse, tontura, dor de cabeça, azia, má digestão, dispersão e outros desequilíbrios.

A função dos vórtices energéticos em nosso espírito é indispensável, pois está relacionada à manutenção do nosso bem-estar e saúde, energizando-nos com os vários padrões energéticos elementares e com um padrão energético divino, de dentro para fora, que tanto sustenta o equilíbrio interno do espírito quanto vivifica continuamente o corpo biológico. O corpo se mantém

saudável quando a movimentação dessa energia está em equilíbrio. Esses vórtices são parte integrante do nosso ser imortal, são fundamentais para o equilíbrio energético do espírito e não desaparecem após o desencarne.

Reich, embora cientista e materialista, vislumbrou a energia etérea (axé), denominando-a de energia orgônica, e estabeleceu um sistema terapêutico para irradiá-la aos seres carentes dela por meio de aparelhos (orgonômetros) e práticas de rompimento das couraças corporais. Reich foi um visionário, pontuando a importância vital da energia orgônica

para o ser humano, e tentou irradiá-la aos pacientes por meio dos acumuladores por ele inventados. O

orgonômetro, ou caixa orgônica de Reich, pode ser utilizado associado a outros recursos como as pirâmides, cristais, mosaicos e demais captadores de energia orgônica, elevando seu potencial e obtendo-se curas mais rápidas.

A energia orgônica, absorvida por todos os organismos e responsável pelo movimento de contração e expansão de todos os seres vivos, flui através dos organismos, cria um campo em torno deles e pode ser transmitida de um organismo para o outro (entre seres humanos pela imposição das mãos, por exemplo), para a quebra e desarticulação dessas couraças, muitas vezes impostas pela ação de seres negativos que atuam contra a pessoa, pelo meio, pela educação errônea ou pressão social. O ser pode acabar criando não apenas couraças contra sua verdadeira personalidade, mas também máscaras sociais que o transformam em um pobre ator que representa um triste papel, que o desvia de sua verdadeira essência.

Na Umbanda, entendemos que essa energia orgônica, nosso axé, não se irradia por intermédio de aparelhos miraculosos, mas com os passes e imantações oferecidos por nossos Guias Espirituais e Orixás. A Umbanda, como todas as tradições espiritualistas, imanta-se dessa poderosa e positiva força vital que, segundo Reich, desarticulava toda psicopatologia

humana. As couraças reichianas vão além das tensões corporais materiais. Muitas vezes, são causadas por cordões astrais, entrelaçados no consulente por seres trevosos e obsessores que aprisionam seu corpo e alma, sendo desatados e cortados nos precisos procedimentos dos nossos queridos Guias. Essas amarras não apenas travam o corpo, a alegria e a sensualidade do vitimado, como também sua própria vida.

Cada pessoa tem em seu mental, além dos sete círculos ao redor do ori, outros sete círculos internos, em sintonia vibratória entre si. Se há desequilíbrio interno, por maus pensamentos, sentimentos ou sobrecargas negativas de seu magnetismo mental, esses círculos externos se apagam e vão puxando as energias negativas para dentro do ori, acentuando o desequilíbrio interno da pessoa. Também puxam para seu campo mediúnico espíritos desequilibrados, que vibram na mesma frequência, podendo até obstruir totalmente esse campo.

Nosso espírito ainda possui sete círculos ao seu redor, desde a linha do chakra coronal, sucessivamente nas linhas dos demais chakras principais, que mantêm correspondência absoluta com os sete círculos mentais, com os sete círculos ao redor do espírito e com os demais mistérios. Esses círculos também podem ser afetados e negativados por trabalhos de magia negra que

farão a pessoa sofrer, sentindo o que lhe transmitem os espíritos retidos nesses campos. Se essa pessoa for médium, terá dificuldade para incorporar seus Guias, podendo afastar-se do Templo que frequenta, dificultando ainda mais sua recuperação.

A terapia realizada nos Templos de Umbanda é um importante passo para a limpeza e purificação do campo mediúnico, por meio dos procedimentos realizados pelos Guias Espirituais, reequilibrando e realinhando a pessoa com a Criação, com suas regências divinas e com suas forças naturais e espirituais, devolvendo-lhe o reequilíbrio interno e externo. Essa proposta não é só para os vivos, mas também para os desencarnados, por meio do realinhamento de seus perispíritos. Terapeutas

“neorreichianos umbandistas” aliam as revolucionárias teorias de Reich à poderosa terapia espiritual umbandista.

Os sentimentos negativos que o ser vibra são tão fortes que podem corroer o corpo espiritual ou atrair para ele tantas cracas, miasmas, crostas, ovoides e criaturas parasitas que dele se alimentam. Também podem ter suas energias sugadas pelos cordões. Os Guias Espirituais, com seus passes energéticos e magnéticos, começam a limpeza espiritual dos consulentes a partir de seus mentais, sedes da vida ou corpos elementais básicos, os primeiros corpos a ser formados, denominados de ovoides na literatura

espírita, e os regeneram até os corpos plasmáticos.

Vão purificando as pessoas de dentro para fora (religiosamente) e de fora para dentro (magisticamente), de acordo com seus merecimentos diante da Lei Maior e da Justiça Divina, recalibrando suas próprias vibrações, reordenando seus campos vibratórios, corpos internos, seu magnetismo mental, transmutando, neutralizando ou removendo de dentro do espírito do ser todas as sobrecargas que não lhe pertencem, limpando a contraparte etérica ou corpo energético, cortando cordões negativos, desobstruindo e realinhando os chakras, quebrando demandas, etc.

Equilibram energeticamente e alinham os chakras dos médiuns e dos consulentes, imantando-os com axé.

1

Ver páginas 66 a 68.

2

Com base no livro O Poder Terapêutico dos Orixás e a Filiação Divina, de 1 -^s Campos Vieira e Alberto Marsicano, publicado pela Madras Editora.

XXI - ASPECTOS TERAPÊUTICOS DAS

GIRAS DE UMRANDA

“É curando as feridas dos outros que cicatrizamos as nossas”

Vovó Benta - Causos de Umbanda

A Umbanda tem como objetivo aperfeiçoar o espírito que está em constante evolução, seja ele um Guia Espiritual, médium ou frequentador e consulente do Templo. É a religião fiel depositária dos antigos cultos realizados na natureza e seus rituais religiosos são sustentados pelos Tronos Naturais, nossos amados Orixás, os Senhores da Natureza.

Invariavelmente, todos nós adquirimos vícios desde a infância, quando ainda não tínhamos a noção de responsabilidade sobre o que é certo e errado.

Crescemos e continuamos a repetir atos e apresentando reações semelhantes às de uma criança de cinco anos com todas as suas manias e manhas naturais desse período da infância. A transformação íntima é necessária.

O ser humano é afetado basicamente por fatores psicológicos, orgânicos e espirituais. Deve procurar médicos, para resolver as causas orgânicas, e psicanalistas para as causas psicológicas. Caso não se constatem irregularidades do corpo e da mente e os problemas de instabilidade emocional, ansiedade, angústia, desânimo, emoções descontroladas e similares ainda persistam, deve-se buscar a orientação e ajuda dos Guias Espirituais umbandistas.

Tudo tem função na Criação Divina, que é infinita em todos os sentidos, e nós, espíritos humanos, estamos ligados mentalmente com cada dimensão da vida, com outros seres e espécies. Essas ligações não podem ser

rompidas, uma vez que nos dão amparo na Criação e nos impulsionam a viver de forma harmônica com esses outros seres e

espécies; no corpo divino somos apenas uma “célula”, uma consciência e só. Ligações equilibradas nos beneficiam e ligações desequilibradas nos prejudicam.

Certos desvios de personalidade tratados pelas ciências médicas, como as alterações de humor, os fanatismos, os comportamentos antissociais, podem estar relacionados a desequilíbrios com os seres na outra ponta das nossas ligações mentais, espirituais e conscienciais. Os seres encantados, por exemplo, como os Erês e os Mirins, são portadores de poderes excepcionais e, se forem doutrinados de forma correta, muito podem nos auxiliar.

Desequilíbrios com os encantados da direita, englobados no arquétipo Erês (Crianças), geram transformações em nossa consciência e em nossos comportamentos; os desequilíbrios com os seres encantados da esquerda, englobados no arquétipo Mirins, geram alterações comportamentais, conscienciais e emocionais de humor e de caráter tão intensas que o ser regride e se fecha em si mesmo.

Ao nos desequilibrarmos com um deles ou com ambos, tornamos-nos taciturnos, melancólicos, casmurros, irritados, macambúzios, cabisbaixos, isolacionistas, sem iniciativa e criatividade, ou seja, velhos e sem ânimo para nada. Então, alguns negativismos afloram

em nós, como intolerância com crianças, avareza, mesquinhez, egoísmo, irritabilidade à flor da pele, incapacidade de raciocinar e de aceitar coisas novas e outros. Já na situação contrária, com Exu-Mirim e os Erês em equilíbrio conosco, somos alegres, dispostos, de bom humor, falantes e sonhadores.

No funcionamento dos Templos umbandistas, os sofrimentos e os valores individualistas e materiais dos médiuns e dos fiéis em geral são redimensionados e contrapostos com valores espirituais de respeito, amor, compreensão e cooperação com os irmãos encarnados e desencarnados.

Essa mudança exige iniciativa e esforços próprios, para o desenvolvimento de qualidades interiores, pois os Guias não podem interferir em nosso livre-arbítrio.

É importante alcançarmos o autoco-nhecimento e entendermos o que há de errado conosco e não com os outros.

Ter saúde e manter-se saudável é questão de Fé e de cumprimento das Leis Divinas; é ter respeito e amor ao próximo e a si mesmo, elevar os pensamentos e equilibrar as emoções, contentando-se com aquilo que foi

projetado por Pai Olorum e pelas divindades para nos pertencer. É encontrarmos e seguirmos o caminho para o alto. Para eliminar as negatividades interiores é preciso a transformação total do ser: mental, emocional, espiritual e consciencial, para que não haja

consequências perante a Lei Divina, por condutas inadequadas. Os seres humanos precisam autoconhecer-se, para lidar com seus traumas, dores, vícios e dificuldades, especialmente os médiuns, que, antes de esperar que seus Guias Espirituais façam pelas outras pessoas, devem aplicar os imensos recursos que a Umbanda proporciona para si mesmos, para suas vidas.

A SUTIL TRANSFORMAÇÃO ÍNTIMA DO

MÉDIUM

Em uma corrente espiritual de Umbanda, o médium é o importante elo de comunicação entre o plano material e o espiritual, sob irradiação direta dos Orixás, dos quais ele recebe amparo e direção, mesmo que sua mediunidade de incorporação demore a aflorar. Desenvolver a mediunidade significa passar por um aprendizado, por uma conscientização, para desobstruir as faculdades mediúnicas dos escolhos religiosos, dos tabus, dogmas e medos, e elevar-se espiritualmente, portando valores úteis e bons para oferecer ao próximo. A mediunidade em geral tem eclodido para colaborar na luta contra a carga magnética inferior planetária, para a cooperação espiritual na redenção dos irmãos desencarnados, confortando os sofredores, comovendo os obsessores e orientando os irmãos confusos.

Todo médium, iniciante ou não, jamais deverá

dispensar o estudo teológico, instruindo-se sempre, para ter segurança, evitar dissabores e não ser vítima de ciladas de espíritos ardilosos, especializados em explorar a presunção. Médiuns disciplinados e doutrinados não abrem portas para quiumbas e outros seres trevosos que se fazem passar por Guias Espirituais. Caso contrário, pode ocorrer a possessão ou incorporação sem permissão.

Organizações trevosas buscam nas organizações religiosas e em outras associações brechas morais e seres propensos à fascinação. Agem sutilmente, minando as resistências morais de grupos inteiros, especialmente dos grupos ligados à espiritualidade, dificultando os tratamentos, pois não é possível mudar rapidamente o nível evolutivo de várias pessoas.

Na incorporação dos Guias Espirituais, consciente ou semiconsciente, o médium sempre dá a autorização para o contato. Se a entidade é de Umbanda, a autorização já está dada no astral, pois ela conhece o médium que, mesmo sem saber, tem relação afetiva com seus Guias Espirituais. Ele já sabia que tinha essa missão de médium, antes de reen-carnar. Os Guias Espirituais não vêm para prejudicar o médium, mas para trabalhar de acordo com a rígida ética espiritual.

Desenvolver a mediunidade implica muita responsabilidade, pois abrir o próprio campo energético exige dedicação, amor, paciência, perseverança, modéstia e flexibilidade, e isso devemos

sempre agradecer, de coração, ao Pai Maior. O fazer por fazer, sem colocar o coração no trabalho de auxílio, é desgaste desnecessário para o médium.

O trabalho espiritual não é tarefa fácil. Não é possível a realização de um desenvolvimento adequado sem compromisso, responsabilidade, força de vontade inquebrantável, muita fibra, paciência e grande dose de generosidade. Os fracos de vontade, impacientes, fortes de orgulho, levianos e pequenos de

coração desviam-se facilmente da senda luminosa, atraídos pelas seduções do meio material e pelos assédios do mundo espiritual negativo. Chegam, até mesmo, a renegar o caminho da espiritualidade.

Mediunidade não é provação purgatória nem punição.

É uma bênção, uma provação divina concedida ao espírito no momento em que reencarna. Se bem desenvolvida, é um eficiente recurso facultado pela Lei para resgatar carmas, acelerar a evolução espiritual, harmonizar o ser com suas ligações ancestrais, aprimorar a personalidade e realizar a transformação íntima.

Entender o processo mediúnico umbandista é fundamental para que o médium perca seus medos, preconceitos e tabus e entenda o que o diferencia dos médiuns de outras religiões. Mediunidade não é passatempo nem satisfação de egos, vaidades e caprichos. Se bem conduzida e com amor verdadeiro e desinteressado, faz parte de um vasto campo de

serviço de redenção de irmãos encarnados e desencarnados, pois sua influência não se limita às sessões em um Templo. Muitas vezes, sob a intuição de um Guia Espiritual, damos conselhos sensatos aos nossos irmãos, que podem mudar os rumos de sua vida e até de famílias inteiras.

O desenvolvimento é necessário ao médium, mas, fundamentalmente, é preciso que ele depure seus negativismos, posturas, emotividade e consciência, para não ser uma pessoa intolerante, vaidosa, frustrada ou mesmo desesperançada, em uma corrente mediúnica. Alterar a consciência e sedimentar a fé em conceitos superiores sobre o universo divino, em nossos regentes e nos regentes das entidades que nos dão sustentação, são indispensáveis ao exercício da mediunidade. Muitos titubeiam e abandonam o desenvolvimento e os estudos espirituais, pois seus egos exacerbados, sua arrogância e inércia não suportam as

provas dos caminhos. Além disso, falta-lhes humildade para o reconhecimento de seus passos tortuosos e de suas atitudes irracionais e intempestivas.

Há médiuns que, por falta de consciência, egos e orgulhos exacerbados, negativam seus Guias ao realizar trabalhos de baixas magias contra desafetos ou pedidos pagos por consulentes desequilibrados. Há Orixás individuais e Guias Espirituais que perderam a luz, estão ne-gativados e sofrem com isso; só são

purificados quando as forças dos médiuns são recolhidas e substituídas por espíritos afins com a frequência vibratória, emocional e consciencial deles.

A partir da ciência de sua mediunidade e do compromisso de colocá-la a serviço da espiritualidade, o médium deverá conscientizar-se da própria necessidade de melhorar comportamentos e atitudes no dia a dia, que automaticamente refletirão de modo positivo nos trabalhos que realizará no templo e em sua vida como um todo. Quando alguém assume o grau de médium, dele é exigido que purifique seu íntimo, reformule seus antigos conceitos a respeito da religiosidade e se porte dignamente, de acordo com o que dele esperam os Orixás sagrados, que o ampararão daí em diante.

A transformação interior é o caminho correto da vida, o caminho da retidão, o caminho da fé e da vontade, o caminho da luz; a prática religiosa deverá ser um ato sagrado o tempo todo, levando a simplicidade da vida para dentro do coração e tornando sagrado nosso mundo, nossas ações, nossos momentos. É preciso purificar o corpo físico e o coração, buscando nossa verdadeira essência, a verdadeira natureza e identidade, a cada momento, expressando isso na criação de um mundo melhor.

Para a purificação do corpo é preciso um comportamento limpo, claro e aberto, dar carinho e servir aos outros, fazendo de nós um modelo a ser

seguido. Significa não ir à busca do prazer e da gula, não falar palavras

fúteis, desrespeitosas ou sobre os erros dos outros; não promover discórdias, mas incentivar as pessoas a fazerem as coisas certas; falar palavras reconciliadoras; ser educado, amoroso, suave, delicado, afável e benevolente; não falar alto e grosseiramente.

A purificação do coração, como fonte da consciência do ser humano, ocorre com a preservação do pensamento limpo e sem defeito. Para isso, devemos desenvolver sinceridade, respeito, humildade, gratidão, harmonia, contentamento, misericórdia, compaixão, abnegação e perdão; no entanto, sem aplacar o sentimento de revolta contra as injustiças e a miséria. O sentido da vida está em ajudarmos no equilíbrio de nossos semelhantes, sem nos anular para servir ao outro, pois se nos diminuirmos muito não prestaremos ou serviremos para nada.

Aqueles que se tornaram conhecedores da Lei e já conquistaram seu equilíbrio buscam a essência do Criador nas coisas mais simples; sacrificam-se pelos semelhantes, sem nada esperar em troca; preocupam-se em não depredar a natureza; integram-se por inteiro ao Ancestral, sabendo que tudo é parte do mesmo corpo de Olorum. A nós, umbandistas, cabe purificarmos nosso íntimo, renovarmos nossa religiosidade e a fé nos sagrados Orixás, no nosso

meio humano, sofrido e desencantado com tantas injustiças sociais e religiões comprometidas com esse estado de coisas.

O espírito que vem com o compromisso da mediunidade de Umbanda, na preparação de sua reencarnação, recebe nos seus chacras um complemento de

energia vital eletromagnética. Isso permitirá aos Guias atuarem mais intensamente na região dos plexos, facilitando-lhes o domínio do corpo físico do médium e possibilitando-lhes assumir suas principais características gestuais e de linguagem.

Esse complemento energético é fundamental também para que o médium umbandista possa suportar as difíceis tarefas de embate com os espíritos do astral inferior, o chamado submundo astral. Os médiuns, mesmo após um dia de trabalho, não sentem cansaço físico, pois se reenergizam com as irradiações benéficas dos Guias Espirituais.

Na incorporação, é necessário o esforço de concentração do médium e do espírito, para que a rotação dos chacras de ambos atinja uma velocidade próxima e aconteça a sintonia necessária para a percepção correta dos

pensamentos e desejos do outro. No decorrer do tempo, com o desenvolvimento das incorporações, silenciosa e sutilmente, o médium vai modificando seu íntimo e sua personalidade vai sendo aprimorada no contato com os Guias Espirituais.

Há uma grande responsabilidade do médium de incorporação em passar as mensagens do Guia para os consulentes e muitos não se dão conta disso. O

consultante aguarda por soluções imediatas ou orientações sábias, ao entregar seus problemas, muitas vezes bastante sérios, aos Guias Espirituais. O

médium é o canal de comunicação e deve estar com a vibração positiva para receber as mensagens do Guia com exatidão. Quando isso não ocorre, poderá intervir inadequadamente e comprometer os resultados.

O médium incorporante ou “cavalo” de Umbanda lida com várias incorporações diferentes, tornando-se um canal amplo. Ele é o ponto de apoio das entidades que se manifestam nas Linhas de Trabalho e Ação, como os Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, Exus e outros, em sua luta ferrenha contra poderosos agrupamentos e falanges do astral negativo. O trabalho continuado de incorporação dos Guias Espirituais de diferentes linhas permite que o médium agregue à sua personalidade diversos princípios arquetípicos, desenvolvendo ou aprimorando características que, com o tempo, fluirão naturalmente, iluminando cada vez mais seu ser.

Pouco a pouco, o médium umbandista adquire uma consciência planetária, pois em sua mente se entrelaçam as mais diversas influências étnicas de seus Guias: indígenas, africanas, orientais e ciganas, dentre outras. Esse entrelace não ocorre apenas na

diversidade geográfica, mas também na temporal.

Guias que aqui viveram em diferentes lugares e épocas, como o Egito dos faraós, a Roma antiga e outros, chegam até nós pelos caminhos sincrônicos do mundo espiritual. Essa consciência planetária pontifica a amplidão de consciência que deve ter o médium umbandista, que assimila de seus Guias a bravura e impavidez do indígena brasileiro, a resignação e simplicidade do Preto-Velho africano, a sabedoria dos mestres do Oriente, a ginga e alegria dos Baianos, dentre outros. Dessa forma, não há lugar para preconceitos e discriminações.

Com os Caboclos, o médium aprende rigor, ordem, disciplina, eficiência; aprende a ser forte, simples, justo, discreto, corajoso, a falar somente o necessário, a priorizar o que é realmente importante. Além disso, aprende a trabalhar com ervas e pedras, quebrar demandas e conhecer sua força e poder para suportar as provas. “Assim, cada Caboclo vai aos poucos moldando a

energia do seu médium, tornando-o disciplinado, atento à ritualística, ao companheirismo, aos seus irmãos que sofrem, e suportando em si muitas vezes as dores do outro. Aprende a resignação, quando recebe os ataques em decorrência do seu trabalho mediúnico; aprende que, ao suportar as aflições sem reclamar dos Guias, está fortalecendo seu íntimo, criando uma estrutura psíquica forte em si, com capacidade de se relacionar com os adventos da

vida de forma harmoniosa” (José Antônio de Souza -

“Psicologia e Umbanda” - Jornal de Umbanda Sagrada - jul. 2009).

Com a contínua incorporação dos Pretos-Velhos, o médium vai desenvolvendo ou aprimorando características relacionadas à amorosidade, como a calma, a paciência, a humildade, a bondade, o carinho, a compreensão e o amor, até que elas fluam naturalmente de si. O médium assimila das incorporações de Crianças a pureza, a doçura, a gentileza e o amor cada vez maior às divindades e ao Pai Criador. A descontração dos Baianos ensina a encarar as adversidades da vida e usar a magia com alegria, flexibilidade e brincadeira sadia. Libera a alegria interna e a descontração do médium introspectivo e estimula a flexibilidade e a alegria do amparo ao próximo e da transmutação da tristeza do outro, nos médiuns já descontraídos. A incorporação de espíritos Crianças, além da alegria, muito ajuda na evolução moral dos médiuns, pois eles nos ensinam a importância da pureza e não admitem a mentira nem a maldade.

Com os Boiadeiros, o médium aprende a caminhar pelo mundo em direção à luz, lidando com as adversidades da vida com força e dignidade, sendo um bom e audacioso combatente. Os Ciganos, com seus encantamentos, magias e musicalidade desenvolvem no médium a suavidade, a apreciação da beleza, o

envolvimento e paixão pela vida, a intuição e a cura.

O médium é estimulado no caminho da iniciação, da ascensão espiritual, da meditação e dos estudos pelos Guias que se manifestam na Linha do Oriente.

Os Marinheiros aprimoram nos médiuns a capacidade de sentir as dores alheias, melhorar o relacionamento com seus irmãos, equilibrar seus emocionais e mergulhar nas emoções mais íntimas, para desbloquear, liberar e diluir os vícios e excessos.

Os Guias da esquerda, Exu, Pombagira, Exu- Mirim e Pombagira-Mirim, mostram aquilo que também precisa ser trabalhado no médium e está escondido -

seu lado sombra -, espelhando suas qualidades e defeitos.

Em uma corrente de trabalho, todos são igualmente importantes, desde os iniciantes até os mais antigos.

Todos são elos da corrente mediúnica que devem sempre estar concentrados, em silêncio e sem brincadeiras, respeitando-se como irmãos e companheiros. Embora com funções diferentes, todos devem se apoiar, sempre que necessário.

Tudo isso lembrando que, com o tempo, o médium vai se tornando tolerante, compreensivo, acolhedor de todos, sem preconceitos e discriminações.

Médium de Umbanda! Confie em nossa maravilhosa religião, eleve seu padrão

mental e energético, faça sua transformação íntima e cultive suas virtudes. Dê atenção à sua higiene física, moral e espiritual, para o

bom desempenho de suas tarefas, e lembre-se de que a manifestação espiritual tem lugar e hora para acontecer. Integre-se a uma casa de confiança, estruturada no amor ao Divino Criador e aos Sagrados Orixás, e estude sempre.

BENEFÍCIOS PARA O CONSULENTE

A evolução é uma faculdade inerente a nós, seres espirituais, desde o momento de nossa criação. É uma árdua caminhada, em que é necessário nos colocarmos frente a frente com a realidade, reconhecendo nossos erros e defeitos, aceitando-nos como somos e conscientizando-nos de que viemos a este mundo para melhorar sempre. Isso exige grande esforço pessoal, para que vençamos as más tendências, adquiridas no decorrer de nossas várias encarnações. Consiste em conhecer-nos, para que possamos conhecer o mundo divino. Essas más tendências são verdadeiras portas de acesso para a atuação de seres espirituais ainda desvirtuados e presos à ilusão, que se comprazem no mal, na luxúria, no vício e nas paixões desenfreadas.

Os que assim se comportam serão sempre procurados por seres afins a essas

práticas, que por meio de correntes mentais os incentivam a beberem mais, fumarem mais e se afundarem cada vez mais em suas fraquezas. A sintonia entre o encarnado e o desencarnado, na maioria das vezes, toma vulto tão grande que a

simbiose transforma-se em obsessão, ou mesmo possessão.

Muitas vezes a pessoa está sofrendo porque é má, ruim, e está recebendo da Lei o que merece.

Blasfemadores são punidos pela Lei. Há pessoas que são tão más e já blasfemaram tanto, que nem imaginam o que ativaram contra si mesmas; os cobradores estão à sua espera. Para tais pessoas os tratamentos espirituais podem não ter êxito enquanto não pedirem perdão pelos seus erros, blasfêmias e desequilíbrios nem mudarem seus comportamentos.

Tais pessoas, com certeza, são as mais necessitadas de auxílio, para mudar seus estados interiores, renovando seus conceitos íntimos e direcionando suas religiosidades.

Pessoas desequilibradas e descontroladas em suas emoções e sentimentos se verão escravas de sua parte negativa e cada vez mais se envolverão no ódio, no orgulho, na inveja, no egoísmo, no ciúme e na incerteza de sua personalidade. Por sintonia, atrairão para si seres que se afinizam com tais sensações e um sempre se alimentará do outro, em um vampirismo mútuo. O desencarnado precisa de sensações e o encarnado de vontades, pois já está tão comprometido com os negativismos que seu campo mental-emotivo já não possui autonomia, necessitando sempre receber ordens da mente desencarnada que passa a comandá-lo até mesmo durante o sono.

A terapêutica umbandista dos Guias Espirituais, por meio das suas Linhas de Trabalho e Ação, tem uma força excepcional no reequilíbrio das pessoas, pois esses Guias, atuando sob a irradiação dos seus regentes Orixás, buscam reconduzir o consulente de volta à sua linha de origem, de volta à irradiação direta dos seus regentes ancestrais. Para isso, juntamente com sua extensa gama de rituais e de práticas magís-ticas realizadas com simplicidade, e com uma forma de comunicação simples e objetiva, consolam suas aflições, instruem,

esclarecem dúvidas e devolvem a confiança aos descrentes.

Na Umbanda, durante os trabalhos dos Guias Espirituais, dos seus tratamentos desbloqueadores e de limpezas energéticas, convivemos com uma grande profusão de terapêuticas, com diferentes elementos e ferramentas utilizados por eles. Mas contamos, principalmente, com as sábias e

amorosas orientações dessas maravilhosas entidades espirituais, conhecedoras dos caminhos da evolução, com seus ensinamentos que nos possibilitam um mergulho no inconsciente, para buscarmos insi-ghts e crescimento pessoal, para a paulatina transformação dos nossos comportamentos.

“Atualmente, no mundo conturbado em que vivemos, o alento de uma conversa, de um aperto de mão ou de uma reza, às vezes, substitui um remédio na vida das pessoas. Essas pessoas estão doentes, nem tanto

fisicamente, mas emocionalmente. Carências afloram e, por vezes, destrambelham-se; ressonâncias são armazenadas nos porões do inconsciente e, por ungrir a evolução dos espíritos terrenos, são acionadas por mecanismos desconhecidos pela ciência humana.

Doenças modernas como depressão e síndrome do pânico despertam a procura por anti' qualquer coisa ou anti' tudo; essa é a receita comprada na farmácia que pode acalmar a somatização física, mas que não consegue curar o que está latente no íntimo das almas. É nesse incrível mundo moderno que os profissionais do psiquismo humano deveriam atuar com mais proveito, se conhecessem o espírito imortal ou admitissem sua existência, bem como das múltiplas existências carnis a que esse espírito está sujeito. Na falta desse entendimento, medicam Na terapia da Umbanda, o paciente é tratado em seus três aspectos básicos: o emocional, o espiritual e o físico-energético, que, na

presente obra, associamos, respectivamente, aos métodos de Freud, Jung e Reich. Uma grande parte dos trabalhos realizados pelas entidades espirituais nos Templos de Umbanda tem como finalidade reequilibrar o mental das pessoas, cujas psiques estão emocionalmente abaladas por patologias

mentais, adquiridas ao alimentarem sentimentos negativos e se colocarem em sintonia com ondas vibratórias negativas afins.

Esses Guias Espirituais bondosos ligam a elas ondas vibratórias positivas que as auxiliarão no trato de suas patologias psíquicas, realizando curas consideradas impossíveis pela medicina tradicional. Para isso, utilizam objetos materiais que chamamos de

“ferramentas da Umbanda”, consagrados e potencializados nos pontos de força da natureza, ligados aos Orixás.

Também lançam mão dos pedidos de oferendas para determinadas divindades, cujos elementos materiais têm seus princípios ativos divinizados por elas e utilizados no benefício dos ofertantes. Os princípios ativos mágicos das plantas, dos cristais e dos demais elementos são capacidades inerentes a esses materiais de atuarem ener-geticamente sobre nosso corpo espiritual, beneficiando-nos de alguma forma.

Muitos buscam na Umbanda a cura para seus espíritos enfraquecidos nas lutas diárias e muitos encontram nela uma via natural em que se ligam espiritualmente com seres elevados do plano astral. Esse re-ligamento pode acelerar a evolução espiritual de tal forma que, após alguns anos, o umbandista possua uma noção muito ampla do que seja o outro lado da vida.

Umbanda é religião, conhecimento, magia e espiritualização, animados pela fé interior de cada um.

O socorro espiritual deve conviver com o despertar da consciência para as verdades maiores. O verdadeiro sentido da Umbanda é acelerar a evolução espiritual e

o aperfeiçoamento consciencial e religioso dos seus praticantes, religando-os ao Criador.

Quando vamos ao Templo de Umbanda, devemos rezar, cantar, tomar passes, ouvir e seguir as orientações das entidades e pedir lucidez, para conseguirmos perceber saídas para os nossos problemas pessoais. Devemos pedir lucidez, para renovarmos nossas energias e acessarmos melhor a sabedoria divina, que nos indicará o que precisamos modificar em nós, para que solucionemos os problemas de forma harmoniosa. A cura é possível, pois Deus está sempre pronto a nos ajudar, mas o caminho espiritual exige muito mais de nós. Exige que sejamos responsáveis pelos nossos atos, que desenvolvamos nossa consciência individual e também uma nova visão das casas espirituais, entendendo que as entidades deverão estar disponíveis para os verdadeiros compromissos e necessidades.

Os Guias precisam estar liberados para resolver assuntos graves, situações já muito materializadas, como doenças, drogas, vícios e atitudes estranhas, que necessitam de ações mais diretas. Devem ser priorizados, também, para ajudar a resolver casos de distúrbios que surgem da noite para o dia, sem explicações evidentes. Assuntos corriqueiros, como desavenças pessoais com vizinhos, namorados, filhos e parceiros, não são assuntos para ser resolvidos pelos Guias Espirituais. Eles podem ser resolvidos pelos

próprios atendentes, em uma triagem e em um trabalho de passe energético ou, de preferência, pelo próprio consulente.

Tudo isso, sem falar nas pessoas com as vidas atrapalhadas, tristes, doentes, desempregadas, sem equilíbrio e desesperançadas que vão aos terreiros, são atendidas pelas entidades, equilibram-se, melhoram, passam por grandes transformações e simplesmente deixam de lado suas conquistas nos Templos de Umbanda e voltam a viver uma vida de egocentrismo, imaturidade e ilusão. A espiritualidade trabalha para um novo momento na vida dos fiéis e necessita que nos desenvolvamos, para atuar com maior eficácia em nossas vidas. Não existem “vítimas” no plano espiritual. Somos responsáveis por nossos atos e pelo que atraímos para nossas vidas.

Os consulentes, no decorrer do tempo e das consultas, entram em contato com uma grande gama de Guias Espirituais, das diferentes Linhas de Trabalho. Assim, confiando e amando as entidades, também vão perdendo preconceitos e diluindo discriminações.

Passam a identificar-se naturalmente com os ritos e práticas de Umbanda, a entendê-los e beneficiar-se dos poderes dos Orixás.

XXII -

UMBANDA:

A

TERAPÊUTICA

SOCIAL CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

“Temos na Umbanda qualidades muito positivas para

o ser humano, porque é uma religião espiritualista; ela atrai as pessoas pelo espírito e não pelo comportamento humano.”

Os Guias Espirituais tiveram sua formação nas mais diversas sociedades, culturas e religiões e são recebidos e aceitos na Umbanda, em suas Linhas de Trabalho, reunidos por afinidades mentais, conscienciais e espirituais. Por isso, jamais falam contra outras religiões e rituais, pois consideram que todas são caminhos evolutivos para o Criador.

Diferentemente da maioria das religiões, que não ensinam seus praticantes a ajudar o próximo, o umbandista, na matéria ou em espírito, é regido pela Lei da Fraternidade Universal; deve respeitar todas as religiões de maneira fraterna e procurar auxiliar a todos que procuram seus Templos e a espiritualidade, como lenitivos para seus sofrimentos. O ciclo reencarnacionista é aprendizado e aperfeiçoamento; é mais uma via de evolução para vidas futuras e, tal como nossos Pretos-Velhos, Marinheiros, Baianos, Caboclos e outros, somos espíritos eternos e imortais.

Com os Guias Espirituais espalhados pelas Linhas de Trabalho os umbandistas aprendem, dentre tantas outras coisas, a reverenciar toda a Criação Divina, a fazer a caridade sem limites e sem preços, a ter humildade, a lutar contra as forças das trevas; aprendem a não falar de outras religiões e rituais,

respeitando sua maneira de se unir ao sagrado; aprendem a não ter preconceitos e não exigir que os atendidos se convertam à Umbanda.

Os conflitos e tensões psicológicas das pessoas também são permeados pela cultura e pela tradição do povo, ou seja, são, em última instância, de natureza social e histórica. A Umbanda pode contribuir muito para que os consulentes encontrem seu desenvolvimento pessoal, sua autorrealização e sua paz interior. Cari Jung afirmava que o homem é essencialmente um ser religioso, premissa que, na sociedade atual, desvitalizada do simbolismo religioso convencional, pelo colapso da família, deixa claro o vazio imenso no centro do nosso ser. Esse vazio, criado pela ausência da fé, o ser busca preencher pelo desejo insaciável de prosperidade, de poder, vaidade e consumismo desenfreado. Nesse subterfúgio para tentar ativar a autoestima, quanto mais se consome, maior é o vazio da alma e maior a infelicidade. A vida material tem sua importância como via evolutiva, mas é passageira e não tem nenhum sentido sem a vida espiritual.

A Umbanda foi fundada “justamente para acolher em seu seio todos os espíritos e as pessoas excluídas, as minorias, os segregados, os rejeitados, os menos favorecidos e também os mais abnegados trabalhadores dos dois lados da vida, uma vez que a Umbanda acolhe, com amor e respeito, tanto os

espíritos quanto as pessoas que querem uma oportunidade para poder evoluir por meio da mediunidade” (Rubens Saraceni - Fundamentos Doutrinários de Umbanda).

Além dos tratamentos realizados pelos Guias Espirituais, existe um universo oculto nos terreiros de Umbanda, nas Linhas de Trabalho dos Caboclos, dos Pretos-Velhos, dos Baianos, dos Boiadeiros, dos Marinheiros, dos Erês, Exus, Pombagiras, Exu-Mirim e outras e nos mistérios dominados por esses Guias Espirituais. Enquanto em vários países a sociedade em geral discrimina irmãos, a

Umbanda prestigia e homenageia a todos, abrindo seus braços para que espíritos afiniza-dos com sua religiosidade, cultura e Linhas de Trabalho possam atender todas as pessoas necessitadas de ajuda espiritual que procuram os Templos Umbandistas.

Rubens Saraceni nos ensina que, mais que qualquer outra ação antirracista, a Umbanda, com seus Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, Marinheiros, Boiadeiros, Ciganos e outros, despertou o respeito e o amor pelos espíritos de índios, ex-escravos, mamelucos e cafuzos, e, no lado material, irmanou no terreiro brancos, negros e mestiços.

“Que critique os Guias Espirituais da Umbanda quem foi modelado pela intolerância religiosa e cultural das outras religiões. Somos espíritos encarnados, e o branco de hoje pode ter sido o negro ou o índio de

ontem... e vice-versa. No terreiro de Umbanda Guias Espirituais são chamados de pais e de mães e seus frequentadores são chamados de filhos e, ali, sentem-se irmãos, todos filhos de um mesmo e único Deus!

Em um século a Umbanda silenciosamente já fez mais pela integração racial, cultural e religiosa brasileira do que a maioria dos ativistas nessa área XXIII -
UMBANDA: RELIGIÃO PARA

O FUTURO?

Dentre as várias finalidades da Umbanda, destacamos o desenvolvimento do humanismo como fator acelerador da evolução espiritual e como preparatório de funções importantíssimas junto às divindades naturais. O humanismo é a via da

vida como forma de ascensão às esferas superiores, propagando somente valores universais, ou seja, valores que se adaptam a todos, indistintamente; válidos para todo o planeta, para todas as culturas, que se aplicam a qualquer grupo social ou racial, independentemente de seu credo religioso ou do sistema político-econômico vigente.

“O humanismo prega que encontremos Deus na alegria do canto, da música, da dança; que o encontremos, também, na fartura do alimento comum que é o amor aos, e dos, semelhantes; que se encontre Deus na bênção do ancião, no sorriso da criança, no

amor do casal feliz ou no labor diário. Diz também: Deus não o proíbe de fazer nada que lhe permita seu livre-arbítrio, mas como Ele fica feliz quando tudo o que você faz acaba por aumentar seu amor, respeito e fé em Sua grandeza e generosidade, de Princípio Doador da

Vida!”

Assim é a Umbanda!

As entidades de Luz não realizam “milagres”, não resolvem todos os problemas íntimos dos consulentes nem atendem a pedidos absurdos, como os de prejudicar outras pessoas, fazer amarrações e similares. A Umbanda Sagrada não é a responsável por maus juízos e infortúnios de algo ou de alguém; não faz charlatanismos, desgraças, façanhas e acasos, mas está aqui para fazer a caridade para encarnados e desencarnados, para aconselhar, dar passes de cura, oferecer ajuda espiritual, ensinar, compartilhar e pregar a fraternidade e o verdadeiro amor.

No atendimento dos Guias Espirituais nos trabalhos, a Umbanda proporciona, direta ou indiretamente, condições reflexivas e direções para que os médiuns e demais atendidos nos Templos possam solucionar seus problemas existenciais e aflições do dia a dia, para a estruturação de uma espiritualidade sadia e a retomada de suas evoluções.

Mas cada um colhe segundo seu merecimento diante da Lei Maior.

Por trás do seu suposto fetichismo, a Umbanda oculta uma rica e belíssima ciência energética muito bem conhecida pelos Guias Espirituais. Os métodos oferecidos pela Umbanda são munidos de procedimentos inéditos, provindos do seu multiculturalismo, semelhantes em vários aspectos à medicina tradicional e milenar dos pajés, curandeiros e xa-mãs. O atendimento prestado pelos Guias Espirituais da Umbanda foi alvo de interesse do dr.

Ram Naga, do Himalayan Institute Hospital. Segundo as palavras desse conceituado médico, a terapia umbandista teria profundas conexões com a medicina tradicional ayurvédica, principalmente por sua base fitológica e holística, concebendo o paciente como um sistema dinâmico de energias, formado pelo corpo físico, mente e corpo etéreo. A moderna medicina cubana despe-se de todos os preconceitos acadêmicos e alia-se ao conhecimento de sua Santeria (culto aos Orixás), bem como a outras ordens espiritualistas.

A chave da eficácia da terapia umbandista está no fato de conceber o ser humano como um todo, envolvido por energias etéreas e forças espirituais, invisíveis à nossa ciência, e não apenas como um discurso psi-canalítico a ser desvendado. A moderna psicoterapia agora está acordando para essas questões, com a contribuição de grandes psiquiatras, como Sta-nislav Grof, criador da psiquiatria xamânica e da respiração holotrópica.

Entender as Linhas de Trabalho, os Guias Espirituais, seus “arquétipos”, suas formas de trabalhar e seus ensinamentos é fundamental para a realização integral de cada pessoa, pois ajuda no entendimento de que somos seres espirituais e, em essência, todos iguais, de que a vida na matéria é transitória, é um meio, e faz parte da evolução espiritual de cada um. Cada ser é formado pelos conhecimentos vividos em sua experiência biológica e cármica; porém, para realizarmos nossa identidade como sujeitos necessitamos uns dos outros. Somos todos irmãos de uma grande família.

Muito além de Pronto-socorro Espiritual, a Umbanda nasceu para trazer luz aos ensinamentos dos Guias Espirituais, para que seus médiuns e atendidos tenham, além de uma grande vontade, um desejo verdadeiro de se melhorar como espírito, conscientes de que, para

o cumprimento de sua missão, primeiramente devem passar por uma rigorosa autoavaliação e conscientização de seus defeitos reais. Só assim, os protegidos dos Guias Espirituais poderão reavaliar suas posturas diante da vida e efetuar as mudanças necessárias, com sabedoria e bom uso do livre-arbítrio.

Sempre dispostas a nos ouvir e ensinar, solícitas e pacientes, comunicando-se de forma simples, as entidades têm uma enorme paciência com nossos erros

e desconhecimentos. Desejam que seus protegidos cresçam espiritualmente, cumpram com sua missão da melhor maneira possível e, na passagem pelas provas da vida, sempre aprendam a lição da sabedoria.

A Umbanda é Sagrada por ser uma religião na qual os mistérios de Deus estão voltados para a nossa evolução e amparo espiritual, assim como de todas as pessoas que frequentam seus Templos. Ela tem uma feição humanitária e, para nós, seres espirituais gerados pelo Divino Criador, a fé, muito mais do que uma

questão de crença, é um estado de espírito e, muito mais que o ato de crer em Olorum, nosso Deus, é o ato de realizarmo-nos n Ele.

Muito se pode aprender com o Ritual Sagrado da Umbanda, como, por exemplo, a reverência para com toda a Criação e a humildade e caridade sem limites, como são praticadas pelos seus mediadores, que não olham o risco que correm lutando contra as forças das trevas. No astral, nada os amedronta e nunca perdem a fé no Divino Pai. Quando entram em choque com as falanges das trevas, se um grupo de espíritos está em dificuldades, é auxiliado por outros até que vençam os entrechoques.

em artigo do Jornal de Umbanda Sagrada, nos diz que

“a Umbanda é uma religião nova com uma proposta inovadora no campo da fé. Uma religião sem dogmas nem tabu. [...] A Umbanda é mal compreendida hoje por se tratar de uma religião muito à frente de nosso

tempo. Umbanda é uma religião para o futuro”. Diz que podemos realizar trabalhos de Umbanda com ou sem esclarecimentos iniciais, com consultas e passes, só com passes, com cultos coletivos com incorporações e sem incorporações, com uma ou mais linhas, com ou sem atabaques, com meditações e outras práticas espiritualistas.

Realmente, a Umbanda dispensa dogmas e tabus, e por meio da multiplicidade de ritos nos oferece uma grande lição de liberdade de ação e harmonia. A Umbanda é uma só e ao mesmo tempo muitas, pela liberdade que dá às pessoas e por seu caráter heterodoxo e anti-fundamentalista. É encantadora, fascinante e sagrada; um exemplo de paz para os que promovem conflitos étnico-religiosos. A Umbanda se adapta à nossa maneira de ver o mundo. Mas é preciso ter cuidado e ciência de que a informalidade, a diversidade e a multiplicidade

exagerada de diferentes formas de prática podem levar a um desregramento e descaracterização da unidade do culto umbandista.

O ritual de Umbanda Sagrada tem seu modo próprio de cumprir sua missão, rico em meios e recursos. A prática da caridade espiritual, por meio da incorporação mediúnica de Caboclos, Pretos-Velhos e outras entidades, dá identificação à Umbanda. “Sob o teto de um Templo de Umbanda manifesta-se o Caboclo índio, o Preto-Velho, o mestre hindu, o sábio chinês, o descontraído Exu e a exuberante Pombagira.

Aí está sintetizado o verdadeiro sentido da Umbanda: a união de todas as correntes astrais e de todas as linhas de pensamento que têm norteado a humanidade e a harmonização do ser com todas as religiões”

(Rubens Saraceni - O Código de Umbanda}.

O século XXI é um tempo de confluências e, nesse sentido, a Umbanda se apresenta como uma verdadeira conjunção de egrégoras, agrupando no astral entidades oriundas das mais diversas religiões, inclusive as já extintas.

Muitos ainda não estão preparados para esse universalismo. A Umbanda, com sua “Parabólica Astral”, vem captando e aglutinando em suas correntes de luz religiões de todas as épocas, muitas das quais desaparecidas. Essa religião espiritualista atrai frequentadores pelo espírito, pelo crescimento espiritual, e não pela “teologia da prosperidade”, não pelo comportamento material humano.

Surgida na periferia da sociedade, a Umbanda, em sua história de apenas um centenário, conta com enorme plêiade de barreiras, discriminações, preconceitos

e perseguições, pois sua trajetória, desde a oficialização em

1908, está ligada às populações socialmente excluídas do nosso país, como o índio, o negro escravo, o imigrante e os mestiços, enfim, à classe social de baixa renda, quase sem acesso à educação, à cultura e aos bens de consumo que a sociedade capitalista

divulga. Os frequentadores e os Guias Espirituais da Umbanda, indígenas, negros, nordestinos e ciganos, entre outros, pertencentes a setores marginalizados e, em grande parte, discriminados da sociedade, incomodam as hierarquias instituídas no poder ou que almejam chegar a ele. Não bastasse a discriminação e o desdém demonstrados no linguajar com que essas hierarquias se referem subliminarmente à Umbanda, como seita de ignorantes, baixo espiritismo, macumba, idolatria pagã, e a falta de consideração e de respeito dos meios de comunicação, ainda somos oprimidos pela “estratégia da demonização”.

Qualquer religião é assunto da alçada do Divino Criador e ninguém tem o direito de pisar em um solo consagrado às manifestações religiosas e criticar, mesmo em pensamento, o templo e a religião. Ao ofenderem uma religião, também ofendem a Deus, que é o regente de todas elas. Nenhum Guia Espiritual jamais critica ou ofende outras religiões e seus sacerdotes; as entidades em geral nos ensinam a nunca reagirmos com ira aos ofensores dos Orixás.

Críticas e ofensas realizadas fora dos Templos ofendidos são recolhidas pelo Tempo e os ofensores, assim que desencarnarem, serão engolidos pelos abismos que eles próprios cavaram.

A Umbanda, que só poderia ter surgido aqui no Brasil, por seu multiculturalismo, relega uma verdadeira aula de amor, tolerância e humanismo

à humanidade. Ela

incomoda justamente porque, com amor e persistência, os Guias Espirituais vão encaminhando os fiéis para a reflexão e a reavaliação dos valores individuais materiais, competitivos e consumistas, ditados pelo poder econômico e político, vão dando oportunidade para que eles aprendam a desenvolver a autoavaliação, a cooperação com os irmãos, a simplicidade, o comedimento e a evolução espiritual.

Bens materiais, raça, cor, categoria social, beleza ou feiura são atributos da matéria e não importam aos Guias Espirituais, pois valorizam o caráter, a simplicidade, a beleza da alma e o amor a todos, criações do mesmo Pai.

Essa grandeza, simplicidade e humildade das entidades espirituais as fazem tão respeitáveis e queridas por todos que lhes chegam.

Nesta época conturbada, em que algumas religiões cristalizadas pregam preconceitos, segregações, discórdia, homofobia, agressões e materialismo, a Umbanda nos ensina amor ao sagrado, humildade, simplicidade e respeito ao outro, sutilmente, na diversidade de arquétipos com os quais convivemos, e aprendemos que os verdadeiros valores não estão na aparência, na cor da pele e dos olhos ou na orientação sexual dos nossos irmãos.

Na Umbanda, o socorro espiritual de ajuda ao próximo convive com o preparo para trilhar essa senda de luz, com o aperfeiçoamento consciencial e

religioso dos praticantes. A crença na pluralidade de existências permite que o umbandista ame e respeite o diferente, pois sabe que um espírito pode reencarnar

em distintas condições raciais, sociais e culturais.

Religião muito à frente do nosso tempo, talvez a Umbanda só seja compreendida por muitos no futuro, mas como a humanidade necessita dela imediatamente, para que possa vislumbrar um futuro harmonioso! Temos a eternidade para realizar nosso papel, mas é preciso insistirmos muito já.

Não somos melhores nem piores que os demais, mas também não somos iguais. Somos diferentes e não queremos adotar para nós as mesmas estratégias de marketing e ascensão econômica e política de outras religiões. O mais importante é buscarmos um caminho de realizações e crescimento espiritual, de respeito à natureza, à paz, à harmonia entre os povos, à igualdade de direitos e deveres, ao Sagrado!

Pai Rubens Saraceni, falando de sua preocupação com o futuro da Umbanda como religião popular capaz de responder a necessidades e expectativas religiosas de todos os seus membros, dizia que “tão importante quanto solucionar os problemas de quem nos procurar é ensinar-lhes a Umbanda”.

O Caboclo Tupinambá, dialogando com Pai Claudio Santos, disse: “Umbanda é assim, tão simples e tão complicada, um paradoxo divino; serão eternas as interpretações pessoais sobre ela e sobre sua dinâmica.

No entanto, nós (Guias Espirituais), por amor, vamos nos adequando aos limites de cada qual porque o que vale é estar entre nossos irmãos encarnados.

Não cobramos nada de ninguém. Desejamos, sim, que cada qual se encontre, reconheça em si suas qualidades, suas potencialidades e as use para se beneficiar

e beneficiar o meio em que vive (...) Onde houver um coração disposto a nos receber, lá estaremos do jeito que for, pois se estivermos perto sabemos que lentamente podemos ajudar esse coração para o caminho da independência e da liberdade espiritual (...) Cale seu coração e viva o amor religioso que você tem, transborde-o para todos, para alimentar cada faísca que houver no coração de cada um e, antes de pensar que não precisa mais de seus sermões na abertura dos trabalhos, alerto que isso tem alimentado muitas faíscas e essa ousadia de colocar as pessoas entre a cruz e a espada é um caminho bom para a reflexão, adiantando muita coisa para nós no momento Em uma gira de Umbanda, o inconsciente das pessoas se envolve com ritos, cantos e danças. Umbanda é evolução e ascensão e não nega a nenhum espírito a oportunidade de retornar à Senda da Luz, da Lei e da Vida. Cada sentido da Umbanda - fé, amor, conhecimento, justiça, lei, evolução e geração - traz luz a quem o cultiva em seu íntimo.

Os Guias Espirituais se conduzem segundo os princípios divinos que regem a Criação e têm seus

espíritos sublimados em luz. Eles são fontes geradoras e irradiadoras de luz. Em suas consultas, com suas orientações, passo a passo fortalecem a religiosidade do participante e mostram a capacidade de cada um para desenvolver seu poder realizador na vida, colocando-o cada vez mais em sintonia vibracional com seu Orixá Ancestral, fazendo-o ganhar luz própria.

A luz espiritual é um conceito ainda não mapeado pela ciência nem pela psicologia. Ela infunde clareza e focalização elevada na mente trevosa do consulente, deixando as cores claras e nítidas, opondo-se aos tons lúgubres da mente descentrada e conectada a espíritos obsessores e sofredores. A angústia espiritual, pela qual passa grande parte da humanidade, na matéria e em espírito, é fruto dessa carência de luz espiritual.

Quantos espíritos são ajudados quando abrimos uma gira! Mãos amigas os

trazem de volta à luz.

Sejamos participantes dessa iluminação!

Com suas orientações sempre positivas, os Guias Espirituais pouco a pouco vão atuando no emocional dos praticantes umbandistas, ativando suas fontes de energias luminosas e humanizando tanto os atendidos quanto seus médiuns, para que se conduzam nos caminhos dos princípios divinos e tenham suas auras mais brilhantes e multicoloridas.

Além da aparência luminosa, o ser que vive na luz expressa seu estado de espírito de paz, compreensão,

amor, fé, bem-estar e satisfação íntima.

Embora ainda pouco saibamos sobre o uso que os Guias Espirituais fazem dos elementos, o fato é que funcionam e realizam descargas energéticas poderosas nas pessoas necessitadas. Quando os chacras e a aura do consulente se tornam límpidos pelo passe de um Guia umbandista, o consulente é liberto da energia viscosa e densa, que na maioria dos casos não é sua, sendo reconduzido à sua verdadeira condição de filho de Orixá.

Como poderíamos explicar que um consulente entra na gira umbandista e sai minutos depois com um padrão vibratório completamente diverso e mais elevado que quando ali entrou? Seu quadro psicológico, com traumas de infância e outras adversidades mentais, é o mesmo e permanece inalterado.

Mas o que mudou?

A resposta é Luz!

Eis a solene Terapia da Luz Umbandista!

Amados Guias Espirituais, luzeiros da Umbanda!

Diante de vós, ajoelhamo- nos, batemos cabeça e vos reverenciamos com respeito e amor!

SALVE VOSSA

LUZ! SARAIVÁ!!!